

A.G.CLARK

*Amor sem
fronteiras*

Volume II

Pode o amor vencer as
armadilhas do destino?



AMOR SEM FRONTEIRAS
VOLUME II

A.G.CLARK
AMOR SEM FRONTEIRAS
VOLUME II
2019

PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE PELA AMAZON

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, total ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos autorais e morais do autor foram contemplados e estão protegidos pela lei 9610/98.

Capítulo I

Durante duas semanas, Marcos permaneceu em Paris aguardando a liberação do visto para poder entrar na Síria. A burocracia era grande, necessitava a autorização do governo Sírio para poder entrar na capital, Damasco, de lá ele acompanharia um comboio de ajuda humanitária até Aleppo, onde voluntários da ONU^[1] e dos MSF^[2] mantinham um hospital.

Marcos aproveitou o tempo de sobra para conhecer a "cidade Luz", como Paris era conhecida. Desejava que Sthefany estivesse ao seu lado, a cidade era realmente propícia para amantes, triste ele caminhou pelas ruas e cafés, visitou a Torre Eiffel e o Museu do Louvre, observava os casais felizes e sentia o coração partido.

No segundo dia desistiu de caminhar pela cidade e permaneceu a maior parte do tempo no pequeno apartamento mantido pelo MSF que dividia com dois outros voluntários que aguardavam a liberação do visto. Um alemão de Berlim, com um senso de humor ácido, e um Norueguês calado, conversavam entre si em inglês.

Passavam suas horas conversando e estudando árabe com um sírio, que seria o guia deles na viagem.

Finalmente no décimo quinto dia o visto foi liberado e poderiam embarcar no dia seguinte em um cargueiro que voaria até Damasco.

A viagem foi em meio a cargas de remédios e mantimentos, o avião chacoalhava como um cavalo indócil, e Marcos e outros cinco voluntários, incluindo seus colegas de apartamento seguravam-se nas amarras das caixas e sorriam sem graça a cada nova sacudida.

O voo durou algumas horas, mas finalmente pousaram no aeroporto de Aleppo. A porta do cargueiro abriu e a luminosidade da manhã síria invadiu a aeronave juntamente com um bafo quente de ar.

Os passageiros desceram esticando os músculos doloridos. Marcos desceu para a pista e colocou seus óculos escuros, sentiu uma pontada no coração, ele fora presente de Sthefany quando da viagem à Dubai.

Soldados armados de fuzis os encaravam friamente, enquanto alguns caminhões com o símbolo da Cruz Vermelha e do MSF se dirigiam lentamente até o avião.

Um homem com cabelos loiros cortados curtos e pele queimada de sol, desceu de um jipe de capota aberta e se aproximou ele trajava calça jeans e

camiseta branca com um enorme símbolo do MSF na frente e verso.

- Bon jour, mon amis^[3], estou feliz que estejam aqui, meu nome é Pierre e sou o responsável pelo hospital Al Quds e pela ajuda humanitária. Vamos aguardar os caminhões serem carregados na área de desembarque - disse apontando para um grande prédio cinza a centenas de metros de distância.

Caminharam debaixo do sol inclemente ate o prédio onde foram barrados por soldados que os revistaram enquanto um funcionário civil com ar de tédio examinava seus passaportes. Depois de longos minutos foram admitidos em uma sala, separados do restante do complexo.

- Sinto muito pelo tratamento, mas eles não querem que tenhamos contato com os civis de Damasco, já é um milagre eles permitirem que passemos pelo território controlado pelo governo - desculpou-se Pierre.

Enquanto aguardavam o descarregamento dos caminhões Pierre se apresentou. Ele era um clínico geral de cinquenta anos, era voluntário no MSF há seis há anos e nos últimos dois era diretor do hospital Al Quds, agora sob supervisão do MSF e da Cruz Vermelha.

Era simpático e possuía bom humor, quando Marcos disse que era brasileiro ele ficou encantado.

- Estive no Brasil duas vezes, país maravilhoso! Assisti a final da copa do mundo de 98, e apesar de ser francês torci por vocês chegarem à final - afirmou sorrindo.

Nesse momento um homem entrou de forma intempestiva na sala, era alto e forte, tinha os cabelos cortados rentes ao estilo militar e usava um conjunto de calça e gandola tática cinza, complementada por um cinto largo e um par de botas também cinza. Uma pequena bandeira da França estava costurada em seu ombro direito e um símbolo do MSF no ombro esquerdo.

- Tas de bâtards^[4]! Eles ficaram com quase metade da carga! - resmungou encarando Pierre.

- Paciência mon ami, ao menos temos autorização para voltar à Alepo? - perguntou Pierre.

- Temos, vamos partir agora, esses são os novos voluntários? - perguntou com um olhar de desprezo.

- Sim, senhores este é Le Clerk, nosso encarregado da segurança - apresentou Pierre.

- Vamos deixar isso pra depois - cortou Le Clerk.

Após quase uma hora esperando dentro dos caminhões finalmente receberam permissão de sair do aeroporto. O comboio de cinco caminhões e dois jipes percorreram as ruas de Damasco escoltados por jipes do exército Sírio, com soldados fortemente armados.

O comboio logo percorria a estrada em direção à Aleppo, já passara do meio dia, ainda não comera nada e o estômago de Marcos roncou forte reclamando de fome. Ele tomou um grande gole de água de um cantil do exército que recebera de Le Clerk.

O francês orientara a todos para que não conversassem com ninguém e se mantivessem dentro dos veículos.

Agora percorriam a estrada em alta velocidade, o ar quente do deserto invadia a cabine sem ar condicionado que mantinha as janelas abertas.

Após horas, quando a noite já avançava os jipes da escolta deram meia volta deixando-os. Percorreram a vários quilômetros, agora, era visível à beira da estrada veículos destruídos e incendiados, até mesmo um tanque Marcos avistara.

Quando o alvorecer dava os primeiros sinais no horizonte, o comboio parou. Do caminhão em que estava, no meio da coluna, Marcos tentou ver o que acontecia, mas sem sucesso.

Após alguns minutos o comboio voltou a se movimentar, Marcos olhou pela janela, alguns jovens portando fuzis e lança míssil acenaram para ele sorridentes, estavam sujos e barbados, alguns poucos usavam uniformes.

Estavam no território dos insurgentes.

Capítulo II

Sthefany ficou observando a aeronave partir, com ela ia um pedaço de seu coração. Como tudo pudera terminar daquela forma? Amava Marcos, agora não restavam dúvidas em sua mente, se perguntava como pudera abandoná-lo no altar? Do que tivera medo? Utilizara a desculpa do fato dele ser filho do assassino de sua mãe, mas na realidade temera o amor que sentia por ele.

Imaginava se a sua atitude não fora a causa da queda dele. O olhar que ele lhe lançara no hotel a perseguia noite e dia, até mesmo em seus sonhos; vira dor, desespero e loucura, não era o olhar que se acostumara, cheio de amor e admiração, era algo selvagem e insano.

- O que foi que eu fiz? - murmurou para si mesma, acariciando inconscientemente o ventre, se culpando pelo que ele se transformara.

Desconsolada ela saiu do aeroporto, sua Ferrari fora guinchada, ela ligou para seu pai e aguardou na sala VIP no interior do aeroporto. Em quarenta minutos o helicóptero da empresa pousou e logo ela sobrevoava São Paulo.

O que diria para seu pai? Pensou consigo mesma. Ele aceitaria o neto? Ela percebera o ódio que ele devotava a Marcos, que se tornara ainda mais feroz e rancoroso desde que descobrira que ele era filho do assassino de sua adorada esposa.

Meu filho, pensou acariciando novamente o ventre. Levava um choque quando descobrira, pensara em retirá-lo, mas agora sentia um amor incomensurável pela pequena vida que se formava em seu interior. Faria de tudo para protegê-lo, mesmo que tivesse que mentir.

Ao descer no heliporto do condomínio Bert a esperava com um veículo.

- Seu pai pediu para buscá-la, ele não conseguiu sair de uma reunião na sede da empresa - explicou Bert - Você está bem?

- Bert... - começou Sthefany, mas não conseguiu completar e começou a chorar copiosamente, colocando ambas as mãos no rosto.

- Mein lieben^[5], o que aconteceu? - perguntou solícito abraçando-a.

- Ele partiu Bert! Não cheguei à tempo - explicou entre um soluço e outro, enquanto tentava se acalmar.

- Estou aqui liebes^[6] - murmurou acariciando os cabelos dela.

- O que vou fazer? Como posso contar pro meu pai que o neto dele tem o sangue do assassino de minha mãe? Ele vai odiá-lo! Conheço meu pai, ele culpou o filho pelo pecado do pai, com certeza culpará o neto! - exclamou

sentindo o coração apertado.

- Case-se comigo mein lieben! Eu a amo, desde o internato! - afirmou erguendo o queixo dela delicadamente, fazendo que o encarasse.

- Oh, Bert... - murmurou - Eu não te amo, não posso pedir isso pra você...

- Eu tenho amor suficiente para nós dois! Criarei seu filho como se fosse meu, farei de tudo para deixá-la feliz! Seu pai não precisa saber.

- Não sei, eu preciso pensar - sussurrou enquanto seguia para a limusine que aguardava nas proximidades.

- Eu aguardo - respondeu solícito abrindo a porta do carro para que ela entrasse.

Rapidamente estavam em casa, Sthefany seguiu para seu quarto onde se deitou na cama, encolhendo-se na posição fetal, como sua vida tão estruturada terminara daquela forma? Encontrara o amor, mas acabara perdendo-o, e talvez por culpa dela mesma, e agora se encontrava esperando um filho do homem que amava, e ele saíra do país. Para onde ele teria ido? O que fora fazer em Paris? Por um momento pensou em comprar uma passagem e ir atrás dele, mas como o encontraria? Quando chegasse à França ele já poderia estar em algum outro país da Europa. Afinal o que ele fora fazer fora do Brasil? Provavelmente fugindo de seus problemas, problemas que ela contribuía para aumentar.

Deveria contar para seu pai que esperava um filho do homem que o tentara assassinar? Embora quanto a isso ela tivesse muitas dúvidas. Um neto do homem que assassinara sua esposa e mãe dela, como seu pai reagiria? Odiaria o neto? A odiaria? Deveria retirar o pequeno ser que nascia em seu ventre? Um pedaço do único homem que amara na vida?

- Meu Deus! Dai-me inteligência para decidir o que fazer - orou murmurando para si mesma.

Capítulo III

A Guerra Civil Síria começara com uma série de grandes protestos populares em janeiro de 2011 e progrediu para uma violenta revolta armada em março do mesmo ano, influenciados por outros protestos simultâneos no mundo árabe.

A oposição alegava estar lutando para destituir o presidente Bashar al-Assad do poder para posteriormente instalar uma nova liderança mais democrática no país. O governo sírio dizia estar apenas combatendo "terroristas armados que visam desestabilizar o país".

Com o passar do tempo, a guerra deixou de ser uma simples "luta por poder" e passou também a abranger aspectos de natureza sectária e religiosa, com diversas facções que formam a oposição combatendo tanto o governo quanto umas às outras.

Assim, o conflito acabou espalhando-se para a região, atingindo também países como Iraque e o Líbano, atizando, especialmente, a rivalidade entre xiitas e sunitas.

Em resposta aos protestos, o governo sírio enviou suas tropas para as cidades revoltosas com o objetivo de encerrar a rebelião. O resultado da repressão e do confronto com os manifestantes acabou sendo centenas de mortes, a grande maioria de civis.

No fim de 2011, soldados desertores e civis armados da oposição formaram o chamado Exército Livre Sírio para iniciar uma luta convencional contra o Estado. Em agosto de 2011, a oposição finalmente se uniu em uma única organização representativa formando o chamado Conselho Nacional Sírio.

A luta armada então se intensificou, assim como as incursões das tropas do governo em áreas controladas por opositores. Em julho de 2012, com grandes combates irrompendo por todo o país, a Cruz Vermelha Internacional qualificou o conflito como guerra civil.

A partir de 2013, aproveitando-se do caos da guerra civil na Síria e no Iraque, um grupo autoproclamado Estado Islâmico começou a reivindicar territórios na região.

Lutando inicialmente ao lado da oposição síria, as forças desta organização passaram a atacar qualquer uma das facções, sejam apoiadoras ou contrárias a Assad, envolvidas no conflito, buscando hegemonia total. Em junho de 2014, militantes deste grupo proclamaram um Califado na região, com seu

líder, Abu Bakr al-Baghdadi, como califa.

Eles rapidamente iniciaram uma grande expansão militar, sobrepujando rivais e impondo a sharia (lei islâmica) nos territórios que controlavam. Diversas nações ocidentais, como os Estados Unidos, as nações da OTAN na Europa, e países do mundo árabe, temendo que o fortalecimento do EI representasse uma ameaça a sua própria segurança e a estabilidade da região, iniciaram uma intervenção armada contra os extremistas. Outras nações, como Rússia e Irã, também intervieram militarmente no conflito, mas ao lado do regime de Assad.

Em meados de 2012, os rebeldes foram bem sucedidos em tomar várias porções de Aleppo, especialmente no leste, mas o regime Assad contra-atacou. O que se seguiu foi o início de uma guerra de atrito pelo controle da cidade mais importante, comercialmente falando, da Síria. Nenhum lado parecia capaz de dar um golpe decisivo no outro, enquanto milhares de civis deixavam suas casas.

A situação humanitária na região foi descrita como "catastrófica".

- Não se iludam, a vida de vocês corre perigo por aqui, grupos do Estado Islâmico atuam na região e eles adorariam pegar alguns médicos ocidentais para cortar lhes o pescoço, as tropas do governo também adorariam por as mãos em vocês para interroga-los sob tortura. Então sigam minhas ordens, mantenham-se no hospital e aqui na vila e não me causem problemas – concluiu Le Clerk após a breve explicação sobre o conflito sírio.

Marcos e os demais voluntários chegaram à Aleppo nos primeiros sinais da aurora. O comboio de caminhões, com a grande cruz vermelha pintada nos tetos, correu pelas ruas destruídas da cidade, a visão era terrível, quarteirões inteiros não eram nada mais que escombros.

Ao chegarem ao território dos insurgentes, vários jipes com homens armados escoltaram-nos, até que finalmente chegaram a uma pequena vila dentro da cidade arruinada.

Um grande portão de metal, com uma posição de metralhadora pesada protegida por sacos de areia, dava acesso ao conjunto de casas, protegidas por um grande muro com arame farpado, cartazes nas paredes em árabe e em inglês, informavam que ali era sede da Cruz Vermelha e do MSF.

A maior casa servia de sede administrativa, e as demais serviam como dormitório dos voluntários. Além dos sírios, havia voluntários de várias partes do mundo. Um sírio, usando uniforme camuflado cinza e portando um fuzil, em um inglês com forte sotaque se encarregou de mostrar as dependências da casa em que os três ficariam hospedados.

- Vocês podem se acomodar nessa casa – disse fazendo-os entrar em um sobrado pintado de branco, com várias marcas de disparos de arma de fogo nas paredes externas.

A casa possuía dois andares, três quartos com suíte no piso superior e uma grande e espaçosa sala, cozinha e banheiro no primeiro piso. No terraço, que era alcançado por um alçapão, existia um pequeno jardim no terraço.

- Estamos racionando água e energia que vem do gerador, então os banhos devem ser rápidos e gelados, há alguns médicos hospedados aqui, mas o quarto de vocês estava vazio – disse abrindo uma porta no andar superior, que era alcançado por uma escada de madeira que não parecia muito firme, com algumas madeiras rachadas.

O quarto possuía uma janela pintada de preto, como forma de se proteger dos bombardeios noturnos da aviação. Embora o complexo estivesse sob a proteção da ONU, não era incomum serem atacados. Havia quatro camas, Marcos jogou sua mochila em uma delas, e Joseph, o alemão e Ultred, o norueguês, o imitaram.

- Vocês devem estar com fome, se puderem se trocar, os levarei até o refeitório, devem estar servindo o café da manhã e lá vocês podem se orientar com os outros médicos – orientou o sírio.

Rapidamente Marcos trocou sua camisa suada por outra nova, e após pegar no interior de sua maleta de médico seus instrumentos, guardou-os nos inúmeros bolsos da calça tática que ainda usava.

Todos se dirigiram a um prédio perto das casas, ao entrarem pela porta perceberam que se tratava do refeitório, em uma grande sala uma enorme mesa de madeira, com bancos tão extensos quanto ela, dos dois lados, várias pessoas conversavam animadamente, em uma mistura de línguas, mas na maioria das vezes conversavam entre si em inglês.

Grandes bules estavam dispostos na mesa, de onde as pessoas retiravam café fumegante, algumas cestas com pães estavam espalhadas também, mas não havia manteiga ou qualquer outro complemento para passar no pão.

Marcos e seus companheiros se detiveram por um momento procurando um lugar par sentar.

- Ei, novatos, aqui – disse um homem negro, com quase dois metros de altura.

Dirigiram-se até ele, havia espaço para sentar ao lado dele e na frente, já que alguns dos presentes se afastaram um pouco para que pudessem sentar.

- Meu nome é Taka’la – se apresentou o negro, que como todos usava calça tática e camiseta cinza com o emblema do MSF e da Cruz Vermelha – Sou da Nigéria.

O alemão e o norueguês se apresentaram.

- Marcos, cirurgião, do Brasil – se apresentou - Mas pode me chamar de Mack – disse após perceber que ele, como todos os estrangeiros não conseguiam

dizer seu nome com perfeição, por isso não se importara quando Le Clerk passou a chama-lo de Mack, o que foi seguido pelos outros voluntários.

- Bem vindos ao inferno— disse o nigeriano com um sorriso sarcástico.

Inferno... há vários tipos dele, inclusive o nosso próprio inferno particular, pensou consigo mesmo Marcos.

Capítulo IV

Durante uma semana Sthefany tentou encontrar Marcos, mas parecia que ele desaparecera, ninguém na clínica onde a mãe dele estava internada possuía seu telefone, ou se possuía não queriam lhe entregar.

Tentara convencer o Doutor Junqueira, para que ele lhe fornecesse o telefone, mas ele dizia não saber. Pensara em contar que estava grávida, mas não queria usar seu filho para chantageá-lo ou obrigar Marcos a voltar, sabe Deus de onde.

Admitia para si mesma que errara em deixa-lo no altar e se arrependia, sentia-se culpada pelo olhar de loucura que vira nos olhos dele quando invadira o hotel atrás dela.

Mas agora, tinha outro problema, Bert a avisara que deveria voltar para a Alemanha em dois dias e perguntara se ela já tinha uma resposta para seu pedido de casamento. O que deveria fazer? Estava grávida do filho do assassino de sua mãe, seu pai jamais aceitaria a criança, mas ela estava decidida a protegê-lo, era tudo que lhe sobrara de Marcos. Entretanto, casar? Não amava Bert, gostava dele, ele era um amigo e a apoiara, mas não sentia amor por ele.

Na véspera da partida dele para a Alemanha, novamente sentaram-se os três para jantar, Sthefany estava sem apetite, mas se obrigou a comer, pensando na criança que crescia em seu interior.

Fingia interesse na conversa que seu pai mantinha com Bert, mas estava distante, imaginando onde Marcos poderia estar e qual seria a reação dela quando soubesse que ela estava esperando um filho.

De repente sentiu um enjoo tão violento, que não teve tempo para correr até o lavado e vomitou o jantar no chão, ao lado de sua cadeira.

- Sthefany! – exclamou seu pai.

- Mein lieben! – acudiu Bert correndo até ela, auxiliando-a.

- Estou bem – conseguiu afirmar enquanto enxugava a boca com o guardanapo de linho.

- Querida, o que está acontecendo? Esses enjoos não são normais, você está grávida? – perguntou de forma direta Avelar.

Sthefany encarou seu pai e tremeu por dentro, percebeu uma sombra de ira dançando em seu olhar penetrante. Meu Deus, o que vou fazer? Não posso esconder isso por mais tempo, pensou, enquanto desesperadamente buscava uma resposta.

- Ela está grávida Herr Avelar – afirmou Bert.
- O quê? – rosnou Avelar amassando o guardanapo que estava em sua mão.

- Eu assumo total responsabilidade pelos meus atos, aconteceu em Nova York, eu fui irresponsável por não me prevenir, mas garanto-lhe que amo sua filha e quero me casar com ela – afirmou empertigando-se.

- Isso é verdade? – perguntou desconfiado com um sussurro de voz.

Sthefany encarou o pai novamente, podia sentir a tensão na voz e olhar dele, e ficou desesperada, será que seu pai exigiria que ela abortasse se soubesse de que a criança era filho de Marcos? Será que se ela se recusasse ele não a apoiaria e a abandonaria à própria sorte? Sabia que ele a amava, mas o ódio que ele sentia de Marcos e do pai dele parecia bem maior.

Ela não tinha opção, precisava proteger sua criança, nem que tivesse que mentir para isso.

- É verdade – sussurrou abaixando a cabeça.

- Bem, não é como eu gostaria que tivesse ocorrido, mas fico feliz por vocês dois – disse de forma mais relaxada.

- E pretendo me casar com Sthefany, se ela me aceitar, claro – disse Bert encarando-a.

Ela abriu a boca para responder, mas antes que pudesse dizer algo seu pai se adiantou.

- É claro que ela vai se casar – disse de forma peremptória Avelar.

O restante do jantar transcorreu com Avelar e Bert conversando sobre o destino de Sthefany, seu pai desejava fazer uma enorme festa de casamento, e claro o casal deveria continuar morando na mansão. Bert concordou, mesmo afirmando, que teria que viajar constantemente entre Berlim e São Paulo, por causa dos negócios.

Sthefany ficou observando-os, logo pediu licença e se recolheu a seu quarto, perdera o apetite.

Deitou-se na cama e chorou copiosamente, sentia-se triste, não ousara desmentir Bert e agora estava condenada a um casamento sem amor, ao menos ele era gentil e atencioso, quem sabe não poderia vir a amá-lo um dia? Pensou consigo mesma, enquanto tentava conter as lágrimas que teimavam em cair.

Capítulo V

A grande catedral da Sé estava repleta de convidados, que conversavam em voz baixa. A enorme nave central estava decorada de flores. No lado de fora uma legião de curiosos e repórteres tentavam ver algo, mas eram impedidos por dezenas de seguranças mal-encarados. Limusines e luxuosos sedans estavam estacionados nas duas ruas laterais.

O trânsito, sempre caótico, mesmo em uma noite de sábado estava sendo controlado por agentes municipais, enquanto algumas viaturas policiais mantinham-se nas proximidades, para desencorajar os inúmeros pedintes e viciados que frequentavam o centro da maior cidade da América Latina.

Tamanho tumulto era em razão de um grandioso casamento, um magnata alemão e a filha de um bilionário brasileiro se casariam na igreja mais importante da cidade.

Sthefany aguardava ao lado do pai em uma pequena saleta perto da porta principal, uma cerimonialista usando um microfone no ouvido organizava tudo e aguardava que o noivo e os demais convidados estivessem em posição para permitir que a noiva começasse seu caminho rumo ao altar.

O vestido branco possuía uma longa cauda que começava com no véu que lhe cobria o rosto, realçava suas curvas de forma discreta, o que ajudava a disfarçar se ventre. Pelas contas acreditava estar com pouco mais de um mês de gravidez. Após aceitar o pedido de Bert seu pai se encargara de apressar tudo.

Sthefany não se empolgara com o casamento, não da forma como ficara quando aceitara se casar com Marcos. Convidara Letícia e Paulo para serem padrinhos, mas eles se recusaram, afirmando que não poderiam aceitar, afinal aceitaram ser de Marcos.

Letícia perguntara se ela tinha certeza do que estava fazendo, mas Sthefany respondera que não tinha mais certeza de nada, mas ainda assim o casal prometera comparecer no casamento, seria bom ter pessoas conhecidas naquele que devia ser um dos dias mais felizes de sua vida, mas que sentia ser um dos mais tristes.

Desde que Marcos fora embora não havia um dia em que não pensasse nele, se arrependia de tê-lo abandonado no altar, e a forma como ela o vira no hotel quando voltara de Florianópolis a assombrava. Sentia-se responsável pelo que lhe acontecera, embora ainda não soubesse como ele pudera tentar assassinar seu pai.

Mas estava grávida e a possibilidade de ter que criar um filho sozinha a assustava, conhecia seu pai e sabia que ele nunca aceitaria o neto do assassino de sua amada esposa. De soslaio o observou sorrindo ao seu lado, ao menos ele estava feliz nesse dia.

- Está na hora - murmurou a cerimonialista fazendo um sinal para que ela saísse da pequena sala.

A porta se abriu e de braços dados com seu pai ela entrou e começou a caminhar lentamente pelo corredor em direção ao altar onde Bert, vestindo um smoking preto, aguardava com um sorriso ao lado dos pais que vieram da Alemanha dois dias antes.

Um pequeno conjunto de cordas localizado no andar superior da igreja tocou a marcha nupcial. Passo a passo Sthefany se aproximou do altar, seu pai segurando seu antebraço sorria para todos os lados, por detrás do véu, ela tentava segurar as lágrimas que fatalmente borrariam sua maquiagem. Estava imersa na mais profunda tristeza, casava sim, mas não era Bert que ela desejava encontrar no altar, mas sim Marcos.

Enquanto dava os passos finais, subindo lentamente o pequeno lance de degraus que levavam ao altar onde o padre aguardava com um sorriso, sentia-se desesperada, se arrependia amargamente do dia que abandonara Marcos no altar a esperando e como uma covarde fugira. Agora estava prestes a se casar com um homem que, apesar de gentil e atencioso, não amava, enquanto Marcos continuava desaparecido.

- É por nosso filho - sussurrou para si mesma quando parou defronte a Bert, que gentilmente ergueu seu véu.

Sthefany tentou dar seu melhor sorriso, embora por dentro estivesse chorando, e virou-se para o padre.

Estava decidida a enfrentar seu destino.

A festa foi no jardim da mansão Avelar, um buffet comandado por um chef francês serviu uma variedade impressionante de pratos. A bebida era farta, uísques de 12 anos, champanhe importada, vinhos caríssimos, o suficiente para embriagar um exército.

A piscina estava iluminada com pequenas lanternas japonesas que flutuavam de acordo com a direção da suave brisa que soprava.

Inúmeras mesas, cobertas com toalhas de linho, brancas como a neve, e cadeiras estofadas acomodavam a enorme quantidade de convidados, estes riam e conversavam animadamente servindo-se do luto banquete.

Uma pista de dança com madeira encerada fora montada, iluminada por luzes montadas em armações de metal. Na frente dela, em um tablado um pouco maior uma banda tocava incessantemente sucessos nacionais e internacionais.

Outra mesa maior fora colocada em local de destaque, onde Sthefany se sentara, tendo ao seu lado direito Avelar e ao seu lado esquerdo Bert, seguido dos pais dele.

Ela observou a festa, poderia contar nos dedos as pessoas que considerava amigas, Letícia, Paulo, alguns médicos e funcionários do hospital, em uma mesa não muito distante, encontrou o olhar do Doutor Augusto, o médico carioca, acompanhado de uma bela mulher loira, trajando um vestido longo verde.

Fizera questão de convidá-lo, simpatizara com ele e depois que ele voltara ao Rio de Janeiro após operar um tumor complicado no Hospital Domênica Xavier, mantiveram contato por telefone e whatsapp.

Apesar da animação da festa, apesar de seu sorriso forçado, ela sentia-se triste, as lembranças de outra festa naquele mesmo jardim a assombravam. Recordava-se da dança ao som de Frank Sinatra na qual Marcos cantara o refrão final, que afirmava que esperava que ela dissesse: eu te amo. O amor que fizeram na biblioteca, a felicidade que sentira ao lado dele.

Entediada com a conversa na mesa, na qual seu pai e Avelar falavam sobre negócios tendo ela no meio, decidiu circular na festa.

Caminhou por entre os convidados recebendo os cumprimentos, tentando parecer feliz, até que conseguiu se afastar o suficiente deles em um canto mais afastado do jardim. De repente ouviu uma voz grave, mas gentil.

- Sthefany.

Ao se virar encontrou Augusto e sua acompanhante que sorriam.

- Augusto! Que bom que veio! Essa deve ser Cristine – perguntou se dirigindo a mulher ao lado dele, que utilizava um longo vestido creme que realçava as curvas do corpo e um decote generoso.

- É um prazer - responde a bela loira com um sorriso - Você está deslumbrante.

- Obrigada - respondeu com um sorriso triste.

- Como você está? - perguntou Augusto percebendo a tristeza na voz dela.

- Estou bem - sussurrou tentando conter uma lágrima.

- O que foi querida? - perguntou gentilmente Cristine segurando as mãos de Sthefany entre as suas - Hoje é dia de alegria e não de tristeza.

- Desculpe - disse enxugando a lágrima com uma das mãos.

- Por que você resolveu casar com ele? - perguntou Augusto apontando com a cabeça a mesa onde Bert conversava animadamente com Avelar.

- Não tive escolha, mas isso não importa mais - respondeu.

- O que aconteceu com Marcos? - insistiu Augusto. Ele percebera a tristeza de Sthefany e sabia o quanto o casal fora apaixonado.

Augusto ficara surpreso quando ela o convidara para o casamento, a

última vez que conversou pelo whatsapp ela dissera que iria se casar com Marcos em uma cerimônia discreta e o convidara, mas ele não pudera comparecer, pois Cate, a filha de Cristine, tivera graves problemas de saúde que o prenderam no Rio de Janeiro, por isso não puderam comparecer. Ele tentara falar com ela, mas não conseguira.

Bruno, o policial amigo de Cristine, contara que Marcos lhe telefonara pedindo um favor e ele descobrira que o médico fora envolvido em uma investigação sobre corrupção e tivera suas contas bloqueadas. Acontece que Bruno continuara sua investigação, e estranhamente constatou que dias depois o nome de Marcos fora excluído da investigação e suas contas desbloqueadas, ele tentara falar com o médico, mas ele desaparecera.

- Aconteceu tanta coisa Augusto, é uma longa história - respondeu Sthefany com um suspiro - Qualquer dia eu te conto.

- Tudo bem, escuta, um amigo da Cristine conheceu Marcos quando ele ficou um mês no Rio de Janeiro. Ele me procurou preocupado, disse que precisava falar com Marcos com urgência, você se importa se eu lhe der seu número de telefone? - perguntou Augusto.

- Claro, pode passar, só não sei o que posso fazer, Marcos viajou para Paris e não sei onde ele está - respondeu Sthefany com uma ruga de preocupação no rosto.

- Acho que estão te chamando - interveio Cristine apontando para a mesa onde Avelar acenava chamando Sthefany.

- Eu tenho que ir - disse - Foi um prazer te conhecer Cristine, fiquei muito feliz por vocês terem vindo - concluiu sorrindo para Augusto e sua bela companheira.

- Foi bom te ver novamente, se precisar de algo basta chamar - afirmou Augusto tocando levemente as mãos dela.

Resignada Sthefany caminhou para a mesa principal. A festa transcorreu animada, mas ela não prestou atenção, perdida em seus pensamentos.

Ao final da festa, Bert a acompanhara até seu quarto, onde havia a espaçosa cama “king size”, ele a ajudou a se despir do vestido, deixando-a apenas com um conjunto de lingerie branca, enquanto Sthefany se dirigia ao banheiro percebeu o olhar de cobiça que ele lhe dirigia, mas tentando parecer natural fechara a porta do banheiro, onde se desnudou.

Observou-se pelo grande espelho pendurado em uma das paredes, seu ventre parecia mais arredondado e ela o acariciou gentilmente, depois entrou no box e ligou a ducha, deixando que a água quente a ajudasse a relaxar, sentia-se nervosa, aceitara casar com Bert, mas não o desejava, não sentia atração por ele, apenas amizade, mas sabia que ele tinha expectativas e temia decepcioná-lo,

afinal ele assumira o filho que estava esperando de Marcos.

Após alguns minutos saiu da ducha e se enrolou em uma toalha, após vestir uma camisola simples, ao entrar no quarto Bert estava dormindo, ele tirara a roupa e estava apenas de cueca estendido na cama. Ele se deitou na beirada, tentando não acordá-lo e se cobriu com um edredom.

Quando o despertador tocou o casal acordou.

- Bom dia, mein lieben, acho que acabei dormindo enquanto você tomava banho - afirmou constrangido.

- Não é para menos a festa foi cansativa - respondeu tentando dar um sorriso amigável, embora por dentro estivesse tensa.

- Sim, mas logo estaremos em Fernando de Noronha e poderemos ter nossa lua de mel - disse se levantando e entrando no banheiro.

Sthefany ficou ouvindo o som da ducha e aproveitou para se trocar, as malas para a viagem já estavam prontas e ao lado da cama.

Logo Bert saiu do banheiro vestindo um blazer de verão confortável e com um sorriso a convidou a descerem para o desjejum.

Na grande sala, a mesa estava posta com uma infinidade de pães, bolos, brioques, além de sucos e frutas. Avelar estava sentado na cabeceira e sorriu aos vê-los, convidando-os a se sentarem.

- Bom dia! Venham tomem seu café, a limusine está pronta e o jatinho também. Você precisa se alimentar bem meu amor, meu neto tem que nascer forte.

- Obrigada papai - respondeu Sthefany com um sorriso constrangido, beijando-o no rosto.

Após o desjejum e as despedidas, a limusine os levou até o aeroporto de Cumbica, onde o jato particular da empresa os levaria até a ilha de Fernando de Noronha, onde passariam a lua de mel.

O voo foi tranquilo e antes do almoço estavam hospedados em uma espaçosa casa à beira mar, uma cozinheira e uma empregada os aguardavam.

Passaram o dia passeando pela ilha.

Após o jantar na varanda se recolheram ao quarto principal que possuía uma sacada virada para o mar.

Bert abriu um champanhe que estava dentro de um balde de gelo e encheu duas taças, entregando uma a Sthefany.

- A nós - brindou ele erguendo a taça e a esvaziando-a de um gole.

Sthefany retribuiu o brinde bebendo apenas um gole. Estava nervosa, sabia que ele a desejava, e agora deviam consumir o casamento.

Bert colocou a taça em cima de um aparador juntamente com a de Sthefany que tomara gentilmente das mãos dela. Em seguida ele a tomou nos

braços procurando seus lábios. Ela ficou-se imóvel e passiva, enquanto Bert beijava seus lábios introduzindo sua língua no interior de sua boca.

Sthefany retribuiu o beijo, não da forma como retribuía os beijos de Marcos, com fogo e paixão, agora era algo morno e quase burocrático.

Deixou que ele a levasse até a cama e a deitasse. Bert retirou suas roupas com gentileza, deixando-a apenas de calcinha e sutiã. Em seguida ele se despiu, deixando a mostra seu pênis ereto que pulsava suavemente.

Ele deitou-se sobre ela encaixando-se em seu corpo, passando a beijar sua boca e pescoço, às vezes descendo até seus seios, os quais beijava por cima do sutiã ou então os apertava com força.

Sthefany fechou os olhos e sentiu-o retirando seu sutiã e calcinha, estremeceu levemente quando a língua dele desceu de seus seios, onde estivera sugando-os e alcançou sua vagina, onde se concentrou na entrada dela e em seu clitóris.

Ela sentia vontade de gritar e fugir, mas agora era casada, aceitara-o como esposo e devia cumprir suas obrigações. Tentou imaginar que era Marcos quem a possuía, mas sem resultado, sentia-se fria.

Percebeu que Bert se posicionara sobre seu corpo, afastando suas pernas. Sentiu a ponta do membro encostando na entrada de sua vagina e aguardou angustiada.

A penetração veio lentamente e de forma dolorosa, em razão da falta de lubrificação de sua vagina. Quando ele se enfiou totalmente em seu interior, curvou-se sobre ela, concentrando-se em sugar seu pescoço e seios, movimentando-se ritmicamente dentro dela.

Enquanto Bert a penetrava com o rosto enfiado em seu pescoço, cada vez mais rápido e com força, Sthefany sentiu vontade de chorar, por mais que tentasse não deixava de sentir que estava sendo violentada.

Por isso rezou para que ele terminasse logo e pensou em Marcos.

Capítulo VI

Quando voltara da lua de mel Sthefany olhou seu celular que deixara guardado em seu quarto, agora transformado em de casal.

Bert viajara para a Alemanha, ele tinha responsabilidades na sede da empresa da família e estivera longe por muito tempo. Ela ficara aliviada, pois ele ficaria longe por quinze dias.

Havia uma mensagem no whatsapp de uma pessoa de nome Bruno dizendo que era amigo de Marcos e que precisava falar com ele com urgência.

Sthefany ligou para o número e aguardou, após alguns toques uma voz masculina atendeu.

- Bruno falando.

- Oi Bruno, meu nome é Sthefany, o Doutor Augusto me passou seu número - começou inquieta.

- Ah sim, você é a ex namorada do Doutor Marcos - afirmou.

- Sim... - respondeu constrangida.

- Eu precisava muito falar com ele, mas o número dele está desligado, fiz umas pesquisas e descobri que ele foi para Paris, mas não descobri mais nada - continuou o policial.

- Eu também não sei, ele partiu e não deixou nenhum contato - afirmou imaginando pela milésima vez onde ele estaria - Eu posso ajudar em algo.

- Não sei... - respondeu na defensiva Bruno.

- Por favor, acredite eu ainda o amo, mas as coisas não deram certo entre nós...

- Está bem, na sexta eu terei que ir à São Paulo, tenho alguns assuntos profissionais para tratar, mas volto sábado a noite, poderíamos nos encontrar antes de eu viajar, lá pelas quinze horas? - perguntou a voz do outro lado da ligação.

- Podemos sim, me passa o endereço de onde você vai se hospedar - respondeu pegando uma caneta e um pequeno bloquinho de anotações que sempre deixava no criado mudo ao lado da cama.

Sthefany anotou rapidamente o endereço, ainda era segunda feira e teria que aguardar a semana inteira, tentou sondar Bruno, mas ele foi evasivo e afirmou que deviam conversar pessoalmente.

No sábado Sthefany chamou um taxi, desde que descobrira que estava grávida evitava dirigir e não queria que o motorista da família soubesse aonde

iria. Ela chegou ao hotel quase quinze horas e após pedir para o motorista esperar entrou no hall do local.

O hotel não era cinco estrelas como estava acostumada e sim um hotel executivo, não havia restaurante ou bar por isso avisou na recepção que estava aguardando um hóspede e sentou-se em um sofá folheando uma revista sem se concentrar em seu conteúdo.

Enquanto aguardava seu celular apitou, ele olhou e leu uma mensagem de Bert. Ele dizia estar com saudades e por isso retornava uma semana antes do previsto e que chegaria nesse dia. Sthefany sentiu o estômago embrulhar, pensara que teria duas semanas de paz, mas agora percebia que nunca a teria, aceitara o pedido de casamento em um momento de desespero e agora estava arrependida, mas não encontrava uma solução, por isso precisava encontrar Marcos.

Agora estava curiosa, Bruno dissera que precisa falar sobre Marcos e ela estava desesperada por notícias dele.

- Sthefany? - perguntou um homem retirando-a de seus devaneios.

- Sim - respondeu observando-o, era um homem alto e forte, trajava calça jeans e uma camiseta negra que realçava seus músculos.

- Bruno - respondeu com um sorriso estendendo a mão - Prazer.

- O prazer é meu - respondeu com um sorriso Sthefany.

Bruno sentou-se em uma cadeira estofada em frente à Sthefany que o encarou curiosa.

- Conheci Marcos no Rio de Janeiro - começou ele - Ele me contou sobre você.

Sthefany sorriu constrangida, na época ela fora fazer um estágio em um dos melhores hospitais americanos enquanto Marcos fora para um hospital público carioca, estavam com o relacionamento estremecido na época.

- A última vez que me ligou ele parecia com problemas, na época descobri que o nome dele estava envolvido em uma investigação sobre corrupção, me ofereci para ajudá-lo, mas ele não aceitou. Um amigo meu descobriu que ele fora preso, mas logo libertado.

- Sim, ele foi acusado de agressão e de tentar matar meu pai.

- É o que disseram, mas não acreditei, conheci Marcos e apesar do pouco tempo de convivência sei que ele nunca tentaria matar ninguém - afirmou Bruno.

- Não sei o que deu nele, dias antes de ser preso ele invadiu o hotel onde meu pai seria homenageado e causou um escândalo - disse Sthefany com ar infeliz.

- Por isso eu continuei investigando e descobri que ele foi envolvido erroneamente na investigação - afirmou causando um murmúrio de surpresa por

parte de Sthefany.

Sthefany torceu as mãos aflita, Marcos precisara dela e ela estava longe, se escondendo.

- Tem mais, cobre uns favores com alguns colegas aqui de São Paulo, eles investigaram e me informaram de que depois que o irmão dele foi morto em um confronto com a polícia, o novo líder do tráfico na comunidade ordenou o fechamento da clínica e o incêndio da casa dele que, cumulado com o bloqueio de suas contas o obrigou a se hospedar em um hotel de quinta categoria no centro - continuou Bruno.

- E a tentativa de assassinato de meu pai? - perguntou aflita.

- Então, ele realmente agrediu dois viciados que tentaram assaltá-lo e dois guardas municipais que tentaram prende-lo, além do gerente do hotel, o que aconteceu na mansão de seu pai eu não sei, mas acho estranho ele ter passado pela portaria e vigilantes, além dos seguranças de seu pai.

- Mas papai disse que ele tentou assassiná-lo e que apesar disso teria ajudado a libertá-lo.

- Isso é estranho, seu pai possuía algumas lesões que o perito afirmou serem leves causadas provavelmente durante uma luta, mas as lesões de Marcos eram mais graves e ele ficou internado vários dias com um quadro de psicose e delírios de perseguição, depois misteriosamente ele melhorou e foi levado para a delegacia onde acabou sendo libertado - explicou Bruno.

- Marcos nunca foi violento, ou teve surtos desde que eu o conheci, não entendo, dias depois de nosso casamento no qual não apareci, eu acompanhei meu pai a um hotel onde ele receberia um prêmio, Marcos apareceu lá e armou um escândalo, ele realmente parecia insano.

- Olha, não quero acusar ninguém, mas parece que armaram pra ele. É muita coincidência que de repente, ele perde o emprego, a clínica de voluntários é fechada, sua casa incendiada, suas contas bloqueadas e logo em seguida ele é acusado de tentativa de homicídio contra seu pai que, mesmo assim, dá um jeito de libertá-lo, mesmo burlando a lei - concluiu Bruno encarando fixamente Sthefany.

Ela sustentou o olhar, mas depois desviou para as mãos que torcia nervosamente.

- Eu engravidei dele e acabei me casando com outro - murmurou envergonhada.

- Não sei se te parabenizo ou não - disse Bruno com um meio sorriso.

- Você acha que meu pai poderia ter feito tudo isso? Marcos ainda foi acusado de assédio sexual contra uma enfermeira, mas a denúncia foi retirada no mesmo dia que ele foi libertado e logo em seguida ele saiu do país - disse

Sthefany voltando a encarar Bruno.

- Tenho certeza que sim, até desconfio de quem seja, mas você deve se perguntar quem tem poder suficiente para algo assim? E quem tem interesse e motivos para destruir um médico como ele? Pelo pouco tempo que o conheci percebi que ele é um cara do bem - afirmou.

- Tenho medo de descobrir a verdade, mas preciso, por ele e por nosso filho que carrego no ventre - suspirou tentando impedir uma lágrima que formava em seu olho ao mesmo tempo em que acariciava o ventre.

- O que eu posso fazer pra te ajudar? - perguntou prontamente o policial carioca.

- Preciso descobrir quem é a mulher que acusou ele no Cremesp e onde posso encontrá-la - afirmou com um olhar feroz. Se haviam armado para Marcos ela descobriria, embora temesse a resposta.

- Tudo bem, conte comigo, assim que descobrir te ligo - afirmou.

- Obrigada - respondeu levantando-se - Agora preciso ir, meu marido deve chegar hoje. Foi um prazer te conhecer.

- O prazer foi meu - respondeu levantando-se e estendendo a mão para a jovem que lhe apertou delicadamente.

Sthefany entrou no táxi que a esperava e voltou para casa. Olhou seu celular, Bert mandara uma mensagem avisando que chegaria dentro de duas horas.

Ela sentiu um aperto no coração, provavelmente teria que se entregar a Bert, seu marido. Mas em seu íntimo sentia-se violada toda vez que se entregava, afinal ainda amava Marcos e se culpava por tudo que ocorrera com ele.

Com esses pensamentos ela entrou na mansão como se entrasse em uma prisão.

Capítulo VII

Se as dificuldades que enfrentara em hospitais públicos em São Paulo e Rio de Janeiro eram duras, agora Marcos percebia que a realidade em Aleppo era infinitamente maior.

A cidade vivia em constante conflito, algumas vezes os disparos de fuzis e armas automáticas eram ouvidas do hospital. Faltava tudo, de medicamentos à equipamentos, apesar das tentativas de Le Clerk de impedir, os furtos eram constantes, medicamentos era vendidos à preços exorbitantes no mercado negro local.

Marcos e os demais voluntários mantinham-se sempre dentro das dependências do hospital ou da vila ao lado, guardas armados sírios vigiavam o exterior, enquanto que dentro das dependências alguns soldados mercenários comandados por Le Clerk mantinham a segurança.

Apesar do gênio terrível, Marcos gostava do francês, ele lembrava o policial Bruno que conhecera no Rio de Janeiro meses antes.

Le Clerk, servira na Legião Estrangeira durante vinte anos, mas pedira desligamento, agora com cinquenta e cinco anos, comandava cerca de vinte mercenários, que eram pagos por meio do diretor da missão diplomática dirigida pelo Doutor Pierre. O dinheiro vinha de doações de várias partes do mundo, já que uma havia uma grande campanha na mídia condenando os combates na Síria.

Durante as manhãs, antes dos pesados turnos no hospital, que às vezes poderiam durar mais de vinte e quatro horas, Marcos treinava com os soldados mercenários, eles tinham uma rígida rotina de treinos físicos e isso o ajudava a manter-se em forma, bem como a esquecer de se seus problemas.

Fazia mais de um mês que estava em Aleppo, mas a saudade que sentia de Sthefany o assolava sempre que estava em seu quarto, uma noite a saudade era tanta que digitou o nome dela no google, para sua surpresa o primeira resultado da pesquisa era uma notícia sobre o casamento dela com um magnata alemão.

Movido por uma curiosidade mórbida, mesmo sabendo que acabaria se ferindo, clicou no link e a tela de seu celular se iluminou com a notícia e as fotos de um dos casamentos mais badalados de São Paulo, como afirmava a manchete. Ela se casara na Catedral da Sé, a festa fora na mansão da família Avelar na qual comparecera a elite.

Ela se casara com Bert, constatou pesaroso, sentindo o coração se partindo

mais um pouco, mesmo sentindo as lágrimas se formando em seus olhos ele se obrigou a ver cada uma das fotos; ricos, famosos e políticos tinham suas fotos estampadas ao lado do casal e do pai da noiva. Sthefany estava deslumbrante em seu vestido de noiva, embora ele percebesse, ou desejasse perceber, uma sombra de tristeza em seu olhar.

Após se martirizar por alguns minutos, desligou o celular, como ela pudera fazer aquilo com ele? Aceitara se casar e o abandonara no altar e, agora, pouco mais de um mês depois que ele partira do Brasil ela se casara com Bert, o alemão que fora seu namorado na adolescência e com quem viajara em um cruzeiro pelas ilhas gregas enquanto ele estava preso, acusado de tentativa de homicídio.

A dor era enorme, sentia que se ficasse preso às lembranças acabaria enlouquecendo, por isso ocupava a mente e o corpo.

Marcos logo percebeu que era fácil não pensar em Sthefany, bastava se dedicar ao trabalho, acordava de madrugada e logo estava no hospital, geralmente parava de madrugada e quando chegava a seu quarto se jogava na cama exausto.

Não tinha tempo ocioso para pensar em Sthefany, trabalhava de segunda a segunda, e quando não estava no hospital treinava com Le Clerck e seus soldados até a exaustão.

A única vez que procurara notícias dela na internet se arrependera, isso fora seis meses depois do casamento dela, ao pesquisar o nome no google, as notícias mais recentes das revistas especializadas em colunas sociais afirmavam que Sthefany estava grávida. Uma foto tirada, provavelmente por um paparazzi, mostrava-a a distância entrando no hospital Domênica Xavier, ela vestia um vestido preto e óculos escuros e sua barriga era perfeitamente visível.

Nessa noite Marcos pela primeira e última vez embriagou-se até a inconsciência com uma garrafa de schnapps^[7] que o norueguês Ulthred lhe presenteara, quando partira de Alepo após completar seis meses como voluntário. Acordara com uma violenta ressaca, mas decidido a não procurar mais notícias sobre Sthefany.

Havia inúmeros médicos voluntários de diversas partes do mundo, era uma comunidade que, apesar da tragédia diária, era unida e alegre, as casas da vila se revezavam dando pequenas festas, regadas à cerveja síria, que era fabricada artesanalmente e que os médicos muitas vezes recebiam como forma de agradecimento da população.

A rotatividade dos médicos geralmente era de seis meses, quando então eles partiam para descansar em suas terras natais, alguns voltavam após um ou dois meses, mas Marcos nunca sentira a vontade de sair da Síria, não tinha para

onde ir, de tempos em tempos ligava para o Doutor Junqueira para se inteirar do estado de saúde de sua mãe, mas era só, não mantinha contato com mais ninguém no Brasil.

Quando percebeu quase um ano se passara desde que deixara o Brasil.

Na casa em que estava hospedado, existiam mais outros dois quartos, em um deles havia um casal de médicos poloneses, um homem e uma mulher, que eram casados e resolveram vir da Polônia para trabalharem, no outro quarto havia quatro médicas recém-chegadas, duas americanas, uma francesa e a inglesa Elizabeth.

Seus colegas de quarto, dois italianos alegres e barulhentos que substituíram o norueguês e o alemão com quem Marcos viera para a Síria, organizaram uma festa de boas vindas para as médicas, conseguiram cerveja síria e algumas garrafas de vinho que trouxeram da Itália, médicos e voluntários das outras casas da vila trouxeram comida e bebida, logo a mesa estava repleta: vinho, uísque, vodca, cerveja, além de queijo, azeitonas e pão sírio.

Marcos pensara em não descer para a sala onde a festa já começara, preferia ficar no quarto lendo um livro, mas seus colegas italianos o obrigaram a descer e de toda forma o som da festa já era alto o suficiente para impedir que ele se concentrasse na leitura ou dormisse.

Ao descer percebeu como o local estava lotado, a comunidade de voluntários sempre aproveitava a chance de uma festa para se divertir, uma forma de esquecer às condições degradantes que presenciavam todos os dias.

Marcos encheu uma caneca com cerveja, desde que deixara saíra da cela da delegacia em São Paulo evitava ingerir álcool, mas de vez em quando se permitia tomar uma caneca de cerveja. Em seguida olhou em volta e avistou uma cesta com pão, estava faminto, não comera nada desde que deixara o turno do hospital três horas antes.

Quando esticou o braço para alcançar a cesta, uma voz feminina, com um timbre agradável e sotaque britânico se dirigiu a ele.

- Aqui, o pão é duro, mas saboroso - disse estendendo a cesta.

Marcos encarou a dona da voz, era uma mulher jovem, ela lhe sorriu simpática e ele percebeu uma covinha em seu queixo que a deixava com ar juvenil.

- Obrigado – respondeu pegando a cesta das mãos dela, seus dedos se tocaram e ele pensou tê-la visto corar um pouco.

- Elizabeth – disse a mulher estendendo a mão – Cirurgiã cardíaca.

- Prazer, Elisabeth – respondeu com um sorriso triste – Marcos, mas pode me chamar de Mack – disse após perceber que ela, como todos os estrangeiros não conseguiam dizer seu nome com perfeição, por isso não se importara quando

Le Clerk passou a chama-lo de Mack, o que fora seguido pelos outros voluntários.

Ele se impressionara com a inglesa, ela chegara a Alepo animada com a possibilidade de ser voluntária. Era simpática, tinha cerca de um metro e setenta e oito, um corpo esbelto e curvilíneo, seus cabelos eram lisos e cortados na altura dos ombros, da mesma cor negra dos olhos que pareciam profundos e misteriosos. Possuía senso de humor e seu riso era cristalino.

Mas o que mais o impressionara não era sua beleza, mas sim sua habilidade cirúrgica, haviam trabalhado juntos em algumas cirurgias e percebera que, apesar de jovem, ela era extremamente competente, não entedia como alguém que poderia ter uma carreira brilhante na Europa, resolvera vir para uma zona de guerra.

Sempre que possível conversavam no refeitório do hospital ou quando se encontravam na casa em que estavam hospedados.

Dias depois, quando seus horários de folga coincidiram ele estava na sala de estar comunal da casa lendo um livro sobre cirurgia em seu “tablete” quando ela entrou na casa.

- Oi Marcos – cumprimentou com um sorriso simpático.

- Oi Elisabeth – respondeu levemente desconfortável com a presença dela. Não que ela fosse desagradável, mas sim pelo fato dele começar a se sentir atraído pela inglesa.

Elisabeth sorriu balançando uma garrafa de vinho que segurava em uma das mãos.

- Olha o que eu ganhei de presente – disse animada estendendo a garrafa.

- Vinho italiano, como conseguiu? – perguntou após examinar o rótulo.

- Um enfermeiro conseguiu no mercado negro, ele me apresentou achando que eu o convidaria para beber junto – respondeu sorrindo de forma matreira.

- Mas você não o convidou.

- Não, pensei em beber com outra pessoa – afirmou corando, ainda com o sorriso nos lábios.

- Ele deve ter ficado decepcionado – murmurou Marcos constrangido, tentando não corar.

- Marcos! – ralhou Elisabeth – Você vai me convidar para beber ou não? – perguntou colocando a mão na cintura, em uma pose sensual e ao mesmo tempo divertida.

- Desculpe, claro – decidiu de impulso – Tem um pedaço de queijo de cabra na geladeira, que tal fazermos um piquenique no terraço? – perguntou divertido.

- Adoraria – respondeu Elisabeth animada – Vou apenas tirar esse

uniforme – completou mostrando a calça tática e a gandola militar, manchadas de sangue.

- Eu te encontro lá – disse Marcos se levantando e desligando o “tablete”.

Enquanto Elisabeth se dirigia ao seu quarto, Marcos foi até a geladeira e pegou o pedaço de queijo que colocou em um prato de plástico e pegou dois copos do mesmo material, pois os de vidro não eram utilizados, já que caso ocorresse uma explosão na casa os cacos poderiam aumentar os danos, além de dois garfos e uma faca.

Subindo ao terraço Marcos colocou o queijo e os copos em uma mesinha de plástico de cor indefinida, e bateu nos dois colchonetes das espreguiçadeiras que estavam ao lado da mesinha para retirar o pó. Depois ligou seu “tablete” e colocou uma coletânea de músicas do Queen, não sabia que tipo de música ela gostava, mas por ser inglesa deveria ao menos conhecer as músicas da banda inglesa.

O final da tarde se aproximava, o sol estava escondido em meio às nuvens, a cidade destruída era vislumbrada da sacada, mas apesar disso tinha uma certa beleza melancólica debaixo dos pálidos raios de sol.

O terraço era pequeno, além da mesinha e das duas espreguiçadeiras havia um grande sofá cheio de buracos e diversos vasos, onde supostamente teriam plantas, mas estas estavam em sua maioria secas e mortas.

Enquanto Marcos arrumava tudo a porta do terraço se abriu e Elisabeth entrou com a garrafa de vinho, ela trocara o uniforme militar por uma calça jeans desbotada e uma camiseta azul que realçava suas curvas. Ela passara um batom leve nos lábios e sorriu para ele.

- Nossa, que esmero, é um verdadeiro encontro – disse sorrindo e corou logo em seguida.

Elisabeth sentou-se e entregou a garrafa para Marcos que a abriu e verteu o líquido nos dois copos, entregando um a ela.

- Que a guerra termine e consigamos escapar desse inferno – brindou Marcos.

- Prefiro brindar a nós – murmurou sorrindo e levou o copo aos lábios tomando um gole.

Marcos sorriu e sentou-se ao lado dela em sua espreguiçadeira. Enquanto bebiam o vinho e comiam o queijo, conversaram, não somente sobre cirurgia, mas também sobre literatura, cinema, política. Marcos percebia que ela tinha uma mente analítica e rápida, possuía bom humor e sorria com facilidade, embora aparentasse ser tímida e introspectiva algumas vezes.

- Por que você se voluntariou? – perguntou ela quando a noite já era alta.

- Problemas pessoais no Brasil – desconversou.

Elisabeth o encarou como que decepcionada e Marcos percebeu.

- Na verdade eu não tenho ninguém lá, meu irmão morreu, não conheci meu pai direito e minha mãe está internada com mal de Alzheimer e não me reconhece. Tive um problema com a polícia, fui acusado e depois que resolvi tudo decidi sair do Brasil por um tempo – concluiu desconfortável, não queria falar de seu passado, mas também não podia deixar de responder à pergunta, percebera que ela ficara decepcionada, como se achasse que ele não confiava nela.

Não ousara contar que nascera em uma comunidade carente, muito menos sobre Sthefany, ou o que acontecera após ser abandonado no altar. Sentia vergonha, não do abandono em si, mas do que se transformara nos dias subsequentes, ainda tinha pesadelos, e por mais que pensasse a respeito não conseguia entender como pudera cair tanto, chegando ao ponto de tentar assassinar Avelar.

- Sinto muito – disse Elisabeth tocando sua mão com a ponta dos dedos.

Marcos disfarçou e encheu o copo de vinho, a garrafa estava quase no fim.

- E você? O que uma mulher inteligente, bela e competente faz em um buraco desses? – perguntou tentando ser divertido.

Elisabeth o encarou fixamente, sentia-se atraída por Marcos, talvez estivesse tolamente apaixonada, sempre fora romântica, sabia que estava em um local de alto risco de morte e talvez por isso estivesse decidida a nunca esconder seus sentimentos e desejos.

Levou o copo de plástico aos lábios e tomou um grande gole, depois o colocou na mezinha e encarou novamente Marcos.

- Vou lhe contar...

Capítulo VIII

“A menina nunca esquecera sua origem, embora tivesse esquecido seu nome. Suas recordações mais antigas eram de um homem e uma mulher, ambos de cabelos negros, da mesma cor dos olhos.

O homem era alto e forte, tinha um sorriso fácil e largo, costumava pegá-la no colo e colocá-la nos ombros, o que a fazia rir.

A mulher possuía uma voz suave e cantava para ela todas as noites. Ela a chamava de Janice.

Viviam em um pequeno sítio, havia galinhas, uma cabra e uma vaca, sempre tinha frutas e legumes à mesa.

Mas uma noite tudo mudou, homens armados vieram até sua casa, ela não se recordava de muita coisa, apenas dos gritos de sua mãe implorando para que a poupassem. Fora jogada por mãos fortes dentro de um armário.

Ouviu gritos e o som estrondoso de uma arma de fogo, desesperada colocou as mãos no ouvido e fechou os olhos.

Perdeu a noção do tempo, os sons cessaram e a porta abriu, sua mãe a encarava com olhos marejados de lágrimas, havia hematomas em seu belo rosto. Ela a pegou e, após embrulha-la em um casaco saíram caminhando.

Viajaram por estradas de terra e asfalto, sentia fome e frio, mas sua mãe quase nunca parava, evitava sempre a companhia de outras pessoas.

A menina se perguntava sobre o pai, mas sua mãe não respondia, agora ela passava a maior parte do tempo murmurando uma canção.

Por fim chegaram a uma cidade, pessoas passavam apressadas sem olhar para os lados.

De repente sua mãe caiu no solo e nunca mais se levantou, somente horas depois homens usando coletes com uma grande cruz vermelha no peito se aproximaram e a levaram para um local onde havia crianças de todas as idades.

Nunca mais vira seu pai ou mãe.

Uma mulher loira a examinou, e limpou seu rosto sujo, desde que deixara a fazenda nunca se banhara.

No princípio ela não prestava atenção na mulher, perdida em seus pensamentos, percebia que ela forçava colheres com caldo quente em sua boca, e água, mas a menina mantinha-se alheia a tudo. Entretanto, com a insistência da mulher loira acabou dando resultado e em uma tarde ela acordou do transe, entendeu que seus pais estavam mortos e finalmente, desde que deixara a

fazenda chorou.

A mulher era uma médica inglesa, e se apresentou como Catherine, apresentou também seu marido Brian, também médico, ambos eram voluntários naquele local.

Assim todos os dias o casal a visitava e passava algum tempo com ela, como não se recordava do nome, a médica passou a chama-la de Elisabeth.

Depois de seis meses, Catherine e Brian, sentaram-se ao seu lado e disseram que estavam voltando para a Inglaterra. Elisabeth concordou com tristeza, pois se afeiçoara ao casal, mas para sua surpresa eles perguntaram se ela não queria acompanhá-los, que desejavam cria-la como filha.

E assim, a menina passou a se chamar Elizabeth Cluther.

Londres era diferente de tudo que Elizabeth conhecera, era uma metrópole moderna, o casal possuía um apartamento em um bairro afastado do centro. Eles eram cirurgiões e, antes da vinda dela passavam seis meses por ano servindo como voluntários em uma organização chamada Médicos Sem Fronteiras.

O casal demonstrava amá-la e a chamavam de filha, mas nunca a obrigaram a chama-los de pais, o que somente aconteceu um ano depois, e nunca tentaram fazê-la esquecer das origens.

- Nós somos o conjunto de nossos antepassados, saber nossa origem nos difere dos animais – afirmava Brian.

E assim, Elisabeth crescera sabendo que nascera na Bósnia e que seus pais biológicos haviam sido assassinados em um dos muitos programas de limpeza étnica dos Sérvios.

Elisabeth cresceu assim, em uma família de classe média, estudara nos melhores colégios e para alegria de seus pais adotivos, tornara-se uma das melhores alunas em todos os estágios da educação inglesa. Ela era introspectiva e calma, e, embora não fosse popular por seu temperamento, era popular por sua inteligência e beleza exótica, seus cabelos e olhos negros e profundos impressionavam quem a conhecia.

Nas férias escolares ela acompanhava seus pais adotivos em missões junto ao MSF, conhecera assim vários países da África e América Latina, tinha uma sede de conhecimento e ajudava seus pais, o que a ajudou a decidir que queria ser médica no futuro”

- E foi assim que resolvi ser médica e voluntária do MSF – concluiu Elisabeth.

- Seus pais devem ser pessoas incríveis – murmurou Marcos pensando no pai presidiário.

- São, quem sabe um dia não os apresento para você? – perguntou

animada.

- Quem sabe – divagou Marcos.

No tablete, que estivera ligado todo o tempo, começou a tocar a música Iris, do grupo Goo Goo Dolls, que fora tema de um filme antigo que Marcos assistira.

- Adoro essa música! Venha dance comigo – pediu Elisabeth levantando-se e puxando Marcos pela mão.

Por um momento ele resistiu e sorriu constrangido.

- Por favor – pediu Elisabeth fazendo beicinho e Marcos sorrindo se levantou.

“And I'd give up forever to touch you

'Cause I know that you feel me somehow

You're the closest to heaven that I'll ever be

And I don't want to go home right now”

“E eu desistiria da eternidade para tocá-la

Pois sei que você me sente de alguma forma

Você é o mais próximo do paraíso que chegarei

E eu não quero ir para casa agora...”

Elisabeth passou os braços em volta do pescoço de Marcos, colando seu corpo ao dele.

“And all I can taste is this moment

And all I can breathe is your life

And sooner or later it's over

I just don't want to miss you tonight”

“E tudo que eu posso sentir é este momento

E tudo que eu posso respirar é sua vida

Porque mais cedo ou mais tarde isso acabará

E eu não quero sentir sua falta esta noite...”

Elisabeth cantarolou suavemente acompanhando a música. Marcos sentiu seu perfume suave, enquanto segurava a cintura fina da jovem, sem saber direito se devia abraça-la por inteiro ou apenas segurá-la levemente pela cintura.

“And I don't want the world to see me

'Cause I don't think that they'd understand

When everything's made to be broken

I just want to you know who I am”

“E eu não quero que o mundo me veja

Porque não creio que eles entenderiam

Quando tudo estiver destruído

Eu só quero que você saiba quem eu sou”

Elisabeth sentiu o toque das mãos de Marcos em sua cintura e as imaginou percorrendo seu corpo, sentiu que o calor se espalhava de entre suas pernas e enrubescu.

“And you can't fight the tears that ain't coming
Or the moment of truth in your lies
When everything feels like the movies
Yeah, you bleed just to know you're alive”
*“E não dá para lutar contra lágrimas que não vêm
Ou o momento da verdade em suas mentiras
Quando tudo parece como nos filmes
Sim, você sangra apenas para saber que está vivo...”*

Elisabeth percebeu o desconforto de Marcos, sua respiração se tornara um pouco mais rápida e seus olhos brilhavam na penumbra do terraço, percebeu também sua virilidade a pressionando levemente, mas rapidamente ele se afastava um pouco, como se envergonhado por seu desejo, o que a fez sorrir mentalmente.

“And I don't want the world to see me
'Cause I don't think that they'd understand
When everything's made to be broken
I just want you to know who I am”
*“E eu não quero que o mundo me veja
Porque não creio que eles entenderiam
Quando tudo estiver destruído
Eu só quero que você saiba quem eu sou...”*

Marcos encarou fixamente os olhos de Elisabeth, depois observou seus lábios rubros entreabertos, sentindo uma vontade imensa de beijá-los. Estava excitado e constrangido ao mesmo tempo, não se deitara com uma mulher desde que deixara o Brasil, às vezes se aliviava se masturbando no banheiro, mas era algo triste e deprimente, agora seu corpo reagia à presença dela.

“And I don't want the world to see me
'Cause I don't think that they'd understand
When everything's made to be broken
I just want you to know who I am”
*“E eu não quero que o mundo me veja
Porque não creio que eles entenderiam
Quando tudo estiver destruído
Eu só quero que você saiba quem eu sou”*

Elisabeth aproximou ainda mais seu corpo, seus seios pressionaram o peito musculoso de Marcos, que usava apenas uma camiseta simples vermelha,

ela correu as mãos dos ombros dele, onde estavam descansando e enlaçou-o pelo pescoço.

“I just want you to know who I am

I just want you to know who I am

I just want you to know who I am”

“E eu não quero que o mundo me veja

Porque não creio que eles entenderiam

Quando tudo estiver destruído”

Marcos sentiu os seios firmes pressionados contra seu corpo, ela o enlaçou pelo pescoço aproximando seu rosto ainda mais do dele, ele sentiu lhe respiração que rescendia à hortelã. Os olhos dela brilhavam na penumbra.

“I just want you to know who I am

I just want you to know who I am

I just want you to know who I am”

“Eu só quero que você saiba quem eu sou

Eu só quero que você saiba quem eu sou

Eu só quero que você saiba quem eu sou

Eu só quero que você saiba quem eu sou”

A música terminou e Elisabeth se aproximou ainda mais de Marcos, demonstrando que desejava ser beijada, que precisava ser beijada. Ela entreabriu os lábios, aguardando o beijo que sabia que ele desejava tanto quanto ela, sentia o desejo dele demonstrado pelo volume em sua calça e pelo calor que emanava de suas mãos.

Mas ele simplesmente a afastou constrangido.

- Nossa, daqui a pouco o sol vai nascer – disse olhando para o relógio de pulso – Acho melhor irmos dormir, na parte da manhã tenho duas cirurgias.

- Claro – disse Elisabeth decepcionada.

Marcos desligou o “tablete” e recolheu os copos e os talheres.

- Você não vai descer? – perguntou se virando para Elisabeth.

- Não, vou ficar mais um pouquinho, bom descanso – respondeu tentando dar um sorriso simpático.

Marcos desceu para o andar inferior enquanto Elisabeth se aproximava do beiral do terraço. A cidade preparava-se para um novo dia, em razão da falta de energia elétrica apenas algumas luzes brilhavam em pontos distantes da cidade.

Por que Marcos a repelira? Pensou consigo mesma, afinal ele a desejara, isso ficara claro, mas havia algo no passado dele que o atormentava.

Suspirando Elisabeth desceu para seu quarto, talvez não fosse uma boa ideia se relacionar com um médico voluntário, pensou consigo mesma, enquanto mergulhava em um sono sem sonhos.

Capítulo IX

Demorou quase três meses para Bruno ligar com notícias, durante este tempo eles se falavam pelo whatsapp. Durante esse tempo Sthefany tentara descobrir mais sobre o que de fato ocorrera com Marcos, mas sem sucesso.

Bert viajava constantemente para a Alemanha onde ficava por duas a três semanas, e novamente ele avisara que ficaria uma semana na mansão antes de retornar, nesse mesmo dia Bruno lhe enviara uma mensagem dizendo que achara uma pista e tão logo a confirmasse a avisaria.

Durante a semana Sthefany evitou se deitar com Bert, alegando enjoo e dores de cabeça, mas no sábado na véspera de seu retorno ele insistiu.

Estavam sozinhos na mansão, Avelar viajara a negócios no dia anterior, embora Sthefany acreditasse que ele queria dar privacidade para Bert.

Jantaram na espaçosa sala e depois Sthefany se recolheu alegando dor de cabeça, enquanto Bert se dirigiu para o escritório, provavelmente para beber, pensou ela com desgosto. Tornara-se rotina seu marido e seu pai se reunirem na biblioteca para conversar sobre negócios e beberem. Avelar tinha uma grande coleção de uísques importados que valiam uma pequena fortuna.

Sthefany trocou de roupa e colocou uma camisola longa, que escondia suas curvas e sua barriga agora saliente, ela percebera os olhares de cobiça de Bert, mas ela não tinha desejos de se deitar com ele, nas vezes que ocorrera ela não deixara de pensar em Marcos e ao final se sentira suja, como se houvesse sido estuprada.

Já devia passar da meia noite, quando ela ouviu a porta se abrindo e fechou os olhos fingindo dormir. Com um suspiro Bert se sentou pesadamente na cama, pelo som das roupas percebeu que ele estava se despindo e logo se deitou ao seu lado, sem nem ao menor tomar um banho.

Quando ele a abraçou pelas costas, fungando em seu pescoço ela sentiu o cheio forte de uísque que quase a fez enjoar, mas conseguiu se controlar e continuou fingindo dormir.

- Mein liben? - ouviu Bert perguntar com a voz pastosa.

Ela não respondeu e sentiu que o membro dele estava duro e a pressionava por cima do tecido da camisola, de encontro à suas nádegas. A mão dele começou a passear por seu corpo, tentando se introduzir por dentro da camisola.

- Bert, estou com sono e dor de cabeça - disse tentando fazer com que sua voz soasse sonolenta.

- Você tem me evitado desde que voltei, você é minha esposa, tenho direitos! - disse Bert elevando o tom de voz, ao mesmo tempo em que erguia a camisola acima da cintura de Sthefany e tentava colocar sua mão entre as pernas dela.

- Eu não quero! - exclamou irritada virando-se para ele.

- Mas eu quero - rosnou ele e ergueu-se colocando-se sobre ela.

- Não! - afirmou e tentou empurrá-lo.

Entretanto, Bert era mais forte e usando as pernas a segurou enquanto agarrava suas mãos e as erguia acima da cabeça dela.

Sthefany tentou se debater, mas ele a pressionou com os joelhos, com um movimento rápido da mão livre, ele praticamente rasgou o tecido fino da camisola deixando a mostra seus seios.

- Não, Bert, por favor, meu bebê - tentou pedir com voz embargada.

- Esse bastardinho não vai me impedir de ter o que é meu por direito - rosnou Bert visivelmente excitado.

- Se você não parar vou gritar - disse elevando a voz Sthefany, agora furiosa.

- Não vai gritar não, sua vadia - rosnou e o mesmo tempo colocou a mão sobre a boca de Sthefany, que tentou mordê-la sem sucesso.

Usando os joelhos Bert fez com que Sthefany entreabrisse as pernas, apesar do esforço dela se debatendo para se livrar.

Com o olhar afogueado de excitação, Bert encostou seu membro na entrada da vagina dela. Com um movimento violento ele se introduziu em seu interior, fazendo com que ela gritasse de dor, mas sua voz saiu abafada pela pesada mão que a pressionava na boca.

Sthefany fechou os olhos, enquanto lágrimas de vergonha e fúria escorriam por seu rosto, sentindo as penetrações fortes e violentas de seu marido, aliviada ela percebeu que ele gozava após apenas algumas estocadas e deixou-se cair em cima de seu corpo a esmagando com seu peso. Com esforço ela se contorceu e conseguiu sair debaixo dele, empurrando-o para o lado.

Ergueu-se da cama cobrindo-se com o que restara da camisola. Bert a encarava com o olhar semicerrado de bêbado, mas será que ele realmente estava embriagado ou apenas fingira para ter uma desculpa pelo que fizera?

- Maldito! - gritou exaltada - Você é um crápula! Um monstro! Nunca mais me toque! Vou prestar queixa de você por estupro!

- Não vai não, sabe por quê? Porque sou sócio de seu pai em vários negócios, e não vai ser bom para ele que seu genro seja acusado de estupro - respondeu com um sorriso cínico.

Sthefany fez menção de se dirigir para a porta do quarto, mas para alguém

aparentemente bêbado Bert com agilidade se colocou em seu caminho. Ela então correu para o banheiro da suíte onde se trancou.

Por um momento ficou escutando com o ouvido colado na porta, após alguns minutos ouviu o som de um ronco alto, será que Bert dormia ou fingia dormir? Seu celular ficara no criado mudo, não se arriscaria a sair do quarto.

Desesperada ligou a forte ducha e ficou debaixo dela se ensaboando, sentindo-se suja e violada. Bert era seu marido, mas ele a violentara e por isso se sentia envergonhada. Chorando em silêncio ficou debaixo da ducha por mais de duas horas, deitada em posição fetal no chão frio, enquanto acariciava o ventre.

Finalmente ela conseguiu se levantar, sentiu uma pontada de dor no interior de sua vagina, seus pulsos, onde Bert agarrara estavam avermelhados.

Cautelosamente ela abriu a porta do banheiro e olhou para o quarto, Bert não estava, correndo ela foi até a porta e a trancou, por via das dúvidas colocou uma cadeira travando a maçaneta.

Em seguida jogou no chão o lençol da cama e a camisola rasgada e se enrolou em um edredom, sentando-se com as costas apoiada na cabeceira da cama e olhar fixo na porta. Seu celular não estava no criado mudo e o telefone interno da mansão estava com o fio cortado.

Ao amanhecer ela ouviu uma batida suave na porta.

- Milady? - perguntou o mordomo - Está tudo bem?

- Sim Josué - respondeu tentando manter a voz firme - O senhor Bert está em casa?

- Não milady, ele saiu de madrugada com uma mala dizendo que iria voltar para a Alemanha - respondeu - A senhora deseja tomar o café no quarto ou irá descer?

- Vou descer Josué, obrigada - respondeu.

Então Bert voltara para a Alemanha, provavelmente deveria estar arrependido e com medo, veria como seu pai reagiria ao saber o que ocorrera, pensou amargurada.

Na segunda seu pai retornara, Sthefany o procurou em seu quarto.

- Pai? Posso entrar? - perguntou batendo na porta.

- Sim querida, entre - respondeu Avelar do outro lado.

Ele estava desfazendo a mala, Sthefany se aproximou e sentou-se na beirada da espaçosa cama.

- Bert voltou para a Alemanha? Como foi o final de semana de vocês? - perguntou de forma simpática.

- Bert me violentou - respondeu secamente.

- Não seja ridícula - afirmou deixando cair dentro da mala uma camisa que estava retirando, voltando o olhar para Sthefany.

- É o que o senhor ouviu, na sexta-feira ele se embabadou no escritório e quando subiu para o quarto me tomou à força - respondeu sentindo que os olhos marejavam de lágrimas.

- E por que ele fez isso? - perguntou de forma dura.

- Como assim pai? Não tem motivo que justifique ele me forçar contra minha vontade - disse estarrecida.

- Você é a esposa dele, você tem certas obrigações, ele ficou muito tempo fora e ao voltar queria alguns momentos íntimos com você, mas você não cumpriu com suas obrigações – disse encarando-a friamente.

Sthefany encarou o pai incrédula, provavelmente Bert contara que ela o estava evitando, mas isso não lhe dava o direito de violentá-la.

- Eu não acredito pai! Pensei que você me apoiaria, eu quero ir a uma delegacia dar queixa e me separar! - exclamou exaltada.

- Não! Não admito isso! Enquanto você viver debaixo de meu teto não terei uma filha separada, e não admitirei um escândalo envolvendo Bert! Ele é seu marido, é o pai de seu filho, além de ser meu sócio de negócios! Você quer armar um escândalo no qual a culpada é você! - exclamou irritado, lançando um olhar duro para a filha.

- Pai! O senhor não entendeu? Fui violentada! Agredida física e psicologicamente!

- Não seja infantil Sthefany! Você é uma mulher formada, não é mais uma adolescente! Cresça! Deixe de ser uma menina mimada, seus caprichos somente me trouxeram preocupação! – disse Avelar elevando o tom de voz.

- O que o senhor quer dizer? Está se referindo ao meu namoro com Marcos? – perguntou incrédula.

- Sim! Você se relacionou com um marginal por capricho e ele quase me matou!

- Pai! Eu o amava! E estou começando a duvidar de que tenha lhe tentado matar, deve ter ocorrido algum engano!

- Pois o esqueça! Você é uma mulher casada e vai continuar sendo!

- Eu não acredito no que ouvi! - disse exasperada, levantando-se da cama e indo em direção à porta.

- Pois acredite, não permitirei um escândalo que suje o nome de nossa família - rugiu enquanto a filha saía.

Sthefany se virou e encarou o rosto congestionado de seu pai, o homem que sempre amara e idolatrara.

- Me pergunto se mamãe conhecia esse seu lado...

- Não ouse envolver sua mãe nessa discussão – gritou irritado enquanto caminhava até Sthefany e erguia a mão aberta, pronta para desferir um tapa no

rosto dela.

- Vá em frente, só falta isso mesmo, ser agredida por meu próprio pai – murmurou sentindo as lágrimas se formarem em seus olhos.

Como o golpe não veio Sthefany virou as costas e saiu do quarto batendo a porta.

Avelar ficou encarando a porta fechada, é lógico que Bert lhe contara o que estava acontecendo, sua filha vinha se recusando a cumprir suas obrigações, por isso ele inventara uma viagem de negócios para deixá-los sozinhos. Bert se exaltara, movido pela bebida, provavelmente, mas ele estava em seu direito.

Não permitiria que Sthefany destruísse o próprio casamento ou armasse um escândalo, nem que tivesse que ameaçá-la com a perda da guarda da criança ainda não nascida.

Depois do que ocorrera o relacionamento entre pai e filha esfriara. Sthefany não prestara queixa, mas jurara que jamais permitia que Bert a tomasse sem sua autorização. Tomara também a decisão de sair da mansão, mas para isso, ela teria que antes conseguir um emprego para que pudesse se sustentar e à criança que esperava.

Arrependia-se amargamente de não ter se casado com Marcos, mas ao menos faria de tudo para descobrir o que ocorrera e, se possível, inocentá-lo das acusações.

Depois do incidente no final de semana, na quinta feira seguinte, Bruno finalmente ligara.

- Oi Sthefany, consegui o nome da pessoa que acusou Marcos - afirmou.

- Quem é? - perguntou curiosa e ansiosa.

- Naiara Gomes, fiz um levantamento, ela foi enfermeira no Domênica Xavier, fez um acordo e se desligou do hospital, mas descobri, com a ajuda de uns amigos da Polícia que ela era viciada em morfina e estava furtando remédios controlados e drogas para revender, o caso foi abafado para não causar escândalo.

- Lembro vagamente do nome, acho que trabalhei umas duas vezes com ela - respondeu forçando a memória para lembrar-se da enfermeira de olhar nervoso e quieta com quem trabalhara no setor de ortopedia.

- Ela fez uma queixa de abuso sexual no Cremesp, mas a retirou.

- Preciso falar com ela, você sabe o endereço dela? - perguntou ansiosa.

- Sim, ela se mudou para a baixada fluminense, demorei um pouco para descobrir o endereço, mas a localizei - respondeu Bruno do outro lado da linha.

- Você me ajudaria a falar com ela? – perguntou ansiosa.

- Claro, quando você pode vir pro Rio?

- Amanhã eu chego, vou me hospedar em um hotel e te ligo.

- Ok, eu aguardo seu contato – respondeu Bruno e desligou.

Sthefany desligou o celular, agira bem em não sair de casa, como fora seu primeiro impulso, ainda era dependente do pai e usaria o dinheiro dele para conseguir provar a inocência de Marcos. Ela ligou para uma agência e comprou uma passagem para o Rio de Janeiro no dia seguinte, comprou uma passagem para as dez horas, pois sabia que seu pai saía cedo para ir à sede de suas empresas.

Se tudo desse certo ela retornaria antes dele chegar para o jantar.

Capítulo X

Os dias e as noites transcorreram rápidos em um hospital localizado em uma zona de guerra. Apesar dos dias atribulados, Marcos e Elisabeth se encontravam esporadicamente na sala comunal do alojamento, nos corredores e refeitório do hospital.

Embora ela tenha ficado um pouco mais fria com ele, após o piquenique no terraço do alojamento, não se furtava em conversar sempre que possível. Falavam de vários assuntos, mas não ela não entrara mais em questões pessoais e ele também não.

Às vezes ele se pegava comparando-a com Sthefany, enquanto a brasileira era como um furacão de fogo, queimando tudo ao seu redor com sua exuberância e vontade de viver, Elisabeth era como as águas calmas de um lago, pacífica e bela na superfície, mas quem saberia o que se escondia nas profundezas?

A médica era generosa e carinhosa, principalmente com as crianças, com quem dividia chocolate e doces quando recebia os pacotes que seus pais enviavam da Inglaterra, por meio dos comboios de ajuda humanitária. Ela costumava sentar na ala infantil e contar histórias para os pequenos e inventar pequenas brincadeiras para animá-los.

Muitas vezes ela deixava de se alimentar para repassar sua comida para os pais das crianças que ficavam acomodados no corredor do hospital. Ao menos por duas vezes Marcos tivera que repreendê-la para que se alimentasse.

- Marcos, eles não tem nada, e o pouco que tem foi destruído – dizia Elisabeth.

Era uma atitude louvável que o impressionava e enchia o enchia de admiração pela médica inglesa. Às vezes se pegava imaginando ambos trabalhando na clínica voluntária na comunidade onde nascera, mas depois se recordava com amargura que ela fora fechada por ordem do traficante que assumira o lugar de seu irmão.

Mas uma coisa era certa, apesar de todo carinho que começara a sentir por Elisabeth, ainda amava desesperadamente Sthefany, mas percebia que ao lado de Elisabeth conseguia esquecê-la, ainda que nos breves momentos que passavam juntos conversando, quando então podia sentir um pouco de paz em sua alma dilacerada, mesmo estando em meio a uma terra devastada pela guerra e pela tragédia humana.

Certa manhã Marcos estava terminando de suturar um corte na testa de um

homem idoso, ele fora atingido por parte do teto de sua residência à qual caíra após um bombardeio, e resultara em dez pontos.

De repente um enfermeiro entrou correndo na sala de atendimento.

- Doutor! Estamos sendo chamados! Uma creche foi atingida por uma bomba!

- Termine aqui enfermeira! - ordenou e saiu correndo após pegar sua maleta, seguindo o enfermeiro.

Alcançou-o na porta do hospital, Le Clerk estava gritando ordens para que alguns soldados carregassem padiolas e suprimentos médicos em alguns jipes estacionados na rua esburacada.

- Uma creche a cerca de quatro quarteirões daqui foi atingida por uma bomba! O prédio desmoronou e pediram socorro à Cruz Vermelha e ao MSF - explicou o francês - Pode subir naquele caminhão - concluiu apontando para um caminhão no final da fila, o qual possuía um grande toldo cobrindo a caçamba com o emblema da Cruz Vermelha.

Marcos correu até o caminhão subindo pela traseira aberta, acomodando-se com alguns enfermeiros sírios e voluntários, alguns carregavam pás e picaretas.

- Esperem! - ouviu uma voz feminina gritando.

Elisabeth se aproximou da traseira do veículo fazendo menção de subir.

- Fique aqui! É mais seguro - ordenou Marcos.

- E quem é você? Meu pai? - perguntou com um meio sorriso estendendo a mão para Marcos.

- Merde^[8]! - exclamou irritado, mas impressionado com a coragem dela, estendendo a mão e puxando-a para o interior do caminhão que com um solavanco começou a se movimentar.

- Obrigada - agradeceu com um sorriso franco, enquanto ajeitava uma grande mochila ao lado de seus pés.

- De nada - resmungou Marcos.

- Ouvi dizer que um prédio desabou - disse Elisabeth.

- Uma creche - respondeu com ar fatalista.

O caminhão deu um grande solavanco ao passar por uma cratera produzida por uma bomba, fazendo com que Elisabeth se desequilibrasse e quase fosse ao chão, mas Marcos a sustentou nos braços.

Ambos ficaram por um momento se encarando, seus rostos à milímetros um do outro. Marcos sentia o hálito fresco que rescendia à hortelã da médica, enquanto a sustentava pela cintura.

- Obrigada - respondeu corando Elisabeth, seu coração disparara ao ser sustentada por Marcos, sentira os braços fortes dele, seu perfume levemente

amadeirado, ainda que misturado com o odor de sangue e poeira.

Marcos sorriu constrangido ajudando-a a se ajeitar no banco improvisado do caminhão.

Trafegaram pelas ruas destruídas da cidade até que o caminhão freou bruscamente. Ouviram gritos em francês e em árabe. Os enfermeiros e voluntários saltaram do caminhão, juntamente com os dois médicos.

A visão era terrível, um grande prédio de dois andares desmoronara, apenas algumas paredes do local ainda se sustentavam precariamente, o odor de sangue e pólvora permeava todo o lugar, misturado com a densa poeira que flutuava no ar naquela manhã ensolarada.

Os gritos de socorro vindos de vozes infantis eram de partir o coração e misturavam-se com os gritos dos socorristas e dos populares que correram para ajudar.

- My God^[9]! - murmurou Elisabeth apertando o antebraço de Marcos ao seu lado.

- Venha, vamos ajudar - disse tirando-a do estupor.

Os voluntários e populares começaram a tirar as pedras do local, alguns usavam as próprias mãos, logo uma criança de pouco mais de cinco anos foi retirada do meio dos escombros, Marcos correu até ela e usando seu estetoscópio constatou que ela estava morta.

- Coloque-a na calçada e a cubra com um lençol - ordenou aos voluntários.

Outra criança foi retirada, esta tinha oito anos e chorava desesperada, seu rosto coberto de sangue e poeira. Os voluntários a deitaram na calçada e Marcos, após se ajoelhar ao lado dela, passou a examiná-la à procura de fraturas, percebeu que o braço direito estava em ângulo anormal, o osso quase rompendo a pele.

- Fratura de cúbito, precisamos imobilizar - disse encarando Elisabeth.

Ela estava parada em pé, observando o prédio destruído, seus olhos estavam arregalados e parecia respirar com dificuldade, perdida em seus pensamentos.

- Elisabeth! - gritou Marcos assustando-a.

- Sim - respondeu com voz baixa encarando-o.

- Precisamos imobilizá-la! Agora! - ordenou com voz firme.

Foi o suficiente para Elisabeth sair de seu estupor e se ajoelhar ao seu lado, enquanto ele segurava o osso ajeitando-o em seu lugar, rapidamente ela retirou um conjunto de gaze e talas e eficientemente enfaixou o braço da menina, que agora chorava baixinho.

Outros veículos chegaram ao local com alguns médicos e logo, com a

ajuda de Le Clerk foi organizado o socorro, as vítimas passavam por uma triagem na calçada, ao lado dos escombros.

Os mortos eram colocados esticados na calçada, os casos mais graves recebiam o primeiro atendimento no local, e assim que a vítima era estabilizada era transferida para o hospital, os casos menos graves eram atendidos pelos enfermeiros e por um estudante de medicina sírio, que abandonara a faculdade no penúltimo ano, na Inglaterra, para se juntar aos voluntários do MSF.

Durante quatro horas Marcos e Sthefany trabalharam no local, às vezes ele olhava de soslaio para ela, ficara preocupado por um momento, acreditando que ela não aguentaria a pressão de atender naquele local devastado, mas ela mostrava-se eficiente, embora estivesse calada e somente falasse o absolutamente necessário para o atendimento das crianças.

Quando os gritos nos escombros cessaram e as vítimas mais graves já haviam sido transferidas ao hospital, pegaram uma carona com um jipe que levava duas crianças com fraturas até o hospital. Ao chegarem, a movimentação era frenética, enfermeiros corriam de um lado para o outro, carregando crianças feridas, organizando doações de sangue ou cuidando dos feridos leves.

- Ainda bem que chegaram - disse o diretor Pierre - Mon Dieu! Precisamos de vocês na ala cirúrgica!

- Então vamos! - disse decidida Elisabeth.

As cirurgias se seguiram uma após a outra, em uma sucessão de tragédias infantis. Hora após hora os médicos cirurgiões do hospital lutaram contra a morte, houve perdas, sempre havia perdas, mas também houve vitórias, muitas crianças foram salvas.

Por volta das duas da manhã as cirurgias terminaram.

Marcos ordenou a uma enfermeira que fechasse o abdômen de um garoto de treze anos que tivera uma perfuração do intestino, além de uma fratura na perna direita, mas conseguira estabilizá-lo.

- Esse foi o último doutor - disse outro enfermeiro.

- Graças a Deus - murmurou para si mesmo Marcos. Sentia-se exausto física e mentalmente. Perdera algumas vidas na mesa de cirurgia, mas salvara mais do que perdera e sentia-se satisfeito, embora por dentro uma ira o consumisse, como o ser humano era capaz de causar tamanha destruição? Pensava consigo mesmo, enquanto retirava as luvas, depois a máscara e por fim a touca cirúrgica.

Com passos lentos saiu da sala de cirurgia que estivera usando, ao ganhar o corredor visualizou Elisabeth, ela estava sentada no corredor, ao lado da porta de uma outra sala, a qual provavelmente estivera usando. Ela estava com a cabeça abaixada, apoiada nos braços e nos joelhos dobrados. Marcos sentou-se

ao seu lado emitindo um suspiro cansado, mas ela não ergueu a cabeça.

- Você está bem? - perguntou colocando gentilmente a mão no ombro dela.

- Estou - respondeu Elisabeth erguendo o rosto encarando-o.

Marcos percebeu que lágrimas escorriam pelo belo da médica inglesa, seu olhar era sofrido, como um pedido mudo de socorro.

- Ei, está tudo bem - disse puxando-a para seu lado, abraçando-a ternamente.

Elisabeth afundou o rosto no ombro dele chorando baixinho.

- Shhh, está tudo bem - murmurava acariciando os cabelos dela.

Após alguns minutos os soluços pararam, ela ergueu o rosto sorrindo de forma triste.

- Me desculpa - murmurou.

- Está tudo bem, venha, vamos para casa - disse erguendo-se e ajudando-a a se levantar, puxando-a pelas mãos.

Elisabeth o acompanhou em silêncio, enquanto caminhavam pelos corredores do hospital e depois ganhavam a rua, agora escura em razão da falta de energia por causa dos constantes bombardeiros, o observava de soslaio.

Ele ainda segurava gentilmente sua mão esquerda, sentia o calor dela e sua aspereza. A lua cheia brilhava em um céu sem nuvens, à distância era possível ver o risco produzido pelas turbinas dos aviões de caça russo que constantemente cruzavam os céus da Síria. Estranhamente, sentia-se segura ao lado dele, mesmo naquela situação adversa.

A vila onde estavam hospedados era perto, e ela desejou que fosse longe, apenas para poder caminhar calmamente ao lado dele, segurando sua mão, como dois namorados passeando em um parque em uma noite de verão.

Sentia-se atraída por Marcos, desde o dia em que o conhecera, mas ele a tratava apenas como amiga e nunca insinuara nada, mesmo ela dando alguns sutis sinais. Mas essa madrugada ela precisava tê-lo, sentia-se vazia por dentro, quando chegara ao prédio bombardeado e vira e ouvira as crianças gritando e morrendo à sua volta, as lembranças distantes de sua infância a assolaram, lembrou-se da guerra que devastara sua pátria e que levava à morte seus pais e milhares de outras vítimas inocentes.

Precisa sentir que estava viva, precisava preencher o buraco que parecia ter se formado em seu espírito, algo negro que parecia sugar toda sua energia e vontade de viver.

Ao chegarem à pequena casa entraram na sala, o local estava silencioso, os médicos que não estavam de plantão no hospital tinham se recolhido, tão exaustos quanto eles.

- Você está bem? - perguntou Marcos solícito.

- Estou, queria apenas tomar uma xícara de chá no terraço, você me acompanha? - perguntou timidamente, agradecendo pelo fato da sala estar na penumbra.

- Claro, vamos à cozinha preparar, eu bem que preciso de uma xícara de café também - respondeu sorrindo.

Era raro ele sorrir e Elisabeth se perguntava o que o teria marcado de forma tão profunda. Sentia uma tristeza nele, mas por mais que desejasse, ele nunca se abriu e ela não quisera se intrometer e forçar nada.

Prepararam dois grandes copos com café e chá instantâneo e subiram até o terraço que havia no teto da casa. Era um espaço agradável, existia algumas samambaias que teimavam em sobreviver, além de um sofá velho, algumas cadeiras e uma mesinha baixa.

Elisabeth se aproximou da beirada do terraço e bebeu um longo gole do chá, sentindo que ele a aquecia por dentro, Marcos a observava atentamente com olhar preocupado, enquanto bebericava de sua caneca de café. Era adorável ver a preocupação no olhar dele e ela sentiu um calor que emanava de entre suas pernas.

Ela se aproximou da mesinha baixa onde colocou sua caneca, Marcos a imitou após esvaziar a dele.

- É tarde, acho melhor irmos dormir - disse ele encarando-a fixamente.

- É, é tarde - respondeu com um sussurro aproximando-se dele, ficando a centímetros de seu corpo, sustentando seu olhar, e entreabrindo os lábios, como se o convidasse a beijá-la.

Precisava dele, queria senti-lo, desejava que ele a possuísse e a amasse, que a fizesse esquecer toda a tragédia que presenciara nesse dia, queria por um breve momento esquecer-se de tudo e sentir-se desejada e protegida.

- Elisabeth, eu... - começou ele.

Elizabeth com seus braços enlaçou-o pelo pescoço e o beijou com sofreguidão. Surpreso ele correspondeu ao beijo, mas a lembrança de Sthefany cruzou sua mente o que o fez afastá-la.

- Beth, eu...desculpa... - disse sem saber bem o que falar. Uma parte sua a desejava, mas a outra teimava em se recordar de Sthefany.

- O que foi Marcos? - perguntou ofendida - Não estou querendo casar com você! Eu só quero um pouco de conforto e carinho, quero esquecer essa barbaridade toda, será que você é tão frio e insensível? Não pode ao menos dar um pouco de amor?

- Eu...

- Vá para o inferno! Seu egoísta filho de uma puta! - exclamou irritada,

virando-se para sair do terraço.

Antes que desse dois passos Marcos a segurou pelo punho e a puxou contra seu peito, Elisabeth encarou-o. Ele percebeu a dor que permeava seu olhar, observou os lábios entreabertos e rubros, sentiu seu suave perfume, que conseguia se sobressair, ainda que mesclado com o odor forte de sangue, poeira e pólvora. Reconhecia para si mesmo que ela era bela e desejável.

- Que se dane - murmurou para si mesmo e beijou-a com violência, apertando o corpo esguio dela de encontro ao seu.

Elisabeth correspondeu ao beijo com sofreguidão, seus braços enlaçaram o pescoço de Marcos puxando-o ainda mais perto de si. Sentiu uma das mãos dele apertando sua cintura, enquanto a outra corria por sua costa até sua nuca onde a segurou, seu toque era forte e causou-lhe um arrepio de prazer que percorreu todo seu corpo.

Colou-se ainda mais a ele, sentindo a pressão do membro ereto pressionando sua pélvis e soltou um gemido dentro dos lábios dele.

Marcos a puxou até o sofá deitando-a de forma brusca, enquanto ele retirava a camisa de cirurgião deixando à mostra um peito musculoso, ela aproveitou para se ajeitar melhor na cama enquanto o observava. Ele deitou-se entre suas pernas entreabertas, voltando a beijá-la, suas mãos correram por sua cintura e puxaram pelo pescoço a camisa que usava, deixando à mostra seus seios, escondidos em um sutiã azul.

Ele desceu seus lábios percorrendo seu pescoço até os seios, onde mordiscou e acariciou com a língua seus mamilos por cima do tecido fino.

Elisabeth gemeu ao sentir o toque quente e úmido da língua e boca, passou suas unhas nas costas de Marcos lentamente, enquanto contorcia o corpo encaixando sua pélvis de encontro à dele. Sentiu o membro ereto por baixo do tecido da calça pressionando-a. De repente a mão direita dele que estivera apertando seu seio desceu até sua cintura e com um movimento brusco desceu sua calça até a altura dos joelhos.

Utilizando as pernas retirou a calça jogando-a com um movimento para o lado. Os lábios desceram de seus seios percorrendo seu ventre até alcançar a calcinha que usava. Elisabeth fechou os olhos que abrira para observá-lo descendo por seu corpo, e mordeu os lábios de antecipação.

Quando a língua dele começou a acariciá-la por cima do tecido fino a fez gemer alto, a fricção da boca e língua em seu clitóris a fez estremecer de prazer, que aumentou ainda mais quando ele introduziu-a por entre o tecido explorando o entorno de sua vagina, e ousadamente colocando-a na entrada úmida.

- My God^[10]! - sussurrou apertando a cabeça dele de encontro a si.

Durante minutos ele a torturou explorando-a, até que com um movimento

rápido que a surpreendeu retirou-lhe a calcinha. Elisabeth abriu os olhos observando-o a admirar. Ele curvou-se novamente acariciando-a com a língua, agora ele alternava-se a introduzindo dentro de si e brincando com seu clitóris.

A sensação era maravilhosa, ondas de prazer, como fogo se espalhando em uma campina seca, percorriam seu corpo. Ela sentia os músculos de suas coxas tremerem, sua respiração estava acelerada e sentia seus seios túrgidos por entre os dedos de Marcos, que ora os acariciavam, ora os apertavam suavemente, provocando uma sensação dolorosamente prazerosa.

Quando Marcos introduziu um dedo dentro de sua vagina, ao mesmo tempo em que acariciava seu clitóris com a língua, Elisabeth arquejou o corpo, como se houvesse levado um choque elétrico.

- God! - gritou extasiada, sentindo um orgasmo intenso que estremeceu todo seu corpo.

Marcos sentiu que os músculos internos de Elisabeth apertavam seu dedo com os espasmos do orgasmo, mas ao invés de parar, continuou a carícia, dessa vez mais lentamente, ouvindo-a murmurar palavras desconexas em inglês.

Após alguns minutos percebeu, pelo líquido que escorria de sua vagina e que, como um beduíno perdido no deserto, bebia com sofreguidão, que ela estava excitada, remexendo a cintura de encontro a sua boca e mão.

Marcos levantou-se se ajoelhando de frente para Elisabeth que o encarava com os olhos negros e profundos, como um poço escuro que escondia uma perigosa correnteza. Colocando-se entre as penas entreabertas dela posicionou seu pênis na entrada de da vagina.

Segurando firmemente as coxas dela penetrou-a lentamente, sentindo-a molhada, e ouvindo um gemido profundo que partiu dos lábios de Elisabeth que agora fechara os olhos e segurava seus antebraços, puxando-os levemente para si, como se estivesse envergonhada de pedir que ele a possuísse por completo.

Por um breve segundo a lembrança de Sthefany cruzou sua mente, mas ele a afastou e com firmeza penetrou Elisabeth até o fim, fazendo com que ela gemesse alto ao mesmo tempo em que ela lhe apertava os antebraços cravando suas unhas nele.

Marcos deitou-se sobre ela segurando-lhe as mãos acima da cabeça, seu peito esmagando os seios dela, penetrando-a com força, a cada estocada deixava-se ficar dentro dela um instante, sentindo seu calor e umidade. A vagina dela contraía-se em volta de seu pênis causando uma sensação ainda mais prazerosa.

Ele esmagou os lábios de Elisabeth em um beijo violento, que foi correspondido com igual vontade, por parte dela, que cruzara suas pernas torneadas em volta de sua cintura, prendendo-o firmemente.

- Venha, me ame - sussurrou Elisabeth em seu ouvido.

Marcos passou a penetra-la com mais força e velocidade, sua pélvis se chocando contra a dela em um som abafado. Elisabeth arranhava suas costas com força puxando-o ainda mais para si.

- Deus! - gemeu Marcos sentindo que não aguentaria mais.

- Vem, vem, ahhh vou gozar de novo - gemeu Elisabeth se contorcendo por baixo do corpo de Marcos.

Ele a estocou com força mais duas vezes e quando sentiu que ela contraía os músculos em mais um orgasmo, gozou junto com ela sentindo seu pênis expelindo um jato de sêmen no interior molhado.

Exausto deixou-se cair sobre ela, mergulhando seu rosto em seu pescoço, aspirando o perfume de seus cabelos.

Sentia-se novamente vivo, como se houvesse despertado de um longo pesadelo, logo estava mergulhando em um sono agradável.

Elisabeth ficou observando-o enquanto ele ressonava tranquilamente. Não queria se apaixonar, sabia que Marcos escondia algo de seu passado, durante a noite ele tivera um pesadelo e murmurara palavras desconexas em português, uma língua que ela não entendia, mas tinha certeza, ele dissera o nome de uma mulher.

Para Elisabeth a experiência da noite fora algo incrível, tinha vergonha de admitir, mas nunca experimentara o que sentira com Marcos, e inevitavelmente comparou suas experiências anteriores.

Capítulo XI

Sua adolescência fora tranquila, tivera um namorado com quem pensara que se casaria, até que ele a pressionou para desistir de seu sonho de ser médica.

Isso acontecera no final do "sixth form colleges" [\[11\]](#), quando então os alunos poderiam optar por um curso profissionalizante ou ingressar em uma faculdade.

Ela conhecera Loyde no início do curso, ele era loiro de cabelo lisos e com olhos azuis, praticava natação e rúgbi. Seus pais eram donos de uma rede de lojas de roupas, e tinham vínculo distante com a nobreza inglesa, o que os tornava um pouco esnobes, na opinião dela. Mas o jovem era gentil e parecia genuinamente interessado nela.

Ao final, após insistência ela aceitou seu pedido de namoro. Era um namoro convencional inglês, com ela frequentando jantares na residência dele e ele na dela. Conseguiram alguns momentos para ficarem juntos, geralmente entre as aulas e nos finais de semana.

No primeiro mês de namoro ele passara a ser um pouco mais impetuoso em seus beijos e carinhos. Elisabeth percebia o volume que a pressionava por baixo do tecido da calça dele.

A sensação era agradável e sentia a umidade entre suas pernas, mas percebia que não era um sentimento arrebatador e por isso afastava Loyde, pedindo para ele ir mais devagar.

Suas amigas contavam sobre seus encontros sexuais e Elisabeth ficava curiosa e, às vezes, até mesmo pressionada para perder a virgindade.

Sete meses depois que iniciara o namoro resolvera que cederia ao desejo de Loyde. Seus pais viajariam no fim de semana para uma reunião na sede do MSF.

No sábado seus pais se despediram de manhã, e Elisabeth ficou em casa pensando em mudar de ideia. Mas criando coragem ligou para Loyde pedindo para ele ir até sua casa na parte da tarde.

Após um almoço frugal ela subiu até seu quarto e tomou um longo banho, passou a esponja macia por seu corpo imaginando que eram as mãos de seu namorado e sentia que se excitava. Deixando a esponja de lado acariciou um dos mamilos enquanto que, com a outra mão, descia até sua vagina, usando a ponta dos dedos tocou seu clitóris e deixou escapar um gemido, a sensação era maravilhosa.

Após o banho, se olhou no grande espelho que existia na porta de seu guarda-roupa, observou o reflexo de um corpo curvilíneo, seios pequenos e arrebitados e pernas torneadas, graças às corridas matinais que fazia pelas ruas do bairro.

Escovou seus cabelos negros e lisos que chegavam quase no meio das costas e pensou se não devia cortá-los. Encarou os olhos, negros como jabuticabas, e sorriu mostrando dentes perfeitos. Poderia não ser uma “top model”, mas sabia que era bonita.

Satisfeita, vestiu um conjunto de calcinha e sutiã de cor branca, colocou por cima um vestido com estampa florida, o tecido fino se amoldou a seu corpo. Por fim passou um batom vermelho claro nos lábios e sentou-se na cama.

Aguardou ansiosa por quase uma hora até que ouviu a campainha tocar. Desceu até a sala e abriu a porta, Loyde aguardava com um sorriso no rosto. Seus cabelos loiros estavam penteados para trás, usava um jeans azul e uma camiseta preta da banda Queen.

- Olá

- Oi - respondeu Elisabeth ajeitando uma mecha do cabelo que caiu sobre os olhos.

- Você está muito bonita, não vai me convidar para entrar?

- Obrigada, claro, entra - convidou sentindo-se ainda mais ansiosa.

Entraram na sala, Loyde ficou observando o aposento simples, mas elegante. Elisabeth ficou a seu lado torcendo as mãos, sentia-se nervosa e não sabia o que fazer.

Ele percebeu e sorriu para ela tomando-a nos braços e em seguida beijando-a longamente.

Elisabeth entregou-se ao beijo, sentia que ele a apertava de encontro ao corpo, percebia o volume na calça jeans que a pressionava por cima do tecido leve do vestido. A mão esquerda dele corria por suas costas descendo até sua nádega, onde parou.

Ela continuou com os braços em volta do pescoço dele, e sentiu que ele apertava sua nádega suavemente, em seguida a mão deslizou por sua cintura e ele afastou o corpo o suficiente para que sua mão alcançasse o seio direito dela, apertando-o, primeiro suavemente e depois com força, fazendo-a gemer de dor, o que Loyde imaginou ser de prazer, pois o apertou um pouco mais forte, o que a fez se afastar.

- Vamos subir para seu quarto? - perguntou com um sorriso malicioso.

Elisabeth ficou em dúvida, começava a se arrepender da ideia de tê-lo convidado.

Sem esperar resposta ele a puxou pela mão subindo a escada até o andar

superior.

Entraram no quarto e Loyde fechou a porta atrás de si. Elisabeth encarou-o em dúvida, mas antes que dissesse algo ele a abraçou beijando-a com volúpia e a deitou na cama colocando-se por cima dela.

Elisabeth fechou os olhos tentando relaxar, sentiu que Loyde erguia seu vestido acima da cintura, ainda pressionando-a com o peso do corpo. De repente ele interrompeu o beijo e se afastou, ela ouviu então barulho de zíper sendo aberto e o som de plástico sendo rasgado. Ao abrir os olhos ele já abaixara a calça e a cueca, seu membro ereto que pulsava apontando para sua vagina, coberto por uma camisinha.

Ele a encarou com um olhar de lascívia e voltou a deitar sobre seu corpo beijando seu pescoço e os seios por cima do vestido. Enquanto a mão esquerda dele apertava suas coxas, a outra arrancou sua calcinha de forma brusca.

- Loyde - começou a dizer pensando em pedir para ele ir mais devagar.

- Shhh - respondeu e em seguida penetrou-a.

Elisabeth arquejou o corpo e gemeu de dor, a penetração fora violenta rompendo seu hímen, e sentiu que sangrava.

Loyde mergulhou o rosto em seu pescoço e passou a penetra-la de forma rápida, causando-lhe dor e desconforto. Elisabeth fechou os olhos com força para impedir que as lágrimas que se formavam em seus olhos escorressem. Não estava sendo como ela imaginara, sonhara com algo romântico e gentil, mas ele a penetrava sem se importar se ela estava sentindo prazer.

De repente ele aumentou o ritmo, com uma arremetida final gemeu alto, deixando seu peso cair sobre ela.

Após alguns minutos ele ergueu o rosto encarando-a.

- Foi bom? - perguntou.

- Foi - murmurou respondendo. Pensara em dizer que odiara, mas isso o magoaria e resolvera mentir.

Elisabeth após o encontro pensara em terminar o namoro, não sentira o prazer que suas amigas diziam sentir, será que a culpa fora dela? Teria sido inepta? Quando seus pais voltaram de viagem, aproveitara um dia em que estava apenas ela e sua mãe e resolvera contar o que acontecera e sobre suas dúvidas.

Sua mãe, que sempre a ouvira e aconselhara, e era sua primeira amiga e confidente meditou um pouco antes de responder.

- Beth, querida, a culpa não é sua, e sim da falta de carinho dele, ele agiu pensando apenas no próprio prazer e isso infelizmente não é uma exceção. Você tem que se conhecer e a seu corpo, e na próxima vez o oriente para que ambos tenham prazer.

Ela acatou o conselho materno, e nas vezes subsequentes, tentara guiar

Loyde, mostrando o que lhe dava prazer, ele se esforçava e seguia as orientações, o que lhe dava certo prazer, mas antes que ela atingisse o clímax ele se deixava de atendê-la e buscava saciar seu prazer, caindo logo em seguida para o lado e em minutos estava dormindo.

Elisabeth ficava deitada olhando para o teto frustrada, gostaria de atingir o clímax, mas ele era egoísta demais, não que ela nunca houvesse experimentado, aprendera a se tocar e gozava sempre que se masturbava, mas queria sentir aquela sensação deliciosa com seu namorado.

Gostava de Loyde e por isso não terminara o namoro, apesar de não satisfazê-la plenamente, suas outras virtudes compensavam e assim ele continuou com o namoro.

Loyde dizia que após concluírem os estudos poderiam se casar. Elisabeth imaginava como conciliaria estudo com casamento, mas a ideia não a desagradava de todo e até aceitara uma aliança de compromisso que ele lhe presenteara em um jantar.

Faltando um mês para completar os estudos avisara Loyde que entraria na faculdade de medicina, mas ele não aceitou bem sua decisão.

- Para que faculdade? Vamos nos casar depois que nos formarmos, eu vou ajudar meu pai com os negócios da família e você não precisará trabalhar – argumentou ele.

- O que você quer dizer com isso? Vou ficar em casa sem fazer nada? – perguntou indignada.

- Você vai ficar com minha mãe, ela vai te levar para conhecer a sociedade – tentou argumentar com voz suave, ao perceber a irritação dela.

- Não Loyde, eu quero ser médica, quero ser cirurgiã cardíaca!

- Mas as mulheres de nossa família não trabalham fora.

- Então talvez devêssemos avaliar nosso relacionamento – afirmou encarando-o seriamente.

Elisabeth gostava dele, fora com ele que perdera sua virgindade, ele poderia não ser um amante experiente, mas ela acreditava que com o tempo iriam se entrosar como casal. Ele era bonito, espirituoso e inteligente, mas aquele lado machista ela nunca percebera.

- Beth, eu te amo, quero casar com você, mas não quero que você vá para a faculdade – disse decidido.

- Então talvez seja melhor terminarmos por aqui – decidiu Elisabeth retirando a aliança que ele lhe presenteara, devolvendo-a.

- Por favor, Beth – tentou Loyde indeciso enquanto pegava o anel.

- Não Loyde, serei médica e mais, vou me voluntariar nos Médicos Sem Fronteiras, assim que me formar, queria você ao meu lado, mas se você não quer

não sou eu quem vai insistir.

- Então esse é o fim? – perguntou Loyde com olhar triste.

- Sim.

- Adeus – despediu-se virando as costas e indo embora.

Elisabeth ficou observando-o partir, pensara que se sentiria arrasada, mas pelo contrário, estava sim, um pouco chateada, mas também aliviada, talvez fosse melhor, afinal percebera que nunca o amara.

Durante a faculdade de medicina saíra com alguns colegas, uma vez chegara até mesmo a ter relações sexuais com um, mas não conseguira sentir um orgasmo. Não que o desconhecesse, às vezes ela explorava o próprio corpo para se conhecer e aprendera a se dar prazer.

Mas nada fora tão intenso como o que experimentara naquela noite com Marcos, sentira e pensara coisas que nunca imaginara ser capaz.

Marcos resmungou em seu sonho e ela o abraçou acariciando seu rosto, logo estava dormindo também.

Capítulo XII

Sthefany desembarcou 10h:50min no aeroporto do Galeão e se hospedou em um hotel nas proximidades. Ao entrar no quarto ligou para Bruno avisando que chegara.

Ele disse que logo estaria no hotel e enquanto isso Sthefany pediu suco e croissant, apesar de ter tomado café em casa sentia-se faminta novamente.

Apesar da violência que sofrera na mão de Bert, seu bebê estava bem, garantira sua obstetra que procurara no dia seguinte ao ocorrido. Ela pensara em contar o que ocorrera para Bruno, mas decidira que era melhor guardar para si o que acontecera, afinal não queria prejudicar o policial que se mostrara um excelente amigo e sabia que seu pai tinha contatos inclusive na polícia carioca.

Quase uma hora depois Bruno foi anunciado na portaria. Sthefany desceu e o encontrou, o policial usava calça jeans e uma camiseta preta larga, mas ela percebeu o volume da coronha de uma arma.

-Bruno, obrigada por tudo - disse Sthefany cumprimentando-o com um beijo no rosto.

- Imagina, Marcos era meu amigo - afirmou.

Foram até o estacionamento e entraram em um veículo preto com vidros escuros. Bruno explicou que era uma viatura descaracterizada, enquanto tirava a arma da cintura e colocava embaixo da coxa esquerda.

A viagem até a baixada fluminense durou quase duas horas com o trânsito intenso da cidade carioca.

Durante o percurso Bruno tentou distraí-la contando alguns casos policiais engraçados, mas Sthefany estava tensa com o que poderia descobrir e o policial percebeu.

- Essa enfermeira, pelo que apurei ela comprou uma casa à vista, além de um carro popular. Uma prima dela mora no bairro e foi quem auxiliou na compra - explicou.

- Tenho medo do que vou descobrir - disse torcendo as mãos.

- Olha, pelo que eu vi ela é uma baranga - disse rindo com gosto - Marcos quando esteve aqui no Rio dispensou um mulherão que eu apresentei.

- Eu sei que ele não a assediou - disse Sthefany sentindo o coração aquecido com a menção da fidelidade de Marcos, ainda que na época estivessem com a relação estremecida - Tenho medo de descobrir quem está por trás disso.

Bruno ficou em silêncio, ele tinha suas suspeitas. Olhou-a de soslaio por

trás dos óculos escuro que usava. Ela era uma bela mulher, além de inteligente e simpática, entendia porque Marcos se apaixonara por ela.

Ele virou em uma rua e seguiu por vários metros até que estacionou debaixo da sombra de uma árvore.

- Chegamos, é aquela casa rosa do outro lado da rua - disse desligando o veículo.

- Estou pronta - disse Sthefany preparando-se mentalmente para confrontar a enfermeira.

- Vamos lá - disse Bruno colocando a arma na cintura e abrindo a porta do motorista.

Sthefany o seguiu e logo estavam defrontes a um portão de grade. Bruno apertou a campainha, depois de um minuto Naiara Gomes saiu na porta.

- Pois não?

- Dona Naiara, polícia - disse Bruno mostrando o distintivo que retirou do bolso da calça.

- Polícia? - perguntou gaguejando.

- Sim, a senhora tem um minuto?

- Eu...claro, entre - disse Naiara se aproximando do portão abrindo-o.

Bruno entrou e Sthefany que estava ao lado do batente do portão entrou junto.

- Olá Naiara - cumprimentou a jovem.

A enfermeira empalideceu ao encarar Sthefany.

- Eu, o que significa isso...quero que saiam de minha casa - afirmou.

- Se sairmos vai ser direto pra delegacia, você escolhe - rosnou Bruno.

Sem alternativa Naiara os convidou para entrar na pequena sala, sentando-se com ar infeliz no sofá.

- Temos algumas perguntas pra te fazer - começou Bruno.

- Naiara, você sabe quem eu sou, não é? Chegamos a trabalhar juntas...

- Sim, Doutora Sthefany - cortou Naiara - Trabalhei no hospital de seu pai.

- Por que você acusou Marcos de assédio sexual? - perguntou de forma direta - E não pense que eu acredito nisso por um único segundo sequer.

- Não sei do que você está falando - murmurou.

- Porra! Vou ter que te arrastar pra delegacia? Eu tenho amigos em São Paulo, já tenho tua capivara, você é viciada em morfina, furtou do hospital que trabalhou e foi demitida, não deram queixa, mas guardaram as provas e a obrigaram a acusar o doutor Marcos, isso tem um nome falsa comunicação falsa de crime! - exclamou Bruno curvando-se em direção a uma assustada Naiara.

Sthefany observou em silêncio, a enfermeira estava apavorada.

- Pensa que eu não sei que você ganhou uma grana pra fazer isso? Que

você usou esse dinheiro pra comprar a casa? É melhor tu abrir o bico, dona – rosnou Bruno.

- Não quero te prejudicar Naiara, apenas me diga quem a mandou fazer a denúncia - disse Sthefany com voz apaziguadora.

- Foi o diretor do hospital - sussurrou escondendo o rosto entre as mãos - Mas seu pai estava na sala, eles mostraram as provas que tinham contra mim, mas prometeram não me denunciar se e fizesse a acusação, em troca ainda me pagariam uma grande quantia em dinheiro - respondeu aflita - Eu não queria prejudicá-lo, acredite.

Sthefany sentiu-se desolada, ela já imaginava que seu pai estava envolvido, mas não queria acreditar, ainda tinha esperanças de que ele fosse inocente.

- Já ouvi tudo que precisava, vamos embora, por favor - pediu Sthefany encarando Bruno.

- Vamos – disse lançando um olhar frio para Naiara.

- Sinto muito – sussurrou a mulher com ar arrependido.

Saíram da casa e dirigiram de volta ao hotel onde Sthefany estava hospedada.

- O que você pretende fazer – perguntou Bruno enquanto dirigia.

- Vou descobrir tudo, armaram para o Marcos, na verdade meu pai armou! – exclamou irritada desferindo um tapa no console do veículo.

- Olha, não posso prometer nada, mas tenho alguns contatos em São Paulo e sempre consigo algumas folgas, vou tentar descobrir o que realmente aconteceu com o Marcos – prometeu Bruno apertando a mão de Sthefany, enquanto mantinha a outra no volante.

- Obrigada, não sei nem como agradecer – murmurou deixando as lágrimas escorrerem mansas pelo rosto.

- Ei, não precisa agradecer, Marcos salvou a vida de um parceiro meu quando estive aqui no Rio – disse Bruno sorrindo – É o mínimo que posso fazer por ele.

Bruno a deixou no hotel, depois de comer um almoço tardio se dirigiu ao aeroporto onde embarcaria em um avião com destino a cidade de São Paulo.

Enquanto aguardava o horário de seu voo Sthefany observava o mar da janela da “sala vip” do aeroporto.

Marcos adorava o mar, pensou consigo mesma, quando o irmão dele fora morto eles tinham combinado de passar um final de semana na praia.

A viagem fora adiada, mas quando estavam noivos ele lhe fizera uma surpresa.

Ele lhe telefonara durante a noite avisando que no dia seguinte

consequira uma folga no hospital público no qual trabalhava e queria levá-la para passear na praia.

Às quatro da manhã Sthefany estava pronta, carregava apenas duas mudas de roupa e um biquíni minúsculo vermelho, ela sorria ao imaginar a fisionomia de Marcos ao vê-la naquele traje mínimo.

Quando ele telefonou avisando que estava na porta do condomínio ela correu até ele.

Em um veículo alugado viajaram até a cidade de Ubatuba, no litoral norte do Estado de São Paulo. Chegaram com os primeiros raios de sol.

Marcos fizera uma reserva em uma pequena pousada encravada entre a montanha e o mar. Após tomarem o café da manhã subiram para o quarto.

Sthefany se desnudou e sob o olhar de desejo de Marcos vestiu lentamente o minúsculo biquíni.

- O que você acha? - perguntou virando-se para ele e sorrindo ao ver o volume que se formara na bermuda dele.

- Você pode ser presa por atentado ao pudor com esse traje - respondeu Marcos se aproximando e tomando-a nos braços, beijando-a com sofreguidão, enquanto suas mãos fortes percorriam seu corpo arrepiando sua pele e fazendo com que ela se excitasse.

- Abaixa o fogo gatão - disse rindo e escapuliu dos braços dele - Vamos para a praia.

Com um sorriso maroto ela vestira uma saída de praia branca com bordados e colocara as sandálias.

Marcos trajava uma bermuda verde e camiseta vermelha. Ele pegou a sacola de renda onde ela guardara toalhas e protetor solar e a acompanhou para fora do quarto.

A manhã estava ensolarada, e o dia prometia ser quente. Saíram da pousada, o gerente, um simpático senhor indicou uma praia deserta, bastava apenas atravessar uma trilha de mata atlântica que separava uma praia da outra.

Caminharam felizes de mãos dadas e logo estavam subindo pela trilha da qual podiam avistar as ondas se chocando contra as formações rochosas.

Sthefany vira uma pequena trilha que descia até as rochas e sorrindo puxou Marcos pelas mãos.

- Sthefany, pode ser perigoso - afirmou Marcos indeciso.

- Assim é mais excitante - respondera com um sorriso sensual.

Desceram a minúscula trilha e chegaram a um afloramento rochoso onde as ondas se chocavam com estrondo espalhando sua espuma para todos os lados.

- Venha - disse puxando-o pela mão ao avistar uma rocha larga o suficiente a uma distância segura da arrebentação.

Ela se encostara na pedra e após retirar a saída de praia lentamente se despira do minúsculo biquíni de uma forma sensual e provocativa. Marcos a observara extasiado de desejo, mas como não se movera ela o puxara para junto de si retirando-lhe a camiseta.

- O que você está fazendo? - perguntou sorrindo, mas olhando em volta preocupado.

- Shhh, você se preocupa demais meu amor - respondera ao mesmo tempo em que se ajoelhava e abaixava a bermuda e cueca dele.

- Sthefany... - murmurou com voz rouca.

Em vez de responder ela segurara a base do pênis dele já ereto e delicadamente passou a língua nele, fazendo-o se contorcer.

- Deus... - murmurara Marcos quando ela colocara o membro na boca sugando-o com vontade enquanto com uma mão o segurava pela base e com a outra massageava seu escroto.

Quando sentiu que ele estava próximo do orgasmo ela se levantou e o virou deitando-o na pedra, em seguida montou-o.

Com um gemido de prazer sentiu o membro dele penetrando-a totalmente.

- Gostoso... - murmurou começando a rebolar sobre ele.

Marcos lhe segurara a cintura com ambas as mãos, como se quisesse impedi-la de desfazer o contato, às vezes ele usava uma das mãos para apertar seus seios ou friccionar seus mamilos com a ponta dos dedos.

Sthefany aumentara o ritmo, sua respiração estava entrecortada e a excitação fazia com que sua vulva doesse de uma forma incrivelmente prazerosa.

O som do mar, o perigo do local, uma vez que podiam ser vistos a qualquer momento, o olhar de desejo de Marcos, tudo fazia com que o desejo ardesse em seu corpo, como um vulcão prestes a entrar em erupção.

Quando Marcos a tocara no clitóris massageando-o, ela não resistira e com um grito de prazer sentiu que explodia em um gozo profundo, seus músculos internos apertando vigorosamente o membro duro que a penetrava cada vez mais rápido, com a ajuda das mãos dele que a erguia e a puxava de volta, fazendo suas pélvis se chocarem com força.

- Ahhhhh! Me fode! - gritou ensandecida, sem se importar em ser ouvida.

Ele a penetrara com força mais algumas vezes e quando ela sentira seu pênis ejaculando fundo ela não resistiu e gozou novamente, seus músculos tremendo incontrolavelmente enquanto onda após onda de prazer se espalhava por todo seu corpo.

Ficaram naquele local por mais duas horas e depois visitaram a praia. Fora um dia maravilhoso e ao final dele voltaram para São Paulo.

Como ela fora feliz, pensou consigo mesma, enquanto embarcava no avião, mas jogara fora a felicidade. Ao menos ela faria de tudo para provar a inocência dele.

Capítulo XIII

Na Síria a situação não era fácil para os médicos voluntários, uma ofensiva de combatentes do Estado Islâmico avançava pela cidade destruída. Agora os insurgentes estavam encurralados entre duas forças: o EI^[12] e o exército Sírio.

Marcos agora tinha outra preocupação além de seus pacientes, temia pela vida de Elisabeth e tentara convencê-la a sair de Aleppo, mas ela fora intransigente.

- Adoro sua preocupação, mas sou tão voluntária como você - afirmou Elisabeth encerrando a discussão.

Os combates se tornaram mais violentos, com lutas de casa a casa, mas os rebeldes estavam conseguindo conter seus adversários.

Fora duas semanas infernais no hospital com a chegada constante de feridos nos combates. Nos primeiros dias Marcos os operara, mas o número de mortos durante as cirurgias aumentaram.

- Eles precisam de atendimento no local! Não podem esperar tanto tempo - afirmou irritado para Le Clerk enquanto tomavam um café ralo na cozinha do hospital, na companhia de Elisabeth e outros médicos.

Le Clerk levava seus mercenários para apoiar os rebeldes quando os soldados do EI se aproximaram perigosamente do bairro onde o hospital se localizava.

- Não temos médicos na linha de frente, somente enfermeiros mal treinados - respondeu o francês.

- Então eu vou com você - decidiu Marcos.

- Não posso garantir sua segurança - disse Le Clerk encarando-o fixamente.

- Não estou pedindo - respondeu Marcos.

- Marcos! - exclamou Elisabeth - É perigoso!

- Quando partimos? - perguntou Marcos ignorando o comentário da médica inglesa.

- Dentro de duas horas - afirmou Le Clerk.

- Ótimo, vou preparar alguns equipamentos - respondeu saindo da cozinha.

Marcos se dirigiu ao depósito do hospital, após se identificar ao segurança que guardava o local explicando que iria para a linha de frente, entrou e pegou

uma mochila que começou a encher com gases, talas, seringas, morfina e os poucos medicamentos e kits de primeiro socorros que conseguiu encontrar.

Ao sair do depósito Elisabeth o esperava.

- Você está louco? - perguntou - Você pode morrer!

- Eles também! Estão chegando mais mortos do que vivos, se eu atendê-los no local as chances serão maiores.

- Eu vou com você!

- Não! É perigoso!

- Não estou pedindo sua autorização - respondeu com um sorriso Elisabeth entrando no depósito para pegar suprimentos.

Marcos a observou pegando os suprimentos, tinha que admitir ela era corajosa, embora não fosse tão impetuosa quanto Sthefany ela tinha a mesma determinação. Desde o ocorrido no terraço dias antes haviam se tornado amantes, embora ainda dormissem em quartos separados costumavam se encontrar no terraço sempre que seus horários coincidiam.

Duas horas depois estavam sacolejando no banco traseiro de um jipe aberto, tendo como piloto o próprio Le Clerk e ao lado dele um mercenário armado de fuzil. O francês os obrigara a colocarem colete balístico e capacetes, mas os proibira de colocar o símbolo da cruz vermelha.

- Os franco-atiradores do EI os usariam como alvos – explicou Le Clerk.

Após quase uma hora sacolejando pelas ruas esburacadas estacionaram no meio-fio de uma calçada.

- Daqui em diante é só a pé – ordenou Le Clerk saindo do veículo e fazendo sinal para que o caminhão e os outros veículos que conduziam soldados estacionassem.

Marcos olhou em volta, após descer e ajeitar a mochila de suprimentos nas costas, havia uma sucessão de prédios de apartamentos semidestruídos. O som de disparos de armas automáticas era ouvido de tempos em tempos em lamentosas rajadas.

Elisabeth colocou-se ao lado dele, carregando a mochila com os suprimentos médicos, que Marcos gentilmente pegou e colocou em seu ombro.

- Obrigada – sussurrou ela apertando sua mão discretamente.

- Por aqui – ordenou Le Clerk fazendo um sinal para seus soldados, cerca de sessenta mercenários, todos utilizando coletes balísticos e capacetes de metal e portando fuzis à tiracolo e pistolas nos coldres pendurados na cintura.

Caminharam por meio dos escombros por quase uma hora, finalmente começaram a avistar soldados dos insurgentes espalhados em meio aos destroços do que já foram casas e lojas. Uma larga avenida estava bloqueada com destroços e carros incendiados e corria paralelamente às posições dos

insurgentes.

- Vocês dois, ali naquele aposento é o hospital de campanha – apontou Le Clerk para uma casa semidestruída metros atrás da linha de frente – Não saiam de lá sem ordem, quando possível os padioleiros vão levar os feridos para os veículos para serem encaminhados ao hospital.

Marcos concordou meneando a cabeça e segurando a mão de Elisabeth caminhou até o local. Se fora uma casa ou loja era difícil distinguir, sobrara apenas um chão coberto de piso, e quatro paredes que ainda se sustentavam, o que sobrara do teto era apenas um conjunto de madeiras e telhas que não impediriam a entrada dos raios de sol ou de chuva.

Estendido no chão diversas mantas sujas de sangue, cerca de cinco homens estavam deitados em algumas delas. Dois rapazes olhavam os médicos com fisionomia assustada. Um voluntário, um homem branco de cerca de trinta anos se apresentou, era americano e tinha conhecimentos em primeiro socorros, por isso atuava como enfermeiro.

- Graças a Deus vocês vieram – disse o homem – Meu nome é Baltazar.

Os médicos se apresentaram e logo estavam curvados sobre os homens, todos eram jovens, todos com ferimentos produzidos por arma de fogo. Três deles tinham ferimentos relativamente leves, os projéteis haviam atravessado o corpo sem atingir órgãos vitais.

Dois deles eram mais graves, um tinha um projétil alojado na cabeça e outro no peito.

- Vamos tentar estabilizá-los – decidiu Marcos.

Trabalharam em conjunto, primeiro no homem com o ferimento na cabeça o qual limparam e examinaram.

- O projétil está muito fundo, vai ter que operar – determinou Marcos.

- Vou preparar o transporte – respondeu o enfermeiro.

Examinaram então o homem com o ferimento no peito.

- Ele está com hemorragia, vamos ter que operar agora – decidiu Marcos.

- Vou preparar o material – respondeu Elisabeth.

Ela estendeu em uma toalha limpa os bisturis, afastadores e linhas cirúrgicas, em seguida limparam o peito com uma solução líquida e aplicaram soro no braço do ferido, um homem barbado de cerca de vinte e cinco anos.

Com movimentos firmes Marcos fez uma incisão no local por onde o projétil entrara, no lado direito do tórax, enquanto Elisabeth o auxiliava enxugando o sangue que começou a escorrer. Nesse momento o som de uma forte explosão foi ouvida, seguida de disparos contínuos de arma de fogo.

Elisabeth encarou Marcos com o olhar assustado, ele devolveu o olhar e sorriu por baixo da máscara cirúrgica tentando passar confiança.

- Está tudo bem, apenas concentre-se no paciente – murmurou e voltou a atenção para o corte.

Após examinar localizou o projétil perto de uma costela, utilizando uma pinça ele conseguiu extraí-lo.

- Ele teve sorte, o projétil desviou no tórax e foi se alojar na costela sem perfurar o pulmão – disse enquanto deixava cair o projétil em uma pequena bacia de metal.

Rapidamente esterilização o ferimento e o costuraram, o tiroteio se tornara mais intenso com o som seguido de explosões e gritos.

- Docteur!^[13] – uma voz gritou em francês.

Marcos se aproximou de uma das paredes, deixando Elisabeth ao lado do ferido e observou, cerca de vinte metros adiante um soldado da tropa de Le Clerk gritava por socorro segurando uma perna ferida.

- Fique aqui! – ordenou Marcos para Elisabeth que se colocara ao seu lado.

- Marcos! – protestou ela, mas era tarde.

Com um impulso Marcos se lançou à frente, mantendo-se sempre agachado e tentando se esconder entre os escombros dos prédios destruídos, até que conseguiu alcançar o ferido, ele estendeu a mão e o puxou pelo colete balístico, ao mesmo tempo em que projéteis explodiam logo acima de sua cabeça, no pedaço de parede no qual ele se escondia.

Com dificuldade Marcos arrastou-o até o hospital improvisado e logo, com a ajuda de Elisabeth estava cortando a calça dele. Após limparem o ferimento, perceberam que um projétil rompera a veia safena magna, se ele não fosse tratado sangraria até a morte.

- Rápido, um torniquete – ordenou Elisabeth enquanto com uma pinça tentava suturar a veia, enquanto o sangue praticamente esguichava, em meio aos gritos do ferido.

Marcos rapidamente fez um torniquete, os gritos do ferido se tornaram mais altos, como se uivasse de dor.

- Soldat, calme, supporte la douleur!^[14] – rosnou Marcos segurando com força o rosto do soldado fazendo-o encarar fixamente - Tu comprends?^[15]

O soldado engoliu o grito e encarou Marcos com olhar assustado meneando com a cabeça.

- Très bien^[16] – murmurou Marcos e sorriu, enquanto o francês segurava sua mão com força.

- Pronto, consegui – avisou Elisabeth.

- Ele precisa de transfusão de sangue urgente – afirmou Marcos

observando a palidez da paciente – Acabou de desmaiar.

- Não temos ninguém em condição agora – disse Elisabeth abaixando-se após ouvir o som de uma explosão abafada perto da entrada do local onde estavam, seguida de uma nuvem de poeira que se ergue.

Marcos olhou em volta o tiroteio continuava, o enfermeiro e os dois padioleiros ainda não retornaram com o paciente que levaram para os veículos.

- Merda – decidiu erguendo a manga da gandola que usava – Prepare a transfusão.

Elisabeth o encarou por um momento, indecisa, mas ao perceber o olhar de determinação de Marcos rapidamente preparou o equipamento necessário, após esterilizar os braços de ambos, fez a punção em suas veias dos braços e iniciou a transfusão. Quando considerou que era o suficiente encerrou.

- Já basta – disse retirando as agulhas e colocando um esparadrapo no braço do ferido e de Marcos.

Nesse momento o enfermeiro retornou com os padioleiros e efetuaram e levaram o ferido para os veículos. Marcos tentou se levantar, mas percebeu que estava um pouco zozinho.

- Tome – disse Elisabeth estendendo uma barra de chocolate – Você é louco sabia? Como pode sair no meio do tiroteio?

- Não tinha opção, ele iria morrer sangrando – respondeu comendo um pedaço do chocolate.

Elisabeth olhou em volta, o tiroteio cessara sem ela perceber. Encarou novamente Marcos, ele se arriscara muito para resgatar o ferido, ao vê-lo se esgueirando em meio aos disparos de arma de fogo ela ficara desesperada, temendo que ele fosse atingido, por um momento chegou a imaginá-lo estendido no solo, morto por um disparo, tal pensamento quase a enlouquecera, mas ele conseguir resgatar o ferido e voltar são e salvo.

- Não faça mais isso, por favor – murmurou se aproximando e sentando-se ao lado de Marcos.

- Não é algo que eu queira fazer toda hora – brincou Marcos.

- Estou falando sério, pensar que você poderia estar ferido ou morto é algo que eu não consigo conceber, eu não suportaria isso – sussurrou abaixando o rosto.

- Ei, está tudo bem, prometo não me arriscar tanto – respondeu Marcos e beijou-a rapidamente nos lábios.

- E então pombinhos, gostaram de ver a ação de perto? – perguntou Le Clerk que entrara no aposento destruído, carregando a tiracolo um fuzil.

- Deu pro gasto – respondeu rindo Marcos.

- Me contaram seu ato de coragem, muito obrigado – afirmou Le Clerk

agora sem sorrir.

- É pra isso que estamos aqui – respondeu Marcos segurando a mão de Elisabeth entre a sua.

- Ao menos conseguimos repelir o ataque do EI, pela quantidade de baixas acredito que vão demorar um pouco para retomar o ataque.

Durante seis dias Marcos e Elisabeth ficaram na linha de frente, atenderam inúmeros feridos, mas o EI fora repelido em todas as ocasiões até que se retiraram.

Na manhã do sétimo dia retornaram para o hospital.

Capítulo XIV

Ao retornarem para o hospital o diretor Pierre os presenteou com uma licença de uma semana. Marcos pensara em recusar, mas Elisabeth fora categórica, eles iriam até Londres conhecer a família dela.

Mal tiveram tempo de arrumarem os poucos pertences que possuíam e logo estavam em um caminhão com destino a Damasco e de lá pegariam carona com um avião cargueiro que desceria em Paris, onde fariam conexão em um voo para Londres.

A viagem para a Inglaterra fora tranquila e eles desembarcaram no aeroporto Heathrow. Ao entrarem no saguão, Elisabeth soltou um gritinho e correu.

Uma mulher de meia idade, trajando um elegante conjunto de calça e blusa a abraçou com força, ao lado dela um homem trajando um blazer de verão azul, com cabelos grisalhos e sorriso simpático observava. Depois que se separaram ela abraçou Elisabeth beijando-a no rosto.

- Minha filha! - disse com voz embargada.

- Pai, Mãe, este é o Marcos - disse apresentando-o aos pais - Marcos, este é meu pai Brian e minha mãe Catherine.

- Marcos, muito prazer, minha filha fala muito de você nas mensagens que manda - disse Catherine.

- Mãe! - exclamou Elisabeth corando de constrangimento.

- Venham, Marcos irá se hospedar conosco é claro - afirmou Brian.

- Eu não quero incomodar senhor - disse Marcos constrangido, pensara em se hospedar em um hotel, mas Elisabeth não permitira.

- Imagina, não é incomodo nenhum, você pode ficar no quarto com Elisabeth, vocês terão total privacidade - disse Catherine com um sorriso maroto.

- Mãe! - exclamou novamente constrangida Elisabeth.

Tomaram um táxi até a residência dos Cluther no subúrbio londrino. A casa era bonita, com um pequeno jardim na frente.

- Bem vinda de volta - disse Brian enquanto abria a porta

- E você sinta-se em casa - afirmou Catherine para Marcos.

- Obrigado senhora - respondeu Marcos com um sorriso.

- Agora Elisabeth leve e acomode Marcos enquanto preparamos o jantar - ordenou a senhora Cluther.

- Venha Marcos - disse a jovem puxando-o pela mão enquanto ele

carregava a mala com a outra.

Subiram até o segundo andar e entraram em um quarto, Elisabeth trancou a porta enquanto Marcos observava o local, uma cama de solteiro estava próxima a janela. Alguns pôsteres de bandas estavam pendurados, entre eles do Queen e do U2, outra porta dava para um banheiro.

- Esse é meu quarto - disse Elisabeth mostrando-o com um gesto do braço.

- Bonito - respondeu Marcos ainda constrangido.

- Ei, não se preocupe, meus pais são modernos - afirmou Elisabeth com um sorriso maroto enquanto se aproximava e passava os braços em volta do pescoço de Marcos, colando seu corpo ao dele.

- Elisabeth...

- Shhh, me beija - ordenou ela.

Marcos atendeu o pedido e beijaram-se longamente. Elisabeth caminhou andando para trás em direção à cama, deitando-se e puxando-o junto. Estavam sem se amar desde que partiram para a linha de frente em Aleppo, e ela o desejava com todo ardor.

Mesmo durante a semana infernal, ela o desejara, embora não pudessem fazer sexo, sempre que o combate estava calmo, durante a noite, sentavam em meio aos escombros, ao lado do hospital improvisado e namoravam.

Trocavam longos beijos, como um casal de adolescentes inexperientes, em uma noite Marcos fora um pouco mais ousado e enfiara a mão esquerda por dentro de sua gandola apalpando seus seios por cima de seu sutiã.

Apesar de a higiene ser precária naquele local, ela fervia água todas as noites e com a ajuda de tecidos limpos, limpava o corpo e as partes íntimas, por isso não impedira Marcos quando sua mão direita se introduzira por dentro de sua calça tática, após ele desabotoar o cinto e abrir o botão e o zíper.

Com delicadeza os dedos dele acariciaram seus grandes lábios e seu clitóris, fazendo-a suspirar de prazer em seus lábios, já que ele continuava beijando-a, após minutos dessa deliciosa tortura, ela sentiu os dedos brincarem em seus grandes lábios e então, lentamente, o dedo médio se introduziu em seu interior encharcado.

Elisabeth mordeu os lábios de Marcos para impedir que soltasse um gemido alto que viesse a acordar os soldados e feridos que dormiam em meio aos escombros, haviam sentinelas postadas em todas as direções.

Marcos lhe sorria e continuara beijando-a, enquanto que com a mão esquerda acariciava seus mamilos e com a direita movimentava seu dedo em seu interior, fazendo-a arrepiar a pele e murmurar palavras desconexas em inglês e em português, uma língua que ele vinha lhe ensinando.

Até que ela não suportou e apertou-o de encontro a si com mais força,

enquanto mordia lhe o ombro por cima da gandola para evitar o grito de prazer que sentia se formando em seu íntimo enquanto um gozo prolongado fazia seus músculos tremerem incontrolavelmente.

Por um minutos ficaram em silêncio, ele com um sorriso nos lábios, ela tentando recuperar a respiração. Elisabeth sorriu e o beijou longamente, embora sua vontade fosse acariciar o membro ereto dele que se avolumava na calça e depois beijá-lo para lhe proporcionar o mesmo prazer que sentira.

Ela se sentira retraída e envergonhada com os próprios pensamentos e desejos quando ele guiou sua mão até o volume que sobressaía sobre a calça e afastara a mão, mas Marcos fora atencioso, carinhoso e não insistira e logo retornaram para o aposento improvisado que servia como hospital onde passaram a noite deitados em um canto, abraços um ao outro, prontos para se levantarem ao primeiro sinal de ataque.

Agora, dias depois, o que ela mais desejava era senti-lo por inteiro. Por isso levantou a camisa dele fazendo-a passar pelo pescoço.

Ele a encarou surpreso, mas Elisabeth sorriu de forma matreira e desabotoou o cinto da calça dele.

- Seus pais estão lá embaixo - sussurrou constrangido.

- Não me importa, quero você - respondeu com um murmúrio e em seguida retirou a blusa vermelha que usava deixando à mostra os seios, protegidos por um sutiã preto.

- Você é louca - respondeu com um meio sorriso enquanto se erguia e retirava a calça, não sem antes sentir uma dor atravessar seu coração, àquelas situações arriscadas foram as preferidas de Sthefany quando estavam juntos, mas ele afastou esse pensamento e se concentrou em Elisabeth.

Lentamente ele desceu seus lábios pelo pescoço dela e se concentrou em seus seios, ainda protegidos pelo sutiã, após beija-los por um tempo por cima do tecido ele o retirou deixando a mostra os mamilos turgidos e rosados.

Ele mordiscou um e depois o outro, então abocanhou um dos seios enquanto o apertava com uma das mãos. A outra se concentrou no outro seio acariciando o mamilo com as pontas dos dedos, friccionando-os levemente.

Elisabeth arfou e gemeu apertando sua cabeça de encontro aos seios, satisfeito com a reação Marcos desceu lentamente passando a ponta da língua pelo ventre macio dela. Ao alcançar a calça jeans que ela vestia ele a retirou depois de desabotoa-la quando aproveitou para retirar sua própria calça, ficando apenas de cuecas, seu membro estufando o tecido.

Ela sentou-se rapidamente na cama e segurou-o pela cintura, seu desejo a tornara impetuosa e com ousadia abaixou a cueca de Marcos, observando com prazer a ereção dele. O pênis parecia pulsar em um ritmo próprio, ela o segurou

com a mão e passou a movimenta-lo lentamente, para frente e para trás, com satisfação percebeu que Marcos fechara os olhos e soltara um suspiro.

Ela então se curvou e o abocanhou, passando então a movimenta-lo em sua boca com a ajuda da mão. Marcos gemeu e segurou levemente sua cabeça com ambas as mãos.

Elisabeth enquanto movimentava o membro na boca, pensou consigo mesma, que aquela era a primeira vez que praticava sexo oral em um parceiro, nunca tivera interesse e sempre rejeitara os pedidos e tentativas desajeitadas de seus antigos parceiros. Mas com Marcos era diferente, ela que sempre fora recatada e tímida em matéria de sexo, até mesmo tradicional, com ele sentia desejo de experimentar novas sensações e posições.

Após alguns minutos nessa carícia ela percebeu que o pênis começara a soltar o líquido pré-ejaculatório, por um momento pensou em continuar a carícia até que ele ejaculasse, mas sua natural timidez a fez soltá-lo.

Deitou-se então novamente na cama. Marcos abriu os olhos encarando-a com um olhar cheio de desejo. Ele curvou-se sobre ela encaixando-se entre suas pernas.

Elisabeth sentiu o membro ereto roçar a entrada de sua vulva e um arrepio percorreu seu corpo, sentia-se encharcada por dentro e o desejava por inteiro dentro de si.

- Venha, me ame - sussurrou puxando-o pelos ombros.

Marcos penetrou-a lentamente, sentindo a quentura do interior dela, como se fosse uma fornalha. Sua vagina estava molhada e apertava deliciosamente seu membro, sem poder se conter ele estocou-a até o fundo.

Elisabeth gemeu mordendo os lábios, Marcos beijou-a na boca com volúpia enquanto a penetrava continuamente em um ritmo cada vez mais rápido.

- Ohhh God! - gemeu Elisabeth envolvendo a cintura de Marcos com suas pernas, prendendo-a junto a si. Suas unhas arranharam suavemente a pele das costas musculosas dele.

- Deus! - grunhiu Marcos ejaculando após penetra-la mais uma vez, sentindo os músculos dela contraindo seu membro enquanto ela o apertava com força usando as pernas e os braços.

- Oh God! - gemeu alto Elisabeth, sentindo as ondas de prazer do orgasmo percorrendo seu corpo.

Ficaram deitados por alguns minutos recuperando as forças, depois, rindo, foram tomar uma ducha e se trocar para o jantar.

Ao descerem os Cluther agiram normalmente, aparentemente despreocupados com a demora dos jovens no quarto.

Mais tarde, ao se recolherem ao quarto, Marcos ficou observando-a

dormindo em seus braços na apertada cama de solteiro.

Elisabeth era uma mulher incrível, pensou consigo mesmo, ela era linda, inteligente, corajosa e tinha um coração nobre, pois se voluntariara para ajudar o próximo, ao contrário dele que fora para a Síria para esquecer Sthefany.

Ainda amava a médica brasileira, mas sentia que Elisabeth ocupava cada vez mais seus pensamentos e coração.

Deus, permita que eu me apaixone por ela, orou antes de mergulhar no sono.

Fora uma semana agradável em Londres, Elizabeth levava Marcos para conhecer o Soho, o bairro boêmio da cidade, a praça Trafalgar Square^[17], o prédio do Parlamento e o Palácio da Rainha, onde Marcos ficara impressionado com os soldados da guarda-real. Passavam o dia perambulando, ao menos em três ocasiões foram acompanhados pelos pais de Sthefany.

Quando não saíam para curtir a noite londrina jantavam com os Cluther e depois passavam horas conversando. O casal era simpático e fazia de tudo para que Marcos se sentisse a vontade. Quando se recolhiam para o quarto passavam parte da noite fazendo amor, tentando não fazer muito barulho.

Em um dos passeios, durante uma noite, foram andar na London Eye^[18], a enorme roda-gigante da qual se avistava toda Londres. Era um passeio romântico no qual trocaram longos beijos. Por um momento Marcos pensou em Sthefany, se fosse ela no lugar de Elisabeth provavelmente teriam feito amor enquanto a roda gigante girava.

Até nisso elas eram diferentes, enquanto Sthefany era pura paixão e adorava fazer amor nos lugares mais inusitados, Elisabeth era mais recatada e tímida, até mesmo romântica e isso era algo novo para ele. Durante os passeios ele a presenteara com flores e até mesmo com um ursinho de pelúcia que ele ganhara em um stand de tiros em um parque que visitaram, o qual ela colocara na cabeceira de sua cama.

Elisabeth percebeu que uma sombra passava no olhar de Marcos.

- Tudo bem? - perguntou se aconchegando nos braços dele.

- Sim, tudo, apenas pensando que em breve voltaremos para a Síria - respondeu tentando disfarçar seus pensamentos.

- Não vamos pensar nisso, a semana tem sido tão maravilhosa - sussurrou puxando-o para um demorado beijo.

Na última noite Catherine Cluther preparou um sofisticado jantar de despedida.

- Ela está te usando como cobaia - afirmou rindo o senhor Cluther - Fez um curso de culinária e agora quer preparar todas as receitas.

Ao final do jantar os pais de Elisabeth tocaram no assunto da volta à Síria.

- Seu período de seis meses de voluntária está quase no fim, com sua experiência adquirida você seria contratada por qualquer grande hospital da Inglaterra e até mesmo da Europa - começou Catherine.

- Você também Marcos, poderia ser contratado e conseguir um visto permanente - incentivou Brian.

- Ainda não sei, pai - respondeu Elisabeth encarando Marcos.

- Vou pensar no assunto - respondeu Marcos sorrindo constrangido.

No dia seguinte final pegaram um voo para Paris e de lá para Damasco.

A guerra na Síria continuava, assim como a necessidade de médicos voluntários.

Capítulo XV

Um mês depois da viagem que fizera ao Rio de Janeiro, Bert retornara da Alemanha. Durante todo esse tempo ele telefonara e mandara mensagens, mas Sthefany não atendera ou respondera, nada do que ele pudesse dizer a faria perdoar a violência que sofrera, além do fato dele ter chamado sua criança de bastarda e ela de vadia.

Avelar o recebeu com simpatia na porta da mansão, enquanto ela observava da janela de seu quarto. Não demorou muito e ouviu uma batida na porta.

- Leiben? -perguntou Bert abrindo a porta que Sthefany deixara aberta.

Ela o encarou friamente, sentada na beirada da cama.

- Precisamos conversar, eu preciso pedir desculpas - começou com ar arrependido.

- Escute que vou falar apenas uma vez, vá dormir em outro quarto, não me dirija à palavra, e se você me tocar novamente sem minha ordem eu juro que o mato - rosnou Sthefany.

- Mein liben, eu lhe trouxe um presente – murmurou Bert estendendo uma caixa de veludo preto.

Sthefany apenas o encarou friamente, Bert então abriu a caixa mostrando um belo colar de ouro com um pingente de diamante, em seguida o retirou e se aproximou estendendo-lhe o joia com um sorriso.

Indignada Sthefany desferiu um tapa na mão de Bert, fazendo com que o colar caísse ao solo.

- Seu merda! Você acha que pode me comprar com uma joia? Isso deve ter sido ideia de meu pai! Pode pegar essa porcaria e enfiar você sabe bem onde – gritou exaltada.

- Mein liben... - disse Bert avançando um passo com a mão estendida.

- Se afaste de mim! – rosnou dando um passo para trás em direção à cama.

- Mein liben... – continuou Bert com voz suave, mas com um brilho de antecipação de prazer nos olhos.

- Seu filho da puta! Não me chame assim! Você não tem mais esse direito! – afirmou colocando-se ao lado da cama.

- Eu sou seu marido! Você tem que cumprir com suas obrigações, ou serei obrigado a repreendê-la fisicamente, seu pai me autorizou! Ele sabe que um homem tem suas necessidades! – afirmou estendendo a mão para agarrar o braço

de Sthefany que se sentou na cama.

- Você não me ouviu! – rosnou entredentes, se controlando para não levantar o tom de voz, pegando rapidamente debaixo do travesseiro um pequeno revólver calibre 38 o qual apontou para ele.

- Was it?!^[19] - exclamou surpreso dando um passo para trás.

- Sim, eu sei atirar e a arma está carregada! - rosnou novamente.

A arma ela pegara em uma gaveta da escrivaninha do escritório, seu pai tinha ao menos duas guardadas ainda na caixa. Ela fora em um estande de tiros e aprendera a usá-la, o que não era muito difícil, bastava apontar e puxar o gatilho, mesmo sem prática, a curta distância ele poderia ser fatal.

- Você não ousaria, sou seu marido! Eu aceitei casar com você, mesma estando grávida de outro, eu poderia contar a seu pai que essa criança não é minha.

- Faça o que quiser, pode contar, mas suma da minha vida! Vou entrar com os papéis do divórcio e se você me causar problemas vou à imprensa, aposto que as revistas e jornais sensacionalistas adorariam estampar nas capas a informação de que o milionário alemão Bert Schartz é na verdade um estuprador.

- Como se atreve a me ameaçar? – rosnou Bert com ódio no olhar e avançou.

- Desgraçado! – falou entredentes Sthefany apontando a arma para o peito de Bert e puxando o “cão da arma” ^[20].

- Está bem, calma... - gaguejou Bert recuando pela porta e saindo do quarto com olhar assustado.

Sthefany se levantou e trancou a porta, suas mãos tremiam, por um breve instante pensara em puxar o gatilho. Mas pensara em sua criança e em Marcos. Agora com quatro meses de gestação ela decidira que perguntaria para sua obstetra qual era o sexo do bebê.

Como seu pai e Bert puderam imaginar que ela o perdoaria? Ele a violentara! Como poderia perdoar seu pai? Ela que o amara e idolatrara a vida inteira? Sentia que uma parte de seu coração morrera e com ele o amor que sentira por ele. Será que ele sempre fora assim? Ela fora cega para o tipo de homem que seu pai era? Cada vez mais ela tinha certeza que seu pai fora o responsável pelo que acontecera com Marcos.

Se Bert cumprisse sua ameaça e contasse para seu pai que o filho era de Marcos, talvez a poupasse dessa tarefa, pois sabia que não poderia esconder a verdade por muito mais tempo.

Imersa em seus pensamentos, não percebeu que a noite chegara. Josué, o mordomo a retirara de seus devaneios batendo levemente na porta.

- Milady? Quer que eu lhe traga o jantar? Milorde Avelar e o senhor Bert

saíram para jantar fora.

- Obrigada Josué, pode trazer - respondeu acariciando o ventre.

Precisava se alimentar para fortalecer se bebê, pensou consigo mesma.

No da seguinte Bert partira de volta para a Alemanha, seu pai, durante o café da manhã, tentara argumentar em favor dele, mas Sthefany o cortara.

- Ele me violentou, pai! Nunca o perdoarei - respondeu saindo da mesa, acabara de perder o apetite – Da mesma forma que eu nunca perdoarei o senhor por não ter me apoiado.

- Mas uma arma? – perguntou irritado, ignorando o comentário de sua filha.

- Sim, e juro que se ele tentar me tocar novamente eu atiro nele – respondeu irritada.

Dois dias depois, durante a parte da manhã Sthefany fora a uma consulta com sua obstetra no hospital Domênica Xavier.

A enfermeira a preparara fazendo-a vestir um avental hospitalar, com um sorriso ela saiu da sala de exames deixando-a sozinha.

Enquanto aguardava a médica, Sthefany acariciou o ventre, como gostaria que Marcos estivesse ao lado dela, ele que sempre desejara ser pai. Precisava descobrir o que ocorrera com ele e, principalmente, onde ele estava. As recordações vieram à sua mente novamente.

Haviam se reconciliado debaixo de uma chuva torrencial no pátio do estacionamento de um hospital público, onde Marcos a pedira em casamento.

Alguns dias depois ele foi busca-la no estacionamento do Domênica Xavier, onde ela estava trabalhando após a residência médica. Mesmo cansada, após quase doze horas de trabalho, ela subiu no banco da motocicleta e abraçou-o com força, deslizando a mão pelo abdômen dele até seu pênis que não demorou em ficar ereto, debaixo da calça jeans que usava.

- O que você está fazendo?- perguntou ele rindo enquanto lhe entregava um capacet.

- Um carinho no meu futuro marido – respondeu rindo e apertando o membro com um pouco mais de força, fazendo-o soltar um gemido.

- Você é louca – riu com gosto Marcos.

- Então me leva para algum lugar e me ame – sussurrou em resposta, sentindo que sua vagina se umedecia.

Marcos a levou até um motel na Avenida Ricardo Jafet, na zona sul, onde os melhores estabelecimentos funcionavam. Embora Sthefany não se importasse de dormir na casa dele, percebera que ele se mostrava reticente em leva-la constantemente até a comunidade.

Estacionaram na garagem de uma suíte e logo estavam se beijando com

volúpia no interior dela. Sthefany arrancou a camisa que ele usava, chegando a arrancar dois botões dela, em seguida o empurrou para cima da cama, enquanto ele se deixava dominar com um largo sorriso.

Sthefany ergueu a saia preta que usava, até a cintura, por baixo dela uma calcinha de renda negra escondia sua vagina. Em seguida montou em cima das coxas dele, desafivelou o cinto e desabotoou o botão da calça. Com um sorriso maroto ela desceu lentamente o zíper, deixando à mostra a cueca que escondia o volume ereto em seu interior, o qual apontava para o teto.

Rapidamente ela retirou a blusa de seda que usava, deixando à mostra os seios escondidos atrás de um lingerie azul turquesa.

Marcos tentou segurar seus seios, mas ela agarrou suas mãos e as colocou acima da cabeça dele, curvando o corpo, até que seus seios tocaram os lábios dele. Marcos os beijou e acariciou por cima do tecido fino, seus mamilos túrgidos reagiram ao toque excitando-a ainda mais. Usando apenas uma das mãos ela abaixou um pouco mais a calça, livrando o pênis ereto do incomodo tecido.

Marcos se contorceu e ela encaixou-se nele, sua vagina sentindo a dureza de seu membro por detrás do tecido fino da calcinha e da cueca. Ela segurou novamente, com ambas as mãos, os pulsos dele, ainda acima da cabeça, e passou a movimentar sua pélvis esfregando-se de encontro ao pênis.

A boca dele sugando, mordiscando e lambendo seus seios por cima do tecido do lingerie, a fricção do pênis em seu clitóris e vagina, espremido entre o corpo dela, tendo apenas o fino tecido de suas peças íntimas separando-os, a estava deixando ensandecida de prazer.

Por alguns minutos ela se movimentou, para cima e para baixo, esfregando-se de encontro a ele, sentindo o membro ereto tentando romper os finos tecidos, agora encharcados pelos líquidos de ambos.

Marcos libertou uma das mãos e desceu-a pelas costas dela, causando-lhe arrepios, até que chegou à calcinha, lentamente ele a desceu, roçando suas nádegas, ela ergueu-se apenas o suficiente para permitir que a calcinha descesse abaixo de suas coxas.

A mão subiu novamente e concentrou-se em ambos os seios, apalpando-os alternadamente, até que se introduziu por dentro do tecido e os libertou da prisão. Agora livres, os lábios de Marcos deslizaram pelos mamilos, fazendo-a gemer quando ele os mordiscou e depois sugou.

Sthefany sentou-se em cima de Marcos, encaixando-se no pênis que a pressionava, permitindo que ele forçasse passagem em sua vagina, mesmo ainda preso pelo tecido da cueca ele chegou a se introduzir parcialmente dentro dela, levando-a a loucura. Por alguns minutos ela usufruiu da deliciosa tortura, até

que não resistiu e desfez o contato. Com uma das mãos afastou a cueca de lado, deixando livre o membro que estava molhado com o líquido pré-ejaculatório.

Ela se encaixou, ajoelhando-se em cima dele. Marcos então a penetrou totalmente, fazendo-a dar um longo gemido.

- Deus... – murmurou mordendo os lábios, sentindo uma sensação dolorosamente prazerosa.

Novamente ela segurou ambas as mãos de Marcos acima da cabeça começando a se movimentar com ele em seu interior, enquanto sua boca continuava ocupada beijando, sugando, lambendo e mordiscando seus seios e mamilos, alternando-se com beijos cheios de paixão.

- Sthefany... – gemeu ele se contorcendo debaixo dela.

- Me fode – ela respondeu gemendo ainda mais alto, ao mesmo tempo em que aumentava o ritmo, fazendo com que seu movimento o fizesse penetrá-la fundo.

Ela sentiu o orgasmo se aproximando, como um tsunami. Erguendo-se o cavalgou ainda mais rápido, suas pélvis batendo com violência uma na outra, enquanto o membro, que parecia ter aumentado de tamanho, a penetrava sem parar.

- Deus! – grunhiu Marcos, agora livre, agarrando-a pela cintura, ajudando-a a movimentar-se com mais força em cima dele.

- Vai! Mete! Vou gozar! – gritou ensandecida enquanto cravava suas unhas no peito dele, chegando a arrancar a pele.

O orgasmo explodiu em seu interior com fúria, como uma represa se partindo e inundando o campo em volta com a violência das águas, fazendo-a se contorcer e contrair os músculos apertando o pênis como se não quisesse mais libertá-lo. Nesse momento Marcos se contorceu de encontro a ela.

- Meu Deus! – gritou ele, segurando-a com força pela cintura, puxando-a para mais perto de si, penetrando-a o mais fundo possível enquanto ejaculava em seu interior.

Sem forças ela curvou-se em cima do peito dele, incapaz de desfazer o contato molhado entre ambos, os músculos de sua vagina e coxas tremendo incontrolavelmente, seu coração disparado e seu peito arfando para recuperar o fôlego.

Encararam-se fixamente, um sorriso dançava no rosto dele e em seus olhos.

- Eu te amo – ele disse.

- Eu te amo – respondeu feliz, nunca se cansava de ouvi-lo dizer àquelas palavras.

Horas depois, após um banho demorado de banheira, onde fizeram amor,

Sthefany começou a se vestir, enquanto Marcos, estirado na cama a observava atentamente. Primeiro ela colocou as meias sete oitavos, alisando-as na coxa, depois lentamente vestiu a calcinha e, ao ajeitá-la nas nádegas, lançou um olhar para Marcos, seu membro novamente começava a endurecer.

- Seu tarado – respondeu feliz.

- O que eu posso fazer se você é linda, sex e sensual? – perguntou ele com um suspiro.

Sorrindo ela colocou o sutiã, ajeitando os seios. Já era madrugada e o horário da reserva estava quase expirado, caso contrário ela novamente faria amor, pois o olhar de desejo dele excitou-a novamente.

- Você é bobo – respondeu rindo.

- Você vai ficar linda com uma barriguinha de grávida – disse ele meio sério, meio sorrindo.

- Será que eu serei uma boa mãe? – perguntou apalpando o ventre.

- Não tenho dúvidas – respondeu se aproximando e abraçando-a por trás, beijando seu pescoço e acariciando sua mão que descansava sob seu ventre.

Marcos sempre desejara ter um filho, pensou consigo mesma, enquanto uma lágrima solitária escorria por sua face.

A obstetra usando um jaleco imaculadamente branco entrou na sala. Era uma mulher de meia idade com cabelos amarrados em um coque apertado, e fora sua mentora na área de obstetrícia quando ela fizera a residência médica.

- Oh minha querida, isso não é momento para lágrimas e sim para felicidade.

- Eu sei, e estou muito feliz – respondeu enxugando a lágrima com a mão.

- Vamos ver então como está o bebê e confirmar seu sexo? - perguntou com um sorriso simpático enquanto pegava o sensor do ultrassom, após passar um líquido gelado em seu ventre.

Ao sair uma hora depois Sthefany estava radiante, a médica examinara as imagens do ultrassom 3D e constatara que a criança era um menino e estava em perfeito estado de saúde.

Nesse momento seu telefone celular tocou.

- Bruno? - perguntou ansiosa ao perceber quem ligara.

- Oi Sthefany, desculpa ligar em cima da hora, você pode me encontrar agora? - perguntou do outro lado da linha.

- Sim, estou no hospital Domênica Xavier, sabe onde fica?

- Eu acho, pode deixar – respondeu a voz do outro lado da linha.

- Eu te espero na portaria - disse Sthefany.

- Ok, daqui a uns quarenta minutos tou aí - disse e desligou.

Bruno chegou ao hospital em um veículo sedan preto. Ele estava sentado

no lado do motorista. Ao estacionar na portaria ele a visualizou indo em direção ao carro e saiu, abrindo a porta para que ela entrasse. Como da última vez em que se encontraram ele usava calça jeans e camiseta preta larga, disfarçando o volume da arma na cintura.

Na condução do veículo estava um homem de cerca de trinta e cinco anos, usando um boné preto e óculos escuros.

- Bom te ver Sthefany - cumprimentou Bruno virando o corpo para encará-la com um sorriso nos lábios.

- É bom te ver também - respondeu com um sorriso - O que o trouxe a São Paulo?

- Descobrimos onde o gerente do hotel que Marcos se hospedou está trabalhando e achei que você gostaria de ir conosco - disse lançando um olhar para a barriga de quatro meses dela.

- Sim! Gostaria muito.

- Ah! Este é o Fagundes, um colega de São Paulo - apresentou.

- Prazer - disse o homem sorrindo para ela pelo retrovisor.

- O prazer é meu - respondeu Sthefany com um sorriso.

O veículo percorreu as ruas de São Paulo e logo estava trafegando lentamente pelas ruas do bairro da luz. Mesmo à luz do dia o cenário era aterrador, pessoas, mais parecendo zumbis de filmes e seriados de terror caminhavam com passo trôpego, com cobertores sujos em cima dos ombros.

- Quando ele teve a casa incendiada na comunidade e os cartões bloqueados foi nesse bairro que ele se hospedou - explicou Bruno sem se voltar - Hotéis baratos e facilidade de transporte com o metrô por perto.

- Ali é onde o seu amigo se hospedou - afirmou Fagundes apontando o dedo para um prédio decrepito, com pinturas de uma cor indefinida que descascava na parede.

Meu Deus, pelo que Marcos passara? Perguntou para si mesma.

- Mas o gerente trocou de emprego, é naquele hotel que ele trabalha - afirmou novamente Fagundes apontando para outro hotel com aspecto sujo, após entrarem em outra rua.

Estacionaram no meio fio e Fagundes desceu, antes de sair do carro Bruno se virou no bando da frente encarando Sthefany.

- Você tem certeza que quer entrar? Pode ficar no carro, ele é blindado - perguntou olhando de forma preocupada para a barriga dela.

- Eu tenho que saber - respondeu com determinação.

Ele concordou meneando a cabeça e saiu do veículo abrindo a porta para ela.

Entraram no hotel, o local parecia abandonado, um cheiro de mofo e

podridão permeava o ar. Um homem calvo e obeso cochilava atrás de um balcão de madeira rachada.

- Acorda porra! - gritou Fagundes batendo a palma da mão com força na madeira.

O homem saltou na cadeira e os encarou com ar assustado.

- Polícia - rosnou Fagundes mostrando um distintivo que retirou do bolso da calça.

- No que posso ajudar?

- Quero saber sobre o hóspede que te atacou meses atrás no hotel Aurora - rosnou Bruno ajeitando ostensivamente a arma na cintura.

- Não sei o que você tá falando - gaguejou o gerente.

- Tá de brincadeira comigo, é? - perguntou Fagundes agarrando o gerente pela gola da camisa encardida aproximando o rosto do dele.

O gerente tentou negar, mas Bruno e Fagundes o interrogaram, às vezes de forma brutal, somente quando Fagundes ameaçou forjar uma prisão por tráfico que o homem resolvera colaborar.

- Não sei muito coisa, um homem me pagou para aplicar com uma injeção algo nas garrafas de água do hóspede. Ele surtou me agrediu e depois agrediu pessoas na rua - disse com a voz falseando, enquanto as mãos tremiam incontrolavelmente - Depois o mesmo homem me levou até uma delegacia para dar depoimento, dias depois mandou esquecer tudo e me deu dinheiro.

O gerente não tinha mais detalhes, mas Sthefany desconfiava de quem fora o homem. Bruno gravara com seu celular a confissão e depois de ameaçarem o gerente com prisão se ele falasse para alguém o que contara saíram do local.

- Eu investiguei por conta própria, o mordomo de casa disse que no dia que Marcos esteve lá, horas antes ele anunciou um homem de nome Aldo que fora visitar meu pai. Eu estive na portaria do condomínio, esse homem se identificou para falar com meu pai, o nome dele era Aldo Siqueira - respondeu consultando uma foto que tirara com o celular dos registros do condomínio e mostrando para os policiais.

- Já descubro quem é ele - afirmou Fagundes fazendo uma ligação, enquanto aguardavam dentro do carro.

- Sua barriga tá grande, quantos meses? - perguntou Bruno.

- Quatro - respondeu Sthefany.

- Como você está?

- Bem, eu acho - respondeu com um sorriso triste.

Antes que pudessem conversar mais, Fagundes se virou para Sthefany.

- O nome que você deu, é um ex-policial civil, tem um monte de BO [\[21\]](#) na

corró^[22] - disse para Sthefany que não entendeu o que ele quisera dizer.

- Ele tem registros de antecedentes na corregedoria - explicou Bruno.
- Acho que temos que fazer uma visita pra ele - disse rindo Fagundes.
- É melhor eu te deixar em casa - decidiu Bruno.
- Mas...

- Não, pode ser perigoso, prometo te manter informada - disse e fez um gesto para que Fagundes ligasse o carro e saísse do local.

Uma hora depois Sthefany descia na porta do Hospital, de lá dirigiu seu veículo, agora um carro popular, já que se recusara a usar a Ferrari, de volta à mansão onde ficou em seu quarto, ansiosa, com o celular na mão.

Capítulo XVI

Bruno observou o homem caído à sua frente, o olho dele estava quase fechado por causa de um inchaço, o nariz sangrava e parecia fraturado, resultado da surra que recebera.

Fagundes e Bruno chegaram à pequena casa, localizada na zona leste de São Paulo, duas horas depois de deixarem Sthefany no hospital Domênica Xavier. Tiveram que aguardar por algumas horas, sentados no veículo estacionado cerca de quatro casas antes, de onde podiam viajar a residência. A placa do veículo fora trocada por uma fria.

O policial paulista levantara o registro de Aldo Siqueira, era tinha vários registros por lesão corporal, abuso de autoridade, prevaricação, suspeita de tráfico de drogas e corrupção, seu processo de expulsão estava em curso quando ele resolvera pedir exoneração da polícia civil, após seis anos na corporação.

Por volta das 02 horas da madrugada eles viram o veículo importado manobrando em frente ao portão automático da garagem que começou a se erguer lentamente. Era o momento certo, após cobrirem o rosto com balaclavas^[23], desembarcaram do carro de armas em punho e avançaram até o veículo que começara a entrar na garagem.

- Polícia! Desce do carro, porra! – gritou Fagundes enfiando a arma pela janela do motorista a qual estava aberta.

Bruno ao lado dele lhe dava cobertura observando em ambas as direções da rua, a qual estava vazia.

Aldo ergueu as mãos e Bruno, ainda de arma em punho sentou no banco do passageiro.

- Vai mané, entra logo – ordenou apontando a arma para Aldo.

Após o veículo estacionar e a porta se fechar, Fagundes ordenou que Aldo descesse e após revista-lo retirou uma pistola calibre 380 da cintura dele.

- Perdi, perdi – afirmou Aldo erguendo as mãos.

- Perdeu mesmo seu merda – rosnou Fagundes.

Por uma porta na garagem entraram na sala, obrigando Aldo a sentar em uma poltrona, enquanto Fagundes revistava a casa. Satisfeito em não encontrar ninguém, ele retornou.

- Tá tudo limpo – disse se dirigindo a Bruno.

- Se é dinheiro que vocês querem eu posso conseguir – afirmou Aldo.

- Cala boca, porra! Você acha que eu quero a merda de seu dinheiro sujo?

– perguntou Bruno desferindo um soco no rosto de Aldo.

- Merda, o que vocês querem, porra – resmungou Aldo levando a mão ao lábio rachado pelo golpe.

- Respostas, e é melhor tu cantar como um passarinho – rosnou Bruno.

- Queremos saber o que você colocou na água do médico Marcos Costa, que estava hospedado no hotel Aurora, e a mando de quem – disse Fagundes.

- Não sei sobre o que você tá falando – respondeu Aldo.

- Caraca mané, tou perdendo a paciência! – exclamou Bruno e desferiu um soco no nariz de Aldo, que tentou conter um grito.

- Não sei de quem vocês tão falando – choramingou Aldo com lágrimas nos olhos.

- Porra, caralho, tu tá de brincadeira, já sabemos de tudo, sabemos que você mandou o gerente do hotel injetar algo na garrafa dele – rosnou Fagundes – Sabemos que quando ele agrediu o gerente e os guardas municipais você esteve na mansão do Avelar, temos fotos do registro que você fez na portaria – concluiu Fagundes esfregando o celular no rosto de Aldo.

- Vocês não podem fazer isso comigo, tenho meus direitos – resmungou Aldo.

- Tou cansado de vagabundos como você se escondendo atrás de direitos – rosnou Bruno e desferiu vários golpes no rosto de Aldo, que se encolheu cobrindo a cabeça com os braços.

- Tá bom, eu falo! – gritou o homem surrado.

- Então desembucha – ordenou Fagundes.

- Avelar me entregou um remédio estimulante de uso controlado – respondeu Avelar apalpando o rosto ferido.

- Por quê? – perguntou Bruno.

- Ele queria deixar o médico desequilibrado mentalmente, fazia dias que ele vinha sendo dopado – respondeu.

- O que aconteceu dentro da mansão? – perguntou Fagundes.

- Eu não sei, eu apenas relatei pro doutor Avelar o que presenciei no hotel, e alertei que o médico estava indo atrás dele – respondeu.

Durante quarenta minutos Bruno e Fagundes interrogaram o ex-policial corrupto, até que por fim se deram por satisfeito, Aldo não parecia saber de mais nada, a não ser que fora contratado para seguir o médico desde o momento em que a casa dele fora incendiada e fazer com que ele ingerisse água com o medicamento.

- Porra mano, tú tá fodido – afirmou Fagundes mostrando seu celular – Eu gravei tudo, se você abrir o bico mando uma cópia pra polícia e outra para o Avelar, aposto que ele não vai ficar satisfeito por você ter abrido o bico.

Aldo concordou com a cabeça resignado.

- Essa arma você perdeu – afirmou rindo Fagundes.

Quando saíram da casa após dirigirem por dois quarteirões retiraram a placa falsa, enquanto Fagundes guiava o carro para o hotel onde Bruno estava hospedado ele ligou para a Sthefany, apesar do adiantado da hora.

Sthefany levou um susto quando o telefone celular tocou, ela estivera cochilando, mas atendeu imediatamente.

- Bruno...

- Oi, desculpa a hora, encontramos o homem que foi na sua casa no dia que Marcos foi acusado de tentar matar seu pai, ele confessou que foi contratado para segui-lo após o incêndio na casa dele e também para injetar um medicamento de uso controlado com o objetivo de deixa-lo transtornado – explicou Bruno.

- Um medicamento? – perguntou surpresa.

- Isso.

- É possível, tem alguns estimulantes do sistema nervoso central que seus efeitos colaterais são quadros de depressão, síndrome do pânico e até mesmo delírios de perseguição – explicou.

- Você tá falando grego comigo – respondeu a voz do outro lado da linha rindo.

- Desculpa – respondeu Sthefany – Vocabulário de médicos.

- Em todo caso, agora tou achando o incêndio da casa dele muito suspeito, assim como a morte do irmão dele.

- Talvez o pai dele saiba de alguma coisa – murmurou – Antes de nos casarmos ele foi visita-lo, sei disso, pois meu pai me mostrou fotos tiradas de dentro do presídio.

- Eu somente vou viajar amanhã à noite, quer que eu tenha uma conversinha com ele?

- Não, eu mesma devo falar com ele, mas se você puder me acompanhar ficaria muito agradecida – respondeu Sthefany.

- Tem certeza? No seu estado, visitar o assassino de sua mãe...

- Eu devo isso ao Marcos – respondeu Sthefany determinada.

- Então tá, te encontro amanhã as dez em frente ao hospital.

- Obrigada Bruno, não sei como te agradecer.

- Imagina, o prazer é meu, amanhã nos vemos. Boa noite.

- Boa noite, até amanhã – respondeu e desligou o aparelho celular.

Sthefany colocou o telefone no criado mudo ao lado da cama e deitou-se observando o teto, enquanto acariciava o ventre e sentia seu filho mexendo.

A verdade estava aparecendo, seu pai fora capaz de envenenar Marcos

com um medicamento de uso controlado e contratara uma mulher para acusa-lo de assédio sexual. Mas antes disso ocorrera a morte do irmão dele, o casamento que não acontecera por ela ter descoberto que Marcos conhecera e visitara o pai, logo depois sua casa fora incendiada e sua conta corrente e cartões de crédito bloqueados.

Será que tudo fora planejado por Avelar com o intuito de afastá-la de Marcos? Sabia que seu pai era um empresário determinado, às vezes até mesmo frio e cruel, mas destruir a vida de um promissor médico apenas por ele ter se apaixonado por ela? Apenas por ele não ser, segundo as palavras dele, do mesmo “nível social”, por ele residir em uma comunidade carente?

Amava seu pai, mas não o reconhecia, como ele pudera não ficar ao lado dela quando contara que fora violentada por Bert? Os negócios eram mais importantes do que a felicidade dela? O que ele faria quando descobrisse que o filho que ela esperava era de Marcos e não de Bert? Será que até mesmo o casamento com Bert fora orquestrado pelos dois? Afinal não era muita coincidência Bert aparecer em Vermont? As fotos do beijo forçado dos dois juntos serem publicadas no Brasil quase que imediatamente? Que tipo de homem colocava seus interesses acima da felicidade da própria filha?

Ela descobriria toda a verdade, e se para isso tivesse que ficar frente a frente com o assassino de sua própria mãe, ela o faria.

Capítulo XVII

Enquanto Bruno estacionava o veículo Sthefany se perguntou pela centésima vez o que estava fazendo ali.

O presídio de Guarulhos era enorme e sentia-se intimidada, se não fosse a companhia de Bruno talvez ela não tivesse coragem de ir ao local para conversar com o homem que assassinara sua mãe e que por uma coincidência cruel do destino era o pai do homem que ela amava.

Após as formalidades de revista, e um breve interrogatório foram admitidos dentro do prédio principal. Bruno se identificou como policial e por esse motivo o diretor não colocou obstáculos para a visita.

Entraram em uma sala que era dividida ao meio por uma bancada e grade, onde se poderia conversar com os detentos do outro lado. Um homem já aguardava sentado em um banco quase no meio da sala.

- Quer que eu espere lá fora? - perguntou Bruno solícito.

- Não, por favor, se puder ficar aqui dentro...

- Pode deixar ficarei aqui na porta, qualquer coisa é só chamar.

Sthefany caminhou com passos lentos até o banco em frente ao presidiário que a observava atentamente.

- Creio que não te conheço minha jovem - disse o preso de forma simpática após ela se sentar.

Sthefany o encarou em silêncio, ali estava o homem que matara sua mãe, ali estava o avô de seu futuro filho. Ele não parecia o monstro que ela imaginara por anos.

- Sou Sthefany, fui namorada de Marcos...

- Você...

Ela percebeu que o homem empalidecera.

- Sim, sou a filha da mulher que você assassinou.

- O que você quer de mim? - perguntou o homem abaixando a cabeça.

- Primeiro ouvir de você por que matou minha mãe.

- É justo - murmurou.

Maurício com um suspiro cansado contou a mesma história que contara a Marcos. Durante a tentativa de furto de um carro no estacionamento de um hospital a proprietária aparecera e ele se assustara puxando o gatilho sem querer e atingindo-a mortalmente. Contou que entrara no mundo do crime para conseguir sustento para sua família, que Marcos era um bebê doente que

precisava de medicamentos.

- Sei que não justifica o que eu fiz, mas eu estava desesperado e quando um bandido do bairro me convidou para fazer “a fita” eu acabei aceitando, mas nunca desejei matar ninguém, acredite, foi um acidente eu me assustei e puxei o gatilho sem querer. Não tem um único dia em que eu não me arrependa do que eu fiz – concluiu com um suspiro cansado, enquanto uma lágrima rolava por sua face.

Sthefany sentiu os olhos marejarem de lágrimas. Não sabia se um dia poderia perdoar o homem a sua frente, mas ao menos percebia que ele não era o crápula que seu pai descrevera por anos.

- Eu sinto muito e estou arrependido, é tudo que posso lhe oferecer – afirmou novamente Maurício.

- Obrigada - murmurou Sthefany enxugando uma lágrima - Agora preciso que você me conte sobre a morte de seu filho Rafael - pediu fazendo um sinal para que Bruno se aproximasse.

- E o que isto lhe interessa? - perguntou o presidiário desconfiado.

- Seu filho Marcos foi acusado de vários crimes e estou tentando provar a inocência dele.

- E por que você se importa? Antes de sair do país ele me contou que você a abandonou no altar.

- Eu me arrependo disso, também fui manipulada, e estou esperando um filho dele.

O homem em um primeiro momento ficou imóvel com olhar espantado, depois abriu um largo sorriso.

- Um filho...eu serei avô...

- Por favor, preciso saber tudo, e se você souber para onde Marcos foi me diga.

- Está bem, depois que Marcos me visitou e contou o que acontecera, que seu celular fora subtraído e usado para preparar uma armadilha para Rafael eu investiguei com meus contatos aqui da cadeia e fora dela. Pelo que descobri existiam ordens para que Rafael fosse preso, mas ele acabou sendo morto. Descobri também que o novo chefe do tráfico recebeu apoio de um milionário para conseguir o cargo, em troca ele queimou a casa de Marcos e fechou a clínica, acho que você sabe quem deu essas ordens – concluiu encarando-a fixamente.

- Isso é grave - afirmou Bruno - Você tem provas?

- Infelizmente não - respondeu encarando Bruno com curiosidade.

- Foi meu pai - murmurou Sthefany – Eu agradeço senhor Maurício, e sinto muito pelo que meu pai fez com Rafael e Marcos e prometo que vou

descobrir a verdade.

- Em breve estarei saindo daqui, cumpri minha pena e, embora eu nunca possa compensar o que fiz com sua mãe eu gostaria muito que você me permitisse ver meu neto de vez em quando – pediu Maurício colocando a mão no vidro que o separava de Sthefany.

Ela hesitou por um momento, aquele homem assassinara sua mãe, embora ele afirmasse ter sido um acidente, nada mudava o fato de que fora ele que puxara o gatilho. Mas por outro lado, ele era o avô de seu neto, pai do homem que amava, por ele e por sua criança ela faria o esforço de tentar, se não esquecer, ao menos entender que fora um acidente.

- Claro, basta o senhor avisar – respondeu.

- Obrigado – respondeu com um suspiro.

- O senhor sabe para onde Marcos foi? – perguntou ansiosa.

- Ele me deu o número de celular dele, às vezes trocamos mensagens pelo whatsapp, pelo que entendi ele disse que é voluntário nos médicos sem fronteira - respondeu.

- Obrigada - sussurrou aliviada, ao menos sabia onde procurá-lo - O senhor poderia me dar o número?

- Sim - respondeu e com voz baixa disse o numero que gravara na memória, afinal sempre havia revistas nas celas e ele já perdera três aparelhos.

- Obrigada - murmurou Sthefany.

- De nada - Mauricio encarou fixamente, sentia-se envergonhado, ali estava sua nora, a mãe de seu neto, a filha da mulher que assassinara anos antes - Eu realmente sinto muito.

- Eu acredito - respondeu. Ele fora o homem que assassinara sua mãe, mas era também o pai do homem que amava e avô de seu filho, poderia nunca esquecer o que ele fizera, mas seu pai também fora capaz de coisas abomináveis - Cuide-se.

Após saírem do presídio Bruno a levou até em casa, onde estacionou na entrada da mansão.

- Obrigada por tudo Bruno - agradeceu Sthefany com um sorriso - Não conseguiria sem você.

- Imagina, eu devia uma pro doutor, eu vou fazer um dossiê com tudo que apuramos, assim que estiver pronto eu te procuro - respondeu Bruno - O que você pretende fazer?

- Vou confrontar meu pai.

- E depois? Vai ligar para o Marcos?

- Ainda não sei - respondeu.

- Se cuide – disse Bruno enquanto ela descia do veículo.

- Você também – respondeu e ficou observando-o partir.

Com um suspiro ela entrou na mansão, aquela que fora sua casa, que ela sempre amara, agora se transformara em sua prisão, quanto mais tempo suportaria viver ali?



Semanas depois Bruno lhe telefonara, ele montara um dossiê contra Avelar e queria entregar pessoalmente, mas em razão de seu trabalho na polícia carioca ele não poderia se ausentar muito dessa vez, por isso marcaram no saguão do aeroporto de Cumbica. Ele voaria do Rio de Janeiro e retornaria tão logo entregasse o documento.

Ele se desculpara pela demora, mas explicara que conseguira informações de dentro da Polícia Civil paulista que implicavam até mesmo o Chefe da Instituição, de nome Bittencourt, ela se recordava vagamente, ele estivera em uma das festas na mansão.

- Tá tudo aqui - dissera ele quando se encontraram em um pequeno restaurante no aeroporto de Cumbica - Se você entregar esse dossiê para a Polícia seu pai vai ter sérios problemas, pode ser implicado nos crimes de formação de quadrilha, incêndio, corrupção, entre outros delitos.

- Ele pode vir a ser preso? - perguntou acariciando o ventre.

- Acho difícil, seu pai é milionário e influente, vão fazer estardalhaço, mas duvido que venha a ser preso - respondeu observando o ventre dilatado da jovem à sua frente.

Sthefany meditou por um momento, apesar de tudo que seu pai fizera ele escaparia impune, ao menos na justiça.

- Para quando é o bebê? - perguntou Bruno com um sorriso simpático.

- Daqui quatro semanas - respondeu com um sorriso triste.

Bruno concordou meneando a cabeça e tomou um gole de seu chope que pedira ao garçom.

- Você não ligou para o Marcos?

- Não tive coragem, não quero que ele se sinta obrigado a voltar por eu estar grávida, tenho medo também dele me odiar por tudo que eu fiz - murmurou torcendo um guardanapo entre as mãos.

- Ei! Seu pai a enganou e armou tudo, você errou, tudo bem, mas quem não erra nessa vida? O importante é que você correu atrás e descobriu toda a armação de seu pai. Marcos nunca tentou assassiná-lo e se agiu daquela forma é porque foi drogado - afirmou apertando as mãos da jovem aflita à sua frente.

- Acha que ele irá me perdoar?

- Com certeza, pelo pouco que convivi com ele sei que é um cara honrado.
- Tenho medo de descobrir que ele não me ama mais, que ele conheceu outra pessoa e me esqueceu.

- Se isso aconteceu é coisa do destino, mas você tem que contar pra ele o que descobriu e sobre o filho que está esperando.

- Vou esperar a criança nascer - respondeu, mas no íntimo se sentia indecisa sobre o que fazer.

- Faça isso, se as coisas não derem certo pra vocês, pelo menos você vai poder tocar sua vida.

- Voltando ao assunto, você conhece alguém da grande imprensa? - perguntou Sthefany.

- Tenho alguns contatos - respondeu encarando-a.

- Se puder me dê eles - pediu.

- Te envio pelo whatsapp - respondeu Bruno manuseando o celular.

Sthefany ouviu o aviso de mensagens e leu os contatos de vários repórteres da imprensa escrita e televisionada.

- Obrigada - agradeceu com um sorriso.

Nesse momento o alto falante do aeroporto anunciou o voo da ponte aérea Rio-São Paulo.

- Bom, é meu voo - disse Bruno se levantando com um sorriso após deixara o dinheiro da conta dentro do cardápio.

- Bruno, nem sei como agradecer tudo que me fez - disse Sthefany levantando-se.

- Foi um prazer, me mantenha informado - pediu e abraçou-a com delicadeza por causa da gravidez.

- Obrigada - sussurrou no ouvido dele e depositou um cálido beijo em seu rosto.

Bruno a encarou fixamente, ali estava uma mulher pelo qual valia a pena se apaixonar, Marcos era um homem de sorte, pensou consigo mesmo. Até que, com um sorriso se despediu.

- Boa sorte, a gente se vê - disse e se afastou em direção a sala de embarque.

Sthefany ficou observando-o partir, decidira o que fazer, confrontaria seu pai.

Capítulo XVIII

Marcos e Elisabeth voltaram para Alepo e foram recebidos com uma pequena festa preparada pelos médicos do alojamento.

Havia vinho, cerveja, aguardente, e até mesmo vodca que um voluntário russo trouxera dias antes.

- Bem vindos - cumprimentou o diretor Pierre - Vocês fizeram falta.

- É bom vê-los novamente - disse Le Clerk estendendo uma garrafa de cerveja para Marcos e Elisabeth - Vocês formam um belo casal.

Marcos percebeu que Elisabeth corava e para disfarçar levava à boca a garrafa de cerveja. Uma mecha de seus cabelos caía pelo rosto escondendo parcialmente seu rosto, seus lábios vermelhos fizeram beicinho para beber, um gesto que ele achou sexy.

Enquanto bebia de sua garrafa e a observava conversando com o Doutor Pierre sentiu seu coração aquecido. Ele a considerava uma linda mulher, em todos os sentidos, o jeito como afastava o cabelo dos olhos, o sorriso espontâneo, até mesmo a forma como ela se movia graciosamente pela sala, mesmo usando roupas táticas e pesadas botas, ele considerava atraente.

Elisabeth percebeu que Marcos tinha os olhos fixos nela e sustentou seu olhar dando-lhe um sorriso. O olhar dele era carregado de carinho e desejo o que a fez estremecer com um arrepio de prazer que subiu pela sua coluna, arrepiando sua pele e fazendo sua vagina se umedecer. Os dias passados e Londres somente a fizeram gostar ainda mais dele.

Apesar de sentir que ele ainda não se entregara totalmente, ela decidira não resistir mais à atração e paixão que sentia por ele. Não era apenas algo físico, era um todo, seu carinhoso para com ela, sua coragem e abnegação, seu senso do que era certo e errado. Elisabeth sentia que estava se apaixonando perdidamente e, em vez de temer tal sentimento, o abraçava com alegria, ela nunca experimentara algo tão forte como o que sentia por ele.

Sorrindo se aproximou dele colando seu corpo ao dele e enlaçando-o pelo pescoço com os abraços. Divertida percebeu que ele corava, Marcos sempre era centrado e não costumava demonstrar intimidade em público.

- Me leva daqui, quero você – murmurou surpresa com a própria ousadia.

- Venha - respondeu Marcos puxando-a pela mão com um brilho de desejo no olhar.

Elisabeth seguiu Marcos que a levou até seu quarto, haviam decidido

dividir o quarto para poderem dormir juntos. Ele trancou a porta e se virou para ela abraçando-a enquanto a beijava com volúpia, sua boca espremendo seus lábios, sua língua explorando seu interior.

Ela sentia o membro rijo dele pressionando-a por entre o tecido grosso das calças táticas que usavam.

Ele a empurrou fazendo-a encostar-se à parede, o peso de seu corpo pressionando-a, suas mãos fortes percorrendo seu corpo, apalpando com força seus seios, fazendo-a gemer em seus lábios.

Elisabeth enroscou seus dedos no cabelo curto dele, puxando-o como se quisesse impedir que seus lábios desfizessem o contato.

As mãos dele entraram por dentro da gandola tática e por dentro da camiseta detendo-se em seu sutiã, como em um passe de mágica.

Sem se conter e sem desfazer o longo beijo, Elisabeth correu as mãos até o cinto da calça dele desafivelando-o, em seguida desceu o zíper após desabotoar a calça, libertando o pênis da cueca que agira pulsava entre seus dedos.

Marcos a pressionou com mais força contra a parede e com movimentos rápidos retirou sua gandola, camiseta e em seguida a livrou da calça, deixando-a apenas de calcinha e sutiã, além das botas e da calça que se enroscava em sua canela.

Quando os lábios dele desfizeram o contato do beijo e desceram por seu pescoço até se concentrarem em seus mamilos, ainda escondidos atrás do tecido do sutiã, ela gemeu alto, sentindo que sua vagina pulsava dolorosamente de prazer com a pressão do membro ereto contra ela.

- My love^[24] - murmurou beijando o pescoço dele enquanto desabotoava sua gandola.

Marcos ajudou se desfazendo dela e retirando rapidamente a camiseta voltou a beijá-la nos seios após despi-la do sutiã.

Em seguida ele desceu por seu ventre enquanto se ajoelhava, Elisabeth mordeu os lábios ao sentir a boca dele sugando sua vagina por cima da calcinha, a língua tentando romper o fino tecido para acariciar seu clitóris e invadir seu interior molhado.

Marcos desceu a calcinha até seus tornozelos e gentilmente a fez erguer a perna esquerda e depois à direita livrando-a da calça e da peça íntima.

Em seguida ele subiu a língua pelo interior de suas coxas até alcançar sua vagina, mordiscando os grandes lábios, lambendo seu clitóris até que introduziu a língua dentro dela.

- God! - gemeu alto Elisabeth sentindo ondas de prazer se emanando de entre suas pernas por todo o corpo.

Por alguns minutos ele ficou ajoelhado acariciando-, mordiscando e

beijando-a, a fazendo delirar e murmurar palavras desconexas em inglês e português.

O prazer aumentando a um nível quase insuportável, chegando próximo ao ápice, entretanto, quando estava próxima de gozar ele se ergueu segurando suas mãos acima da cabeça, encostando o pênis em seu corpo, esfregando-o e pressionando-o contra sua vagina e clitóris em um movimento lento e firme.

- Come on, please^[25] - implorou desejando senti-lo em seu interior.

Marcos a encarou fixamente, seus olhos brilhavam na penumbra do quarto, ele segurou sua coxa direita fazendo-a passar a perna por sua cintura, então usando uma das mãos, enquanto a outra ainda segurava suas mãos acima da cabeça penetrou-a lentamente.

Elisabeth sentiu cada centímetro invadindo-a, fazendo sua respiração acelerar, desejando abraçá-lo, mas como um torturador ele continuava a mantendo presa pelas mãos.

Quando todo o membro estava em seu interior ele começou a se movimentar lentamente, aumentando o ritmo gradualmente, enquanto a pressionava contra a parede a cada estocada.

- Deus! Como você é gostosa, como eu te quero! -murmurou ele em seu ouvido, passando a penetrá-la cada vez mais rápido.

Ele a libertou e segurou suas nádegas, Elisabeth passou a outra perna em volta da cintura dele, prendendo-o pela cintura. Marcos a empurrou com força, a cada estocada suas costas se chocavam contra a parede, mas em vez de sentir dor ela sentia um prazer violento e mordeu os ombros dele para impedir um grito de prazer que nascia dentro dela, ao mesmo tempo em que sentia o gozo explodindo em seu interior, fazendo seus músculos internos se contraírem e apertarem com força o pênis que continuava a penetrá-la, agora com rapidez e força.

- Ahhh! - gemeu alto Marcos e ela sentiu que ele gozava em seu interior ejaculando fundo enquanto os espasmos de seu corpo continuavam e continuavam.

Minutos depois estavam deitados na cama de solteiro, ainda usando botas, com Elisabeth aninhada no peito dele.

Uma lassidão agradável se espalhou por seu corpo enquanto aspirava o cheiro másculo dele, misturado com o cheiro de sexo. Nunca se sentira tão protegida, mesmo estando em uma zona de guerra.

Estou amando, pensou enquanto mergulhava no sono.

Marcos acariciava os cabelos de Elisabeth, enquanto que, com a outra mão deslizava os dedos pela pele macia das costas dela. Ela parecia adormecida e murmurava algo.

- What did you say?^[26] - perguntou sussurando com ar divertido.

O que ouviu o fez deter a carícia espantado.

- I love you [\[27\]](#) - murmurara Elisabeth de forma quase inaudível, em meio ao sono.

Capítulo XIX

Após se despedir de Bruno no aeroporto ela fora para casa onde aguardou ansiosa o retorno de seu pai. Consultara um advogado e iria entrar com o divórcio e se Bert não aceitasse estava disposta a enfrentar o processo litigioso. Ele ainda não retornara da Alemanha, e apesar de tentar ligar ela se recusava a atendê-lo.

O mesmo advogado a ajudara a comprar um pequeno apartamento com as economias que ela tinha em uma conta poupança que sua mãe abrira quando ela nascera. Sthefany ficara surpresa com o saldo que havia na conta. E graças ao dinheiro pudera mobiliar o local. Agora estava pronta para sair de casa.

Ele também descobrira que Sthefany era proprietária do hospital. Sua mãe detinha a maioria do controle acionário e quando falecera tal controle fora herdado por sua única filha.

Ele orientara que ela entrasse com uma ação para obrigar Avelar a lhe entregar o controle do hospital, algo que ele aparentemente "esquecera" de fazer.

Sthefany resolvera esperar o resultado da conversa que teria com seu pai que estava viajando.

Seu pai chegara dois dias depois do encontro que tivera com Bruno, tarde da noite, e a encontrou no escritório esperando.

- Boa noite, estava esperando o senhor - disse Sthefany levantando-se da poltrona em que estivera sentada.

- Boa noite - respondeu Avelar desconfiado.

Desde o incidente do suposto estupro, que para ele era um exagero, a relação entre os dois estava cada vez mais fria. Sua filha fazia as refeições no quarto evitando-o, quando se encontravam ela respondia monossilabicamente suas perguntas.

Bert estava na Alemanha, ele o aconselhara há esperar o tempo passar, talvez quando a criança nascesse Sthefany abrandasse o coração em relação ao pai de seu filho.

- Sente-se pai, tenho algo para lhe mostrar - disse friamente Sthefany, segurando com força o dossiê.

Avelar sustentou seu olhar e dirigiu-se até o aparador onde se serviu de uma generosa dose de uísque, em seguida afrouxou a gravata e deixou-se cair pesadamente no sofá, tomando um grande gole de seu copo.

- Fale - disse ele com um gesto convidando-a para sentar.

Em vez de sentar Sthefany jogou o dossiê em cima da mesinha de centro, em frente a Avelar.

- O que é isso? - perguntou curioso.

- Leia - respondeu secamente.

Avelar folheou os papéis e sentiu seu coração acelerar, havia confissões transcritas do detetive e da enfermeira que contratara. O relatório o acusava de ter tramado a morte de Rafael com a ajuda de policiais militares, de ser o autor intelectual do incêndio de uma residência e de ter interferido em investigação da Polícia Civil entre outras acusações.

Avelar fechou o dossiê e jogou novamente na mesinha, encarando sua filha que observava atentamente.

- O senhor nega? - perguntou diretamente.

- Claro que nego! Isso é um absurdo! – respondeu fingindo indignação.

- Como o senhor pode ser tão cínico? Desde o início você não aceitou meu relacionamento com Marcos.

- Ele é um favelado, irmão de um criminoso, filho do homem que matou sua mãe!

- Ele é o homem que eu amo! - disse elevando o tom de voz.

- Você é casada! Respeite seu marido! – afirmou batendo a mão no tampo da mesinha.

- Ele é um estuprador! E para seu conhecimento eu entrei com a papelada do divórcio litigioso!

- Não ouse! Não enquanto morar debaixo de meu teto!

- Não seja por isso! Estou saindo de casa! E te digo mais uma coisa, essa criança que estou esperando é filho do Marcos e não do Bert.

- O que? - explodiu Avelar se erguendo do sofá.

- É o que o senhor ouviu, é filho dele e Bert sabia quando se casou comigo!

- Como pode engravidar do filho do homem que matou sua mãe! – perguntou exaltado aproximando-se dela, suas veias do pescoço saltadas, o rosto congestionado.

- Eu o conheci, ele não é o monstro que o senhor pintou minha vida inteira, ele não tinha intenção de mata-la!

- Ingrata! – rugiu Avelar e lhe desferiu um tapa no rosto.

Sthefany ficou chocada, nunca em sua vida seu pai a agredira, mesmo na adolescência, quando ela fora voluntariosa e ele fora obrigado a busca-la em uma central de polícia em Boston por ter bebido demais e causado uma confusão com colegas de faculdade.

- Suma daqui! - gritou Avelar - Você não é minha filha!

- Vou embora, mas saiba de uma coisa, uma cópia desse dossiê foi enviada pra polícia e pra imprensa! Como o senhor pode destruir a vida de Marcos dessa forma? Como pode contribuir para um assassinato? Queimar uma casa, fechar uma clínica? Misturou-se com marginais e acabou se transformando em um - afirmou com voz baixa enquanto lágrimas de decepção corriam por seu rosto.

- Você não ousaria, uma mentira dessas destruiria nossa reputação, já pensou no resultado das ações de nossas empresas na bolsa? Teríamos milhões de prejuízo! Meu nome seria arrastado na lama, minha reputação e prestígio manchados de tal forma que mesmo quando descobrirem que é tudo mentira, não conseguiria reverter o dano! – afirmou se aproximando novamente dela com a mão erguida.

- Me toque mais uma vez que eu o coloco atrás das grades por violência doméstica – afirmou entredentes sentindo um ódio que nunca experimentara na vida correndo por seu sangue – É só isso que importa pro senhor, dinheiro e poder!

- Como ousa falar assim comigo? Suma! Você não é mais minha filha, esqueça seus cartões de crédito e seu carro importado! - gritou Avelar se erguendo e apontando para da sala - Sthefany saiu do escritório e encontrou Josué, o mordomo, com ar assustado.

- Eu não me importo com isso, pode ficar com eles, mas não pense que eu não vou lutar pelo que é meu de direito, andei me informando e mamãe me deixou muitos bens!

- Suma! – gritou Avelar.

Enquanto saía do escritório ela ouviu o som do copo de uísque que seu pai estivera usando se espatifando ao lado da porta com um estrondo, fazendo um pouco do líquido molhá-la. Ao sair encontrou o mordomo com fisionomia assustada.

- Milady, ouvi gritos - disse Josué encarando-a.

- Estou indo embora, Josué, poderia me chamar um táxi? - perguntou enxugando as lágrimas que teimavam escorrer por seu rosto.

- Claro, milady - respondeu o mordomo.

Sthefany subiu para se quarto, não tinha muito que levar, a maioria de suas roupas e objetos pessoais já estavam no apartamento novo.

Estava nervosa e triste, amava seu pai, isso não mudara, mas estava decepcionada com ele, como seu pai pudera destruir seu relacionamento com Marcos? Como pudera quase destruir a vida de um homem decente e honrado como ele? E se sentia ainda mais triste por ter sido enganada por seu pai e acabado por magoar terrivelmente o homem que tanto amava.

Sthefany desceu as escadas, levava apenas uma pequena mala, Josué

estava no fim da escada e começou a subir para ajudá-la, mas antes de chegar ela sentiu uma fisgada violenta no ventre.

- Aiiii - gemeu alto.

- Milady! - exclamou aflito Josué, subindo rapidamente a escada a tempo de amparar Elisabeth que se ajoelhara.

- Meu bebê - disse assustada, enquanto sentia que a bolsa rompia e molhava sua calcinha, escorrendo pelas pernas.

A dor veio logo em seguida, forte e dilacerante, como se ela estivesse sendo rasgada ao meio.

"Meu bebê", pensou desesperada enquanto abraçava o ventre.

Capítulo XX

As semanas seguintes, depois que voltaram da Inglaterra, correram em meio à plantões estressantes, algumas vezes superiores à 24 horas. A situação em Aleppo era terrível, os insurgentes lutavam em duas frentes contra o governo Sírio e contra os combatentes do EI.

Apesar da situação trágica da cidade, da degradação humana que todo dia era vista no hospital, Marcos e Elisabeth conseguiam manter um oásis de paz no pequeno quarto que dividiam. Nele havia apenas uma cama de solteiro e um guarda roupa velho, mas eles não se importavam e Marcos brincava alegando que a cama pequena os obrigava a dormirem agarrados.

Para Elisabeth aqueles dias eram os mais felizes de sua vida, exercia sua profissão em um local onde era necessária, ajudando pessoas que não tinham ninguém que os auxiliasse.

Apesar das condições desumanas do trabalho, sabia que ao final de um plantão exaustivo poderia ir na companhia de Marcos para o alojamento onde dividiam o pequeno quarto.

Nele faziam refeições à luz de velas, geralmente por causa da constante falta de energia na cidade, ouviam música ou assistiam filmes no tablete, e se amavam na pequena cama de solteiro.

Elisabeth admitia para si mesma que estava amando, nunca sentira nada parecido na vida, o toque de Marcos em seu corpo, seu sorriso, que se tornara mais frequente, seu humor ácido, suas gentilezas para com ela, sempre tentando surpreende-la, às vezes com uma barra de chocolate, às vezes com uma garrafa de vinho, e uma vez até mesmo ele conseguira algumas rosas para presenteá-la, tudo a fazia amá-lo com mais intensidade.

Mas apesar da certeza de seus sentimentos tinha medo de se declarar, percebia que havia algo no passado de Marcos que o levava às vezes para algum lugar escondido em sua mente, nesses momentos ele ficava perdido em seus pensamentos com uma expressão de dor no rosto.

Ao menos duas vezes já o ouvira murmurando um nome durante o que parecia ser um pesadelo. Nessas horas ela o abraçava com força tentando mostrar que estava ao seu lado, até que seu sono se acalmava.

Ela temia que Marcos não a amasse, temia dizer o que sentia e não ouvi-lo dizer que a amava, por isso não o pressionava, ele estava ao seu lado e para ela isso bastava.

Certa manhã acordaram por volta das seis da manhã, assumiriam o plantão às oito horas, por um momento Elisabeth pensou em ficar na cama, sentia-se indisposta com um pouco de tontura e náuseas.

- Ei, por que você não tira o dia de folga? Você está pálida - disse Marcos com ar preocupado.

- Eu estou bem, deve ter sido o jantar de ontem, a carne enlatada parece que não caiu bem - murmurou esforçando-se para sentar.

- Tem certeza? Eu posso falar com o Doutor Pierre.

- Não, só preciso de um banho gelado - respondeu levantando-se - Tenho duas cirurgias marcadas para a parte da manhã.

- Tudo bem, mas vou ficar de olho em você...

Elisabeth concordou e se forçou a ir até o pequeno banheiro do quarto, não havia água no encanamento, mas Marcos conseguira um grande tonel onde a armazenava e que usavam para tomar banho utilizando uma pequena caneca, geralmente ele fervia um pouco para que o banho fosse com água morna, mas nessa manhã a água fria era do que precisava e após o banho sentiu-se melhor.

Após se trocarem foram até o refeitório onde alguns voluntários tomavam café. Elisabeth apenas beliscou alguns pedaços de pão e evitou o café para não irritar seu estômago. Percebeu que Marcos a observava atentamente com olhar preocupado.

- Eu estou bem, juro - afirmou e o beijou levemente nos lábios.

- Se piorar me prometa que vai me procurar ou algum outro médico - pediu segurando suas mãos.

- Prometo - respondeu forçando um sorriso, embora sentisse seu estômago querendo enjoar.

Ao entrarem no hospital para mais um dia de luta contra a morte e o horror da guerra, Elisabeth esqueceu o enjoo, ocupada como ficou com seus pacientes.

Conseguira inclusive almoçar com apetite na hora do almoço, sob o olhar divertido de Marcos.

- Parece que seu estômago melhorou - disse estendendo sua torta de maçã industrializada para ela.

- Verdade, nossa estava morrendo de fome - disse sorrindo enquanto mordida um grande pedaço do doce.

Após o almoço Marcos foi chamado até a sala do diretor, uma ligação de celular via satélite do Brasil o aguardava.

- Alo? - perguntou ansioso após receber o celular das mãos do diretor.

- Marcos, aqui É o Junqueira, sinto te informar que sua mãe sofreu um AVC^[28] e está em estado grave, seria bom que você voltasse para vê-la - disse a

voz pesarosa do outro lado da linha.

Marcos ficou atônito e devolveu o celular após conversar com o Doutor Junqueira, esperava ter dito as palavras certas, pensou consigo mesmo.

Sua mãe, a mulher que se sacrificara tanto por ele e pelo irmão e que sofria a anos de Alzheimer, agora estava às portas da morte.

Após agradecer e explicar para o diretor Pierre que precisava voltar urgente para o Brasil, este o ajudara a fazer as ligações telefônicas que permitiriam que ele partisse para Paris e de lá para o Brasil.

Quase duas horas depois, quando saiu da sala do diretor, conseguira preparar sua viagem, ele partiria com os demais médicos. Em razão dos ataques que estavam ocorrendo há dias, temia-se que o Exército Sírio invadisse o local, assim, para garantir a segurança dos voluntários estrangeiros todos seriam recuados para um hospital de campanha improvisado em um local mais seguro.

Marcos encontrou Elisabeth na sala de café, por um momento ele ficou observando-a da porta do refeitório enquanto ela devorava uma grossa fatia de pão e queijo. Ela conseguia ser sensual mesmo em atividades corriqueiras, será que sua mãe gostaria dela? Pensou consigo mesmo, embora no íntimo soubesse que sua mãe não o reconheceria e não entenderia Elisabeth lhe fosse apresentada.

Como se percebesse que estava sendo observada, Elisabeth se virou e sorriu para Marcos convidando-o a sentar-se ao seu lado.

- Nossa estou com fome ainda, acredita? - disse sorrindo, mas seu sorriso se extinguiu ao perceber a fisionomia abatida e triste de Marcos - O que aconteceu?

- Minha mãe sofreu um AVC - respondeu e então contou sobre os problemas de saúde dela, sobre a necessidade de viajar para o Brasil e a iminente evacuação do hospital.

- Tudo vai dar certo, você vai ver - consolou-o apertando gentilmente as mãos dele antes de voltarem ao trabalho que nunca cessava.

No final da tarde vários feridos começaram a dar entrada no hospital, a maioria combatentes. Os sons das explosões chegavam até o hospital cada vez mais alto.

Quando a noite chegou encontrou o casal operando junto, um soldado chegara ferido com estilhaços de bomba no tronco e pela entrada dos projéteis no corpo o coração poderia estar em risco.

A cirurgia começou e logo Marcos tinha o tronco do paciente aberto em sua frente, rapidamente e com precisão ele começou a retirar os fragmentos de metal do corpo e com a ajuda de Elisabeth continha os sangramentos provocados por eles.

De repente o estrondo de uma explosão abalou o prédio fazendo com que as luzes que iluminavam o local piscassem como vaga-lumes em uma noite de verão, farelos de reboco caíam em cima da mesa de cirurgia, nela um homem estava com o tórax aberto para a retirada de vários estilhaços de metal produzidos pela deflagração de uma granada de artilharia de 155mm durante um bombardeio.

Marcos aguardou a luz se estabilizar, enquanto mantinha a pinça que prendia uma agulha com fio cirúrgico, suspensa em sua mão direita, sua mão esquerda encontrava-se no interior do paciente. Elizabeth o encarou com olhar preocupado por detrás dos óculos de proteção.

Junto à mesa, uma enfermeira utilizando um reanimador pulmonar manual, preso ao rosto do paciente apertava-o ritmicamente, fazendo com que oxigênio chegasse à vítima.

Outros três enfermeiros estavam ao lado da mesa, um passando os instrumentos, outro cuidando do velho monitor cardíaco onde se observava os batimentos fracos e irregulares do paciente, enquanto o terceiro manuseava o equipamento de sucção.

A sala era precária com paredes pintadas de branco que descascavam em vários lugares, os equipamentos eram velhos e improvisados, mas nada disso importava no momento a não ser os estilhaços de metal espalhados no interior do corpo do jovem que não deveria ter completado dezoito anos ainda.

- "Mas"^[29] - ordenou Marcos com um forte sotaque, depois de quase um ano e meio em Alepo ele já estava familiarizado com o árabe.

O enfermeiro passou a cânula no tórax aberto sugando o excesso de sangue que se esparramava pelos órgãos internos.

- Marcos, preciso retirar o estilhaço que está próximo do coração - disse suavemente Elizabeth.

- Preciso estancar o sangramento da aorta abdominal ou ele vai morrer de hemorragia - respondeu voltando sua atenção ao corpo aberto.

Com movimentos rápidos e precisos ele passou a fina agulha pela aorta que estava aberta costurando-a, satisfeito percebeu que o sangramento cessara.

- Precisamos de mais sangue - disse Elizabeth observando que o saco de plasma sanguíneo que alimentava o paciente através da artéria do braço direito estava quase no fim.

- Não temos mais - disse o enfermeiro encarregado da monitoração cardíaca.

- Deus! Mande um dos companheiros dele entrar, ele é receptor universal - ordenou Marcos, referindo-se ao tipo de sangue AB+ do paciente.

O enfermeiro saiu no mesmo instante que outra explosão foi ouvida

fazendo as luzes piscarem com mais força.

- Está cada vez mais perto - murmurou Elizabeth aproximando lentamente sua mão direita que segurava uma pinça do corpo aberto na mesa.

O enfermeiro retornou com um soldado vestindo um uniforme de camuflagem verde, mas que estava quase cinza de poeira. O rosto do jovem era barbado e estava com pesadas olheiras em volta dos olhos negros carregados de medo e preocupação.

Com movimentos rápidos Marcos ergueu a manga do blusão do jovem e com agilidade introduziu uma agulha em sua artéria colocando a outra ponta no saco plástico de plasma quase vazio.

- "Musafaha"^[30] - ordenou mostrando o movimento.

Ele voltou sua atenção para o paciente, Elizabeth calmamente retirava o pedaço de metal que por nano milímetros não atingira o coração.

- Consegui - disse Elizabeth, retirando-o de seus devaneios.

- Vamos fechar rapidamente - afirmou Marcos preparando-se para suturar o tórax aberto.

Outra explosão, dessa vez mais violenta fez as luzes se apagarem definitivamente, sinal que o gerador movido à diesel parara de vez.

- "Misbah ydwy"^[31] - ordenou Marcos. Imediatamente o enfermeiro que cuidava do monitor, agora inútil, acendeu uma pequena lanterna iluminando o tórax do paciente.

Rapidamente ele suturou o tórax aberto.

- Levem para a recuperação - ordenou em seguida.

Os enfermeiros se retiraram da sala de cirurgia seguindo a fraca iluminação produzida pela lanterna do enfermeiro deixando-os a sós na escuridão.

- Temos que ir embora, o comboio de evacuação vai partir em uma hora - murmurou Elisabeth.

Marcos se aproximou da voz até que sentiu a médica à sua frente, enlaçou-a pela cintura puxando-a de encontro a seu corpo. Elizabeth passou seus braços em volta do pescoço dele puxando seu rosto em direção ao dela.

Seus lábios se encontraram em um demorado beijo, até que Elizabeth se afastou colocando as mãos em seu peito.

- Você vai mesmo viajar para o Brasil? - perguntou acariciando em seguida o rosto do médico.

- Tenho que voltar, minha mãe está muito doente - respondeu lembrando-se de sua idosa mãe.

Voltar, nunca imaginei que retornaria tão cedo para minha cidade natal, pensou com amargura.

- Temos que ir - murmurou Elizabeth sentindo a tensão nele.
- Sim vamos - respondeu puxando-a pela mão em direção à saída.

Ao saírem da sala de cirurgia perceberam o caos no qual o hospital estava mergulhado. Os corredores, iluminados por lampiões, estavam lotados de feridos, muitos estendidos no chão já que não existia macas suficientes para todos.

Homens, mulheres e crianças olhavam-nos com olhos apáticos de medo e resignação. Enfermeiros e enfermeiras, todos voluntários, tentavam confortar os pacientes, e quando cruzavam com os médicos sorriam em agradecimento.

Elizabeth fez menção de parar para conversar com os pacientes e enfermeiros, sentia-se culpada por abandoná-los, mas ele a puxou pela mão com firmeza.

Ao saírem do hospital Al Quds se depararam com o caos em volta dele, centenas de pessoas estavam esparramadas em volta das calçadas e ruas, agora destruídas pelos bombardeios ininterruptos, algumas fogueiras ardiam iluminando precariamente o entorno do local. Há muito tempo não havia mais iluminação pública.

A noite estava quente e abafada, os odores desagradáveis de pólvora e sangue, misturados com a poeira dos prédios atingidos permeava todo o entorno. A cidade era bombardeada há anos, mas naquele, vinte e sete de abril de dois mil e dezesseis, os ataques estavam mais intensos, disparos de artilharia e bombardeios da aviação síria e russa ocorriam desde as primeiras horas da manhã.

No momento em que ganharam as ruas em direção ao conjunto de residências onde o pessoal do MSF se hospedava, ele ouviu o som de aviões à jato se aproximando com um estrondo, em seguida ouviu um zumbido agudo, sua reação instintiva foi empurrar Elizabeth para frente e se jogar por cima de seu corpo.

O deslocamento de ar produzido pela violenta explosão tirou o ar dos pulmões de ambos atordoando-os.

Marcos auxiliou Elizabeth a se levantar e verificou rapidamente se ela estava bem, um zumbido agudo dificultava sua audição, mas pode perceber que ela dizia que estava bem. Ao olharem para trás ficaram em choque, o hospital ardia em chamas.

Gritos de feridos se elevavam ao ar misturando-se com o estrondo de bombas e o rugido de aviões que sobrevoavam a cidade. Alguns pacientes corriam de dentro do hospital com o corpo em chamas, mulheres e crianças choravam caídas no chão permeado de crateras do que fora a calçada e a rua, enquanto outras corriam sem rumo aparente gritando e levando as mãos à

cabeça, claramente em estado de choque.

Algumas pessoas com sangue frio o suficiente passaram a socorrer as vítimas com a ajuda do casal de médicos. Enquanto ajudava a socorrer uma menina com queimaduras de terceiro grau a cena final do filme *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola, cruzou sua mente, nela o major Kurtz exclama: "O horror, o horror!" em seu último suspiro.

Era o que sentia no momento: "horror".

Dois dias depois os dirigentes do MSF lançaram uma nota à imprensa.

"É com profunda tristeza que a organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF) confirma, até o momento, a morte de mais de 50 pessoas - incluindo pacientes e ao menos seis profissionais médicos - após os ataques aéreos contra o hospital Al Quds apoiado por MSF em Aleppo, na Síria. A instalação e áreas ao seu redor foram atingidas na noite do dia 27 de abril por bombardeios que não pouparam nenhuma parte da cidade.

"O céu está caindo em Aleppo. A cidade, onde têm se instalado consistentemente as frentes de batalha desse conflito brutal, agora está sob o risco de sofrer uma ofensiva completa, sem que lugar algum seja poupado", diz Muskilda Zancada, coordenadora-geral de MSF na Síria. "Ataques contra hospitais e profissionais médicos são um indicador devastador de como a guerra na Síria está sendo travada, uma das inúmeras maneiras brutais por meio das quais os civis estão sendo alvejados."

Nesse mesmo dia Marcos embarcou para Paris e de lá para São Paulo, ele tentara convencer Elisabeth a acompanhá-lo, mas ela recusara, um hospital improvisado fora preparado em local mais seguro, mas em meio às ruínas, havia centenas de feridos em razão da ofensiva do exército sírio.

Ela o acompanhara até Damasco, em companhia do Doutor Pierre que fora se encontrar com observadores da ONU na capital Síria, os quais foram ao local para investigar os ataques aéreos.

Passaram a última noite em um quarto de hotel. Elisabeth estava introspectiva, quase triste ao subirem para o quarto após o jantar.

Ela foi até a sacada enquanto ele terminava de arrumar sua mochila com algumas mudas de roupa. Ao terminar foi até ela abraçando-a pelas costas, Elisabeth descansou a cabeça no peito dele, enquanto ele a envolvia pela cintura com seus braços.

A lua brilhava em meio às nuvens do céu noturno e uma brisa morna soprava. Ela constatou que aquela poderia ser a última noite que teriam em muito tempo.

Quando ele a beijou no pescoço sentiu a pele se arrepiar e seus mamilos ficarem túrgidos por baixo do sutiã e da camiseta branca com o símbolo do MSF

que usava, fazendo com que erguesse o rosto encarando-o. Ele a beijou longamente, e ela sentiu o desejo dele pressionando suas nádegas por trás do tecido jeans que ambos usavam.

Elisabeth suspirou dentro dos lábios dele e virou-se ficando de frente para ele, seus seios pressionados contra o peito musculoso, sua pélvis pressionando o membro ereto. Ela passou os braços pelo pescoço dele enlaçando-o enquanto ele a envolvia pela cintura puxando-a ainda mais para perto de si.

Beijaram-se por um longo tempo, Marcos em um movimento súbito a pegou no colo o que a fez rir de felicidade. Ele a levou para dentro do quarto e a colocou gentilmente na cama.

Elisabeth observou-o atentamente, queria gravar e sua mente cada detalhe do rosto dele. Marcos lentamente a ajudou a retirar a camiseta, os tênis e a calça jeans, deixando-a somente com o conjunto branco de calcinha e sutiã.

Ele ergueu-se e rapidamente se desfez das roupas e bota, ficando apenas de cueca, o pênis esticando o tecido, apontando para frente. Quando ele deitou-se sobre ela, o membro a pressionando por baixo do tecido, seu peso esmagando seus seios, ela gemeu de prazer, sentia que já estava encharcada e passou a movimentar a pélvis ajudando o pênis a roçar sua vulva e clitóris, fazendo ondas de prazer se espalhar por todo seu corpo.

Marcos a beijou lentamente, sua língua explorando cada canto de sua boca, enroscando-se com a dela. Após um tempo ele desceu por seu pescoço até alcançar seus seios. Primeiro ele a acariciou por cima dos tecidos, depois retirou o sutiã e os sugou, às vezes com força, às vezes lentamente.

A mão dele se intrometeu no meio de suas pernas e passou a acariciar sua vagina e clitóris por cima da calcinha, levando-a a se contorcer.

A língua desceu por seu ventre deslizando, às vezes substituída pelos lábios que a beijavam docemente. Ao chegar à calcinha ele passou a suga-la deixando-a ainda mais molhada

- Marcos - sussurrou mais para si mesma do que para ele.

Gentilmente ele retirou sua calcinha e voltou a acaricia-la com a língua, beijando, sugando, mordiscando toda a extensão de sua vulva e clitóris até que ele enfiou-a em seu interior fazendo-a retesar o corpo enquanto deixava escapar um alto gemido.

A carícia continuou e o prazer aumentou até quase um nível quase insuportável.

- Marcos, my love, ahhh, my God! - murmurava se contorcendo sob a língua dele, enquanto as mãos apertavam seus seios, às vezes os dedos friccionando seus mamilos.

Quando o prazer estava insuportável ele enfiou um dedo dentro dela

acariciando-a em um movimento contínuo enquanto ao mesmo tempo continuava sugando sua vagina, o que a fez soltar um pequeno grito e o orgasmo veio violento e intenso fazendo seu corpo e músculos tremerem incontrolavelmente.

Enquanto tentava recuperar o folego Marcos se colocou sobre ela novamente, encaixando-se no meio de suas pernas, o membro ereto, agora livre da cueca que ela nem percebera que ele retirara.

Por um momento ele a encarou fixamente.

- Você é linda e eu te adoro - afirmou ele com a voz rouca. Em seguida a beijou novamente alternando movimentos suaves com voluptuosos, enquanto sua mão direita acariciava seus seios.

- Eu também te adoro - respondeu, embora quase dissesse que o amava.

Marcos a beijou novamente, pressionando-a com seu pênis, acariciando seus seios e coxas, até que percebeu que ela estava excitada novamente.

Ele encaixou a cabeça de seu membro na entrada encharcada dela e encarando-a fixamente, olhos nos olhos, a penetrou lentamente enquanto ela gemia e semicerrava os olhos arqueando a pélvis e puxando-o para junto dela com as mãos segurando suas nádegas.

Ele penetrou-a até o fim e ficou parado por um momento, saboreando a sensação da vagina quente e úmida contraindo-se em volta de seu pênis. Então, ainda mantendo o contato do olhar, passou a se movimentar lentamente dentro dela.

Ela segurou seu rosto e após acaricia-lo puxou para junto de si beijando-o com paixão. As mãos dela deslizaram de seu rosto e nuca, arranhando lentamente suas costas com as unhas que mantinha curtas, fazendo com que sua pele se arrepiasse.

A sensação era inebriante, com uma das mãos apertou com força a coxa de Elizabeth enquanto a estocava ainda lentamente, o pênis saindo quase até a totalidade para novamente deslizar até o fim, controlando a vontade de aumentar a velocidade e a força para que finalmente pudesse gozar.

Elizabeth passou a gemer ainda mais forte, contorcendo-se debaixo de seu corpo, excitando-o ainda mais.

- Vou gozar, meu amor, vem, vem - murmurou ela entre um gemido e outro.

Marcos não resistiu, seu corpo inteiro estava tenso com o esforço de se controlar, penetrou-a com força até o fim.

- Oh God! - gemeu ela alto arranhando suas costas com mais força.

A velocidade das estocadas aumentou, seu controle desaparecera, o que ele desejava era gozar.

- Deus! Você é gostosa - grunhiu penetrando-a com força e rapidez.

- Ahhhhhhhh! - gritou Elisabeth e ele sentiu os músculos internos dela contraindo-se com força em volta de seu membro, enquanto ela o envolvia com ambas as pernas pela cintura prendendo-o e usava as mãos para puxa-lo com força, como se desejasse que ele a penetrasse além do possível.

- Ohhhh, Deus! - grunhiu sentindo orgasmo, seu pênis pulsando violentamente enquanto ejaculava fundo dentro dela.

Exausto deixou-se cair sobre ela, sentindo que ela acariciava seus cabelos curtos.

- Eu te adoro - ela murmurou em seu ouvido.

Dormiram a noite inteira aconchegados um ao outro. No dia seguinte ela o acompanhou até o aeroporto, onde ele tentou mais uma vez convencê-la a ir com ele.

- Eu sou necessária aqui Marcos, não posso ir embora, não agora - afirmara Elisabeth, quando se despediram.

- Cuide-se - pediu ele beijando-a longamente no saguão do aeroporto.

Por um momento pensou em conversar com Elisabeth sobre o que ela murmurara semanas antes. Desde aquela noite pensara constantemente no que sentia pela inglesa.

Admita que ao lado dela esquecia Sthefany, agora sentia dúvidas se ainda amava a brasileira, mas será que amava Elisabeth?

A inglesa era uma mulher incrível, passara a conhecê-la intimamente, sua paixão pela medicina e pelo trabalho voluntário o impressionavam. Ela era incansável, principalmente quanto ao atendimento de crianças, ele às vezes tinha que obriga-la a parar para descansar e se alimentar. Marcos acreditava que era pelo fato de Elisabeth ter sido uma refugiada de guerra.

O sonho dela era criar uma fundação para ajudar crianças vítimas de conflitos mundiais, que muitas vezes se tornavam refugiadas, sendo jogadas de um lado para o outro, uma vez que as nações ricas não desejavam na maioria das vezes recebe-las.

Elisabeth deixara entrever durante as longas conversas que mantinham, o desejo de um dia ser mãe, se casar e constituir família, algo que um dia fora o sonho dele. Gostaria de ter certeza do que sentia por ela, gostaria de conseguir superar o que acontecera entre ele e Sthefany. A brasileira era como um espinho infeccionado cravado em seu coração que o impedia de se abrir novamente.

Sabia que precisava antes de tudo exorcizar o fantasma dela.

- Você também - respondeu ela tentando controlar uma lágrima que teimava em escorrer pelo seu rosto.

Elisabeth observou Marcos embarcando na aeronave cargueira que o

levaria à Paris, sabia que ele deixara uma história inacabada em seu país de origem. Estava apaixonada por ele e torcia para que ele voltasse para seus braços.

Capítulo XXI

Não fora um parto fácil, Josué mandara o motorista levá-la ao hospital, uma vez que seu pai se recusara a sair da biblioteca, até onde ia a raiva dele?

Durante horas ela lutara para fazer sua criança nascer, ao final quando os médicos estavam quase optando por uma cesariana seu filho nascera, logo seus gritos eram ouvidos em alto e bom som na sala de cirurgia.

Sthefany então relaxou e quando apresentaram o bebê já enrolado, antes de levá-lo para exames de rotina ele deixou o pranto correr. Seu filho e de Marcos, o fruto do amor de ambos nascera lindo, forte e saudável.

Durante os sete dias que ficou internada recebeu a visita de inúmeros colegas e amigos, mas seu pai não a visitou ou mandou recado. Ela acompanhou os noticiários da televisão, o rosto de seu pai estava estampado em todos os telejornais de todas as emissoras.

O dossiê que Bruno preparara causara um escândalo, os repórteres anunciavam que um inquérito fora instaurado e que Avelar fora intimado para depor.

Autorizara seu advogado a entrar com uma ação e ele conseguira uma liminar que a autorizava a tomar posse da parte de sua mãe no hospital, todo mês ela receberia uma boa quantia como lucros além de poder assumir um cargo na direção ou como médica.

Por enquanto ela não desejava nada além de cuidar de seu filho recém-nascido. Quando saiu do hospital com ele nos braços por um momento se sentiu desamparada observando o movimento dos veículos e ambulâncias na entrada, mas foi algo passageiro e com determinação se dirigiu até o ponto de táxi onde entrou em um e foi em direção à seu apartamento.

No começo fora difícil, ela sempre tivera tudo na vida, empregado que faziam tudo por ela, desde lavar duas roupas a servir a mesa, mas agora ela não tinha ninguém.

Amamentava seu filho, mandava lavar suas roupas e as dele em uma lavanderia, cuidava do pequeno apartamento, o máximo que se permitira fora contratar uma diarista que vinha uma vez por semana para cuidar da limpeza pesada. Embora recebesse do hospital decidira levar uma vida mais simples, não queria que seu filho crescesse em um ambiente de luxo como ela e se tornasse uma criança mimada, isso a estragara e não desejava o mesmo para seu filho.

Era uma rotina cansativa, estava com olheiras, cansada, mas encontrara a

paz interior que sempre buscara. Amava aquele pequeno ser que dependia exclusivamente dela.

Com o dinheiro que recebia decidira cuidar exclusivamente dele até os seis meses, quando então começaria a trabalhar no hospital Domênica Xavier.

Por um momento ela desconfiara que seu pai fosse brigar na Justiça, mas misteriosamente ele não apelara da decisão judicial. Da mesma forma não a procurara, nem mesmo telefonara.

Resolvera batizar a criança com o nome de se falecido cunhado, apesar de seu envolvimento com o crime ele sempre fora gentil. A cerimônia fora simples, apenas alguns poucos colegas dela apareceram. Sthefany convidara o Doutor Augusto e sua esposa Cristine como padrinhos, Bruno também comparecera, ele se tornara um grande amigo e só não fora escolhido para padrinho, pois era solteiro.

Sthefany passava horas admirando o filho, percebendo os traços de Marcos nele. Quanto pensava no médico sentia-se triste, desejava que ele estivesse ao lado dela, descobrira finalmente que ele estava trabalhando como voluntário nos Médicos Sem Fronteira na Síria, pensara em entrar em contato, mas decidira respeitar seu distanciamento, não queria que ele voltasse por causa do filho.

As semanas passaram rápidas, após seis meses Sthefany voltou a trabalhar em um cargo de direção no hospital, encarregada de angariar fundos e administrar uma clínica voltada ao atendimento especializado de pessoas sem condições financeiras, criada por sua mãe, algo que a direção, a mando de seu pai, ignorara por tempo demais.

Ela deixava o pequeno Rafael no berçário e creche que reativara para que as funcionárias pudessem ter onde deixar seus filhos, ele fora desativado por ordem de seu pai, uma das muitas medidas dele para aumentar o lucro.

Seu divórcio fora deferido e agora estava oficialmente livre de Bert que optara por não questionar a separação. Sua vida parecia estar tomando o rumo que desejava e poderia se considerar feliz. Sentia-se triste pelo fato de seu pai não querer conhecer o neto, mas não existia nada que pudesse fazer, ele estava pagando por seus erros.

Não se envolvera com ninguém, embora houvesse recebido algumas indiretas e até mesmo convites para jantar. Mas para ela suas lembranças dos momentos passados junto com Marcos bastava, além disso, os cuidados com o pequeno Rafael e o trabalho no hospital a deixavam exausta ao final do dia.

Quando a saudade era muita, após Rafael dormir, Sthefany enchia a pequena banheira de água quente e emergia nela tendo ao seu lado uma taça de vinho, que era tudo que se permitia.

Então, relaxada, deslizava a suave bucha por seu corpo, pensando em Marcos, sentindo a velha excitação tomando conta de seu corpo. Marcos no começo do namoro fora um amante tradicional, mas aos poucos fora se soltando, deixando se guiar pelos seus instintos e pelas vontades dela.

Com os olhos fechados recordou-se de uma noite em que o convidara para ir a um motel.

Era inverno, ao chegarem, Sthefany que usava um casaco de couro que chegava até os joelhos o retirou, para surpresa de Marcos ela vestia um conjunto de lingerie preta com corpete e cinta liga. Fora isso usava apenas as sandálias de salto alto, também pretas.

Seu cabelo estava preso em um coque por duas varetas chinesas, ao retirar-las ele se espalhou após um suave movimento da cabeça.

- Como você é linda - murmurara Marcos com o olhar a devorando.

- Abra - ordenou ela entregando uma pequena bolsa que carregara, nela havia um par de algemas e uma venda preta de seda.

Marcos a encarara com olhar de dúvida.

- Sou seu presente - respondera - Me vende e algeme, faça o que quiser comigo.

Marcos, ainda que de forma relutante, obedecera, a deitara na cama e a algemara com os braços estendidos para cima, em seguida a vendá-la.

Sthefany respirara fundo sentindo que a calcinha do lingerie estava úmida com a excitação do momento.

Por um momento o único som que ouvira era o farfalhar de roupas sendo retiradas.

De repente ela estremeceu, algo gelado, um cubo de gelo, fira friccionado suavemente em seus mamilos que ficaram imediatamente túrgidos espetando o tecido do sutiã.

Em seguida o gelo subiu por seu pescoço até seus lábios umedecendo-o, o frio foi substituído pelo calor do beijo de Marcos, dado com volúpia.

O gelo desceu novamente detendo-se nos seios, em seguida desceu pelo ventre descoberto, e deslizou até sua vagina, onde derreteu diante da quentura que dela emanava, a sensação de frio e calor a fizera gemer de prazer.

A deliciosa tortura continuou, só que dessa vez era a língua de Marcos que passeava por seu corpo, ela iniciava o toque gelada, como se ele estivesse mantendo gelo dentro da boca, mas logo ficava quente, o calor dele misturado com o dela.

Ele sugava e mordiscava sua vagina, introduzindo a língua ora gelada, ora quente e seu interior. Às vezes o gelo e a língua dele se alternavam em seu clitóris quase a levando ao orgasmo, mas toda vez que chegava perto de

explodir ele se afastava.

Após longos e tortuosos minutos ela sentiu que sua calcinha fora movida para o lado, e arqueou o corpo procurando fazer contato com o pênis de Marcos.

Ele brincou com sua ânsia deslizando a cabeça do membro em seu clitóris massageando-a para em seguida encostar-se à entrada de sua vulva.

Sthefany desejava abraçá-lo e puxa-lo de encontro a si, mas suas mãos estavam algemadas e para cima. Ela gemeu e implorou, mas Marcos em silêncio continuava a tortura, até que de repente ele a penetrou de uma só vez, fazendo-a gemer de prazer, enquanto o membro deslizava até o fim em seu interior encharcado.

- Ahhhh, me fode - murmurava ensandecida.

Marcos a atendera e a penetrá-la com força, alternando movimentos rápidos com lentos, ao mesmo tempo em que sugava seus seios e mamilos com força, chupava seu pescoço ou dava-lhe beijos longos e molhados.

Quando ela estava quase atingindo o orgasmo ele saiu de cima dela, fazendo-a gemer de frustração. De repente ela foi girada na cama, ficando com as costas e nádegas viradas para Marcos.

Ela sentiu o peso dele em cima de seu corpo e sua respiração acelerou w ofegou quando ele encostou a cabeça do membro úmido em seu ânus.

- Você quer? - perguntara ele com voz rouca.

- Sim, sim, por favor, me come - gemera com a antecipação do momento.

Lentamente ele a penetrá-la, seu membro invadindo-a centímetro por centímetro causando-lhe uma sensação dolorosamente prazerosa. Quando ele se encaixou totalmente em seu interior começou a se mover suavemente, enquanto seus dedos acariciavam seu clitóris, às vezes se introduzindo em sua vagina, estimulando-a de todas as formas.

Ela percebeu que Marcos ofegava como se estivesse próximo do orgasmo.

- Mete com força, goza dentro de mim - implorara quase gritando de prazer.

Ele atendera seu pedido penetrando-a com força, cada vez mais rápido fazendo-a gritar de prazer enquanto seu corpo estremecia em espasmos violentos, contraindo-se em volta do membro que ejaculava em seu interior.

Somente após alguns minutos fora que Marcos lhe retirara a venda e as algemas virando-a para ele.

- Você é louca - dissera com um sorriso de menino feliz.

- Sou, louca por você - respondera.

As lembranças e a carícia de seus próprios dedos a fizeram ter um orgasmo dentro da banheira, mas apesar de tudo era algo triste, como desejava

tê-lo novamente ao seu lado.

A rotina continuou até que em uma manhã de outono enquanto estava no hospital conversando com uma das médicas, recebeu um telefonema da clínica onde a mãe de Marcos estava.

Após o nascimento de seu filho ela passara a leva-lo para visitar a avó, que adorara a criança, mas insistia em achar que era Marcos, ainda bebê.

A ligação a deixou abalada, informaram que Dona Mirtes sofrera um AVC e estava em situação crítica. Imediatamente ela pediu para que a transferissem para o Hospital Domênica Xavier onde ela poderia receber o melhor tratamento.

Mas o que mais a abalou fora a notícia de que tinham entrado em contato com Marcos e ele estava retornando para o Brasil.

Capítulo XXII

Marcos desembarcou em São Paulo, haviam se passado um pouco mais de dezoito meses desde saíra de seu país, praticamente escorraçado.

Fora acusado de agressão e tentativa de homicídio, envergonhara Sthefany em frente à imprensa em um hotel onde o pai dela receberia um prêmio. Desde que ela o abandonara no altar ele entrara em uma espiral de autodestruição que culminara em um surto psicótico e sua prisão.

Ele passara horas intermináveis pensando no que acontecera, como chegara àquela situação? Nunca encontrara uma resposta satisfatória e agora retornara.

Pensara em Sthefany durante toda a viagem, temia encontrá-la, pelos seus cálculos o filho dela e de Bert teria nascido, provavelmente firmariam uma família perfeita, daquelas que a imprensa de fofocas da alta sociedade adorava fotografar. Mas desde que ele vira a fotografia dela esperando um filho nunca mais pesquisara na internet sobre ela.

Ao sair para a saguão encontrara Doutor Junqueira o esperando. Abraçaram-se emocionados.

Junqueira explicou que Dona Mirtes sofrera um AVC e estava em estado gravíssimo.

- Onde ela está internada? - perguntou Marcos ansioso enquanto se dirigiam até o estacionamento.

- No Domênica Xavier - respondeu Junqueira encarando-o.

- Como? - começou Marcos se exaltando.

- Calma, foi Sthefany que pediu para que sua mãe fosse levada para lá, ela agora é diretora do hospital - explicou Junqueira - É um dos melhores hospitais, sua mãe está recebendo os melhores cuidados.

- Como Avelar permitiu? - perguntou enquanto entravam no carro e Junqueira dava partida.

- Não sei os detalhes, mas Avelar está sendo investigado por vários crimes, a imprensa não teve acesso aos crimes ou vítimas, está tudo sob sigilo e ele tem poder sobre a imprensa que de repente silenciou sobre o caso.

Marcos concordou meneando a cabeça, ele sabia bem como era grande o poder de Avelar.

Seguiram pelas ruas da cidade, o sol do meio dia ardia forte fazendo com que o asfalto parecesse derreter. Procurou não pensar em Avelar e suas ameaças,

ou em Sthefany, ela provavelmente agira assim por compaixão.

Finalmente chegaram ao Hospital Domênica Xavier e foram direto à CTI^[32], após vestir o avental, touca e máscara ele foi admitido no quarto. Sua mãe estava deitada, ligada à diversas máquinas que a ajudavam a respirar e monitoração seus sinais vitais. Uma cortina cerrava a janela, mas deixava que a claridade do dia iluminasse o ambiente.

Marcos se aproximou da cama, sua mãe parecia frágil e indefesa, ele segurou as mãos dela entre as suas levemente. Ela abriu os olhos.

- Marcos, meu menino – murmurou com voz entrecortada.
- Estou aqui mãe – sussurrou beijando-a na testa.
- Você agora é pai, não seja como o Maurício – disse e tornou a fechar os olhos.

Marcos ficou confuso, não entendera o que ela quisera dizer, estaria delirando ainda em razão do mal de Alzheimer? Vivendo uma ilusão de que agora tinha netos? Ela dissera o nome de seu pai, algo que nunca fizera antes.

Por horas ele ficou ao lado do leito, enfermeiras entravam e saíam, aplicando medicamentos nos tubos de oro pendurados em hastes de metal. Um neurologista entrou quando a noite chegou, Marcos o conhecia, fora seu professor durante a residência.

- Como vai Doutor Marcos? – perguntou estendendo a mão.
- Bem Doutor, qual é o estado de minha mãe? – perguntou de forma direta.

- É gravíssimo, temo que ela não resista, estamos mantendo-a em sono induzido, mas os exames não são animadores. Se puder me acompanhar até a sala de diagnósticos – convidou com um gesto.

Marcos o seguiu após lançar um último olhar para sua mãe. Foram até uma sala no fim do corredor da ala da CTI, ele já a conhecia, estivera lá várias vezes, algumas em companhia de Sthefany, a lembrança foi como uma faca afiada cortando sua pele.

Marcos se sentou e ouviu a explicação do especialista que mostrava em uma grande tela de LCD as imagens das tomografias computadorizadas, mesmo não sendo sua área, ele percebia que haviam feito de tudo por sua mãe, um tratamento daqueles era caríssimo, algo que o preocupava, afinal como voluntário do MSF ele não ganhava muito bem.

Ao final da explicação o médico se levantou e acompanhou Marcos até a porta.

- Eu realmente sinto muito – disse apertando sua mão.
- Eu que agradeço doutor.

Ao sair da sala e caminhar pelo corredor em direção ao quarto onde sua

mãe estava, Marcos se deteve surpreso, seu coração disparou no peito, por um momento as lembranças correram por sua mente quase o entorpecendo, mas ele as afastou com determinação.

Esperando-a em frente à porta do quarto estava Sthefany.



Sthefany soubera que Marcos chegara ao hospital tão logo ele passara pela porta de entrada. Por um momento ficou tentada em ir até ele, mas resolveu deixar que ele primeiro visitasse sua mãe e se inteirasse do estado de saúde dela.

Apesar dos esforços do neurocirurgião, a situação era gravíssima, e ela temia que Dona Mirtes falecesse antes mesmo de que seu filho chegasse para vê-la, mas agora ele estava lá, o que a deixava ansiosa com o reencontro. Deveria contar tudo que descobrira? Deveria contar que Rafael era seu filho? Ela o registrara como filho de “pai não informado”, não queria impor a Marcos a obrigação de assumir uma paternidade sem seu consentimento.

Durante a tarde inteira ela aguardou ansiosa, as enfermeiras do setor da CTI a mantinham informada, Marcos não saía do quarto desde que chegara, e isso fora horas antes, somente às vinte horas ele saía em companhia do neurologista para conversarem sobre o estado de saúde de Dona Mirtes.

Sthefany então decidiu descer até o setor de CTI e aguardá-lo na porta do quarto, acreditava que se ela não o procurasse ele não tomaria a iniciativa, e por que faria isso? Ele deveria estar profundamente magoado e quando descobrisse que o causador de todos seus problemas fora seu pai, talvez a mágoa se transformasse em ódio, mas ela tinha que explicar tudo o que descobrira e acontecera, somente assim poderia continuar com sua vida, sem ficar presa ao passado.

Quando chegou à CTI as enfermeiras de plantão a avisaram que Marcos e o cirurgião continuavam na sala de diagnósticos. Ela resolvera então aguardar na porta do quarto de Dona Mirtes, depois de se inteirar que seu quadro não se alterara.

Por minutos ela aguardou, alisou o tecido do jaleco branco que usava por cima do conjunto de tailleur cinza que vestia. Discretamente ajeitou o cabelo, que cortara e agora estava um pouco abaixo dos ombros, se arrependeu de não ter retocado a discreta maquiagem que usava.

Ansiosa enviou uma mensagem à funcionária do berçário que a informou que Rafael estava dormindo. Não costumava ficar até tão tarde no hospital, mas aquele não era um dia comum, não desde que soubera que Marcos chegara.

De repente ela o viu saindo da sala de diagnósticos, caminhava em sua

direção com olhar cabisbaixo de preocupação, de repente ele ergueu o rosto e a encarou, por um momento seus passos se detiveram.

Seus olhares se fixaram um no outro, ele parecia mais magro, mas em forma, isso ela percebia pelos músculos dos braços que apareciam sobre a camiseta preta que ele usava. Seus cabelos estavam curtos, em um estilo militar, uma barba de alguns dias permeava seu rosto, mas o que lhe chamara a atenção fora os olhos, era um olhar triste de quem estava acostumado a observar a desgraça humana em uma zona de guerra, quanto daquela dor ela também não seria responsável? Perguntou-se.

Então ele caminhou em sua direção.

Sthefany sentiu um misto de emoções avassaladoras: vergonha, culpa, desejo, arrependimento, mas mais do que tudo, vontade de se jogar em seus braços e chorar, mas se conteve.

Ficaram frente a frente.

- Marcos...

- Sthefany...

- Sinto muito pela sua mãe – afirmou colocando as mãos dentro do jaleco.

- Obrigado, eu agradeço pelo que você fez, prometo que quitarei a conta do hospital assim que possível – respondeu cruzando os braços no peito.

- Não pense nisso, eu gosto de sua mãe, durante sua ausência a visitei várias vezes.

- Por quê? Ela não é nada para você, a não ser sua ex-sogra – afirmou Marcos querendo feri-la, mas se arrependendo em seguida ao ver a expressão de dor no rosto dela.

- Marcos, eu...

- Não, Sthefany, peço desculpas, você ajudou minha mãe e eu estou sendo cruel. Desculpe-me, por tudo, por tê-la envergonha em frente à imprensa, por eu ter agido como um animal irracional depois que você me abandonou no altar, por ter tentado, inclusive, assassinar seu pai. Fico feliz por você ter se casado e tido um filho. E agradeço por ter socorrido minha mãe, vou ser eternamente grato. Agora se me dá licença, preciso vê-la – afirmou e entrou no quarto fechando a porta atrás de si.

Sthefany ficou encarando a porta fechada, a conversa não saíra como ela planejava, quisera contar tudo que descobrira, desejava lhe dizer que Rafael era filho dele e que ela nunca o deixara de amar.

Por um momento ficou tentada em entrar no quarto e contar-lhe tudo, mas percebeu que era egoísmo demais, Marcos estava com a mãe a beira da morte, não era o momento certo, por isso virou as costas e desceu até o andar do berçário, onde pegou seu filho que dormia placidamente.

Ao aconchega-lo em seus braços beijou-o ternamente na testa e murmurou em seu ouvido.

- Você vai conhecer o papai logo, eu prometo.



Para Marcos a noite fora difícil, não conseguira dormir mais do que alguns minutos por vez, estava preocupado com sua mãe e abalado por ter encontrado Sthefany. As lembranças de tudo que viveram o assolaram, misturadas com as lembranças de Elisabeth, de quem sentia saudades e com a preocupação com o estado de saúde de sua genitora.

Pensara em ligar para Elisabeth, mas ao olhar no relógio percebera que eram duas da manhã, pelo fuso horário seria oito horas da manhã na Síria. Marcos tentou ligar, mas desistiu após várias tentativas, as ligações não se completaram, talvez por terem sido evacuados de Aleppo estivessem sem sinal, ou o Doutor Pierre, responsável pelo telefone houvesse esquecido em sua sala.

Ele tentou contato via whatsapp, mas os sinais de internet nas proximidades de Aleppo eram muitos instáveis, conformedo deixou uma mensagem de voz para Elisabeth:

“Beth, estou com saudades de você, o estado de minha mãe é grave, não tenho previsão de quando voltarei, queria que você estivesse aqui comigo. Beijos”.

Durante quatro dias Marcos praticamente viveu no hospital. Graças à Sthefany dormia, ou ao menos cochilava, em uma cama no quarto onde sua mãe estava, se banhava no vestiário dos médicos residentes, que tantas lembranças lhe traziam, fazia as refeições no refeitório dos médicos, onde encontrara alguns antigos colegas, médicos e enfermeiras que ficaram felizes em vê-lo.

Durante esses dias ele não conversara mais com Sthefany, embora a visse no horário do almoço com um bebê ao lado. Era um menino bonito, estranhamente os cabelos não eram loiros como os dela e de Bert, e sim escuros, quase negros. Percebia que ela era uma mãe amorosa, por duas vezes ela o surpreendeu observando-os, nesses momentos ele abaixava a cabeça e se concentrava na comida.

Ela continuava linda, seus cabelos estavam mais curtos, a gravidez não a deixara com excesso de peso, pelo contrário a deixara ainda mais deslumbrante, quando ela sorria para a criança era como o sorriso que ele se recordava de quando estavam juntos e ele acreditava que ela o amava.

Durante as horas que permanecia no quarto ele pesquisara sobre o que acontecera com Avelar, mas as notícias eram vagas, embora quando o escândalo

explodira no noticiário haviam afirmado que ele estava envolvido em crimes de corrupção, formação de quadrilha e até mesmo assassinato.

Diziam que um dossiê fora entregue para a imprensa e para a polícia. Mas no dia seguinte, como um passe de mágica as notícias escassearam, e quando eram fornecidas limitavam-se a dizer que uma investigação fora instaurada e que corria sobre segredo de Justiça.

Mas o escândalo causara estragos, ele lera nas colunas financeiras que as ações do conglomerado de empresas de Avelar haviam caído causando um enorme prejuízo. Somente o hospital não fora afetado, pelo que conseguira ler, a administração fora assumida por uma nova diretoria indicada por Sthefany, que assumira também um cargo de diretora.

Mas estranhamente, não havia nenhuma notícia sobre o casamento dela com o magnata alemão, nem mesmo nas revistas de fofocas especializadas em noticiar a vida dos ricos e famosos.

Ele pensara em ligar para os velhos amigos e para o policial Bruno, mas o que diria? Voltara ao Brasil apenas por causa de sua mãe, e tão logo ela se restabelecesse ele voltaria para a Síria.

Fez apenas uma ligação, para o presídio de Guarulhos onde o informaram que seu pai cumprira a pena imposta pelo assassinato de Domênica Xavier e fora libertado, seu paradeiro era ignorado.

No quinto dia, ao alvorecer, sua mãe faleceu.

Embora ele estivesse preparado para isso, pois sabia que o quadro de coma era irreversível, isso não ajudara a mitigar a dor que sentia.

Sua mãe fora uma mulher incrível, quando seu pai fora preso trabalhara duro e honestamente para sustentar a ele e seu irmão Rafael, fora graças a ela e a ajuda do Doutor Junqueira que ele se formara em medicina, mas mesmo se ele não o auxiliasse tinha certeza de que conseguiria ser alguém na vida seguindo os ensinamentos de sua mãe. Infelizmente Rafael, que tivera a mesma educação e oportunidades escolhera seguir o caminho errado, e ao final, pagara por isso com a própria vida.

Agora, mais do que nunca Marcos se sentia sozinho no mundo.

Capítulo XXIII

O hospital improvisado fora montado a quilômetros de Aleppo, era um conjunto de tendas de lona com o símbolo da cruz vermelha internacional e do MSF. As condições eram precárias, pois ao lado do hospital havia um campo de refugiados.

O hospital de Aleppo estava sendo preparado para o retorno dos médicos, tão logo os combates diminuíssem na região.

Elisabeth estava preocupada com Marcos, não tinha notícias dele há dias, não havia sinal de internet no local e o celular via satélite do Doutor Pierre se perdera na retirada de Aleppo, ele pedira um novo, mas este ainda não chegara.

Ela pensou em sair da Síria e viajar até o Brasil, Marcos lhe dera o número de seu telefone e de um amigo médico de nome Junqueira, bastaria chegar a Damasco que ela conseguiria entrar em contato, mas como poderia abandonar seus pacientes? Havia homens, mulheres e principalmente crianças que dependiam dela.

Por isso ela se concentrou em seu trabalho e tentou não se preocupar com Marcos, ao menos ele estava em um local seguro, longe da guerra, embora ele sempre lhe dissesse que a violência criminal em São Paulo e Rio de Janeiro se comparavam com uma guerra civil.

Os mal estar que experimentara no último dia que estivera com Marcos se acentuara, agora os enjoos eram constantes.

Durante um procedimento simples, no qual estava suturando um corte na perna de uma menininha de seis anos, o significado dos enjoos, fadigas e mal estar explodiu em sua mente, fazendo-a, inclusive interromper a sutura.

- Doutora? Tudo bem? - perguntou uma enfermeira que a acompanhava.

- Sim, estou quase terminando - respondeu voltando-se para o corte e com movimentos rápidos terminou a sutura - Pronto, querida, logo você vai ficar boa - disse para a menina que lhe sorriu.

Elisabeth retirou as luvas e de dentro do bolso do jaleco tirou um pirulito, ela sempre os trazia para dar de presente quando atendesse crianças, era gratificante ver o sorriso de felicidade dos pequenos com algo tão singelo.

- Pronto, você foi uma menininha muito corajosa - disse entregando o pirulito - Pode terminar para mim? - perguntou para enfermeira.

- Claro doutora.

Com passos rápidos ela se dirigiu até o depósito, um grande barracão de

madeira, onde um enfermeiro e um soldado de Le Clerk vigiavam os medicamentos para que ninguém furtasse.

- Solomon, preciso de um exame de gravidez - pediu para o enfermeiro, um negro da África do Sul, que se voluntariara e que durante os sábados pregava em uma igreja protestante improvisada.

- Claro doutora, só um minuto - respondeu e entrou no depósito.

- O Doutor Marcos tem previsão de volta? - perguntou o soldado - Sentimos falta dele nos treinos.

- Não, ainda não consegui falar com ele - respondeu distraída.

- Aqui está doutora - disse o enfermeiro entregando um kit.

- Obrigada Solomon.

Com passos apressados ela se dirigiu até sua tenda. Ansiosa ela retirou o kit, era relativamente simples, bastava urinar e molhar a pequena haste, dois pontinhos nas listinhas indicaria que ela estava grávida, apenas um ela não estaria, embora ele não fosse tão eficiente quanto um exame de sangue, era relativamente confiável e muito mais barato, ainda mais naquela zona de guerra.

Após se despir e urinar em uma bacia que costumava usar durante as madrugadas, para evitar se deslocar até as latrinas improvisadas próximo ao limite do acampamento ela aplicou o teste e aguardou.

Como ela não percebera antes? Sua menstruação estava atrasada, mas ela sempre fora irregular desde que se voluntariara, consultara uma colega que afirmara que era normal, em razão do forte stress à que era submetida diariamente.

Elisabeth passara a tomar pílulas anticoncepcionais desde que começara a se relacionar com Marcos, ela trouxera da Inglaterra, quando se apresentara, algumas caixas, mas somente passara a usar após começar seu relacionamento com ele.

Pensava nunca ter deixado de tomar as pílulas na data certa, mas agora, enquanto esperava o resultado, forçava a memória, teria se esquecido de tomar algum dia? Acreditava que não, pois teria percebido na cartelinha das pílulas.

Mas cerca de dois meses atrás, durante um ataque, ela tivera que evacuar o alojamento às pressas, lembrava-se de ter pegado a caixa das pílulas, mas acabara perdendo. Fora então atrás de uma caixa de anticoncepcionais no hospital, mas somente conseguira uma de uma marca desconhecida e com data de validade vencida, sem outro recurso, enquanto aguardava que chegasse uma que encomendara em Damasco, teve que usá-la.

Seria possível que ela estivesse adulterada e sem efeito? Não seria a primeira vez que constatavam que remédios doados chegavam vencidos ou até mesmo adulterados, o mercado negro no oriente estava repleto de falsificações.

Usara as pílulas por quase um mês, até que as que encomendara chegaram.

Meu Deus! Pensou consigo mesmo, não podia estar grávida, não ali em meio a uma guerra. Sua alimentação geralmente era insuficiente, pois estava sempre repartindo sua quota com as crianças do campo de refugiados. Havia tantas e tão pouco o que comer que ela constantemente separava parte de suas refeições e as distribuía na enfermaria infantil.

O stress diário com a luta contra a degradação humana e a morte que via diariamente também cobrava seu preço, ela estava dormindo mal, estava com olheiras e abatida.

Marcos sempre fora a rocha onde ela se amparava, ela tirava forças de sua companhia, de sua presença, de seu carinho. Agora percebia que ele cuidava dela, sempre a obrigando a descansar e se alimentar corretamente, mas desde que ele partira ela mergulhara no trabalho para não pensar nele.

O que estaria ocorrendo no Brasil? Como estaria a mãe dele? Ele teria encontrado a mulher que assombrava seus sonhos? Ela devia ter sido importante na vida dele, senão por qual motivo ele murmuraria seu nome durante o sono? Tivera medo de perguntar, mas desconfiava de que se tratava de uma ex-namorada ou talvez esposa. Seria por isso que ele era tão fechado sentimentalmente? Sabia que ele apreciava sua companhia, o sexo entre os dois era incrível, e às vezes o via sorrindo feliz ao seu lado, mas sempre havia uma sombra no fundo de seu olhar e ele evitava falar de seu passado ou do que acontecera em sua terra natal.

Ela o amava, não tinha dúvidas quanto ao seu sentimento, mas temia não ser correspondida e por isso não dissera nada a ele.

Se estivesse grávida como ele reagiria? A acusaria de tentar prendê-lo com uma gravidez? Acreditaria nela de que fora um acidente? Uma coisa era certa, se estivesse grávida jamais abortaria, mas torcia para que fosse apenas um alarme falso.

Criando coragem e com o coração angustiado observou o exame, os pontinhos indicariam o resultado.

Com lágrimas nos olhos ela verificou novamente o exame, não acreditando no que via.

O resultado era positivo.

Capítulo XXIV

O funeral ocorreria durante a tarde, o velório seria na pequena capela do Hospital. Sthefany gentilmente tomara a frente da burocracia, e agora Marcos e o Doutor Junqueira observavam Dona Mirtes no caixão, enquanto um padre, que comparecera à pedido dela, rezava, encomendando a alma da falecida.

Sthefany aparecera e se aproximara do caixão, depositando um beijo na testa de Dona Mirtes. Marcos a observou, ela estava usando um tailleur preto, seus cabelos estavam presos em um elegante coque, fazendo-o se recordar do enterro de uma paciente dela, dois anos e meio atrás, quando ele a acompanhara e cuidara dela em seu luto.

Com um suspiro, Marcos ajudou a fechar o caixão, enquanto os funcionários de uma funerária se preparavam para leva-lo até o veículo que aguardava. Ela seria enterrada ao lado de Rafael.

Doutor Junqueira o convidou para ir em seu carro, mas Sthefany segurou gentilmente seu antebraço.

- Deixa eu te levar, por favor, eu gostava de Dona Mirtes, acredite em mim – murmurou encarando-o fixamente.

- Está bem – suspirou cansado. Talvez fosse a última vez em que teriam chance de conversarem, ele estava decidido a voltar para a Síria o mais rapidamente possível.



Sthefany dirigiu seguindo o carro fúnebre, em silêncio, de soslaio observava Marcos, sentado ao seu lado, ele parecia imerso em seus pensamentos, olhando para frente e às vezes para a janela lateral.

Durante os dias em que ele estivera no hospital ela o acompanhara por meio das enfermeiras que a mantinham informada. Ela disponibilizara o vestiário e o refeitório para que ele pudesse ficar no hospital, e sempre que ele saía para almoçar, ela tentava estar presente, por duas vezes conseguira, levara o filho e percebera que ele a observava à distância.

Tinha vontade de lhe contar que Rafael era seu filho, de que descobrira que ele era inocente das acusações que seu pai fizera, mas o momento não se apresentara. A morte de Dona Mirtes apressara tudo, ela tivera esperança que ela se recuperasse, mas isso não ocorrera e, após ver Marcos, ela mergulhara em um

coma profundo do qual não se recuperou, vindo a falecer ao amanhecer.

Sthefany estava em seu apartamento quando recebeu o telefonema de uma das enfermeiras da CTI, imediatamente ela se dirigiu com seu filho para o Hospital onde o deixou na creche. Confiava nas funcionárias, ela pessoalmente ajudara a escolhê-las. Prontificou-se então para tratar da burocracia e dos procedimentos para o enterro, que a pedido de Marcos, ocorreria naquele mesmo dia.

Agora enquanto se aproximavam do cemitério ela decidira que precisava contar tudo a ele, temia que ele voltasse para a Síria. Estacionaram no cemitério e caminharam escoltando o caixão até o local onde Dona Mirtes seria enterrada, ao lado de seu filho Rafael.

Ela se recordava do local, quando ele falecera ela procurara Marcos e o encontrara no estacionamento, na época eles discutiram, ele afirmara que a amava e que ela teria que escolher entre ele e seu pai. Por medo ela o deixara partir, porque não dissera na época que o amava? Se soubesse o que seu pai faria nas semanas seguintes teria fugido com ele para outro país, longe de seu genitor. Mas a vida é complicada e não podemos prever o futuro.

Agora estavam novamente no mesmo lugar, enterrando outro ente querido de Marcos e decidira não ser mais covarde, contaria tudo para ele.



Marcos na companhia do Doutor Junqueira, de Sthefany e do padre caminharam até o local onde seu irmão estava enterrado. Ao lado dele uma cova estava aberta, tampada por um tapete de grama artificial.

O padre fez uma oração encomendando a alma de Dona Mirtes. Em seguida ele deu as condolências a Marcos e se foi. Doutor Junqueira se aproximou e o abraçou.

- Sua mãe era uma mulher especial - afirmou - Se precisar de alguma coisa me ligue.

- Vou embora tão logo consiga passagem - respondeu correspondendo ao abraço.

- Me mande notícias - pediu Junqueira e se afastou.

Marcos ficou só em frente ao caixão, Sthefany estava alguns passos atrás dele. Com um sinal de cabeça ele autorizou e os coveiros destamparam a cova e desceram o caixão, cobrindo em seguida o local.

Após terminaram se afastarem do local deixando-o sozinho com seus pensamentos. Sua mãe fora uma mulher incrível, batalhara a vida inteira para cria-lo e ao irmão, não fora culpa dela que Rafael enveredara pelo mundo do

crime, ele tivera as mesmas chances que Marcos. A doença viera e sua mãe nunca mais fora a mesma, mergulhada em um mundo de ilusões, mas isso não diminuiu o amor que ele sentia por ela, e agora a enterrava.

Nunca se sentira tão só em toda sua vida, não possuía mais uma família. Pensou em Elisabeth e a família Cluther que o recebeu tão bem em Londres, sentiu saudade dela, como ela estaria na Síria? Não tinha um dia em que não tentava ligar, as mensagens que deixava no whatsapp não eram visualizadas, o que o preocupava, embora soubesse que o sinal de internet na zona de guerra era péssimo. Estava decidido a voltar o mais rapidamente possível.

De repente ele percebeu que Sthefany se aproximava. Ela respeitou seu silêncio enquanto ele fazia uma prece silenciosa.

Ao se virar ela estava ao seu lado.

- Sinto muito Marcos - murmurou e seus belos olhos marejaram de lágrimas.

- Obrigado por tudo que fez - respondeu - Acho que acabou, ela está descansando.

- Vamos, eu o deixo onde você quiser - ofereceu.

Caminharam em silêncio em direção ao estacionamento. Marcos estava consciente da presença dela, seu suave perfume invadia suas narinas trazendo-lhe recordações dolorosamente doces. De repente, enquanto caminhavam pela estradinha de pedriscos o salto alto dela enroscou fazendo-a perder o equilíbrio.

Em um ato de puro reflexo ele a segurou em seus braços erguendo-a. Seus corpos ficaram próximos, quase colados um ao outro. Os olhos, a pele, o perfume natural dela, o perturbaram e ele sentiu a antiga química dominando-o, fazendo seu coração acelerar e seu sangue correr mais rápido.

Por um breve segundo ele sentiu a necessidade de beijar aqueles lábios rubros. Mas se conteve.

- Cuidado - murmurou equilibrando-a no solo e se afastando um passo.



- Obrigada - respondeu Sthefany com um sussurro.

Seu coração disparara e sua pele se arrepiara ao sentir o toque das mãos dele em sua cintura.

Não podia negar, a antiga atração que sentia por ele não diminuía com o tempo e a distância, pelo contrário, seu corpo o desejava com mais intensidade ainda.

Mas ele se afastou. Agora se aproximavam do estacionamento, antes de alcançá-lo Sthefany se deteve em um pequeno caramanchão. A vista era bonita,

o cemitério estava no topo de um morro, em volta havia montanhas e no vale abaixo o rio Tietê corria manso, à distância nem parecia ser poluído. O sol do final da tarde brilhava, espalhando um tom dourado, enquanto pássaros cantavam em meio às árvores do local.

Marcos a olhou com ar de interrogação.

- Precisamos conversar - disse Sthefany se sentando em um pequeno banco da madeira e fazendo um gesto para que Marcos se sentasse ao seu lado.

Ele ficou em pé, desconfortável com a proximidade.

- O que temos para conversar Sthefany? Iríamos acabar falando do passado e desenterrariamos velhas mágoas. Vamos deixar como está, agradeço por tudo que você fez por minha mãe, mas acho que não temos mais nada para conversar um com o outro – afirmou aproximando-se da balaústra do caramanchão, observando a paisagem.

- Por favor, Marcos, tem coisas importantes que descobri e preciso te contar.

Com um suspiro cansado Marcos virou-se e a encarou, então com relutância sentou ao seu lado, mantendo uma distância confortável entre eles.

- O que você vai fazer agora? Voltar para a Síria? – perguntou Sthefany sustentando seu olhar.

- Como você soube que eu estava lá? - perguntou surpreso.

- Seu pai me contou?

- Você o conheceu? - perguntou Marcos constrangido e surpreso, a velha vergonha ardendo novamente em seu peito.

- Sim, eu o visitei na cadeia. Porque você não me disse que ele era o responsável pela morte de minha mãe, antes de nosso casamento?

- Eu tive medo de perdê-la. Foi por isso que você me abandonou no altar? - perguntou sentindo a velha dor do abandono.

- Em parte, na véspera meu pai mostrou fotos suas visitando-o, além de mostrar cópias do processo que o acusavam da morte de minha mãe. Mas eu também tive medo, medo por ama-lo demais, medo da vida que você me oferecia, diferente da que eu estava acostumada, por isso fugi - respondeu envergonhada.

- Seu amor por mim era tão frágil assim? – perguntou sentindo as velhas feridas se abrindo e intoxicando sua alma.

- Marcos...

- Não, Sthefany, já que você quer conversar, vamos conversar, colocar tudo para fora. Eu te amava, eu entenderia se você me dissesse na época que não tinha o mesmo sentimento por mim, mas depois que meu irmão faleceu e nos separamos, foi você que me procurou novamente dizendo que descobrira que me

amava, era mentira?

- Não, Marcos, eu te amava, minto, eu te amo! Sei que não tenho mais nenhum direito de falar isso, mas é a verdade, nunca deixei de amá-lo. Mas descobrir que seu pai era o assassino de minha mãe, na véspera de nosso casamento, somado ao fato de que eu tinha medo da nova vida que iríamos ter me assustou de tal maneira que eu precisava de um tempo para pensar. Eu pretendia conversar com você, mas quando nos encontramos no hotel você parecia outra pessoa, totalmente descontrolado, fiquei com medo e fugi para Nova York – explicou Sthefany estendendo as mãos em direção a ele.

- Sinto muito por não ter contado sobre meu pai, me perdoe por eu tê-la humilhado em frente à imprensa, mas depois que você me deixou meu mundo desmoronou. Minha casa foi incendiada, perdi o emprego, a clínica voluntária foi fechada, minhas contas bloqueadas, quando percebi estava hospedado em um hotel de quinta categoria, imaginando que o mundo estava contra mim, inclusive você. Acabei indo atrás de seu pai, feri outras pessoas e terminei preso por tentativa de homicídio. Seu pai me ofereceu duas opções: cadeia ou ir embora. Você estava na Grécia com Bert, parecia feliz, só me restou partir e fui ser voluntário no MSF na Síria - concluiu Marcos.

- Eu tinha fugido para Nova York, eu encontrei Bert lá, eu pensava que ele era meu amigo e aceitei ir descansar na Grécia, eu estava me destruindo em Nova York.

- Bela forma de descansar, um cruzeiro pelas ilhas gregas – afirmou não contendo o impulso de querer feri-la.

- Muita coisa não é culpa sua Marcos. Meu pai armou contra você, ele está envolvido na morte de seu irmão, ele envenenou sua água com um estimulante do sistema nervoso que tinha como efeito colateral sintomas de síndrome do pânico e surtos psicóticos. Foi ele que mandou os traficantes fecharem a clínica e incendiaram sua casa. Deve ter sido ele que influenciou sua demissão. Tudo isso com um único objetivo me afastar de você e se vingar de seu pai - concluiu com uma lágrima escorrendo pela face.

- E ele conseguiu não foi? Destruiu minha vida até que a única solução que me restou foi partir. Você não me amava o suficiente, e acabou se casando com alguém do seu nível logo depois, mesmo na Síria eu vi as notícias sobre seu casamento e sua gravidez - disse amargurado se levantando e apoiando com força as mãos na balaústra do caramanchão até que seus dedos ficaram brancos com o esforço.

- Foi o maior erro que cometi na vida, eu não tinha nada com ele, era apenas amizade. Voltei da Grécia e descobri que você tinha sido preso, fui atrás de você, mas quando cheguei ao aeroporto seu voo já tinha partido. Ninguém me

disse para onde você fora - afirmou se levantando e tocando o ombro de Marcos com uma das mãos.

Ele se virou com dor no olhar.

- E por isso você se casou, eu não valia o esforço de ser encontrado - afirmou com um meio sorriso amargurado.

- Não, Marcos, casei porque estava confusa, com medo, sozinha e principalmente porque eu estava esperando um filho seu!

Marcos ficou atônito e confuso, um filho?! Seria possível? Ele fez os cálculos mentalmente, pareciam corretos, a criança poderia ser sua.

- Levei meses para descobrir tudo que meu pai fez. Separei-me de Bert, briguei com meu pai, o denunciei para a imprensa e polícia e saí de casa. Agora ajudo a administrar o hospital que foi de minha mãe e crio nosso filho, eu o batizei de Rafael.

Marcos se sentou colocando a cabeça entre as mãos, era informação demais. Sua mãe acabara de morrer e agora, de repente, ganhara um filho! Não estava mais sozinho no mundo. Sempre desejara ser pai.

- Não estou te cobrando nada, apenas queria que você soubesse tudo. Você tem um filho! Nós temos um filho – disse gentilmente Sthefany ficando em pé na frente dele.

- Eu posso vê-lo? - perguntou emocionado.

- Claro, venha - convidou estendendo-lhe a mão.

Marcos a segurou e levantou do banco encarando fixamente Sthefany, por um momento manteve a mão dela entre a sua, sentindo sua maciez e quentura.

- Vamos - decidiu e após soltar a mão dela a seguiu até o veículo.

Capítulo XXV

Avelar esvaziou o copo de cristal de um só gole, sentindo o uísque importado descer queimando pela garganta. A noite não tinha chegado e ele praticamente esvaziara uma garrafa. Estivera bebendo desde de manhã, se recusara a almoçar, no máximo comera alguns petiscos enquanto bebia.

Estava bebendo demais ultimamente, mas quem poderia culpá-lo? Pensou amargurado, desde que sua ingrata filha o denunciara à imprensa e a polícia sua vida se tornara um inferno.

Tivera que aguentar as sanguessugas da imprensa, somente conseguiu abafar relativamente o caso porque usara sua influência política e financeira.

Na polícia fora a mesma coisa, tivera que subornar vários policiais da alta cúpula da instituição e usar de sua influência com juízes e promotores, para que seu caso fosse transferido para um delegado que procrastinaria as investigações.

Mas o estrago já fora feito, as notícias de seu envolvimento nos crimes de corrupção, incêndio, homicídio, falsificação de provas entre outros fizeram que as ações de seu conglomerado de empresas despencassem na bolsa de valores, causando um prejuízo de milhões. Em razão disso fora afastado da presidência das empresas, empresas que ele construía! Como ousavam fazer isso com ele? Seu ex-genro Bert também lhe virara as costas, encerrando sua participação em alguns negócios que, agora, em vez de gerarem milhões de lucro se transformaram em um enorme desperdício causando um enorme prejuízo.

Ele ainda era rico o suficiente, tinha milhões de dólares depositados em contas correntes em paraísos fiscais no exterior, resultado de anos de sonegações e negócios escusos. Mas ser privado da presidência de suas empresas era algo que não suportava, estava acostumado aos jogos empresariais e políticos, mas agora fora reduzido a um rico aposentado.

Mas o golpe que mais doera fora o fato de sua filha ter escondido que o neto que ele tanto esperara era na verdade filho de Marcos, neto do assassino de sua adorada esposa. Como ela pudera cogitar de continuar a gravidez? Ela deveria ter abortado, e é o que aconteceria se ele soubesse da verdade, fora traído por ela e por Bert.

O alemão fora incompetente em manter seu casamento, apesar de tudo que Avelar fizera, armara o encontro em Vermont, fizera de tudo para separar sua filha de Marcos e quando conseguira o avisara de que ela estava em Nova York, e o maldito o traía, não lhe contando de quem era o filho que sua filha esperava.

Obviamente ele tivera um enorme lucro com as operações financeiras que fizera com Avelar.

Sua filha saíra de casa e entrara com uma ação para reaver o controle do hospital que fora de sua falecida esposa, por um momento ele cogitara em lutar na Justiça, poderia subornar o juiz do caso e fazer o processo se arrastar indefinidamente, afinal o Hospital Domênica Xavier se tornara o que era graças à sua ajuda. Mas resolvera nada fazer, não por sua filha ou pelo bastardinho que nascera, mas pela memória de sua esposa.

E agora soubera que Marcos voltara ao Brasil, seu ódio pelo favelado fazia seu sangue ferver e para aplacar a ira bebia enquanto planejava como se livrar dele de uma vez por todas.

Não só dele, pensou, enquanto enchia novamente seu copo, após abrir outra garrafa de uísque, mas também do maldito pai dele, que saíra recentemente da prisão.

Eles iriam ver, pensou com um sorriso frio no rosto, se pensam que estou derrotado terão uma enorme surpresa.

Capítulo XXVI

Sthefany dirigiu em silêncio de volta ao Hospital, enquanto observava de soslaio Marcos, sentado ao seu lado, ele parecia concentrado em observar os veículos parados no pesado tráfego do fim de tarde da cidade de São Paulo.

Ela gostaria de perguntar o que ele estava pensando, mas manteve silêncio, respeitando sua distância, ele sempre fora introspectivo, pensou consigo mesma, difícil de abrir. O fato de ela tê-lo abandonado no altar, não devia contribuir para que ele voltasse a confiar nela.

Mas ao menos tirara um peso dos ombros, contara toda a verdade, se ele a perdoaria ou não, isso não importava no momento, o importante era que ele não repudiasse o próprio filho.

Ficar ao lado dele durante tanto tempo, sem poder tocá-lo e beijá-lo estava se tornando uma tortura, no cemitério ela sentira que ele quase a beijara, ela podia ter forçado a situação, mas resolvera deixar a decisão nas mãos dele, ela não tinha mais nenhum direito de interferir em sua vida.

Sthefany se perguntava se Marcos tinha alguém na vida dele, uma namorada? Uma esposa? Outro filho? Gostaria de lhe fazer mil perguntas sobre os quase dois anos que estivera fora do país.

Mas manteve-se calada e concentrada em dirigir, após quase duas horas finalmente chegaram ao Hospital, as luzes noturnas da cidade começaram a ser ligadas, enquanto a noite cobria a cidade rabugenta.

Subiram ainda em silêncio até o andar onde a creche-berçário funcionava. Pararam em frente à grande janela de onde se podia ver a sala onde as crianças brincavam quando não estavam dormindo em um quarto separado.

Rafael estava acordado, brincando com uma das cuidadoras, suas mãozinhas gorduchas tentando segurar um chocalho.

Sthefany observou Marcos, ele olhava atentamente para a criança, seria impressão dela ou os olhos dele estavam marejados de lágrimas?

Marcos observava a criança brincando, agora, sabendo da verdade, podia observar algumas características físicas semelhantes às suas, os cabelos quase negros, a cor dos olhos. Um filho! Como ele ansiara por um quando planejava o casamento com Sthefany! E agora ali estava ele, um lindo menino de quase um ano.

- Você quer entrar? - perguntou com um murmúrio Sthefany ao seu lado.

Ele meneou a cabeça concordando, não confiava na própria voz, tamanha

era a emoção.

Entraram na sala, a criança ao ver a mãe estendeu os bracinhos chamando-a. Sthefany se ajoelhou e o tomou nos braços, levantando-se em seguida.

- Obrigada Naty - Sthefany agradeceu a cuidadora que se afastou.

A creche naquele horário estava quase vazia, apenas um menino de seis anos brincava, sentado em um canto da sala, com um joguinho eletrônico.

Marcos observou-a abraçando e beijando o bebê. Em seguida ela o encarou e estendeu-o em sua direção.

Com as mãos trêmulas Marcos pegou a criança, os olhos dela o observaram com curiosidade, a mãozinha apertou seu nariz, fazendo-o rir.

- Ele é lindo - murmurou tentando manter a voz firme.

- Ele é nosso - respondeu Sthefany com um sorriso.

Marcos concordou balançando a cabeça, em seus braços estava o milagre da vida. Perdera sua mãe, mas ganhara um filho, o ciclo da vida se renovava no pequeno Rafael.

O bebê começou chorar pedindo a mãe, e após beijá-lo na testa Marcos o entregou. Sthefany acalentou a criança que logo parou de chorar, enquanto ela murmurava baixinho:

- Shhh, meu bebê lindo, mamãe tá aqui, esse moço é seu papai - disse e encarou fixamente Marcos.

Marcos engoliu em seco, tentando conter uma lágrima que teimava em marejar seus olhos.

- Onde você está hospedado? - perguntou Sthefany em voz baixa, enquanto embalava suavemente o bebê em seus braços.

- Em lugar nenhum, vim direto para o hospital. Eu vou procurar um hotel, não tem mais porque eu dormir aqui - respondeu Marcos.

- Porque você não dorme em meu apartamento? Tenho um quarto de visita e você vai poder ficar mais um tempo com o Rafael.

Marcos pensou por um momento na proposta, estava embevecido com a notícia de que Rafael era seu filho, mas ficar ao lado de Sthefany o fazia sofrer, a velha química o atraía novamente, como se ela fosse uma sereia chamando-o, mas seria uma boa ideia ficar no mesmo apartamento que ela? Ele conhecia a mitologia, as sereias chamavam os marinheiros apenas para afoga-los no mar, e ele já se perdera uma vez por causa dela.

Mas não tinha para onde ir, apesar da felicidade inesperada estava cansado demais, após quase uma semana velando sua mãe, triste demais com a partida dela, e com raiva demais por saber que Avelar destruíra sua vida. Por isso resolveu aceitar o convite, não tinha bagagem, apenas uma mochila que deixara no quarto e que uma funcionária lhe entregara na portaria quando retornaram do

cemitério.

- Está bem, ao menos por esta noite, amanhã eu decido o que fazer - respondeu pensando em Elisabeth. Como ela reagiria à notícia de que ele era pai?

Ele ajudou Sthefany a colocar Rafael na cadeirinha no banco traseiro do veículo, ele pensara que o carro era do hospital e que provavelmente iriam embora em um carro importado, senão na antiga Ferrari que ela usava, ao menos em algum outro veículo caríssimo, mas não o veículo era um sedan de marca japonesa, era confortável e econômico, mas estava longe de serem os veículos que o velho Avelar colecionava em sua garagem na mansão.



Sthefany conduziu o veículo pelas ruas de São Paulo, até a zona sul, entraram em um prédio de apartamentos, localizado em uma rua arborizada, embora a fachada fosse elegante, estava longe de se comparar aos condomínios residências com um apartamento por andar.

Enquanto subiam pelo elevador até o oitavo andar, Marcos se encarregara de carregar a cadeirinha, o pequeno Rafael acordara e agora o encarava com olhos curiosos.

- Ele tem seu olhar - disse Marcos constrangido com o silêncio.

- Sim, mas a cor dos olhos é igual a sua - respondeu Sthefany corando em seguida como uma colegial virgem.

O que estava acontecendo? Pensou consigo mesma, sentia-se como uma virgem em seu primeiro encontro, estava nervosa, sentia as mãos suadas, ela nunca fora tímida, sempre tivera todos os homens que desejara, inclusive Marcos, mas agora sentia-se insegura como nunca se sentira na vida. Quando o elevador parou no andar com um solavanco, sem querer encostou a mão na de Marcos, e algo como uma eletricidade correu por sua pele, constrangida sentiu que sua calcinha estava úmida, causada pela excitação que sentia.

Concentrou-se nas chaves e logo estavam dentro do apartamento.

- Você pode ficar com ele enquanto preparo o banho dele? - pediu com um sorriso.

- Claro - respondeu Marcos observando o local.

O apartamento era pequeno, uma cozinha e área de serviço, seguida de uma sala com uma janela com vista para a cidade, um banheiro próximo a sala e dois quartos, sendo um deles uma suíte. Era bem iluminado e decorado em tons sóbrios.

- Bem diferente da mansão Avelar - disse Marcos enquanto se sentava e

pegava Rafael no colo.

Sthefany que entrara no banheiro ao lado da sala, onde ligara o chuveiro enchendo a banheira de Rafael assomou na porta.

- Verdade, mas sou mais feliz aqui do que fui na mansão, não sinto falta do luxo dela - respondeu observando ele desajeitadamente tentando distrair Rafael com seus brinquedos, mas o menino teimava em agarrar o queixo e nariz de Marcos, fazendo-o rir.

- Desculpe, não devia estar fazendo essas comparações - disse Marcos com um suspiro voltando sua atenção para Rafael.

- Não precisa se desculpar. Venha, traga Rafael, vamos ver como você se sai dando banho em um bebê - sugeriu com um sorriso.

Juntos banharam Rafael, o bebê não para de se movimentar e logo ambos estavam com as roupas molhadas. Finalmente o trocaram e Sthefany pediu licença para amamenta-lo, entrando em seu quarto.

- Fique à vontade, já volto - disse.

Marcos concordou com a cabeça, ao ficar na sala observou o local, foi até a sacada e respirou o ar noturno, o céu estava coberto de nuvens que refletiam a iluminação noturna da cidade.

Ele pegou o celular e verificou se haviam mensagens, mas não tinha nenhuma, as que mandara para Elisabeth ainda não acusavam terem sido recebidas. O que estaria acontecendo? Perguntou-se preocupado e em seguida envergonhado, o que estava fazendo ali? Na casa da mulher que o abandonara no altar, ainda que Avelar tivesse contribuído para isso, ela mesmo admitira que não tivera coragem de aparecer no casamento. Porque nunca contara sobre Sthefany para Elisabeth? Como ela reagiria ao saber de todo a história? Pois agora ele estava determinado a contar tudo, não podia esconder o fato de ser pai dela.

Tentou ligar mais uma vez, mas sem sucesso, a ligação não se completava, nem para o celular dela, nem para o telefone via satélite do Doutor Pierre.

Desanimado ele entrou novamente no apartamento, Sthefany ainda estava no quarto, por isso começou a olhar alguns porta-retratos que estavam em cima de uma mesinha no centro e na estante onde ficava a televisão e vários livros, a maioria eram fotos dela com Rafael, mas um deles, quase escondido no canto da estante, era uma fotografia dela e dele, tirada anos antes, em uma viagem de final de semana na praia.

Na foto estavam abraçados, Sthefany tinha um largo sorriso, e ele um meio sorriso nos lábios, enquanto tirava a "selfie". Lembrava-se do momento, estavam em uma praia deserta, e ao tentar tirar a "selfie" ela apertara seu pênis, provocando-o.

Marcos retirou a fotografia da estante para observá-la melhor. De repente

ouviu a voz de Sthefany às suas costas.

- Estávamos felizes, foi um dos nossos melhores finais de semana.

- Sim, até seu pai conseguir destruir tudo - respondeu com amargura devolvendo o porta-retratos na estante.

- Você nunca irá me perdoar, não é? - perguntou com olhar sentido.

Marcos a encarou, como poderia culpa-la? Avelar tinha armado tudo, o fotografara conversando com Maurício no presídio, o homem que assassinara a mãe dela. A culpa não era dele também? Não devia ter contado a ela que descobrira quem era seu pai e por uma coincidência cruel do destino ele fora o homem que assassinara Domênica Xavier? Não estava sendo cruel e intransigente demais? Afinal ela o procurara, mas por causa de Avelar ele entrara em um surto psicótico que quase o levava a loucura. Não fora ele que desejara que ninguém soubesse de seu paradeiro, com exceção do Doutor Junqueira? Não era seu desejo na época se esconder do mundo?

- Me desculpe, estou cansado, minha mãe acabou de ser enterrada, descubro que sou pai e que eu não estava louco - respondeu finalmente passando a mão nos cabelos curtos e no rosto.

- Você precisa de um banho e de uma boa janta - respondeu sorrindo Sthefany.

- Desde quando você cozinha? - perguntou rindo. Ela nunca se aventurara na cozinha.

- A gente aprende - respondeu rindo - Sei esquentar comida pronta no micro-ondas.

Marcos riu, ela nunca se aventurara na cozinha.

- Venha dar boa noite para seu filho, depois podemos tomar um banho - disse.

Marcos ergueu uma sobrancelha e Sthefany corou violentamente.

- Quero dizer, você usa o banheiro da sala e eu o meu - respondeu.

Sorrindo foram até o quarto dela, era um aposento simples, uma grande cama de casal, um closet embutido, uma porta que dava para um banheiro, e ao lado da cama o berço onde Rafael estava deitado, já dormindo.

Marcos o observou com carinho e depositou um suave beijo em sua testa, em silêncio saiu do quarto.

- Vou tomar uma ducha se não se importa - disse.

- Ok, já nos vemos - respondeu observando-o se dirigir até a sala onde pegou sua mochila e entrou no banheiro, ao mesmo tempo em que ela fechava a porta de seu quarto.

Sthefany encostou-se na porta fechada, seu coração estava disparado no peito. Meu Deus! Estou agindo como uma adolescente, pensou consigo mesma,

enquanto se despia e caminhava em direção ao banheiro. Um banho frio, é disso que preciso, murmurou para si mesma, abrindo o chuveiro e deixando cair uma ducha gelada pelo corpo.

Enquanto se banhava examinou-se, a gravidez não lhe tinha deixado estrias, graças ao cuidado que tivera com a pele, o peso que ganhara perdera rapidamente, seguindo uma dieta controlada e exercícios físicos. Seus seios, estavam um pouco maiores por causa do leite materno, será que Marcos a acharia diferente? Pensou e em seguida corou de vergonha, como podia pensar nisso? Ele acabara de perder a mãe.

Após o banho vestiu uma calcinha e uma camiseta branca comprida e folgada, que costumava usar dentro do apartamento. Prendeu os cabelos em um coque e saiu do quarto, Marcos estava sentado no sofá, vestia uma calça jeans e uma camiseta preta com o símbolo do MSF manuseava o celular e ao vê-la desligou o aparelho enquanto se levantava.

- Tudo bem? - perguntou não querendo parecer curiosa demais.

- Tudo, somente vendo o noticiário internacional - respondeu. As notícias da Síria eram que os combates em volta de Aleppo tinham diminuído e o Hospital que fora atingido e evacuado começara a ser reconstruído, com previsão da chegada em breve das equipes de voluntários.

- Venha, vamos ver o que temos para jantar - convidou-o com um gesto.

Na cozinha ele colocou uma embalagem de lasanha congelada no micro ondas e enquanto aquecia a comida abriu a geladeira.

- Cerveja ou vinho? - perguntou se curvando para examinar o interior.

- Cerveja - respondeu Marcos desviando o olhar das pernas torneadas e do volume das nádegas dela, quase descobertas pela camiseta.

Sthefany pegou uma garrafa de vinho pela metade, uma garrafa long neck de cerveja e dois copos.

- Costumo beber uma taça por noite, e uma cerveja nos finais de semana - explicou como se desculpando.

Ela serviu os copos, enquanto sentia os olhos dele correndo por seu corpo, o que fez seus mamilos se arrepiarem, pois agora eles eram visíveis sob a camiseta, já que não estava usando sutiã.

Marcos fingiu não perceber e o micro-ondas apitou, par alívio dela que foi até ele pegar a embalagem de onde serviu duas generosas porções nos pratos. Em seguida sentaram na ilha da cozinha, um de frente para o outro.

- Parece bom - disse Marcos dando uma garfada e levando a boca.

- É mais prático - respondeu Sthefany - Chego em casa cansada, e depois de cuidar do Rafael preparo algo rápido.

Comeram em silêncio, ao terminarem Marcos ajudou a limpar a cozinha,

enquanto ela lavava os pratos ele os secava e guardava no armário.

Sentaram-se no sofá com suas bebidas, uma almofada estava entre eles, como um muro.

Conversaram em um primeiro momento sobre Rafael, como fora o parto, o medo que ela sentira de perder a criança na escadaria da mansão Avelar. A decisão de começar uma nova vida longe do pai. Os desafios de administrar um hospital e criar um filho sozinha.

- Veja bem, não estou lhe cobrando nada e creio estar indo muito bem como mãe - ela afirmara em tom sério.

Marcos contara sobre a situação na Síria e em especial em Aleppo, mas não contara sobre Elisabeth, embora deixasse entrever na conversa a existência dela.

Depois Sthefany contara sobre sua investigação com a ajuda de Bruno, o casamento, e o estupro que sofrera nas mãos de Bert, o que fez Marcos apertar o copo que segurava com tanta força que ele quebrou provocando cortes na palma.

- Merda - grunhiu Marcos segurando a mão cortada.

- Espera, eu tenho um kit de primeiros socorros - afirmou Sthefany se levantando e correndo até a estante de onde tirou uma maleta preta.

Com movimentos rápidos ela limpou os cortes e desinfetou.

- São superficiais, não vai precisar de ponto - afirmou enfaixando a mão com gaze.

Marcos ficou observando-a trabalhar, a cabeça dela estava baixa e os cabelos caíam sobre o rosto. Estavam lado a lado, os corpos colados.

Ele podia sentir seu perfume suave, a pele da coxa dela parecia queimar a sua, mesmo por trás do jeans que usava. As mãos dela eram quentes e seu toque suave. Constrangido ele percebeu que estava excitado, uma ereção que avolumava em seu jeans, para seu desespero.

Sthefany demorou mais do que o necessário para limpar e enfaixar a mão de Marcos, aproveitando a chance de poder tocá-lo suavemente. Ela percebeu o desconforto dele e sorriu mentalmente ao perceber o volume na calça jeans. Sentiu um arrepio na pele que percorreu toda sua coluna, eriçando seus mamilos e umedecendo sua vagina.

Ela ergueu o rosto que estivera abaixado sobre o a mão que acabara de enfaixar. Seus rostos estavam próximos, ela podia observar aqueles olhos castanhos que tanto amava observando-a fixamente com um brilho que parecia iluminar a penumbra em que estavam e faziam arder sua alma.

Erguendo a mão direita ela tocou o rosto dele com a ponta dos dedos, percorrendo sua face até os lábios que tanto beijara. Ele fechou os olhos por um momento e suspirou.

O toque dos dedos dela em seu rosto parecia deixar uma trilha de fogo por

onde correram, ao chegar a seus lábios ele suspirou e fechou os olhos tentando manter o resto de sanidade que lhe sobrara.

Ao abrir os olhos o rosto de Sthefany estava quase colado ao seu, ele podia sentir seu hálito fresco misturado com o odor do vinho que ela bebera. Seus lábios estavam entreabertos e úmidos, seus olhos semicerrados.

Como a força gravitacional do sol atrai os planetas, mantendo-os presos em sua órbita, assim Marcos se sentia: preso pela força que o atrai até ela, por um átimo de segundo sua mente racional se rebelou, mas sem sucesso.

Como um viciado tendo uma recaída ele beijou os lábios de Sthefany com sofreguidão, segurando o rosto dela entre suas mãos. Então era isso que viciados sentiam? Estudara os efeitos das drogas, mas nunca entendera realmente. O desejo incontrollável de beijá-la e tê-la em seus braços, de possuí-la e saciar a fome que o consumia, mesmo sabendo que a sensação intoxicante que sentia podia destruí-lo.

Sthefany suspirou em seus lábios e o envolveu pelo pescoço, com os braços puxando-o para cima dela enquanto se deitava no sofá, entreabrindo os joelhos para que ele se encaixasse com perfeição nela.

Ela sentiu o volume ereto por trás do jeans pressionando sua vagina. A mão direita dele subiu por suas coxas, enquanto o braço esquerdo se apoiava no sofá. Ela deslizou subindo por sua cintura e ventre por baixo da camiseta folgada que usava, detendo-se em seu seio esquerdo onde passou a apertá-lo, hora suavemente, hora com força.

Seus lábios desceram de sua boca passando pelo pescoço e se detendo no seio direito, mordiscando e sugando seu mamilo túrgido por cima do tecido, fazendo-a arfar e retesar o corpo, empurrando a cintura contra o pênis ereto dele.

Com sofreguidão ela desceu a mão pelas costas dele puxando a camiseta por cima do ombro, Marcos deteve a carícia com a boca o tempo suficiente para permitir que sua camiseta fosse retirada e jogada ao lado do sofá.

Novamente ele beijou-a com violência, seus lábios explorando-a e esmagando sua boca. Sthefany desceu as mãos pelas costas musculosas dele, arranhando-o levemente até alcançar a cintura e com movimentos rápidos desabotoar o cinto e a calça empurrando-a juntamente com a cueca para baixo das nádegas.

Marcos a ajudou retirando o jeans e a cueca ficando nu. Por um momento ele se deteve, ajoelhado em cima do sofá. Sthefany apreciou seu corpo, não havia nenhuma grama de gordura, era forte e com músculos definidos, mas sem exagero. O membro ereto pulsava apontado para ela.

Ele mergulhou em direção à suas pernas entreabertas, sua boca e lábios abocanharam sua vulva, fazendo-a morder os lábios para não gemer muito alto.

Agora ela segurava-o pelos cabelos forçando-o contra si. A língua dele explorava a calcinha tentando rompê-la, introduzindo-se na entrada da vagina, explorando as laterais do tecido até alcançar os grandes lábios.

Suas mãos fortes apertavam suas nádegas e coxas, ate que os dedos da mão direita afastaram o tecido já molhado da calcinha e ela sentiu a língua áspera e quente em seu clitóris, acariciando-o em movimentos circulares, sugando-o com força, fazendo-a se contorcer de prazer.

Quando ele introduziu um dedo em seu interior passando a acariciá-lo ao mesmo tempo e que acariciava seu clitóris com a língua, ela contraiu os lábios para não gritar, sentindo que um orgasmo violento se aproximava.

Marcos percebeu que ela retesava o corpo com o toque de sua língua e dedos. Apesar do tempo e da distância ele não esquecera os sinais do corpo dela ao se aproximar do orgasmo, por isso ele se levantou e encaixou a cabeça de seu pênis na entrada da vagina dela. Sthefany abriu os olhos e o encarou fixamente. Com as mãos ela o puxou pelos ombros em sua direção.

Sem desviar o olhar ele penetrou-a lentamente, sentindo a quentura, tal qual uma fornalha, da vagina apertada e molhada dela.

Ao chegar ao final ele deixou seu peso cair sobre ela, imobilizando-a. Sthefany passou as pernas por sua cintura prendendo-o. Marcos segurou as mãos dela acima da cabeça e começou a se movimentar em seu interior, penetrando-a lentamente, forçando seu pênis até o fundo.

A cada estocada Sthefany gemia baixo, apertando os lábios ou mordendo seu ombro. Marcos soltou as mãos dela e segurou suas nádegas firmando-a ainda mais de encontro a ele. As mãos dela, agora livres, arranhavam suas costas ou o puxavam pelo ombro.

- Vem - murmurou ela em seu ouvido entre um gemido e outro.

Marcos aumentou a velocidade da penetração, agora ele retirava quase todo o pênis e o estocava com força, como se com aquele gesto quisesse castigá-la.

Sthefany gemeu mais alto e Marcos grunhiu aumentando o ritmo.

- Vem, vem - sussurrou com um gemido e em seguida mordeu seu ombro.

Marcos sentiu que ia explodir e penetrou-a com força mais três vezes e ao ouvi-la soltar um grito, abafado por seu ombro, ele não aguentou e ejaculou forte dentro dela enquanto abaixava a cabeça, mergulhando no pescoço esguio e nos cabelos volumosos dela.

Sthefany sentiu o sêmen quente em seu interior ao mesmo tempo em que um orgasmo violenta fazia seus músculos tremerem incontrolavelmente, apertando o membro ereto que pulsava e seu interior. Ela pressionou a boca contra os ombros dele abafando um grito de prazer, enquanto o prendia com as

pernas envoltas na cintura dele e os braços em volta de seu pescoço.

Ficaram imóveis, como se congelados naquele momento único. Sthefany continuou presa à Marcos, não querendo desfazer o contato tão íntimo de pele com pele. Como ansiara por aquele momento, como sentira falta dele, de seu toque, de suas carícias.

Nunca deixara de amá-lo, na verdade chegara a conclusão que o amara desde a primeira vez que discutiram dentro de um vestiário por causa de um paciente. E sabia que nunca deixaria de amá-lo, mesmo que ele decidisse sair do país, pois sempre teria Rafael para lembrá-la do amor que sentiram um pelo outro, ainda que Marcos não a amasse mais.

Nesse momento Rafael começou a chorar no berço. Marcos se levantou sentando no sofá e permitindo que ela se erguesse.

- Deve estar com fome - murmurou corando com a nudez enquanto vestia a camiseta e se dirigia ao quarto.

Marcos ficou observando-a, agora que saciara o vício que tinha por Sthefany a culpa o assolou. Como pudera perder o controle? Não agira honestamente nem com Sthefany nem com Elisabeth.

Meu Deus! O que foi que eu fiz? Pensou amargurado enquanto se levantava e vestia a cueca. Nesse momento o telefone tocou, ele o pegou e de cima da mesinha de centro onde o deixara e rapidamente foi até a sacada do apartamento na sala.

- Alô? - atendeu. Não reconhecera o número, mas pelo código sabia que era da Síria.

- Marcos! Graças a Deus - disse uma voz entrecortada pela distância e estática.

- Elisabeth! - murmurou Marcos.

Capítulo XXVII

Elizabeth conversara com o Doutor Pierre sobre a gravidez. Ele insistiu que ela deveria voltar para Damasco e de lá para a Inglaterra.

Ela não queria voltar para casa, tinham muitas pessoas que dependiam dela. Mas concordara em ir até Damasco se submeter a um exame completo.

Le Clerk pessoalmente a escoltou com duas equipes, havia uma remessa de ajuda humanitária que deveria ser transportada até Alepo. Em uma manhã ensolarada eles partiram, em quatro jipes e dois caminhões.

Elizabeth seguia no banco de passageiro de um dos veículos, tendo Le Clerk ao seu lado, o qual se mostrou simpático contando passagens de sua vida com a Legião Estrangeira Francesa^[33] e depois como um “soldado da fortuna”. Ela ouvia interessada, mas às vezes se perdia em seus pensamentos observando a bela paisagem do deserto. Pensava em Marcos, como ele estaria?

Em Damasco ela se hospedou em um hotel que tinha acesso à internet. Seu celular começou a apitar, havia mensagens de amigos e dos pais, mas as mais importantes e que ela leu primeiro foram as de Marcos. Em geral ele dizia que estava bem e com saudades, mas que o estado de saúde de sua mãe era grave.

A última mensagem que ele deixara, datada de horas antes, a tocou, ele afirmava com voz embargada de emoção que sua mãe falecera.

Haviam diversas ligações não atendidas dele e ela resolveu retornar do telefone do hotel. Pelos seus cálculos deveriam ser quase uma hora da madrugada em São Paulo, já que ainda eram dezenove horas em Damasco.

Ansiosa ela ouviu o som de chamada e de repente uma voz se fez ouvir.

- Alô?

- Marcos! Graças a Deus!

- Elisabeth! - repetiu Marcos.

- Como você está? Sinto muito pela sua mãe?

- Estou bem, e você, o que aconteceu? Não consegui contato.

- Não havia sinal no hospital de campanha e o Doutor Pierre perdeu o telefone via satélite, estou falando de um hotel em Damasco.

- Aconteceu algo? Você está voltando para a Inglaterra?

- Sim e não, aconteceu, mas tenho que te contar pessoalmente e não, não estou voltando para casa, vim apenas acompanhar Le Clerk para buscar um suprimento de ajuda humanitária – respondeu tentando conter a vontade de dizer

que estava grávida.

Elisabeth percebeu a tensão na voz de Marcos, apesar da distância e da qualidade péssima da ligação.

- Quando você volta? – perguntou após alguns segundos de silêncio.

- Dentro de alguns dias, tenho que resolver alguns assuntos – afirmou Marcos.

- Está bem... estou com saudades – murmurou no telefone.

- Eu também – respondeu a voz no telefone e Elisabeth imaginou que ela estava tensa, seria apenas por causa do falecimento da mãe dele?

- Se cuida, beijos – disse Elisabeth.

- Você também – respondeu Marcos e em seguida a ligação ficou muda.

Elisabeth ficou olhando para o telefone por um momento, seria impressão sua ou Marcos parecia distante? Mas seria de se esperar, ele acabara de perder a mãe. Com um suspiro ela colocou o fone no gancho e subiu para seu quarto. Com a ajuda do Doutor Pierre ela marcara uma consulta para o dia seguinte com um ginecologista que a visitaria hotel.

Ao acordar com o som irritante do despertador do celular Elisabeth o desligou controlando a vontade de jogá-lo contra a parede. Tivera uma péssima noite de sono, ficara pensando em Marcos e na sensação de que algo estava errado, por isso acordara com uma irritante dor de cabeça.

Ela tomou o café no quarto após um demorado banho quente onde ficou acariciando o ventre, tentando perceber se ele estava maior ou não. Estaria mesmo grávida? Sorriu feliz, se estivesse amaria àquela criança com toda sua força.

O médico chegou acompanhado de uma enfermeira, examinou-a detidamente e depois de colher sangue e urina, receitou vitaminas.

- Você está com um leve quadro de desnutrição, pelo que examinei e você me contou, acredito que esteja grávida, mas somente os exames de sangue vão confirmar – explicou o médico com um forte sotaque.

- Quando posso ter os exames? Preciso voltar para o hospital de campanha.

- Vai demorar uns quatro dias, conversei com o Doutor Pierre, as condições de trabalho no campo de refugiados não são ideais, eu recomendo que você se afaste do trabalho por alguns dias para descansar. Notei que sua pressão está um pouquinho alterada, mas devido as condições estressantes que você enfrenta não é nada anormal.

- E se eu não me afastar? – perguntou pensando em seus pacientes infantis.

- Você é médica, sabe os riscos de um início de gravidez, você pode vir a

abortar se não se cuidar ou mesmo prejudicar o bebê – afirmou erguendo uma sobrancelha – Creio que não é isso que você deseja, não é mesmo?

- Não – murmurou – Vou seguir sua orientação, vou visitar meus pais na Inglaterra e de lá vou ao Brasil, tem algum problema em viajar essas distâncias?

- Se for viagens a passeio e desde que você se alimente direito e continue seus exames pré-natal, não vejo problemas.

- Obrigada doutor – agradeceu Elisabeth.

- Eu enviarei o resultado dos exames para seu e-mail – avisou o médico referindo-se ao endereço eletrônico que a enfermeira preencheria na ficha de paciente onde constata seus dados.

- Obrigada mais uma vez – agradeceu e ergueu-se acompanhando o médico e a enfermeira até a porta.

Seguiria a recomendação médica, primeiro iria para a Inglaterra visitar os pais e esperar pelo resultado dos exames. Se estivesse grávida iria ao Brasil, precisava contar pessoalmente para ele.

Elisabeth passou o dia inteiro em meio a ligações, mas somente ao final do dia conseguiria uma passagem em um voo comercial que sairia de Damasco com destino a Paris. De lá ela embarcaria para a Inglaterra. Conseguira, com ajuda de Le Clerk, conversar com o Doutor Pierre por meio de um rádio transmissor, ele garantiria que cuidaria de seus pacientes até sua volta.

Ao olhar o relógio percebeu que era quase dezoito horas, no Brasil seria por volta de meia-noite, seria tarde para ligar para Marcos? Ela esperara uma ligação dele durante o dia inteiro, mas nem mesmo uma mensagem no whatsapp ele mandara.

O que estaria acontecendo? Perguntou enquanto observava o pôr do sol da janela de seu quarto.

Capítulo XXVIII

Marcos desligou o telefone e ao voltar para a sala se deparou com Sthefany sentada no sofá. Ela vestira novamente a calcinha e a camiseta folgada, mas estava com as pernas encolhidas e abraçadas junto ao peito, o rosto apoiado nos joelhos e os olhos o perscrutando.

- Tudo bem?

- Sim, uma ligação da Síria - se justificou sentindo-se o pior dos homens - Querem saber quando eu volto.

- Você vai voltar? Agora que provei sua inocência não tem mais porque deixar o país - murmurou docemente - Ou o seu filho.

- Tenho responsabilidades lá, e assuntos pendentes - respondeu sentando-se em uma poltrona afastada do sofá.

- Quanto tempo pretende ficar?

- No máximo um mês, vou procurar meu pai, se não o encontrar nesse tempo eu volto para a Síria.

- Vai ficar muito tempo lá?

- Tenho ainda seis meses de contrato - respondeu coçando os cabelos curtos. Sentia-se extremamente cansado, fora um dia difícil; a morte e o enterro de sua mãe, a descoberta de que era pai, e a constatação que ainda desejava Sthefany, assim como um viciado deseja drogas.

Sthefany percebeu a fisionomia cansada e preocupada de Marcos, erguendo-se do sofá se aproximou da poltrona e o abraçou deixando-o colocar a cabeça em seu ventre. Acariciou-lhe os cabelos, depois se curvou e depositou um beijo na cabeça dele.

- Vou dormir, minha porta está aberta, mas o quarto de visitas está pronto se você preferir - disse gentilmente.

Marcos ergueu o rosto e ela percebeu a expressão de angústia na face dele. Ela a conhecia, ele devia estar lutando com seus demônios interiores.

- Não se sinta forçado a nada Marcos, estou feliz por você estar aqui e ter conhecido seu filho, pra mim isso basta - afirmou.

Ele concordou com a cabeça e beijou-lhe as mãos. Sthefany se virou e dirigiu-se à seu quarto, deixando a porta entreaberta.

Ela dormiu ouvindo-o caminhar na sala de um lado para o outro, como um animal enjaulado.

Marcos passou a noite insone, embora estivesse mortalmente cansado.

Como pudera trair Elisabeth? Eles eram amantes há meses, ela o apresentara aos pais. Embora ele não a tivesse pedido em namoro, como fizera anos atrás com Sthefany, estava implícito que tinham um relacionamento sério.

Como um adolescente ele não conseguira controlar seus impulsos e acabara cedendo aos seus instintos. O que ele deveria fazer era voltar para a Síria, mas como partir tão rápido? Precisava encontrar seu pai, apenas para ter certeza de que ele estava bem, e tinha seu filho, mal o conhecera e já iria abandoná-lo?

Precisava registrá-lo, ele não tinha nenhuma dúvida de que o filho era dele, queria também conviver um pouco com o bebê. E como ficava Sthefany? Embora ela não tivesse lhe cobrado nada, dissera que ainda o amava, e o que ele realmente sentia por ela?

Com os pensamentos confusos acabou dormindo no sofá, após lutar contra a vontade de ir até o quarto de Sthefany para se aconchegar ao seu lado.

A primeira coisa que sentiu foi o aroma de café fresco, seguido de uma pontada irritante na região da nuca. Ao abrir os olhos avistou Sthefany na ilha da cozinha, ela estava concentrada manuseando uma cafeteira, apesar de estar com a cabeça baixa ele percebeu um sorriso e seus lábios.

Ela vestia um tailleur creme, composto de calça e blazer. Seus cabelos estavam presos em um coque elegante.

Ela percebeu que ele acordara e sorriu.

- Bom dia, o café está quase pronto.

- Bom dia - respondeu esticando os músculos doloridos e estalando o pescoço - Se importa se eu tomar uma ducha?

- Marcos, fique a vontade, sinta-se em casa - respondeu e corou.

- Obrigado. E o Rafael?

- Dormindo ainda, mamou mais cedo e voltou a dormir, agora só acorda na hora que chegarmos ao hospital.

- Eu já volto - disse e se dirigiu ao banheiro onde deixou que a ducha forte caísse sobre seu corpo, mudando para água gelada, um banho frio era o que precisava para despertar.

Ao sair Sthefany o aguardava com o café da manhã disposto na ilha da cozinha. Café, pão, manteiga e frutas.

Marcos comeu com apetite, ainda constrangido com o que ocorrera na noite anterior.

- O que você pretende fazer? - perguntou Sthefany.

- Vou procurar um hotel pra me hospedar, depois procurar meu pai.

- Quer ficar hospedado aqui? - perguntou suavemente.

- Não, prefiro ficar em um hotel, mas se você permitir gostaria de visitar o

Rafael - respondeu com um suspiro cansado - Sthefany, sobre ontem à noite...

- Marcos, não se torture, eu desejei que aquilo acontecesse, não se sinta obrigado a nada - disse tocando a mão dele com a ponta dos dedos.

- Obrigado - murmurou constrangido.

Saíram juntos, Sthefany o deixou em um hotel executivo próximo ao prédio onde ela morava. Depois se dirigiu ao hospital com o pequeno Rafael.

Marcos se hospedou e passou a manhã entrando em contato com associações que se dedicavam a ajudar ex-presidiários, mas sem sucesso, não havia sinal de seu pai.

Depois do almoço ele foi ao hospital, se dirigiu ao berçário onde encontrou Rafael brincando. Ele sentou-se no chão acarpetado e passou uma hora brincando com o bebê. Era uma criança ativa e esperta e ele se pegou pensando no irmão e na mãe que nunca teriam a chance de conviver com ele. Será que ele seria capaz de deixar seu filho para trás para poder voltar à Síria?

Sthefany desceu para pegar Rafael para almoçar e observou pai e filho juntos, como seria bom se pudessem ser uma família. Mas não desejava impor nada a Marcos, por causa dela ele já sofrera muito.

Aproximou-se e se ajoelhou ao lado dele com um sorriso, Rafael esticou as mãozinhas pedindo por ela, e Marcos o entregou.

Enquanto a observava brincar com o bebê ele pensou em como ela mudara, não parecia mais a Sthefany que conhecera; inconsequente, voluntariosa, a filha mimada de um milionário, mas sim uma mulher centrada com muitas responsabilidades.

Ela o convidou para almoçar, o que se tornou uma rotina nos dias seguintes, ele passava a manhã procurando por seu pai, almoça com Sthefany e passava à tarde com Rafael, a quem já amava com toda a força de seu ser. O registrara, dando-lhe seu sobrenome. Rafael Silva Xavier.

A noite jantava com Sthefany no apartamento dela, mas desde a noite em que sua mãe morrera, ele lutou contra seu desejo de possuí-la.

Seus sentimentos estavam confusos, pensava constantemente em Elisabeth, ligava para ela uma vez por dia, mas as conversas geralmente eram curtas, como se uma barreira invisível houvesse se erguido entre eles, criada pela culpa que o consumia. Mas quando estava ao lado de Sthefany, sentia-se sendo arrastado por uma força invisível, que a muito custo conseguia dominar. Ela, por sua vez, não tentava lhe impor nada.

Capítulo XXIX

Elisabeth chegou em casa, para felicidade de seus pais. No segundo dia após sua chegada recebeu um e-mail com os exames feitos em Damasco. Ela não sabia se ria ou chorava, se ficava triste ou feliz, o resultado dera positivo.

Ao contar para o casal Cluther que engravidara por acidente na Síria, pensara que eles a criticariam, mas ao contrário, se mostraram exultantes e felizes com a notícia de que seriam avós.

- Marcos já sabe? – perguntou Catherine.

- Não, ele está no Brasil ainda, a mãe faleceu e ele está procurando pelo pai, isso é algo que tenho que contar pessoalmente – respondeu sentindo uma pontada de angústia.

Desde que conseguira restabelecer contato com ele, falavam-se uma vez por dia pelo telefone, ela sentira que algo estava errado, ele parecia distante, ela creditou isso ao fato dele ter perdido a mãe recentemente.

Pensara em questioná-lo se estavam bem, mas decidiu não pressioná-lo.

Seus pais insistiram que ela procurasse uma obstetra inglesa, o que ela fez sete dias depois que chegara. A médica fez uma ultrassonografia e solicitou uma nova bateria de testes, remarcando a consulta para quatro dias depois.

Elisabeth passou seu tempo seguindo a orientação do médico sírio; dormia cedo, se alimentava direito, passava o dia lendo ou assistindo televisão com a mãe, após fazerem um passeio matinal em um parque próximo da residência dos Cluther.

Mas o momento mais aguardado do dia era quando Marcos ligava, ele ficara surpreso quando ela contara que estava na Inglaterra, e preocupado perguntou se estava tudo bem, ela afirmou que apenas aproveitou para tirar alguns dias de folga, enquanto as equipes de voluntário, na medida do possível reconstruíam o hospital de Alepo, para onde pretendia voltar logo que possível. Marcos afirmou que ficaria no máximo um mês no Brasil e então retornaria para terminar seu contrato de médico voluntário.

Ela percebeu que dessa vez ele não mencionara o desejo de estender o vínculo com o MSF, algo que sempre fazia, o que atizou sua curiosidade e preocupação, por fim resolvera ser direta.

- Marcos, está tudo bem? Quer dizer conosco? – perguntou enquanto acariciava o ventre por cima da blusa que usava, sentada na cama em seu quarto.

- Precisamos conversar, mas tem que ser pessoalmente – afirmou a voz do

outro lado da linha – Mais duas ou três semanas e estou de volta.

- Eu também preciso falar com você – respondeu contendo a vontade de dizer que estava esperando uma criança.

- Algo grave? – perguntou Marcos preocupado.

- Não, mas tem que ser pessoalmente também – respondeu tentando manter a voz calma.

- Em breve nos veremos, vou desligar, preciso ir, beijos – disse e desligou.

- Beijos – murmurou Elisabeth para o telefone mudo.

No dia seguinte ela compareceu à consulta com a obstetra, uma mulher gentil e quase cinquenta anos. Por alguns minutos ficaram conversando sobre a atuação do MSF, a obstetra ficou impressionada com as histórias que Elisabeth contou.

- Você é uma mulher corajosa, querida – começou a obstetra pegando os exames que estavam em cima de sua mesa – Mas talvez seja melhor você pensar em sair da Síria.

- Algum problema com o bebê? – perguntou alarmada.

- Não, aparentemente está tudo dentro do previsto, você está com oito semanas, o bebê está no tamanho certo, você se recuperou do princípio de desnutrição, mas sua pressão arterial está um pouquinho alterada.

- Pré-eclâmpsia?^[34] – perguntou temerosa. Ela conhecia a doença que afetava gestantes e que se não tratadas poderia evoluir para uma Eclâmpsia^[35].

- Esperemos que não, é muito cedo para afirmar que seja o caso, sua pressão alterada pode ser em decorrência do stress à que foi submetida na Síria. O pai da criança está ciente da gravidez?

- Ainda não contei – respondeu.

- Seria bom contar, até mesmo essa situação poderia dar causa à pressão alterada.

- Pretende contar o mais rápido possível – respondeu Elisabeth com um sorriso ao ter uma ideia de como fazê-lo.

- Em todo caso recomendo que continue com uma dieta equilibrada, exercícios físicos, descanso e evite stress. Como você é médico, recomendo que meça sua pressão arterial todos os dias e sempre que for fazer o pré-natal mostre ao médico. Espero que seja eu a acompanhá-la – afirmou com um sorriso.

- Se eu decidir ficar na Inglaterra, farei o pré-natal com a doutora.

- Ótimo minha querida, de resto é só aproveitar sua gravidez – disse com um sorriso e se levantou para acompanhar Elisabeth até a porta.

Ao ganhar a rua ela olhou para o céu encoberto de Londres, estava acostumada com o sol do oriente médio, e o tempo constantemente nublado da

Inglaterra a deixava introspectiva. Por isso tomara uma decisão enquanto estava na sala da médica.

Iria ao Brasil e surpreenderia Marcos contando que estavam esperando um filho.

Capítulo XXX

Maurício Silva passara anos dentro do sistema penitenciário do Estado de São Paulo. Fora acusado de assassinar Domênica Xavier, e isso era verdade, mas fora um terrível acidente, ele jamais tivera a intenção de matar alguém quando aceitara o convite de um conhecido para praticar um furto de veículo.

Ele tinha dois filhos e uma esposa para sustentar, Rafael o mais velho sempre tivera uma saúde de ferro, mas Marcos tivera diversos problemas de saúde, bronquite, asma, pneumonia, tudo em decorrência do ambiente insalubre em que viviam.

Doía em seu coração ver as crianças chorando de fome, sua esposa Mirtes se desdobrava cuidando das crianças ainda pequenas e fazendo faxinas nas casas dos “bacanas” do bairro do Morumbi, vizinho da comunidade.

Quando Zé Pilantra, um homem que conhecera em um bar o convidara para praticar furto de veículos ele fizera tudo parecer fácil, bastava ficar vigiando, enquanto Zé Pilantra fazia uma ligação direta e saíam do local. Dentro da comunidade havia um “desmanche” clandestino, em menos de uma hora o carro era picotado e as peças vendidas par diversas lojas de autopeças, especialmente as localizadas no centro de São Paulo.

Era um negócio lucrativo, afirmara Zé Pilantra, um homem alto e magro, com o rosto coberto de sardas, e cabelos ruivos, enquanto bebiam uma cerveja. Em uma noite poderiam furtar quatro carros, o que daria um bom dinheiro.

Maurício ainda relutou, mas quando sua esposa o procurou no bar dizendo que Marcos estava com febre e precisava de remédio, ele disse que sairia para conseguir. Mal ela virara as costas carregando o pequeno que chorava sem parar, ele se virou para Zé Pilantra e aceitou a oferta.

O plano parecia simples, iriam de ônibus até um estacionamento de mercado ou outro local qualquer que fosse aberto, escolheriam o carro, que teria que ser um sedan quatro portas, Zé Pilantra o arrombaria, faria a ligação direta e saíram do local rapidamente. Maurício precisava apenas ficar vigiando para avisar se alguém aparecesse.

Acabaram descendo em um ponto de ônibus frente a um Hospital, Maurício imaginou que o estacionamento fosse vigiado, mas o local estava em obras a guarita estava sendo construída e apenas um vigilante estava no local, cochilando dentro de uma guarita, afinal passara da meia-noite. Entraram facilmente no local, haviam diversos veículos estacionados e finalmente

escolheram um, estacionado no fundo.

- Agora fica de olho, segura essa porra – ordenou Zé Pilantra entregando-lhe um revólver enquanto se curvava na janela do motorista utilizando uma chave para forçar a abertura da porta.

Maurício pegou a arma e a olhou assustado, já vira armas na comunidade, mas nunca pegara uma. Ele observou Zé Pilantra trabalhando rapidamente, de repente a porta se abriu e ele entrou no carro curvando-se sobre o volante.

- Agora a ligação direta – disse quebrando algo e puxando alguns fios.

- Ei! Esse carro é meu! – exclamou uma voz feminina autoritária surpreendendo-os.

Mesmo depois de tantos anos, sempre que lembrava da cena Maurício a imagina como se estivesse em câmera lenta.

- Porra, vamo embora, merda! – gritou Zé Pilantra.

Maurício se virou e encontrou o rosto severo de uma mulher loira, seus cabelos presos em um coque, e ela vestia um jaleco branco. De repente um estrondo se fez ouvir que feriu seus ouvidos fazendo-os zumbir.

O rosto da mulher mudou, de severo passou a surpreso, os olhos se esbugalhando, Maurício olhou para baixo, a arma estava apontada para frente e seu dedo puxara involuntariamente o gatilho. Uma mancha de sangue tingiu o jaleco branco se espalhando enquanto, lentamente, a mulher caía ao solo com um gemido, os olhos ainda fixos nele. Um olhar que ele nunca esquecerá: dor, espanto e medo.

- Sinto muito – murmurou Maurício desesperado.

- Corre merda! – gritou Zé Pilantra correndo para longe.

Maurício ficou estático por alguns segundos, então se recordou de sua esposa e filhos, se fosse preso quem cuidaria deles? Pensou consigo mesmo, então correu, passando pelo vigilante que o encarava com olhar assustado, para sua sorte ele não estava armado e o deixou passar.

Ao sair do estacionamento ouviu o guincho do freio de um veículo que quase o atropelou, derrubando-o no solo, ao tentar se levantar encarou o cano negro de uma pistola encostada em seu nariz.

- Polícia! Não se mexe porra! – gritou um policial militar que descera do veículo que quase o atropelara.

Em seguida sentiu que mãos fortes o viravam de costas e algemavam suas mãos para trás, o metal frio beliscou sua pele, ele tentou reclamar, mas recebeu um chute na costela que o fez grunhir de dor.

- Caralho, ele matou uma médica – ouviu uma voz gritar.

O que aconteceu depois ficou nublado em sua mente, se recordava de ter apanhado dos policiais militares, quando foi entregue na delegacia de polícia

estava irreconhecível. Ouviu os militares dizerem que ele tentara reagir à prisão.

Foi jogado em uma cela onde foi novamente surrado, dessa vez por policiais civis quando então desmaiou. Acordou sem saber o horário ouvindo uma voz rascante.

- Esse verme que matou minha esposa? - disse a voz.

- Sim, Doutor Avelar, foi preso com a arma do crime na mão - respondeu outra voz.

- Não tem como dar um fim nele delegado? Eu pago bem - disse a voz que se identificara como Avelar.

- Não senhor, infelizmente a imprensa já está na porta, se ele morrer pode dar vazão a questionamentos - explicou o Delegado.

- Que ao menos ele sofra - rosnou o homem chamado Avelar.

Os dias se seguiram em meio a duchas de água fria, má alimentação e torturas. Todas as noites ele era levado para um quarto escuro onde lhe eram aplicados choques no ânus e testículos, isso quando não era espancado após ser coberto de toalhas para não deixar marcas.

Ao ser apresentado ao juiz para ser julgado ele estava alquebrado física e moralmente, durante os dias que ficara detido não recebera visitas. Ao final da audiência ele foi denunciado pelo promotor por homicídio triplamente qualificado e encaminhado a um presídio para aguardar julgamento.

Ao sair da sala de audiência seu olhar cruzou com o de Avelar que era de puro ódio.

A vida no presídio era melhor que na delegacia, ele foi jogado em uma cela lotada. Um dos presos, um homem de meia idade que era parecia o líder o interrogou sobre seu crime. Ao saber que ele não entregara Zé Pilantra o líder, que se chamava Manoel lhe ofereceu a opção de entrar em uma facção que controlava o crime dentro e fora dos presídios, em troca ele receberia proteção.

Maurício não era iletrado, ele estudara até a quinta série e fora considerado bom aluno, até que as dificuldades de sua família o obrigaram a sair da escola. Sabia ler e escrever muito bem e era muito bom em matemática, logo fora alçado à condição de um secretário dos líderes da penitenciária.

E assim ele cresceu na organização, quando seu filho Rafael entrou no mundo do crime ele ficou muito triste, com a ajuda de membros da facção ele conseguiu que seu filho viesse visitá-lo. Tentou de todas as formas demovê-lo da ideia, mas quando percebeu que era irreversível a decisão do menino de quatorze anos que queria ser "batizado" na facção, Maurício usou de sua influência e se tornou "padrinho" do próprio filho.

Maurício fora julgado e condenado à pena máxima, apesar do excelente advogado de defesa que a facção pagara. Mas ao ver o sorriso de triunfo de

Avelar no salão do tribunal do Júri quando o juiz prolatara a sentença ele teve certeza de que o rico empresário tinha feito de tudo para conseguir a sentença máxima.

Ele não se sentiu injustiçado ou revoltado, aceitou sua pena, sabia que cometera um crime terrível, e estava disposto a pagar por ele. O olhar da médica o assombrava em seus pesadelos.

Rafael vinha ao menos duas vezes por mês visitá-lo. Era por ele que Maurício acompanhava a vida de Marcos e a esposa. O filho mais velho quisera trazer o irmão mais novo, mas ele proibira, não queria que outro filho ingressasse no mundo do crime. Aceitava o fato da esposa nunca ter vindo visitá-lo, ela sempre fora orgulhosa com sua honestidade e ele fora uma completa decepção.

Quando Rafael foi morto em uma armadilha preparada por policiais militares ele usou de todo o poder da facção para descobrir o que realmente acontecera.

Somente depois que Marcos foi embora do país ele finalmente conseguira descobrir tudo, demorara meses para ter certeza absoluta. Avelar se associara a policiais corruptos e a um integrante do médio escalão da facção que desejava tomar o lugar de Rafael para prender seu filho ou matá-lo.

Maurício solicitou autorização para se vingar do integrante da facção que armara contra Rafael. Após uma reunião da cúpula feita por meio de celulares clandestinos, ele recebera autorização para julgar o homem. Pedira e conseguira autorização para julgá-lo pessoalmente, por isso aguardou o final do cumprimento de sua pena para poder agir.

Agora ele estava em pé, segurando uma pistola 9mm na mão direita. Ao seu lado cinco integrantes da facção sob sua ordem aguardavam, todos armados de pistolas e fuzis.

Caído no solo lamacento do pequeno bosque de árvores localizada na periferia da zona leste o homem que traíra seu filho estava ajoelhado com as mãos amarradas para trás.

- Pelo amor de Deus "irmão" me dê uma chance - gemia desesperado.

- Não me chame de irmão, você não tem mais esse direito, você não é mais da facção - rosnou Maurício desferindo uma coronhada na cabeça do homem.

- Eu troco minha vida por uma informação - gemeu o homem voltando a se ajoelhar.

- Não tem nada que você saiba que possa me interessar - afirmou armando a pistola, colocando uma munição na câmara.

- É sobre seu filho Marcos!

Maurício abaixou a arma que apontara para a cabeça do homem e se ajoelhou ao seu lado.

- Você vai me contar tudo, de um jeito ou de outro - rosnou puxando o cabelo do homem aproximando o rosto dele ao seu.

Capítulo XXXI

Quase um mês se passara desde que Marcos voltara ao Brasil, ele não conseguira encontrar seu pai e por isso decidira partir de volta a Síria.

Sthefany estava triste, a noite de amor que ocorrera em seu apartamento não se repetira. Mantinham um relacionamento amigável, almoçavam e jantavam juntos, aos finais de semana passeavam com Rafael.

Ela não cobrava nada dele, embora percebesse que ele enfrentava um dilema interno, mas respeitara seu silêncio.

Por isso ela decidira fazer um jantar beneficente para arrecadar fundos para o MSF, como forma de despedida, o qual ocorreria em um grande restaurante que aceitara participar da angariação de fundos.

A noite do evento finalmente chegou depois de muitos preparativos. Sthefany contratara uma babá, que já trabalhara com ela para ficar com Rafael.

Após um demorado banho ela pingou duas gotas do perfume Chanel número 5 no pescoço. Vestiu um conjunto de lingerie vermelha, a cor predileta de Marcos. Em seguida, colocou o vestido longo, também vermelho vivo, com um decote que deixava à mostra o colo dos seios e outro que descia pelas costas até a base da coluna.

Ajeitou a sandália de salto alto e se olhou no grande espelho do guarda-roupa.

Seus cabelos estavam soltos e caíam lhe sobre os ombros, uma discreta maquiagem realçava os olhos, assim como o batom vermelho. Em seu pescoço uma correntinha com pingente de ouro combinava com os brincos, ambos presenteados por Marcos anos antes.

Com um suspiro ela pegou a pequena bolsa de mão e foi para a sala, onde a babá brincava com Rafael. Ela sentou-se no sofá e participou da brincadeira por algum tempo até que o interfone tocou e o porteiro anunciou que Marcos estava na portaria.

Após autorizá-lo a subir ela beijou o filho deixando uma marca de batom em sua bochecha.

- Naty se precisar de qualquer coisa é só ligar.
- Não se preocupe doutora, aproveite a noite - respondeu sorrindo.

A campainha tocou e ela se dirigiu a porta deixando Marcos entrar, ele vestia um smoking preto, seus cabelos, antes curtos haviam crescido um pouco.

- Pontual como sempre - cumprimentou com um sorriso Sthefany, satisfeita com a expressão do rosto dele ao observá-la.

Marcos estava decidido a partir dentro de no máximo uma semana, fazia dois dias que não conseguia contato com Elisabeth e estava preocupado.

Ao apertar a companhia, a porta se abriu e ele ficou atônito. Sthefany estava linda, tal qual uma deusa grega ou uma atriz de hollywood. O vestido vermelho realçava suas curvas e seios. Ele sentiu o aroma do perfume que ela usava e que ele sempre gostara após beijá-la suavemente no rosto depois de cumprimentá-la.

Ela o convidou a entrar, ainda tinham alguns minutos e Marcos aproveitou para brincar com Rafael.

- Vamos? - perguntou Sthefany - Antes de ir ao restaurante preciso pegar o cheque dos fundos que arrecadamos em minha sala no hospital, saí com tanta pressa que acabei esquecendo. O diretor Jean ficaria chateado se eu não aparecesse com o cheque - afirmou sorrindo com voz musical.

Marcos que viera de táxi dirigiu o carro de Sthefany até o hospital, tê-la ao seu lado o perturbava, ela exalava sensualidade e o vestido a deixava ainda mais sexy.

Ao chegarem subiram até o escritório de Sthefany na ala da administração e diretoria, que àquela hora da noite já estava vazia.

- Não vou demorar - garantiu Sthefany.

Marcos a seguiu até a sala e a observou abrindo um pequeno cofre de onde retirou um envelope.

- Conseguimos um bom dinheiro para doar - afirmou sorrindo.

Ele encarou-a fixamente, durante quase um mês lutara contra seu desejo de tê-la a cada vez que se encontravam ele sentia que perdia um pouco de sua determinação. Sthefany sempre tivera um estranho poder sobre ele, e agora, naquela noite, tão próximo de partir sentia o corpo queimar de desejo.

Ela percebeu o olhar de desejo de Marcos e sentia que sua vagina se umedecida de excitação. Para ela não fora fácil ficar ao lado dele durante todos aqueles dias, o amava e desejava com intensidade, por isso deixou o envelope na em cima da mesa e deu dois passos em direção a Marcos.

Agora estavam muito próximos, poucos centímetros os separavam, algo como eletricidade estática parecia percorrer o espaço entre eles, arrepiando sua pele.

Quem deu o ultimo passo? Ninguém poderia afirmar, como se tivessem combinado se abraçaram beijando-se com volúpia.

Marcos deslizou uma das mãos pelas costas nuas de Sthefany adentrando pelo vestido até alcançar a calcinha, apertando as nádegas firmes e puxando-a de encontro a si, enquanto a outra mão deslizava pela cintura delgada subindo até alcançar os seios, apalpando-os e apertando por cima do tecido do vestido.

Sthefany suspirou dentro da boca de Marcos, sentia as mãos firmes dele explorando seu corpo, acariciando-a com força. O membro ereto dele a pressionava como se quisesse romper os tecidos que o separavam de sua vulva.

Ela aumentou a violência do beijo, como se temesse que nunca mais fosse experimentar aqueles lábios. Marcos correspondeu com igual ardor e em um movimento brusco a ergueu colocando-a sentada em cima da mesa, encaixando-se nela, que aproveitou para cruzar as pernas em volta da cintura dele, enquanto canetas, agendas e outros objetos caíam no chão.

- Vem, me come, aqui, agora - disse em meio a um gemido de prazer.

Marcos a deitou de costas na mesa e ergueu o vestido dela até a altura da cintura. Ela fechou os olhos saboreando as sensações e sentiu sua calcinha sendo retirada por uma das mãos dele, enquanto a outra esmagava seus seios. Ouviu o som do cinto da calça sendo desafivelada e o sussurro do tecido caindo a solo.

Ao abrir os olhos ergueu um pouco a cabeça e o encarou. Marcos a olhava fixamente, seu pênis ereto apontava diretamente para ela, por um segundo ela imaginou ter visto uma sombra de dúvidas atravessar seu olhar.

- Me fode, agora! - ordenou arfando ao sentir os dedos dele manipularem seus clitóris.

Ela semicerrou os olhos e soltou um gemido alto de prazer ao senti-lo penetrá-la com força, mas sua vagina estava tão encharcada que o membro deslizou quase facilmente até o fim.

Marcos deixou-se levar pela luxúria, desejo e paixão. No fundo de sua mente uma parte de si o acusava de fraco, mas a voz logo silenciou, enquanto deixando-se levar pelos instintos ele a penetrou com força. A cada estocada ele parava um momento, todo ele enfiado dentro dela, para em seguida sair lentamente até a entrada da vulva e novamente penetra-la com força enquanto a segurava com firmeza pela cintura.

Os gemidos dela o excitavam ainda mais. Ele que sempre fora tão controlado, ao lado dela perdia a noção de si mesmo, e naquela noite, que poderia ser a última deles, ele deixou-se guiar apenas pelo desejo.

Em um movimento rápido ele saiu de dentro dela. Sthefany soltou um murmúrio de decepção, mas Marcos a ergueu e a virou até mesmo com certa brutalidade, fazendo-a deitar de frente na mesa, expondo as nádegas firmes, as pernas fora da mesa com os pés firmes no chão acarpetado.

Sthefany gemeu de antecipação, sentiu as mãos dele afastando e erguendo as nádegas levemente, expondo a entrada de sua vulva. A cabeça do pênis roçou primeiro seu ânus em seguida sua vagina, onde ficou por um momento no limiar dela, provocando-a, roçando levemente seus grandes lábios.

- Me fode com força! - ordenou com a mente afogueada de prazer.

Ele não precisou de uma segunda ordem e ela sentiu a penetração profunda e forte em seu interior, preenchendo-a totalmente, fazendo com que ela soltasse um pequeno grito, mas não era dor que sentia e sim prazer.

Ela segurou com força as bordas da mesa enquanto Marcos movimentava-se em seu interior cada vez mais rápido, enquanto que apertava sua cintura puxando-a no sentido contrário da penetração, fazendo o choque de seus corpos estalarem no silêncio do escritório.

Quando ele passou uma das mãos por baixo de seu corpo e passou a acariciar seu clitóris enquanto que com a outra enfiava o dedo polegar em seu ânus, ao mesmo tempo em que os outros a seguravam, ela não resistiu e explodiu em um gozo violento.

- Ahhhh! - gritou sentindo os espasmos de seus músculos que tremiam violentamente, contraindo-se e apertando o pênis que continuava a penetrá-la.

Marcos sentiu que ela gozava, os músculos dela mordendo seu pênis, mas ele não deteve os movimentos, continuou penetrando-a com força, seus corpos se chocando, quase com violência, enquanto continuava acariciando-a no clitóris e ânus com seus dedos.

Os gemidos dela voltaram a se intensificar aumentando ainda mais o prazer que ele sentia, controlava-se para não ejacular, sentia como se seu membro houvesse inchado. O suor escorria por dentro da camisa social que ele não tirara.

- Vou gozar! - grunhiu sentindo o orgasmo se aproximando.

- Goza dentro de mim! Me fode! Faz-me gozar de novo - gritou desvairada.

Marcos a penetrou com toda força, estocando-a mais quatro vezes, então explodiu ejaculando em seu interior.

- Meu Deus! - gritou Sthefany e seu corpo tremeu novamente como se estivesse se convulsionando.

Ela sentiu outro orgasmo violento se espalhando por seu corpo, por um momento pensou que desmaiaria, enxergava pontos de luz no ambiente. Sua respiração estava entrecortada e seu coração disparado no peito. O peso de Marcos a pressionava contra a mesa, seu membro, ainda dentro dela pulsava. Sua respiração em seu pescoço provocava-lhe arrepios que subiam por sua coluna.

Durante minutos ficaram imóveis, até que Marcos se ergueu, saindo de seu interior, e a virou para ele. Ela sentia o corpo mole, como se não tivesse mais controle sobre ele.

Marcos a levantou fazendo-a sentar-se à mesa, em seguida beijou-a, ao contrário dos beijos anteriores, violentos, carregados de paixão, aquele fora

terno, como o beijo de um casal de namorados.

Ao se separarem ele sorriu constrangido.

- Tem lenço umedecido no banheiro - disse Sthefany com um sorriso apontando para uma porta no canto do escritório.

Ela observou-o entrar no local levando a calça e a cueca que estavam jogadas no chão. Deitou-se então no tampo da mesa, as pernas ainda trêmulas e fracas. Sem dúvida nenhuma fora um dos melhores sexos que já fizeram, pensou consigo mesma.

- Acho que devemos ir, devem estar preocupados - ela ouviu Marcos dizer, tirando-a de seus devaneios.

Ele já colocara a calça e cueca, e agora pegava o blazer do smoking que estava caído ao lado da mesa.

- Verdade - respondeu rindo - Já me arrumo, só um minutinho.

Ela foi até o banheiro onde fez uma higiene íntima com a ducha do bidê que havia no local. Em seguida se enxugou e ajeitou a calcinha que ainda estava úmida com seus líquidos.

Apos ajeitar o sutiã e o vestido retocou a maquiagem usando a nécessaire que havia dentro da bolsa de mão, aproveitando para ver as mensagens no celular. Não havia nenhuma da babá, mas três diretores deixaram mensagens perguntando que horas ela chegaria. Após alisar o vestido saiu do banheiro, onde Marcos a aguardava.

- Vamos? - perguntou ele com um sorriso dando um braço para ela cavalheirescamente.

- Vamos - respondeu feliz aceitando o braço e encaixando o seu no dele.



Marcos parou o carro em frente ao restaurante onde ocorreria o jantar beneficente, o local era famoso pela clientela de ricos e estrelas da televisão. Um “valet” abriu a porta para Sthefany, enquanto um manobrista tomava o volante.

De braços dados entraram no restaurante sob os flashes dos fotógrafos da imprensa, duas emissoras de televisão filmavam a movimentação para seus programas de variedades. Duas entrevistadoras aguardavam no luxuoso “lobby”, onde algumas poltronas e sofás estavam dispostas para convidados que aguardavam a vez de adentrarem no salão de refeições, mas naquela data o restaurante estava fechado para os convidados que pagaram um valor considerável pelo jantar que seria servido.

Marcos se afastou alguns passos, enquanto as entrevistadoras crivavam de perguntas Sthefany, ele ficou a observá-la, ela falava com desenvoltura sobre os

projetos que o MSF fazia no Brasil e no exterior, não se recusou a responder, inclusive às perguntas embaraçosas sobre o afastamento de Avelar da direção das empresas da família.

- Eu não tenho envolvimento nas empresas, somente ajudo a administrar o hospital que foi criado por minha mãe – respondeu dando por encerrada as entrevistas.

Ela se aproximou sorridente dele.

- Vamos? – perguntou sorrindo.

Entraram no salão de refeições de braços dados, diversas mesas cobertas com toalhas brancas como a neve estavam dispostas, tendo em volta cadeiras estofadas, um grande lustre de cristal pendia do centro do teto, na parede lateral uma enorme janela de vidro deixava entrever um jardim com árvores e flores iluminado por um jogo de luzes, nele funcionava um pequeno bar onde alguns dos convidados bebiam seus drinks antes do jantar.

No canto do salão havia um pequeno palco fora montado, um cantor conhecido se apresentaria mais tarde para os convidados que já estavam acomodados, estes ao verem-na entrando levantaram de suas mesas e a aplaudiram.

Um deles, um senhor de meia idade, magro, com cabelos brancos e usando um smoking se aproximou sorrindo. Marcos o reconheceu ele era Jean Pierre, o diretor do MSF no Brasil, a quem seria entregue o cheque das doações arrecadas.

Ao lado dele caminhava duas mulheres, em seu lado direito uma bela mulata de quase um metro e oitenta, os cabelos presos em um penteado no estilo africano, ela usava um vestido longo colorido, que realçava suas curvas e grandes seios, ao seu lado esquerdo uma mulher trajando um vestido longo verde claro, com um discreto decote na frente, mas com uma abertura na lateral que deixava entrever o início de suas coxas enquanto ela caminhava.

Marcos sentiu seu estômago se contrair e o coração acelerar com o jorro de adrenalina que correu por seu sangue. Aquela mulher esbelta, de pele alva, com cabelos negros e olhos da mesma cor, realçados por uma discreta maquiagem que combinava com seus lábios rubros.

Era Elisabeth!

Capítulo XXXII

Elisabeth resolvera viajar ao Brasil para contar pessoalmente para Marcos que estava grávida, sua médica obstetra estava certa, o fato dele não saber a estava deixando estressada.

Ficava imaginando o que ele diria ao saber da notícia, temia que ele a acusasse de querer prendê-lo com uma gravidez não planejada. Mas, independente do que ele decidisse uma coisa era certa, ela jamais desistiria de seu bebê o qual já amava com todo seu ser.

Seus pais ficaram receosos, mas ela garantira que estava bem, fizera o que a médica recomendara e todas as manhãs e finais de tarde media sua pressão arterial, elaborando uma escala, com exceção de uma vez ou outro, na qual a pressão estava um pouco elevada, no restante das vezes estava dentro dos parâmetros normais para sua idade.

Finalmente ela comprara uma passagem para São Paulo, não conhecia o país, e seu português, embora razoável, devido à convivência com Marcos, poderia não ser suficiente, por isso ligara para a sede dos Médicos Sem Fronteira na cidade e explicara que precisava encontrar o Doutor Marcos, também voluntário, ela tinha o endereço do hotel em que ele estava hospedada, Marcos o passara em uma das conversas diárias que mantinham.

Essas conversas eram fonte de stress para ela, Marcos era gentil e atencioso, mas extremamente evasivo, sobre o que fazia no Brasil, ela não conseguia tirar da cabeça que ele deixara algo inacabado em seu passado, algo que envolvia o nome de uma mulher.

O diretor do MSF sediado em São Paulo, Doutor Jean Pierre, a atendeu e ficou encantado em ajuda-la, informando inclusive que conhecia Marcos e saberia exatamente onde ele estaria na noite seguinte, por coincidência ele o conhecera, juntamente com a proprietária de um renomado hospital, a qual organizara um jantar de doação de fundos para a organização.

- É um rapaz simpático, embora calado, a Doutora Sthefany o apresentou como um excelente traumatologista, depois eu pesquisei os registros dele e, realmente, o trabalho que ele fez, e a doutora também, na Síria são dignos de nota.

Elisabeth sentiu o estômago se contrair, aquele nome, Sthefany, tinha quase certeza de que era o mesmo que ouvira Marcos murmurar em seus pesadelos. Seria ela a mulher que o marcara? O assunto inacabado no Brasil?

Pensou consigo mesma, enquanto ouvia a orientação do médico para quando descesse no aeroporto em São Paulo.

Com ansiedade ela embarcou, sob recomendação do Doutor Jean Pierre, ela levava um vestido de noite longo, ele fizera questão que ela o acompanhasse ao jantar beneficente, e que melhor ocasião para encontrar Marcos? Afinal ele era convidado também, iria inclusive fazer uma pequena exposição dos trabalhos do MSF na Síria.

Elisabeth desembarcou quase na hora do almoço no aeroporto de Guarulhos. Ao sair na sala de desembarque avisou uma placa com seu nome, ao se aproximar uma mulher e um homem se apresentaram como funcionários do MSF e a levaram em um veículo até a residência de Jean Pierre, em um bairro arborizado. Ela pensara em se hospedar no mesmo hotel que Marcos, mas o médico francês fora irredutível, Elisabeth era sua convidada e se hospedaria na casa dele.

Foi recepcionada pela esposa de Jean Pierre, uma bela mulata brasileira de nome Madalena, e conheceu os três filhos do casal. A mulher foi tão simpática e prestativa, que logo seu constrangimento passara e conversavam como velhas amigas, depois que ela se instalara em um quarto de visitas.

Antes de descer para a sala, onde uma leve refeição fora preparada, ela ligara para Marcos, queria avisá-lo de que estava na cidade, mas a ligação não se completou. Por fim desistiu de tentar, talvez fosse uma boa ideia fazer uma surpresa para ele.

No fim da tarde Jean Pierre chegou e mostrou-se encantador, ela o acompanharia ao jantar como sua convidada. O francês estava animado, o jantar prometia ser um sucesso, pois dias antes, após uma campanha feita pelo hospital na figura de Sthefany, diversos doadores contribuíram com fundos para a organização.

Elisabeth ficou um pouco constrangida em ouvi-lo falar sobre Sthefany, ela parecia uma médica brilhante e uma excelente diretora, envolvida em um projeto para atender pessoas carentes no moderno hospital.

O jantar estava marcado para as vinte e uma horas, e após outro demorado banho, no qual ficou alguns minutos observando o ventre, tentando perceber algum crescimento nele, ela se preparou para a noite. Vestiu um conjunto de calcinha e sutiã creme e colocou o longo vestido verde claro, após pingar algumas gotas de um perfume suave. Calçou as sandálias de salto alto e pegou uma bolsa de mão, estava pronta.

Seu coração acelerou no peito, encontraria Marcos e também descobriria se Sthefany era a mulher que o atormentava em seus sonhos.

Chegaram ao restaurante localizado em um grande edifício térreo em uma

rua arborizada. Fotógrafos e duas equipes de televisão viraram suas câmeras para o Doutor Pierre e sua esposa, quando desembarcaram, Elisabeth no banco de trás, desceu logo em seguida, deslocada com o ambiente.

- Venha minha querida, deixe que Jean Pierre converse com os repórteres, ele adora – disse Madalena puxando-a gentilmente pelo braço para o interior do restaurante, passando ao lado dos repórteres que se acotovelavam em volta do médico francês.

Um “maître” as levou até uma mesa onde estava marcado o nome de Jean Pierre. Elisabeth pediu água para um garçom vestido de smoking branco, enquanto Madalena pediu uma caipirinha de acerola.

Logo Jean Pierre se juntou a eles animado, convidados vinham constantemente à sua mesa conversar com ele. Elisabeth aproveitou para observar o luxuoso restaurante, enquanto seu coração acelerava com a expectativa de rever Marcos.

Após quase quarenta minutos ela percebeu um pequeno tumulto no “lobby” de entrada do restaurante, repórteres cercavam alguém e ela conseguia perceber o disparo dos flashes das câmeras fotográficas.

- É a Doutora Sthefany, finalmente, ela está atrasada – disse com um sorriso Jean Pierre – Venham, vou recepciona-la e apresenta-las a ela.

Levantaram-se na mesa e se dirigiram à entrada que separava o “lobby” do salão de refeições. As portas de correr de vidro trabalhado foram abertas e um casal entrou de braços dados.

Ela tinha que admitir a mulher era realmente belíssima, loira alta, com um corpo curvilíneo perfeitamente delineado pelo vestido longo vermelho que usava. Mas o que mais a chocou foi o homem que trajava um smoking ao lado dela.

- Sthefany, “ma chérie”^[36], não sei como te agradecer por tudo – disse Jean Pierre em um português carregado de sotaque, enquanto Elisabeth olhava fixamente para Marcos, sentindo seu coração se quebrar ao ver como a bela loira descansa a mão no antebraço dobrado dele, como um casal de namorados.

- O prazer é meu Jean Pierre – respondeu Sthefany com um timbre de voz musical, retirando a mão do braço de Marcos e estendendo-a para o francês, que em um gesto cavalheiresco a beijou.

Nesse momento Elisabeth se virou e dirigiu-se aos fundos do salão.

- Elisabeth! Espere – pediu Marcos, mas ela o ignorou, desejando que o mundo se abrisse aos seus pés e a engolissem, para esconder a vergonha e mágoa que sentia.

- Ora, desculpe minha acompanhante, não sei o que aconteceu, ela é uma médica inglesa que trabalha na Síria e chegou ao Brasil hoje de manhã, espero

que não se importe de eu tê-la trazido como minha convidada – ouviu dizendo Jean Pierre enquanto se afastava rapidamente deles.



Marcos passou por entre as mesas repletas de convidados, homens de smoking e mulheres com vestidos longos. Ele a alcançou no jardim.

- Elisabeth – murmurou tocando o ombro dela gentilmente.

- Marcos – respondeu virando-se para ele com olhar magoado e marejado de lágrimas.

- Escute, deixe-me explicar, não é o que você está pensando.

- E o que eu estou pensando Marcos? Sthefany Xavier Avelar, a proprietária do Hospital Domênica Xavier, a benemérita desse jantar de arrecadação de fundos, é ela a mulher que assombra seus sonhos? Tenho certeza de que foi o nome dela que eu ouvi você várias vezes murmurar em seus pesadelos!

- É uma longa história – respondeu infeliz.

- Que você nunca me contou! Vim da Inglaterra para te ver, porque você não deixou claro que não tínhamos mais nada? Poupar-me-ia esta viagem!

- Elisabeth - disse Marcos tentando tocá-la no ombro, mas ela o repeliu bruscamente.

- Não me toque! - rosnou enxugando os olhos marejados de lágrimas com uma das mãos.

- Eu descobri que sou pai!

- O que? – perguntou espantada.

- No dia que enterrei minha mãe descobri que tinha um filho de quase um ano.

- Seu e de Sthefany? - perguntou amargurada.

- Sim, eu fui noivo dela, mas não deu certo - explicou não querendo entrar em detalhes, aquele não era o local e momento.

- Você voltou para ela? - perguntou Elisabeth com dor no olhar.

- Não!

- Mas você dormiu com ela não foi? - perguntou apertando os olhos - Sinto o odor do perfume dela em você.

- Sim, dormi duas vezes com ela - respondeu sentindo a vergonha corroê-lo por dentro, mas incapaz de mentir.

- Como pode? – perguntou Elisabeth. O olhar dela ferindo-o profundamente.

- Sinto muito - murmurou infeliz.

- Eu que sinto muito, eu te amo Marcos, acho que te amo desde que o conheci. Se eu não disse antes foi por medo de não ser correspondida, e agora vejo que estava certa, você não me ama. Quero que você me deixe em paz! Se você sentiu algo por mim alguma vez não me procure mais, por favor.

- Eu quero ficar com você Elisabeth, dentro de uma semana eu estaria voltando para a Síria – tentou explicar.

- Não, Marcos, não quero mais você pela metade, e é o que sempre tive, metade de você, a outra metade estava presa aqui no Brasil e agora você pode ficar com ela. Se não for para tê-lo por inteiro prefiro que tudo termine aqui e agora - afirmou e se afastou em direção ao salão.

- Elisabeth...

Ao ir atrás dela encontrou Bruno vindo em sua direção fazia muito tempo que não o via pessoalmente, desde seu estagio em um hospital carioca, mas ligara para ele para agradecê-lo pelo que fizera, ajudando Sthefany a inocentá-lo.

- Bruno, o que você está fazendo aqui? – perguntou curioso.

- Fala parceiro! Fui convidado - cumprimentou o policial abraçando-o.

- Olha, novamente não tenho como agradecer por tudo que fez. Mas se me der licença, depois conversamos – pediu observando à distância Elisabeth se sentando na mesa do Doutor Pierre.

- Não foi nada, mas escuta preciso te avisar – disse segurando o braço de Marcos - Avelar está no salão, tente se controlar.

- Ele destruiu minha vida! - rosnou contraindo o maxilar.

- Eu sei, e ele está pagando por isso. Tente se controlar pra não estragar a festa.

- Vou tentar - prometeu indeciso.



Sthefany recebeu os aplausos dos convidados ao terminar seu discurso no pequeno palco montado no fundo do salão. Jean Pierre assumiu seu lugar e começou um discurso de agradecimento a exaltando pela iniciativa.

Enquanto ouvia, sem prestar atenção, ao discurso do francês, ela lançava o olhar pelo salão. Estava repleta de convidados, a maioria ricos empresários, médicos conceituados e alguns atores e atrizes da televisão.

Avistou o médico carioca Augusto e sua esposa Cristine, sentado na mesma estava o policial Bruno, ela fizera questão da presença deles.

Lançara um olhar de esguelha ao jardim externo pela grande janela, o local e o bar estavam vazios, todos os convidados no salão, com exceção de Marcos e a inglesa que conversavam em meio às plantas e flores. Ela pode

perceber que ele tentava tocá-la no ombro, mas ela se afastava, até que ela o deixou sozinho, entrando no salão e sentando-se a mesa reservada a Jean Pierre.

De repente Sthefany ficou estática, ao olhar para a direção do lobby de entrada avistou seu pai. Ele estava usando um smoking preto, e ao seu lado uma bela ruiva, que não deveria ter mais de vinte anos, usando um vestido longo preto e decotado, tão apertado que era de se surpreender que ela conseguisse respirar. O decote mais do que generoso fazia os seios dela quase pularem para fora.

Apesar de Jean Pierre ainda não ter terminado seu discurso, um leve murmurinho foi ouvido e algumas cabeças se viraram para observá-lo. O "maître" o levou até uma mesa reservada. Sthefany não conversava ou via seu pai desde o dia que ele a expulsara da mansão.

Bruno lhe lançou um olhar erguendo uma sobrancelha. Ela discretamente movimentou negativamente a cabeça e depois dirigiu seu olhar preocupado para o jardim. O policial entendeu o silencioso recado, se Marcos encontrasse com Avelar uma briga poderia ocorrer, por isso se levantou e foi até ele.

Com alívio ela percebeu que Bruno alcançara Marcos logo após Elisabeth voltar ao salão e o detinha por um momento, pareciam conversar, mas logo ambos entravam no salão.



Marcos entrou no salão com Bruno. Doutor Jean Pierre ao vê-lo o chamou ao palanque para que ele falasse para o público sobre a situação em Aleppo. Resignado ele se dirigiu ao local, Sthefany pediu para que ele fizesse uma breve explanação da atuação do MSF nas zonas de guerra.

Ao se preparar para começar o pequeno discurso que preparara seu olhar se encontrou com o de Avelar sorrindo de forma irônica, sentando em uma mesa com uma bela ruiva.

Sua vontade era pular do palco e ir até a mesa para confrontá-lo. Fora ele que destruíra sua vida, contribuíra com o assassinato de seu irmão e com o fim de seu casamento. Por um breve momento ele se viu agredindo o empresário, mas respirou fundo e se controlou, desviando o olhar.

Avistou Elisabeth sentada na mesa ao lado da esposa de Jean Pierre que lhe entregava um copo de água, ela parecia enxugar uma lágrima. Como ele pudera traí-la? Como pudera não dizer o que ocorrera com ele e Sthefany? Tivera várias oportunidades quando se falaram ao telefone, mas como um covarde mantivera silêncio, pensando em conversar pessoalmente.

Seus sentimentos estavam confusos, o velho amor que sentia por Sthefany

parecia arder, como um carvão em brasa ao receber uma lufada de vento, mas Elisabeth também conseguira se estabelecer em seu coração e mente. Estava dividido e por isso sofria.

Com um suspiro ele começou o discurso. A noite prometia ser longa, pensou amargurado.

Capítulo XXXIII

A noite fora um sucesso pensara Sthefany, o show agradara os presentes que haviam comido e bebido do bom e do melhor e ao final deixaram cheques vultosos como doação ao MSF.

Apenas duas coisas a incomodavam, o fato de seu pai ter ido ao evento, e o jeito que Marcos ficou após encontrar a médica inglesa. Eles tiveram que sentar-se à mesa de honra, juntamente com Jean Pierre, diretor do MSF.

Era claro o clima de tensão entre eles. Marcos encarava Elisabeth em uma ponta da mesa, mas ela evitava seu olhar.

Sthefany, como anfitriã, tinha que circular entre os convidados, mas nos momentos em que se sentava à mesa e tentava estabelecer uma conversa com a inglesa ela respondia monossilabicamente, aparentemente desconfortável com a situação.

Afirmara apenas que trabalhava com Marcos em um hospital na cidade de Alepo, ele ao contrário mantinha-se calado, mas era óbvio que sentiam algo muito forte um pelo outro e isso a entristecia.

Seu pai era outro problema, ela o vira no bar do jardim conversando com outros homens, bebendo seu uísque, enquanto a acompanhante dele, constrangida, ficara na mesa sozinha.

Sthefany decidira confrontá-lo, na primeira chance que teve se dirigiu ao jardim e parou em sua frente.

- Minha filha querida, estou orgulhoso de você - afirmou com um sorriso que para ela pareceu falso.

- Podemos conversar? - perguntou secamente fazendo um sinal para que ele a seguisse até um canto do jardim.

- Com licença, cavalheiros - pediu Avelar e a seguiu.

Ao chegarem a um ponto longe do ouvido dos curiosos, Sthefany se virou para ele.

- Pai, o que você está fazendo aqui? - perguntou.

- E porque não? Eu comprei o direito de uma mesa – respondeu ainda com um sorriso nos lábios, enquanto segurava seu copo de uísque.

- Você não fala comigo desde que dei à luz a meu filho, porque justo agora, quando Marcos está presente o senhor resolve aparecer? Esqueceu o tapa que me deu e as palavras que me lançou no rosto?

- Minha princesa, quero apenas fazer as pazes - afirmou Avelar – Pensei

muito em você e em meu neto nesse tempo todo. Por vocês eu posso aprender a aceitar o pai de meu neto.

- O neto que o senhor nunca visitou?

- Mas pretendo remediar isso - afirmou com olhar compungido - Basta me dar uma chance.

Sthefany o encarou indecisa, ele era seu pai e apesar de tudo que fizera ainda o amava. A discussão que tiveram fora terrível, ela quase perdera seu filho por causa do incidente, mas aquele homem era seu pai, àquele que sempre a mimara desde quando ela conseguia se recordar. Ela entregara o dossiê para a imprensa e polícia, seu pai a ameaçara, seria ele capaz de perdoá-la? Ela conhecia o temperamento vingativo e implacável dele, por isso desconfiou.

- Vamos ver pai, eu ligo para o senhor. Agora deixa voltar para o salão, tenho que dar atenção aos convidados – afirmou ainda indecisa. Precisava de tempo para refletir sobre tudo.

- Obrigado filha - agradeceu Avelar com sorriso triste.

Avelar ficou observando-a se afastar, se algum convidado o estivesse observando estranharia sua fisionomia triste mudar para algo próximo a felicidade.



Para Marcos a noite estava sendo a pior de sua vida, estava literalmente dividido ao meio. Estava sentado ao lado de Sthefany, tendo Jean Pierre e sua esposa no outro lado da mesa e Elisabeth em uma ponta, sendo que a inglesa estava quase ao lado da brasileira.

O clima estava tenso, até mesmo Jean Pierre e sua esposa perceberam. Madalena procurava dar atenção para Elisabeth, que estava introspectiva, evitando encará-lo. Ele já decidira, ao final do jantar contaria para Sthefany que ele mantinha um relacionamento com a médica inglesa.

No meio da madrugada os convidados começaram a partir e o salão se esvaziou, restando apenas umas poucas pessoas em algumas mesas, onde a conversa ainda era animada.

De repente uma confusão irrompeu no lobby de entrada, cinco homens armados com pistolas e submetralhadoras adentraram no local, enquanto um deles ficava na porta, todos usavam máscaras no rosto e luvas nas mãos.

- É um assalto porra! - gritou um homem com uma máscara de palhaço brandindo uma pistola.

Um murmúrio de pânico correu pelo salão, mas foi cortado pelo grito de outro bandido.

- Quem abrir a boca morre! Carteira, relógios, joias e celulares em cima da mesa. Anda caralho! Quem dar uma de engraçadinho vai ganhar um balaço na fuça! - berrou o homem com uma máscara de um personagem de filme famoso.

Marcos olhou em volta, sua preocupação era com Elisabeth e Sthefany sentadas na mesa com expressão de terror. Seu olhar encontrou o de Bruno em uma mesa próxima. Ele assentiu discretamente, provavelmente o policial estaria armado.

De repente tudo aconteceu rápido demais. Um dos meliantes se aproximou da mesa dele, apesar da máscara, Marcos percebeu que ele olhava em sua direção.

- É tu mesmo! - rosnou o homem apontando a arma para sua cabeça.

Marcos olhou para o cano negro, podia quase sentir o projétil na câmera da arma. Percebeu que o dedo do homem começava a puxar o gatilho. Seria executado na frente das mulheres que amava, pensou consigo mesmo estarecido.

A explosão do tiro reverberou no salão, Marcos percebeu que a cabeça do homem era jogada para trás com o impacto da munição em sua testa. Enquanto se erguia da cadeira, percebeu de soslaio Bruno em pé com a arma em punho.

- Todos pro chão! Polícia! - gritou ao mesmo tempo em que disparava em outro homem mascarado.

Marcos agachou e se apoderou da arma do homem caído, percebeu que um dos meliantes apontava uma submetralhadora para ele, se ele disparasse poderia atingir Elisabeth e Sthefany, por isso não hesitou, mesmo sendo contra tirar a vida de uma pessoa atirou.

O disparo foi certo e atingiu o homem no peito, mentalmente agradeceu as aulas de tiro que tivera com Le Clerk, que insistia que todos os voluntários soubessem atirar.

Um dos meliantes agarrou uma senhora pelo pescoço fazendo-a de escudo.

- Larga a arma porra! Ou mato a velha! - gritou para Marcos e Bruno.

De repente tiros foram ouvidos vindos do "lobby" para surpresa de Marcos e dos dois homens mascarados que sobraram no salão, Maurício adentrou no local efetuando um disparo certo contra a cabeça do homem que mantinha a senhora presa.

Seu parceiro empunhou a submetralhadora apontando para Maurício, mas no momento em que ia atirar, Bruno disparou duas vezes acertando-o no peito. Com um grito o mascarado caiu ao solo onde ficou imóvel.

Agora apenas Bruno e Maurício estavam armados no salão.

- Polícia! Larga a arma! - ordenou Bruno apontando a pistola para

Maurício.

- Ele é meu pai Bruno! - gritou Marcos se erguendo e largando a arma no chão.

Algumas convidadas começaram a chorar, enquanto outros começaram a falar e gritar ao mesmo tempo tentando sair do salão.

Maurício encarou Bruno e, então, abaixou a mão que ainda segurava pistola.

- Augusto, liga pra polícia! - ordenou Bruno para o médico carioca.

Marcos se aproximou da mesa em que estava.

- Vocês estão bem? - perguntou para Sthefany e Elisabeth.

Sthefany concordou balançando a cabeça, com ar assustado, já Elisabeth, acostumada com os combates em Alepo parecia mais calma, embora estivesse pálida.

- Sim, você está bem? Aquele homem veio direto em sua direção! - afirmou Elisabeth, enquanto abraçava Madalena, tentando acalmá-la ao lado de Pierre.

- Estou, fiquem aqui - ordenou e foi até seu pai que se aproximava da mesa de Avelar, enquanto Bruno pegava as armas dos meliantes e verificava se algum estava com vida.

- Você - rosnou Maurício apontando o a arma para Avelar que estava sentado.

- Maurício! Não faça isso! - pediu Marcos.

- Você não entende filho, ele que contratou esses homens! Não era um assalto, era uma execução, você era o alvo! – falou elevando o tom de voz, o que fez que muitos dos presentes voltassem à atenção para ele.

- Pai! - exclamou horrorizada Sthefany que se aproximara.

- É mentira! Ele é o assassino de sua mãe! Como pode acreditar nele!

Os poucos convidados que permaneceram no salão murmuraram entre si, surpresos.

- Agora à noite descobri os planos dele e corri até aqui! Se não fosse seu amigo policial você estaria morto e diriam que foi um latrocínio.

- Pai! - murmurou Sthefany com as lágrimas escorrendo pelo rosto - Como pode?

Avelar se ergueu tentando tocá-la.

- Filha...

- Não me toque! Não me chame de filha! Você não tem esse direito! Você é um monstro! - gritou desesperada.

Avelar encarou o ódio e desprezo de sua única filha. Sempre a amara, mesmo após o parto dela, a acompanhara à distância. Agora a perdera de vez e

tudo por causa daquela família maldita, o pai matara sua amada esposa, e o filho o fizera perde-la.

Algo como um estalo explodiu dentro de sua cabeça, movido pelo puro ódio ele colocou a mão dentro do smoking, puxou uma arma e o estrondo de tiros e gritos reverberou pelo salão.

Capítulo XXXIV

Bruno cochilava, sentado no banco de passageiro da viatura, estava exausto, prestara depoimento por duas horas sobre tudo que ocorrera no restaurante. Antes ajudara a recolher as armas e controlar os convidados nervosos.

Quando fizera tudo ao seu alcance ligara para Augusto para saber notícias, este, após o ocorrido se prontificara para ajudar no atendimento dos feridos. Depois entrara no carro para tentar cochilar, mas os pensamentos do que ocorrera não saíam de sua mente, sentia-se culpado. Ele fora surpreendido pela arma de Avelar enquanto recolhia a arma dos bandidos caídos no solo.

Jamais imaginou que aquilo aconteceria, ficara tão surpreso, que na confusão que se seguira Avelar conseguira fugir.

Fagundes, seu amigo na polícia paulista, sentou-se no banco de motorista acordando-o, enquanto outros dois policiais sentavam-se atrás.

O sol estava nascendo, iluminando o estacionamento da delegacia. Por cortesia profissional ele fora autorizado a participar da diligência, ser amigo de Fagundes, investigador chefe da Delegacia de Homicídios, que assumira o caso, também ajudara.

- Noite pesada parceiro? - perguntou Fagundes com um sorriso simpático.
- Nem me fale - respondeu Bruno se ajeitando no banco.
- O juiz plantonista emitiu o mandado de prisão temporária. Vamos lá pegar o homem?
- Vamos nessa - respondeu Bruno ajeitando a pistola na cintura.



Avelar fugira do restaurante, ignorara sua acompanhante deixando-a para trás. Nada saía conforme o planejado, os homens que contratara deviam simular um assalto e executar Marcos, mas a presença de um policial armado entre os convidados e a chegada de Maurício atrapalhara tudo.

Maurício e Marcos, pai e filho, os malditos que destruíram sua vida, o primeiro assassinara sua esposa, o segundo o afastara de sua filha.

A culpa pelo que acontecera era deles, somente deles. Sabia que estava perdido, muitas testemunhas viram o que ele fizera.

Chegara à mansão e um Josué assustado fizera um curativo no braço

esquerdo. O projétil transfixara o músculo, não era grave, mas ele teria que procurar um hospital, dissera o mordomo, treinado em primeiros socorros.

Avelar bebeu um grande gole de seu uísque e colocou o copo sobre mesa ao lado da pistola que usara. Pegou-a sentindo seu peso, sua vida estava destruída, os jornais estampariam suas fotos em todos os telejornais.

Seu amigo Bittencourt lhe telefonara avisando que uma equipe de policiais estava indo prendê-lo e que ele não podia fazer nada para ajudar, a não ser conseguir uma cela com o mínimo de conforto até ele conseguir um “habeas corpus”^[37] para responder em liberdade. As acusações eram pesadas: homicídio e tentativa de homicídio.

Ele tinha algumas opções: poderia fugir, poderia enfrentar as acusações e em breve responder em liberdade, ou acabar com tudo de uma vez, afinal de que valia sua vida sem sua amada filha?

Essa ideia bailou em sua mente por um momento, ele manuseou a arma colocando o cano na boca. Perdera sua filha para sempre, como viveria sem ela? Se puxasse o gatilho tudo estaria terminado, a vergonha e o escândalo que se seguiriam, a destituição definitiva da direção de suas empresas, sua liberdade e vida de luxo e prazeres, ao menos até que seus caríssimos advogados conseguissem um meio jurídico para que ele pudesse responder em liberdade, mas mesmo assim ele estaria marcado para toda vida, seu nome seria sinônimo de homicídio.

Quando os policiais chegaram, Josué, o mordomo, os levou até o escritório, onde Avelar os recebeu com um sorriso, estendendo as mãos para as algemas.



Marcos estava arrasado, sua vida se transformara em um pesadelo do qual não conseguia acordar.

Como tudo pudera terminar daquele modo? Pensou enquanto se dirigia até a cafeteria do Hospital Domênica Xavier. Estava acordado há horas e precisava de um café forte para espantar o cansaço mortal que sentia.

Após pedir um café extra forte e pagar para a atendente que o observava com olhar espantado, se sentou em uma mesa. Àquela hora da manhã a cafeteria estava quase vazia, somente alguns funcionários chegando para o turno do dia aproveitavam para tomar uma xícara de café ou chá e um ou outro parente de paciente, como ele, imersos em suas próprias angústias e preocupações.

Mesmo abalado ele tivera que prestar um depoimento parcial para um investigador que o procurara no hospital. Ele não quisera esperar a polícia e

ajudado pelo doutor Jean Pierre e o Doutor Augusto tentara prestar os primeiros socorros no próprio local e depois seguiu junto na ambulância auxiliando os paramédicos.

Mas a morte vencera e os alcançara antes de chegarem ao Hospital. Devia estar com uma aparência terrível, a camisa branca do smoking possuía uma enorme mancha de sangue vermelha.

Mais uma vez ele rememorou os acontecimentos, embora isso fosse tão doloroso que fazia seus olhos lacrimejarem.

Avelar sacara uma arma de dentro do smoking e apontara para seu peito, nesse momento Sthefany soltara um grito e se colocara em sua frente empurrando-o para o lado.

- Pai! Não!

O grito dela se confundira com o estrondo do disparo, ele mal tivera tempo de reagir, desequilibrado como estava.

Desesperado percebeu que ela caía ao solo ferida, enquanto se curvava para ampara-la.

- A culpa é sua! - gritou Avelar apontando a arma para ele novamente.

Um disparo foi ouvido e Marcos percebeu que Avelar cambaleava com o disparo efetuado por Maurício, mas o tiro acertara seu braço esquerdo que pendeu junto ao corpo. Apontando a pistola o empresário revidou disparando três vezes.

A gritaria dos convidados ainda presentes se misturou com o estrondo dos disparos, convidados corriam de um lado para o outro. Bruno, que estivera recolhendo as armas dos meliantes abatidos, ainda tentou dar voz de prisão, mas foi atrapalhado pelos convidados.

Marcos fez menção de se erguer para ir atrás de Avelar que já corria em meio às outras pessoas que fugiam em pânico, mas Sthefany o segurara pelo braço.

- Marcos! Não me deixe! Por favor – pediu em pânico.

- Não vou, calma, deixa eu te examinar – disse apalpando-a gentilmente.

Ele percebeu uma mancha de sangue aumentando na lateral do tronco dela, entre a cintura e a costela, misturando-se com o vermelho vivo do vestido que usava. Havia um orifício de entrada, um circulo enegrecido no caro tecido.

- Eu te ajudo – disse Elisabeth ajoelhando-se ao seu lado.

Com preocupação e cuidado a viraram de lado, Marcos encontrou um orifício de saída.

- O projétil transfixou – disse e com uma faca que estava caída no chão, rasgou o tecido do vestido, examinando o ferimento – Não é grave, parece que passou de raspão – concluiu o diagnóstico com alívio.

- Marcos... – começou Sthefany, visivelmente chocada com o que seu pai fizera.

- Shhh, depois conversamos – murmurou acariciando o rosto pálido dela.

- Marcos! – exclamou Augusto, chamando-o.

Ele olhou para o local onde Maurício estivera, Augusto estava ajoelhado ao lado dele, a manga de sua camisa social branca estava manchada de sangue. Ele pressionava o smoking contra o corpo do homem ferido.

- Vá, eu fico com ela – murmurou Elisabeth.

Marcos agradeceu balançando a cabeça e correu até Augusto, ajoelhando-se ao lado dele.

- Dois ferimentos no abdômen com volumoso sangramento – afirmou Augusto.

- Ele precisa ser encaminhado ao hospital com urgência – constatou Marcos segurando a mão de Maurício.

- Já acionei o resgate, estão a caminho - afirmou Cristine, a esposa de Augusto.

- Avelar fugiu - avisou Bruno se aproximando.

- Maurício, aguento firme - disse Marcos apertando a mão do ferido.

- Avelar...ele armou tudo...foi ele que contratou esses homens para te matar - acusou tossindo e soltando uma golfada de sangue.

- Guarde suas forças - pediu Marcos.

- Não, preciso falar...Foi ele que armou pro seu irmão, foi ele que ordenou que sua casa fosse incendiada e a clínica fechada, eu peguei o homem que assumiu o lugar de seu irmão...ele confessou - afirmou com um arquejo de dor.

- Eu sei, agora descanse - pediu Marcos sentindo os olhos marejarem de lágrimas.

- Eu liguei para um amigo policial, vamos atrás de Avelar fique tranquilo - disse Bruno.

Nesse momento policiais militares chegaram ao local juntamente com paramédicos. Rapidamente Augusto e Marcos instruíram-nos sobre o estado de saúde de Sthefany e Maurício.

Os paramédicos os colocaram em macas e correram até uma das ambulâncias.

- Vamos para o Hospital Domênica Xavier - ordenou Marcos ajudando a colocar as duas macas dentro da ambulância e sem seguida entrou junto os dois paramédicos.

- Eu vou auxiliar os outros, tem uma mulher ferida com um tiro de raspão e dois dos meliantes ainda estão com vida - avisou Augusto antes da porta traseira se fechar e a ambulância seguir a toda velocidade com as sirenes

uivando.

- Sthefany, como você esta? - perguntou Marcos tocando a mão dela.

- Doí, parece que está queimando - respondeu com uma careta de dor - Como está seu pai?

Marcos balançou a cabeça negativamente, observando o paramédico colocar gases para estancar o sangramento. Ele cortara a camiseta que Maurício usava deixando seu peito nu. Havia três orifícios no abdômen de seu pai de onde sangue escorria encharcando as gazes.

Soro fisiológico e plasma sanguíneo estavam sendo introduzidos em seu corpo, os sacos pendurados no teto do veículo.

- Sthefany! - disse em meio a um gemido de dor Maurício.

- Estou aqui! - respondeu esticando a mão e segurando a de Maurício.

- Meu neto, ele se parece com Marcos?

- Sim, muito - respondeu com lágrimas escorrendo pelo rosto.

- Ele deve ser lindo, uma pena eu não poder conhecê-lo.

- Não diga isso - afirmou Marcos.

- Sthefany...me perdoe, juro que não tive a intenção de causar a dor que lhe causei - afirmou com um esgar de dor, se referindo ao assassinato de Domênica Xavier.

- Eu perdoo - afirmou apertando a mão de Maurício.

- Marcos, meu filho...perdoe-me por tudo...

- Pai...eu perdoo, apenas aguarde firme, você tem que conhecer seu neto - afirmou sentindo as lágrimas correrem livres pelo rosto.

Aquela fora a primeira vez que chamara Maurício de pai, sentia seu coração partido, sempre sonhara conhecer o homem que o gerara. Descobrira que ele era um condenado, e agora, quando parecia que poderiam ter uma chance de se conhecerem melhor, parecia que o destino os separaria de vez.

- Pai...sempre sonhei em ouvi-lo me chamar assim....Eu te amo filho - disse Maurício abrindo os olhos e encarando Marcos.

- Pai... - murmurou Marcos apertando a mão de Maurício.

- Eu sempre amei sua mãe... Mirtes... nunca me esqueci de vocês... tentei ajudar, mas sua mãe não aceitou... ela nunca me perdoou por eu ter assassinado alguém...

- Guarde suas forças pai...

- Meu neto... cuide dele... não o abandone como eu fiz com vocês... - afirmou Maurício fechando os olhos e exalando um profundo suspiro.

- Pressão caindo! Coração fibrilando! Ele vai ter uma parada cardíaca! - gritou um paramédico

- Prepare uma dose de adrenalina e o desfibrilador! - ordenou Marcos

fazendo massagem cardíaca com as mãos no peito de Maurício.

Um dos paramédicos aplicou a injeção, enquanto o outro ligava o desfibrilador aproximando os eletrodos do tórax de Maurício.

- Pronto e carregado! – avisou o paramédico.

- Agora – avisou Marcos e afastou as mãos.

O choque fez o corpo de Maurício tremer na maca.

- Negativo! – avisou o paramédico encarregado do equipamento de sinais vitais.

- Mais uma vez – ordenou Marcos enquanto massageava o tórax com as mãos.

- Pronto e carregado!

- Agora – disse Marcos afastando novamente as mãos.

- Negativo, sem sinais vitais, pressão caindo – avisou o paramédico.

- Mais uma vez – ordenou Marcos voltando a massagear o tórax de Maurício.

- Doutor, o perdemos...

- De novo, porra! – gritou Marcos desesperado.

- Pronto e carregado!

- Agora!

Novamente o corpo de Maurício tremeu, mas ainda sem sinais de batimento cardíaco.

- Vamos, vamos, pai! – gritou Marcos voltando a massageá-lo – De novo!

- Doutor...

- Faz o que eu mando, merda! – gritou Marcos encarando o paramédico com fúria.

- Marcos... – a voz suave e sentida de Sthefany o chamou.

Ele olhou para ela enquanto continuava a massagem cardíaca, sentia a vista nublada pelas lágrimas que escorriam pelo rosto.

- Ele se foi, já basta, você fez todo o possível...

Marcos voltou o olhar para Maurício, seu pai estava imóvel, os sinais de batimento cardíaco estavam mudos, apesar de tudo ele parecia estar com um semblante de paz.

Ele sentou-se pesadamente no chão da ambulância, acabara de perder o pai que mal conhecera.

Capítulo XXXV

Elisabeth ajudara como pudera os feridos no salão do restaurante, depois fora levada com o Doutor Pierre e outros convidados para uma delegacia de polícia onde prestara depoimento sobre o que acontecera.

O dia estava quase amanhecendo quando foi liberada. O Doutor Pierre e sua esposa tentaram convencê-la a ir para a residência deles, onde estava hospedada, para descansar, mas ela não aceitara, precisava saber como Marcos estava, soubera na delegacia de que o pai dele falecera enquanto era levado ao hospital.

O médico francês então a levou até o Domênica Xavier, após deixar sua esposa Madalena na residência.

Chegaram ao hospital, o trânsito de pessoas no local já era intenso, mais um dia começara, ela percebeu que as televisões espalhadas pelo lobby de entrada do hospital estavam sintonizadas em um noticiário, no qual ela reconheceu a fachada do restaurante, com certeza essa seria a notícia do dia.

Com a ajuda de Pierre, descobriram que Marcos estava na cafeteria e se dirigiram para lá.

- Eu preciso conversar com ele – afirmou Elisabeth para o francês.

- Eu a aguardo no lobby, não tenha pressa, depois a leva até minha residência, você precisa descansar minha menina – disse gentilmente quando pararam na porta da cafeteria.

- Obrigada doutor – sussurrou. Ela avisou Marcos sentado em uma mesa, ele estava sozinho e parecia abatido, a camisa manchada com sangue.

O que deveria fazer? Pensou consigo mesma, deveria contar que estava grávida? Ele acabara de perder o pai e a mãe morrera há pouco tempo, ele descobrira que tinha um filho com a mulher que o abandonara no altar, e que com certeza ainda devia amar. Onde ela se encaixaria na vida dele? Estava magoada por ele tê-la traído, mas ainda o amava com todo seu ser.

Com um suspiro ela entrou no local e se dirigiu até a mesa. Marcos estava observando fixamente um copo com café, parecia perdido em seus pensamentos. Ela ficou parada em frente a ele. Ao perceber que era observado ele ergueu o rosto encarando-a, seus olhos estavam vermelhos e parecia abatido, a vontade dela era abraçá-lo e confortá-lo, mas conteve-se e sentou-se na cadeira em frente a ele.

- Marcos, sinto muito por seu pai – afirmou tocando a mão dele

levemente.

- Obrigado, Beth – respondeu segurando ambas as mãos dela.

- Como Sthefany está? – perguntou sentindo como se uma faca cortasse seu coração.

- Ela vai ficar bem, o ferimento foi de raspão e transfixou, vai ficar alguns dias internadas, mas com repouso logo estará bem.

Ficaram em silêncio, encarando-se fixamente. Elisabeth retirou as mãos de entre as dele, colocando-a no colo.

- Marcos, sei que não é o momento, mas vim me despedir, estou voltando para a Inglaterra e de lá vou para Aleppo.

- Beth, por favor...

- Não, Marcos, não é o momento para nós, você tem que cuidar de seu filho até Sthefany ficar bem, e eu preciso seguir adiante com minha vida.

- Eu te amo – afirmou de forma direta encarando-a fixamente.

Elisabeth ficou atônita por um momento, sempre sonhara com aquela frase, mas agora, ao invés de sentir-se feliz, sentia apenas tristeza.

- Marcos, por favor, não faça isso comigo...

- É verdade Elisabeth, não nego que o que eu senti por Sthefany foi muito forte, mas você me ajudou a superar, você me fez acreditar novamente no amor...

- Então porque você dormiu com ela? – perguntou sentindo as lágrimas escorrendo por causa da mágoa.

- Não sei dizer, aconteceu, talvez por ainda não ter percebido o quanto eu te amava. Perdoe-me – pediu esticando as mãos por sobre a mesa.

- Não, Marcos, você tem seu filho, ele precisa de você, Sthefany precisa de você no momento – respondeu erguendo-se.

- Não me deixe – pediu ele observando-a em pé.

- Sinto muito, eu não acredito que você me ame, não por inteiro, uma parte sua sempre vai estar presa à Sthefany e ao que viveram, se um dia você tiver certeza de tê-la superado me procure, se não for tarde demais talvez tenhamos uma chance, mas por hora me deixe partir, por favor – pediu se aproximando dele, em seguida curvou-se e o beijou ternamente nos lábios.

- Adeus.

Em seguida ela se virou, tentando controlar a vontade de chorar na frente dele. Naquele breve momento tomara uma decisão, não podia continuar com a gravidez, ainda era possível fazer um aborto, e esta seria a primeira coisa que faria ao chegar à Inglaterra.



Marcos ficou observando-a partir, ela tinha razão em parte, ele não podia abandonar Sthefany no momento, ela ficaria hospitalizada por dias e seria obrigação dele cuidar do pequeno Rafael, ainda existia o problema de Avelar, Bruno o avisara que ele deveria depor em breve. E se tinha algo que ele desejava era ver o empresário ser julgado e pagar por seus crimes.

Resignado ele se levantou, precisava tomar uma série de providências, Rafael estava com uma babá, Sthefany internada, o corpo de seu pai seria liberado em breve e ele devia providenciar o enterro.

Como poderia pedir que Elisabeth ficasse? Como poderia pedir que ela o ajudasse a cuidar do filho dele com Sthefany? Quando a vira no restaurante levava um choque, percebera que a perderia, pois não conseguiria mentir sobre o que acontecera entre ele e Sthefany, momentos antes eles estiveram se amando. Mas percebera também que temia perde-la, pois descobrira que a amava.

Os dias que passara no Brasil, o fizeram pensar muito sobre Sthefany, não podia negar que ela ainda tinha domínio sobre ele, a atração física era quase irresistível, mas ao contrário dos anos anteriores, ele conseguira recuperar um pouco do domínio sobre si, e isso graças à Elisabeth, nas duas vezes em que fizera sexo com a brasileira a sensação de culpa depois do ato fora quase avassaladora.

A diferença entre ambas era enorme, e ele já não desejava mais o fogo que parecia arder na alma de Sthefany e que o fazia queimar quando estavam juntos, desejava o sentimento calmo que Elisabeth trazia para sua vida. Ao lado dela ele esquecia a ira que às vezes sentia arder em seu peito, uma ira contra as injustiças que sofrera na vida e que presenciara, não só na comunidade em que nascera, mas no mundo todo.

Empresas farmacêuticas bilionárias se recusavam a doar medicamentos para os países necessitados, o MSF vivia praticamente de esmolas para poder atuar. Os refugiados dos países atingidos pelas guerras eram jogados de um lado para o outro, ninguém os queria.

Somente Elisabeth conseguia acalmar a fúria que ardia em seu peito, e agora ele a perdera de vez.

Com passos decididos saiu da cafeteria, o dia começara e prometia ser tão longo quanto à noite que passara.

Capítulo XXXVI

Depois que Elisabeth partira Marcos foi até o apartamento de Sthefany, embora a babá tivesse sido avisada do que ocorrera, não era possível que ela ficasse indefinidamente com Rafael. Assim, pela primeira vez em sua vida, ele se viu cuidando de um bebê.

Após um demorado banho, enquanto Rafael dormia, passou o resto da manhã ao telefone providenciando o enterro de Maurício, conseguiu uma vaga ao lado dos corpos de sua mãe e Rafael, o jazido sua mãe comprara anos antes, sempre pensando no futuro, e embora fossem apenas três lotes, ele não se importava de enterrar seu pai ao lado da família que ele amara, mas perdera em razão de um ato inconsequente.

Não haveria velório, como o corpo tivera que ser enviado ao Instituto Médico Legal para ser necropsiado^[38], a liberação ocorreria somente na manhã seguinte, ele já acertara com uma funerária, o enterro imediatamente após a liberação e ele assinara as devidas autorizações para que o corpo fosse retirado, ficando a funerária encarregada apenas de avisá-lo do momento da liberação.

Após o almoço, depois que conseguiu banhar o pequeno Rafael, que espalhara toda a papinha pela roupa, ele o levou junto para visitar Sthefany, que estava ansiosa e ligara várias vezes, pedindo inclusive para que Marcos mostrasse o bebê nas vídeos-chamadas.

Ao chegar ao hospital se dirigiu até o quarto privado onde ela estava e, após bater suavemente na porta entrou. A suíte mais parecia um quarto de hotel do que de hospital, uma decoração elegante com quadros na parede, televisor embutido, um espaçoso sofá e uma poltrona, constatavam com a cama hospitalar.

Sthefany observava a paisagem pela ampla janela que estava com a cortina aberta e deixava a luz da tarde iluminar o local, ao lado da cama, em um criado mudo, havia um enorme vaso com rosas.

Ao perceber que a porta se abrira virou-se e um largo sorriso aflorou em sua face ao vislumbrar Marcos carregando no colo o pequeno Rafael, que ao ver a mãe agitou os bracinhos.

- Meu amorzinho – disse esticando as mãos.

Marcos se aproximou e depositou o bebê no colo dela, depois beijou ternamente sua testa, não sem antes perceber um leve rito de dor no rosto.

- Como você está? – perguntou sentando-se na beirada da cama, de frente para ela.

- Bem, dói um pouco, mas acho que já posso ir para casa – respondeu sorrindo enquanto ajeitava Rafael no colo e ajeitava uma mamadeira que ele tentou segurar enquanto abocanhava o bico e o sugava com vontade.

- Parece que ele estava com saudades – disse com um meio sorriso.

- Tá com fominha do leite? Meu bebê lindo – disse acariciando o cabelo de Rafael.

- Conversei com seu médico, ele quer que você fique internada ao menos por três dias.

- Não posso ficar tanto tempo internada, tenho o Rafael para cuidar, minhas obrigações...

- Não se preocupe, eu fico com ele – afirmou Marcos acariciando a cabeça do bebê que ainda sugava o bico.

- Tem certeza? Não quero que eu ou ele seja um incômodo para você.

- Não é incomodo nenhum.

Sthefany observou a fisionomia de Marcos, ele parecia cansado, estava com olheiras e uma expressão de tristeza nos olhos.

- Me desculpe, eu preocupada comigo mesmo, como você está? – perguntou esticando a mão livre e tocando a dele, que estava apoiada no colchão, suavemente – E seu pai? Conseguiu providenciar tudo? Quer que eu te ajude?

- Não, está tudo bem, amanhã ele será enterrado – respondeu abatido.

- E Elisabeth? – perguntou temerosa com a resposta.

- Ela vai voltou ou já voltou para a Inglaterra?

- Vocês são mais do que amigos, não são?

- Podemos falar sobre isso depois? – perguntou sentindo-se ainda mais triste e abatido.

- Claro, quando quiser. Por que você não se deita no sofá e tira um cochilo? Eu fico aqui matando saudades do nosso bebê.

Marcos pensou por um momento, não dormira nada desde que saíra do restaurante.

- Acho que vou fazer isso, pode me chamar a hora que quiser – afirmou e depois de dar outro beijo na testa dela, foi até o sofá e se esticou, em menos de um minuto estava dormindo pesadamente.



Sthefany ficou observando-o dormir, enquanto brincava com as mãozinhas de Rafael, que satisfeito agora a observava com a boca suja de leite. Será que Marcos pretendia voltar para a Inglaterra? A situação entre eles não era clara, haviam se amado duas vezes, mas em nenhum momento ele dissera que

desejava reatar o antigo relacionamento, embora ela já houvesse lhe dito que ainda o amava.

Ela tinha certeza de que ele e a médica inglesa eram mais do que simples colegas de trabalho, percebera a tensão emocional no jantar beneficente, a troca de olhares, a expressão de dor de ambos, por um momento invejara o sentimento que parecia existir entre eles, será que ainda teria alguma chance com ele? Depois de que seu pai fizera, depois do que ela fizera, abandonando-o no altar.

Não podia negar que estava um pouco ressentida por ele não ter lhe contado sobre a médica inglesa, ela era uma bela mulher. O que o futuro reservava? Pensou consigo mesma.

A situação que já era confusa se tornara um caos com a tentativa de assassinato. Como seu pai, o homem que idolatrara por toda vida pudera fazer algo tão hediondo? Assim que chegara ao hospital fora encaminhada para a ala cirúrgica, onde limparam e costuraram seu ferimento. Ao acordar seu médico a avisara que ela dera sorte, o tiro, apesar de transfixá-la entre a bacia e da costela, poderia ser considerado de raspão, ficaria apenas com duas pequenas cicatrizes no corpo, facilmente remediado por uma cirurgia plástica.

Depois da saída do médico, pegara seu celular, que fora deixado no criado mudo ao lado da cama e ligara para seu advogado para que ele se inteirasse do que estava acontecendo no âmbito da polícia, pois tinha certeza de que por mais poderoso e influente que seu pai fosse ele não escaparia impunemente dessa vez.

Orientara também para que ele averiguasse a situação do conglomerado das empresas da família, sabia que seu pai fora afastado da direção, mas isso não queria dizer que ela, como legítima herdeira não pudesse assumir. Não deixaria as empresas que sua mãe ajudara a construir se destruírem por causa das atitudes de seu pai.

Uma enfermeira providenciou um pequeno berço portátil ao lado da cama e ela deixou que Marcos dormisse.



Perto do alvorecer Marcos acordou assustado abrindo os olhos. Sthefany estava embalando Rafael nos braços enquanto ele tomava a mamadeira. Ele ficou em silêncio apreciando a cena, era cristalino o amor que ela sentia pela criança, seu filho seria muito amado, disso ele tinha certeza.

Sthefany percebeu que ele a observava e sustentou seu olhar com um sorriso ainda nos lábios.

- Dormi demais - afirmou constrangido - Você devia ter me acordado.
- Você estava cansado, e as enfermeiras me ajudaram com o Rafael -

respondeu guardando o seio na camisola, enquanto acomodava o bebê no colo - Você pode tomar uma ducha no banheiro, se quiser.

- Preciso trocar de roupa, deixei minha mochila no seu apartamento.
- Fique a vontade nele, pelo tempo que quiser.
- Quer que eu o leve para você descansar?
- Não, pode deixar ele aqui, seu pai não será enterrado hoje?
- Provavelmente, estou esperando uma ligação.
- Deixe-me ir com você, por favor!
- Sthefany, seu médico disse que você deve ficar em observação ao menos por mais dois dias.

- Você é meu médico! - afirmou com convicção - Você pode cuidar de mim em me apartamento, não aguento ficar longe do meu bebê - completou beijando delicadamente a testa da criança.

- Não sei... - respondeu indeciso coçando a barba de dois dias.
- Eu prometo não me esforçar, uso até mesmo uma cadeira de rodas.
- Esta bem, vou chamar seu médico para decidirmos.

O médico encarregado não apreciou a ideia, mas como Sthefany insistira, o ferimento era leve e ela era proprietária do hospital, acabou concordando com a alta, desde que ela seguisse a risca as orientações, evitasse esforços físicos desnecessários e Marcos se compromettesse a acompanhá-la.

Feliz, com a ajuda de enfermeiras, ela se preparou para partir. Quando Marcos a ajudava a sentar-se na cadeira de rodas, seu telefone tocou. Ao atender foi informado de que o corpo de seu pai fora liberado pelo IML.

- Obrigado, encontro vocês lá - disse desligando - Meu pai, o corpo foi liberado.

- Eu vou com você! - afirmou de forma categórica.
- E o Rafael?

- Eu ligo para a babá, pegamos ela no caminho, deixamos no apartamento e vamos para o cemitério.

- Está bem - respondeu. A última coisa que desejava era ficar sozinho naquele momento.

O enterro fora rápido, um padre rezara pela alma de Maurício e depois que se afastou os funcionários o enterraram ao lado de Rafael.

Sthefany estava ao lado dele, segurando sua mão, sentada em uma cadeira de rodas desmontável. Apesar dos protestos dela, ele insistira em que ao menos usasse a cadeira para evitar esforço físico.

Enquanto observava os funcionários colocando uma pequena lápide no túmulo, ele constatou que não estava sozinho no mundo, agora tinha seu filho Rafael. Sentia a perda de seu pai, não o conhecera bem o suficiente, mas ele

fizera o que achara necessário pela família, e ao final acabara morrendo tentando salvá-lo.

O menino era tudo para ele, o amava com todas suas forças, e no que dependesse dele jamais o abandonaria.

Por isso aceitara o convite de Sthefany para que deixasse o hotel no qual estava hospedado e fosse para o apartamento dela.

Ao terminar uma prece silenciosa, Marcos virou-se empurrou a cadeira de rodas com Sthefany em direção ao estacionamento, enquanto ela apertava sua mão, tentando lhe transmitir conforto.

Capítulo XXXVII

Elisabeth desembarcou em Londres, seus pais a esperavam no saguão de desembarque, ao verem-na correram até ela abraçando-a, emocionada ela começou a chorar agarrada à mãe.

- Minha querida, o que aconteceu? – perguntou Catherine.

- Marcos não veio com você?

- Brian! – exclamou a senhora Cluther.

- Venha querida, vamos para casa – disse o senhor Cluther, constrangido.

Ao chegar em casa Elisabeth contara o que acontecera no Brasil, sobre o que descobrira e sobre sua decisão de abortar.

- Meu bem, você sabe que estamos ao seu lado, amamos muito essa criança que você tem no ventre, mas iremos respeitar seu desejo, o corpo é seu, a decisão é sua – disse Catherine.

- Filha, você sabe minha opinião, eu sou contra o aborto, mas a decisão é sua – afirmou Brian abraçando a filha, sentada entre eles no sofá da sala.

Quando ela se recolheu ao seu quarto para dormir meditou sobre sua decisão, deveria abortar? Afinal aquele era o fruto do amor que sentia por Marcos, embora ele não a amasse. Mas que destino reservaria à criança? Crescer sem um pai presente, ou ser criado por um padrasto, embora a simples ideia de se relacionar com outro homem a deixasse enjoada, se ela escolhesse mal sua criança é quem sofreria.

Se resolvesse seguir adiante na gravidez em breve teria que se afastar do MSF, algo que a fazia sofrer, pois por mais que o serviço voluntário fosse estressante e cheio de riscos, ela amava o que fazia. E decidira que mesmo grávida trabalharia ao menos até o quinto mês.

Durante horas ela meditou, deveria contar para Marcos? Obrigá-lo a escolher entre duas crianças? Se abortasse não seria mais fácil? Estaria cortando o último elo que os ligava. Sem um bebê que a recordasse a todo o momento dele, talvez ela conseguisse superar e esquecer o amor que sentia pelo brasileiro.

Quando o alvorecer se aproximou ela chegara a uma decisão.

Abortaria.

Com a decisão tomada, o primeiro passo fora procurar uma clínica legalizada, das muitas que existiam e que se encarregavam de todo o procedimento, embora custasse por volta de duas mil libras, era melhor do que procurar os hospitais públicos. Como ela estava com mais de nove semanas, o

aborto deveria ser por meio de um procedimento cirúrgico com anestesia geral.

Constrangida, ela pediu apenas que sua mãe a acompanhasse, já que seu pai era contra o aborto.

Chegaram a uma clínica que fora recomendada por uma médica, amiga de sua mãe. O local era imaculadamente limpo. Nas paredes brancas havia réplicas de quadros de artistas famosos com motivos alegres.

A médica encarregada, uma senhora de meia idade, atendeu-a em seu escritório. Com delicadeza ela a interrogou sobre os motivos da decisão e tentou demovê-la da ideia, mas Elisabeth mostrou-se intransigente.

Por fim ela marcou o procedimento para a manhã do dia seguinte.

A noite foi de insônia para Elisabeth, inconscientemente ela acariciava o ventre, enquanto chorava pela perda iminente do pequeno ser.

Na manhã seguinte após o café, seguiram para a clínica. Seu pai apenas a beijara na testa, ele era contra o aborto, mas não a pressionara, a decisão tinha que ser exclusivamente dela.

Após ser recepcionada, foi encaminhada ao centro cirúrgico, onde após colocar o avental, ela acariciou o ventre que parecia mais arredondado, em breve não teria mais uma vida crescendo em seu interior.

- Me perdoe - murmurou para si mesma e para a pequena criança enquanto se deitava na mesa.

A médica e duas enfermeiras entraram na sala empurrando um carrinho de metal. Elisabeth procurou não olhar para os instrumentos, como médica ela sabia para o que cada um deles servia.

Colocaram uma máscara de oxigênio em seu rosto e uma enfermeira se aproximou com uma injeção na mão, ela desviou o olhar e sentiu uma picada no braço. Em seguida sentiu que o corpo começava a formigar e a consciência nublar.

Quando acordasse sua criança não existiria mais.

- Deus! Não! - tentou gritar, mas sentia a boca mole, não sabia se fora ouvida.

Começou a forçar os membros desesperada, queria se levantar e fugir, estava arrependida, mas seus músculos não a obedeciam.

Era tarde demais.

Como pudera sequer cogitar em abortar o fruto do amor deles? A escuridão começou a envolvê-la, antes de ficar inconsciente pensou:

Marcos! Perdoe-me.

Capítulo XXXVIII

Marcos se hospedou no apartamento de Sthefany, ele não possuía quase nada que pudesse levar, apenas algumas mudas de roupa, mas tê-lo ali, para ela era uma felicidade imensa.

Eles haviam reatado o antigo relacionamento. Acontecera naturalmente, dez dias depois que saíra do hospital Sthefany observara Marcos colocar Rafael no berço após ele ter mamado e dormido em seus braços. Quando ela se curvou para entregar o bebê sentiu uma leve físgada no ferimento e gemera.

- Não se mexa, já olho - ordenou Marcos ajeitando Rafael nas cobertas.

Em seguida ele se aproximou e sentou-se na cama ao lado dela. Embora estivesse hospedado no apartamento, ele dormia no quarto de hóspedes.

- Me deixa dar uma olhada.

Sthefany retirou o edredom com que se cobria, ela vestia apenas um leve e transparente baby doll vermelho.

Ela percebeu que o olhar de Marcos se fixou em seus pelos pubianos, cortados rentes e sentiu que se excitava.

Os dias que ele passara cuidando dela fora um tormento. O toque suave das mãos dele limpando o curativo, a proximidade do rosto dele junto ao seu, o cheiro másculo dele, tudo a excitava de tal forma, que às vezes tinha que trocar de calcinha, de tão úmida que ela ficava com suas secreções. Ela o desejava, mas não queria pressioná-lo.

Ela ergueu o baby doll deixando seu ventre e partes íntimas à vista. Marcos examinou o ferimento tocando-o gentilmente. O toque de seus dedos a fez gemer, mas não de dor.

- Dói? - perguntou preocupado.

- Não, apenas sua ausência - respondeu segurando a mão dele e guiando-a até sua vagina.

- Sthefany... - sussurrou indeciso com voz rouca.

- Venha - ordenou levantando-se e puxando-o pela mão até o quarto de visita, ao lado do dela, mas tomando cuidado em manter as portas abertas para poder ouvir se Rafael chorasse.

Entraram no quarto e Sthefany abraçou Marcos envolvendo seu pescoço com os braços enquanto o beijava com paixão. Há dias ela ardia de desejo, na verdade, desde que ele voltara ela sentia necessidade dela, mas com exceção das duas vezes em que haviam se amado, ele a manteve afastada.

Ela sentiu a pressão da virilidade dele contra sua vagina nua. Ele vestia apenas uma camiseta regata branca e um short. Sthefany o empurrou para a cama, ele deitou observando-a com os olhos brilhando.

Subindo na cama ela colocou-se sobre os joelhos dele com as pernas ligeiramente afastadas. Em seguida se curvou sobre a cintura dele, deslizando a língua e roçando os lábios pelo abdômen definido até membro ereto que apontava para cima esticando o tecido do short.

Ela segurou o pênis com uma das mãos por cima do tecido e o manipulou, movimentando-o para cima e para baixo por alguns minutos.

- Sthefany... - sussurrou ele.

- Shhh, não diga nada, apenas se entregue - pediu se curvando novamente, desta vez colocando na boca o pênis, após tira-lo de dentro do short.

Com satisfação ela ouviu Marcos gemer e sentiu que o corpo dele se retesava com o toque de seus lábios e boca.

Por alguns minutos ela brincou, lambendo a glândula e o entorno do pênis, enquanto que com a mão direita continuava masturbando-o em um movimento lento. Até que Marcos a segurou pela cabeça guiando-a até que ela colocou o membro na boca.

Ele gemeu mais forte quando ela aumentou a velocidade da masturbação ao mesmo tempo em que sugava e chupava o membro em toda sua extensão, engolindo-o quase por inteiro.

Quando ela sentiu o líquido salgado pré-ejaculatório na boca parou a carícia e ergueu o corpo.

Avançando, ainda segurando o pênis que pulsava quente em sua mão, o encaixou na entrada de sua vagina, agora encharcada de tesão.

Lentamente ela desceu, sentindo cada centímetro dele preenchendo-a por inteiro, até que com um gemido, introduziu-o até o final, suas pélvis coladas uma na outra.

Marcos esticou as mãos agarrando seus seios, apalpando-o com força, acariciando seus mamilos com os dedos, enquanto ela cravava as unhas em seu tórax, movimentando o corpo em cima dele, friccionando seu clitóris de encontro ao corpo dele.

O prazer aumentou conforme ela acelerava os movimentos, como sentira falta dele, como desejara senti-lo. Agora ela cavalgada em cima do membro ereto, erguendo-se e deixando-se cair com força, o pênis entrando e saindo, fazendo-a gemer de prazer, enquanto Marcos a segurava com força na cintura, para que ela não desfizesse o contato.

- Aiii... - gemeu Sthefany - Me faça gozar, meu amor...

- Ahh! - grunhiu Marcos erguendo-a e puxando-a com força - Não vou aguentar!

- Ahhhhhh - gemeu alto enquanto cravava as unhas com força no peito de Marcos, após erguer sua camiseta, sentindo que seu corpo explodia em um orgasmo intenso, fazendo seu corpo inteiro tremer, enquanto jogava a cabeça para trás.

Marcos não cessara o movimento e ela contraiu os músculos internos, envolvendo o membro que se movimentava em seu interior até que sentiu que ele ejaculava forte. Ele a penetrou mais cinco vezes com força, então se deixou ficar imóvel.

Sthefany curvou-se sobre ele, beijando-o com violência, enquanto tentava recuperar o fôlego e acalmar o coração.

- Eu te amo - disse de olhos fechados e deitou sobre ele, sentindo o pênis que ainda pulsava em seu interior.

Antes de cair em um agradável sono ela percebeu que ele não dissera que a amava.



Marcos ficou acariciando os cabelos de Sthefany que se espalhavam por seu peito. A amara por muito tempo, mas agora tinha certeza que seu coração pertencia a Elisabeth.

Sentia um enorme carinho e respeito por ela, a perdoara por tê-lo abandonado no altar, e sentia uma atração física irresistível por ela. Sabia que com o tempo poderia vir a amá-la novamente, mas sentia-se triste, desejava estar ao lado de Elisabeth.

Ele e a médica inglesa possuíam mais afinidades, o mundo deles era idêntico, ao contrário do de Sthefany. Mas Elisabeth terminara tudo, e a culpa era dele mesmo, que não resistira à atração pela brasileira.

Antes de dormir decidiu a tentar fazer a relação entre eles dar certo, não abandonaria Rafael, tentaria ser um pai melhor do que Maurício fora, embora a ausência dele não fosse sua culpa.



Os dias passaram rápido, ela voltou a trabalhar, se afastara momentaneamente da direção do Hospital para assumir um cargo de direção nas empresas da família.

Com a ajuda de um advogado, estavam aprendendo rápido sobre os negócios, e em breve, se desejasse, poderia assumir a presidência, que estava

interinamente nas mãos de um dos diretores sêniores, desde que ele fora afastado quando das primeiras acusações produzidas pelo dossiê que ela entregara à imprensa e polícia. Com a prisão de seu pai, ele fora afastado definitivamente.

Era uma rotina desgastante, trabalhava das nove até as dezoito, Rafael ficava a maioria do tempo com Marcos, mas ele já dissera que queria voltar a trabalhar.

Apesar de ela lhe oferecer uma vaga no Domênica Xavier ele recusara afirmando que não queria misturar o relacionamento pessoal com o profissional e por isso mandara alguns currículos para outros grandes hospitais de São Paulo.

Ele deixara nas entrelinhas que também desejava reabrir a clínica voluntária na comunidade de Heliópolis.

Sthefany tentara conversar sobre Elisabeth, mas Marcos fora evasivo e dissera apenas que ele e a inglesa mantiveram um relacionamento amoroso, mas que tudo terminara.

Observando Marcos colocando Rafael no berço, apesar do carinho e amor patente que ele sentia pela criança, ela percebeu uma sombra em seu olhar. Estaria pensando em Elisabeth? Ela tinha certeza que sim, e isso a entristeceu, o amava com todo seu coração, mas sabia que o tinha perdido quando o abandonara no altar, uma parte dele se quebrara, ela fora a culpada e Elisabeth fora quem o reerguera.

Ela sabia também que uma parte dele a amava, mas não era o todo, era incompleto e isso a machucava, pois tinha certeza de que ele nunca a deixaria, era honrado demais, pois pensava em Rafael, o filho de ambos.

Ele estava infeliz por dentro, embora tentasse não demonstrar, mas até mesmo quando faziam amor, ela sentia que uma parte dele não estava presente.

Ele se esforçava ao máximo para que tudo desse certo entre eles, era carinhoso e atencioso com ela e o pequeno Rafael. O sexo continuava maravilhoso, mas em uma noite ele trocara o nome dela pelo de Elisabeth. Ficara chocada e magoada, mas conseguira disfarçar, pois ele não percebera a troca no momento em que alcançara o orgasmo.

O amava muito, e por tanto amá-lo decidira tomar a decisão mais difícil de sua vida.

- Marcos, precisamos conversar - pediu fazendo um sinal para que ele o acompanhasse até a sala.

Ela foi até a sacada, o crepúsculo tingia as nuvens de um tom róseo, os prédios em volta começavam a acender as luzes. Marcos colocou-se ao lado dela.

- Algum problema? Você está bem? - perguntou atencioso.

- Sim, estou bem - respondeu e respirou fundo - Marcos quero que você

vá embora.

- Como? Quer que eu alugue um apartamento? - perguntou confuso.
- Não, eu quero dizer que você deve procurar Elisabeth.
- Já discutimos isso Sthefany, eu quero ficar com você e o Rafael.

Sthefany sentiu vontade de chorar e se jogar nos braços dele, mas endureceu o coração.

- Eu não te amo! Não o suficiente para encarar o tipo de vida que você deseja! Vou assumir os negócios de meu pai, não posso acompanhá-lo em suas missões de caridade - afirmou tentando manter a voz firme.

Uma sombra atravessou o olhar de Marcos e ela percebeu que seu olhar endureceu.

- E meu filho? - perguntou secamente.

- Continua sendo seu filho, não vou afastá-lo dele, você pode visitá-lo sempre que desejar.

Ele a encarou fixamente, ela sabia que o tinha ferido novamente. Insinuar que o mundo dele ela não aceitaria, era a mesma coisa que abandoná-lo no altar novamente.

Marcos se virou e ela ouviu o som dele pelo apartamento recolhendo suas coisas, depois ouviu o som da porta se fechando. Ele partira sem uma palavra. Sthefany entrou na sala, o apartamento silencioso parecia tão enorme quanto a mansão Avelar.

Ela sentou no sofá e chorou.

Capítulo XXXIX

Elisabeth acordou sentindo uma dor incômoda nos braços, mas nada comparado a dor que sentia na alma. Como pudera abortar seu bebê?

Sentia-se a pior das mulheres, se arrependera tarde demais da decisão que tomara. Por isso começou a chorar copiosamente, como se as lágrimas que vertia pudessem lhe trazer a absolvição pelo crime que cometera.

Nesse momento a porta do quarto se abriu e sua mãe entrou.

- Minha querida, o que aconteceu? - perguntou abraçando-a.
- Mamãe, meu bebê? O que foi que eu fiz!?
- Querida, está tudo bem, o aborto não foi feito!
- Como? - perguntou espantada.
- Você começou a se debater e gritar pedindo para pararem, que você amava o bebê e que queria tê-lo. Então a médica não prosseguiu.
- Oh meu Deus! - disse chorando com alívio.
- Venha, vamos para casa - disse sua mãe a ajudando.



A felicidade de Elisabeth só não era completa em razão da ausência de Marcos. Pensava nele constantemente, como estaria? Ele dissera que a amava, mas ela o repelira, agora estava arrependida, e se ele estivesse dizendo a verdade? Ela conseguiria esquecer que ele o traía com Sthefany, a mãe do filho dele?

A curiosidade em saber notícias venceu sua resolução de esquecê-lo e prosseguir a vida e finalmente ela pesquisou na internet o nome dele e de Sthefany. O serviço de busca elencou inúmeros links, alguns da área policial, na qual informavam que Jefferson Avelar, o milionário da indústria farmacêutica estava preso e responderia pelos crimes de homicídio e tentativa de homicídio.

Entretanto, o que mais lhe chamou atenção foi o link de uma revista da alta sociedade. Nela informavam que a herdeira de Avelar se separara do marido alemão e assumira o relacionamento com o pai do filho dela, além de tomar posse na direção das empresas da família.

Uma foto mostrava Sthefany, Marcos e bebê, em um evento social. Ele estava usando um smoking preto sob medida, enquanto a brasileira usava um longo vestido negro que realçava as belas curvas. O bebê, vestido com um mini

smoking estava no colo de uma babá.

Elisabeth sentiu como se uma lâmina a cortasse por dentro. Abrira mão de Marcos e por isso o perdera. Precisava esquecê-lo, e somente o trabalho a ajudaria, por isso resolvera voltar para Aleppo.

Seus pais foram terminantemente contra. Ela estava grávida, precisava repousar, mas Elisabeth estava intransigente.

- Eu preciso trabalhar, preciso voltar à rotina.

- Mas por que voltar para a Síria? - perguntou Brian - É muito perigoso.

- Pai, prometo que é só por dois meses, quando a gravidez estiver no quinto mês eu paro de trabalhar.

Os Cluther argumentaram, imploraram, chegaram inclusive a ameaçá-la, mas ao final tiveram que aceitar a decisão que ela tomara.

Dias depois a levaram até o aeroporto onde ela embarcaria para Paris e de lá para a Síria.

Capítulo XL

Marcos desembarcou em Damasco e de lá seguiu em um comboio da Cruz Vermelha até Alepo. Quando chegara a Paris, tentara ligar para Elisabeth, mas ela não atendera, por fim ligou para os pais dela.

O senhor Cluther, ficou surpreso, mas acabara dizendo que ela voltara para Alepo quinze dias antes, por isso ele embarcara para Damasco e de lá conseguira uma vaga em um comboio de ajuda humanitária.

Depois que Sthefany pedira para ele ir embora, ele foi até o aeroporto onde comprou a primeira passagem para Paris. Como ela pudera fazer aquilo com ele? Ele estava disposto a fazer o relacionamento dar certo, sabia que com o tempo voltaria a amá-la, mas ela o rechaçara, tal como quando o abandonara do altar.

Por isso partira, não iria se humilhar e pedir para ficar, a única coisa que o prendia no Brasil era seu filho, mas pretendia visita-lo sempre que possível, tentaria ser um pai o mais presente possível, tinha planos para quando terminasse seu contrato com o MSF voltar ao Brasil definitivamente, tentaria convencer Elisabeth a perdoá-lo, a amava e lutaria por ela, era o que devia ter feito quando ela se despedira na cafeteria do hospital.

Mas naquela ocasião ele estava confuso, triste e abalado com a perda de seu pai e a descoberta de que Avelar tentara assassiná-lo. O empresário estava preso, aguardando julgamento, enquanto vários advogados impetravam recursos atrás de recursos para procrastinar o julgamento, com o objetivo de fazer com que ele respondesse em liberdade.

Marcos não tinha dúvidas de que eventualmente ele sairia da cadeia, mas não se importava mais, estava cansado de odiar e se vingar do homem que destruíra sua vida de nada adiantaria, ele já seria punido o suficiente por ter perdido a filha que tanto amava.

Sabia que Sthefany, apesar da tristeza, não desejava ver o pai nunca mais, e agora lutaria para destituí-lo das empresas da família. Àquele era mundo dela, da alta sociedade, dos grandes negócios, ele a acompanhara em alguns eventos sociais e a vira circulando com desenvoltura, enquanto ele permanecia em um canto, geralmente com o pequeno Rafael, nas vezes em que podia leva-lo.

O mundo de Marcos era outro, era a medicina que ele tanto amava, era o serviço voluntário no qual ele se sentia realizado, e era Elisabeth, a mulher que amava.

Após horas dentro de um caminhão sacolejando por estradas esburacadas finalmente desembarcou em frente ao hospital Al Qds.

Depois do bombardeio semanas antes pouca coisa tinha mudado, as marcas dos incêndios ainda eram visíveis nas paredes enegrecidas. Onde existiam janelas agora tinham tapumes de madeira compensada. A energia e a água haviam sido restabelecidas parcialmente.

O que não mudara era a quantidade impressionante de pessoas esperando atendimento médico.

Marcos demorou quase uma hora para chegar a sala do diretor, no caminho suturou vários cortes e fizera alguns curativos de emergência.

Ao entrar na sala o diretor Pierre o recebeu com um sorriso.

- Mack! "Mon ami"^[39]! Que bom que voltou! - exclamou cumprimentando-o com um abraço

- É bom estar de volta - afirmou retribuindo o abraço - A doutora Elisabeth está no hospital? Passei no alojamento e não a encontrei.

- "Oui"^[40], ela veio para cá hoje, mas faz umas quatro horas que ela saiu, foi atender alguns pacientes que estão alojados em uma escola a quatro quadras daqui - explicou.

- Tudo bem, vou ajudar na sala de cirurgia até ela voltar.

- Ah! Mais uma coisa, meus parabéns papai!

- O que? - perguntou espantado.

- Ainda está em choque com a notícia? - perguntou feliz e animado.

- Grávida? – murmurou atônito.

- Mon Dieu^[41]! Você não sabia? Perdoe-me, como sou idiota! Sinto muito, pensei que você soubesse – se desculpou constrangido.

- Grávida? – perguntou chocado.

- Sim, acredito que ela devia estar na quarta semana quando mudamos para o hospital de campanha. Pensei que ela houvesse lhe contado quando foi te procurar no Brasil.

- Não, não me contou, aconteceram algumas coisas no dia que e a encontrei – respondeu amargurado, por isso ela fora atrás dele, e ele como um idiota estragara tudo.

- Sinto muito, não devia ter sido tão inconveniente - desculpou-se Pierre.

- Tudo bem doutor, eu vou esperar ela chegar, enquanto isso vou ajudar no que puder.

- Obrigado, bem vindo de volta doutor - disse se despedindo e acompanhando-o até a porta do escritório.

Após se trocar Marcos se dirigiu a ala cirúrgica, havia um paciente com um trauma torácico e ajudou na operação que demorou duas horas. Foi um

verdadeiro teste para sua concentração, enquanto sua parte racional operava fria e racionalmente, a outra parte estava emocionada.

Um filho! Ou filha! Como acontecera? Elisabeth sempre tomara pílulas anticoncepcionais. Não que ele não estivesse exultando de felicidade, era uma notícia maravilhosa, seria novamente pai, mas porque Elisabeth voltara para a Síria? Ela devia ter permanecido na Inglaterra. Por que ela não lhe contara no Brasil? Mas no fundo ele sabia a resposta, a traíra duas vezes com Sthefany, mesmo ela pedindo para ele ficar no Brasil, deveria ter voltado com Elisabeth, insistido no amor que descobrira sentir por ela.

Mas decidira ficar no Brasil para cuidar de Sthefany e ficar ao lado do filho na vã esperança de constituírem uma família feliz, mas seus sonhos ruíram novamente, a médica brasileira terminara tudo. Ele devia saber que pertenciam a mundos diferentes.

Finalmente ele terminou a cirurgia. Ao sair da sala encontrou Le Clerk e o diretor Pierre aguardando-o na porta. O médico francês estava com a fisionomia preocupada, parecendo até mesmo assustada, e o soldado francês mantinha o rosto contraído, como se estivesse contendo a raiva.

Um calafrio premonitório percorreu seu corpo.

- Elisabeth? - perguntou tentando manter a voz firme.

- Sinto muito - disse Pierre.

- O quê?!...

- Calma Mack, ela não está ferida ou morta - começou Le Clerk.

- Então onde ela está? - perguntou aturdido encostando-se a parede.

- Ela foi sequestrada - afirmou Pierre com fisionomia triste e cansada.

- Como assim? - perguntou sentindo o estomago revirar.

- Ela atendeu os pacientes juntamente com um médico e uma enfermeira, dois soldados os acompanhavam, somente um deles voltou, ferido por disparos de arma de fogo, antes de ficar inconsciente ele disse que estavam voltando quando homens armados os atacaram e sequestraram os médicos e a enfermeira, pela roupa e pela braçadeira que usavam eram do EI - explicou Le Clerk.

- Temos que resgata-la - quase gritou Marcos segurando a gandola tática de Le Clerk.

- Estou tentando descobrir para onde eles foram levados, até agora não pediram nenhum resgate - afirmou Le Clerk colocando as mãos nos ombros de Marcos - Faremos de tudo para resgata-los.

- Deus... - murmurou Marcos sentindo o desespero tomar conta de seu espírito.

O EI tinha por hábito sequestrar estrangeiros, geralmente eles eram executados, tinham suas cabeças cortadas na frente das câmeras. Marcos rezava

para que esse não fosse o caso, o EI estava perdendo território, e deveria estar precisando de médicos em razão das pesadas baixas que vinha suportando. Seria esse o caso? Senão porque sequestrar dois médicos e uma enfermeira? Voluntários de uma organização não governamental? Ele rezava para que esse fosse o caso.

Durante dois dias Le Clerk e o Doutor Pierre tentaram entrar em contato com integrantes do EI ou descobrir onde Sthefany e os outros dois voluntários estariam, mas sem sucesso.

O desespero aumentou, Marcos sentia-se impotente, entrou em contato com os pais de Elisabeth e com o Ministério de Relações Exteriores do Reino Unido, o governo inglês tinha que ser informado do que ocorrera, a esperança era que conseguissem um acordo com o EI, mas ele duvidava, assim como os Estados Unidos, a Inglaterra não negociava com grupos terroristas.

No momento em que se sentia mais desesperado, uma ideia surgiu em sua mente. Por que não pensara nisso antes? Era um tiro no escuro, uma jogada desesperada, mas era a única ideia que tivera.

Marcos então ligou para o numero de Omar, o árabe, amigo de Sthefany, que conhecera em Dubai e que lhe devia um favor por ter salvo sua prima durante o casamento dele. Ele gravara na memória do celular o número de Omar, na época pensara até em jogar o cartão e esquecer, mas preferira salvar na agenda.

Com ansiedade ligou para o número, torcendo para que Omar ainda o possuísse, afinal mais de dois anos se passara desde que o árabe lhe dera o cartão com o número.

A ligação se completou, o telefone tocou quatro vezes, será que ninguém atenderia? Pensou sentindo o desespero aumentar.

- Alô – disse uma voz seca em inglês do outro lado da linha.

- Omar, aqui é o Marcos, amigo de Sthefany, estive em seu casamento e salvei a vida de sua prima, se recorda? Você me deu seu número de telefone e disse que se um dia eu precisasse de algo era só ligar.

- Sim, claro que me lembro – respondeu a voz em um tom neutro.

- Desculpa incomodar você depois de tanto tempo, mas você disse que eu poderia pedir qualquer coisa. Agora preciso de um favor...

Marcos explicou o que acontecera, e pediu para Omar usar de sua influência e seus contatos para descobrir para onde Elisabeth, o médico e a enfermeira foram levados.

- Não sei se eu posso te ajudar - disse Omar na defensiva.

- Eu sei que você não tem envolvimento com o EI, mas você e seu pai conhecem muita gente, só peço que use seus contatos para poder descobrir para

onde os levaram - suplicou Marcos.

- Farei o que for possível, eu te ligo, aguarde - disse após um minuto de silêncio e desligou.

Por dois dias Marcos ficou praticamente com o celular na mão esperando a ligação. Até que durante a noite o telefone tocou.

- Omar, descobriu algo? – perguntou ansioso.

- Sim, sua amiga médica o outro médico e a enfermeira estão em poder do EI na cidade de Palmira^[42], são mantidos cativos para atender os combatentes feridos.

- Você sabe onde?

- Ainda não, meus contatos vão tentar descobrir onde é o hospital do EI, assim que eu conseguir algo eu lhe telefono.

- Obrigado Omar, eu estou indo para a Inglaterra, vou lhe passar meu número de telefone particular, esse que estou usando é um telefone via satélite do MSF.

- Muito bem – respondeu Omar e por um segundo ficou em silêncio, como se estivesse indeciso sobre o que falar – Marcos, se quer um conselho tente resgatá-la o mais rapidamente possível, por enquanto sua amiga é útil, mas assim que não for, eles não a tratarão mais com gentileza.

- Obrigado Omar – respondeu sentindo o coração apertar no peito.

Capítulo XLI

Ao chegar a Londres ele procurou os Cluther que como ele, estavam desesperados. A imprensa já tomara conhecimento do sequestro e cobrava uma posição do governo inglês.

Após três dias efetuando telefonemas e visitando o Ministério de Relações Exteriores, na tentativa de falar com alguém do alto escalão do governo, receberam uma ligação marcando uma reunião com um dos secretários do Ministro para a manhã do dia seguinte.

Marcos se encarregou de comparecer, uma vez que os Cluther dariam uma entrevista ao vivo para um programa de notícias da BBC^[43].

Ao se identificar na portaria foi admitido no interior do edifício, ao adentrar no hall, onde deveria aguardar ser chamado, Marcos se surpreendeu.

Em pé, como se o aguardasse, uma mulher loira, vestindo um elegante tailleur preto, composto de saia e casaquinho, o encarava.

- Sthefany! - exclamou espantado se aproximando lentamente dela.

- Marcos! Sinto muito! - disse tentando abraçá-lo, mas ele a afastou.

- O que você está fazendo aqui? - perguntou endurecendo a voz.

- Fiquei sabendo do que aconteceu, Omar me ligou e acompanhei pela imprensa também. Vim para ajudar, meu amigo Rupert é secretário do Ministro, consegui uma reunião com ele.

Ele a encarou fixamente, ela terminara o relacionamento entre ambos, mas agora estava ali em Londres tentando ajuda-lo, não era o momento certo para desenterrar velhas mágoas. Devia admitir, estava surpreso em vê-la.

- Toda ajuda é bem vinda - respondeu com um suspiro cansado.

Um oficial do Ministério se aproximou avisando que eles deviam segui-lo até o escritório do secretário do Ministro.

Seguiram o oficial pelos corredores acarpetados do edifício até que foram deixados em uma grande antessala. Quadros com pinturas clássicas com cenas de batalhas e paisagens de outros países cobriam as paredes. Um grande sofá negro de couro estava posicionado encostado em uma das paredes.

- O senhor secretário já irá atendê-los - avisou o oficial e voltou pelo caminho que viera.

- Como você e os pais de Elisabeth estão? - perguntou tocando levemente a mão dele com a ponta dos dedos, mas ao contrário do abraço dessa vez ele não se desviou.

- Desesperados - murmurou coçando os cabelos curtos e o rosto com ambas as mãos.

Sthefany o observou por um momento, ele estava abatido e com ar cansado.

- Eu não cheguei nem a falar com ela, não consegui nem pedir desculpas - murmurou para si mesmo Marcos.

- Não é culpa sua Marcos.

- É sim, eu devia ter voltado para Alepo depois do enterro de minha mãe, eu devia ter sido honesto com ela sobre o que ocorreu conosco.

- Ouvi no noticiário que ela esta grávida – desconversou sentindo-se constrangida.

- Sim, e a criança é minha! O que eu fiz com minha vida? - perguntou desesperado.

- Tudo vai dar certo, tenha fé - afirmou Sthefany tocando-o no ombro.

- Desculpa, estou cansado. Como vai o Rafael?

- Está bem, eu o trouxe comigo, estamos hospedados no London Kensington - explicou se referindo a um dos mais luxuosos hotéis de Londres.

- Eu gostaria de vê-lo, se você não se importar.

- A hora que quiser, basta se identificar na portaria.

Nesse momento a porta se abriu e um jovem elegantemente vestido com um terno sob medida saiu.

- O secretário irá recebê-los agora - avisou e fez um gesto para que entrassem.

Assim que passaram pela porta o jovem a fechou pelo lado de fora.

Rupert recebeu Sthefany e Marcos em seu escritório no ministério de Relações Exteriores. Ele ocupava um alto cargo como secretário do Ministro. Ele estava ciente do que acontecera e ao receber a ligação de Sthefany fizera de tudo para interceder junto ao Ministro.

- "Darling"^[44], você está fabulosa - cumprimentou levantando de sua cadeira estofada atrás de uma enorme mesa de madeira de lei escura.

- Rupert, que prazer - respondeu correspondendo ao beijo no rosto.

- Marcos, que prazer revê-lo novamente! - exclamou apertando a mão dele delicadamente.

- Rupert - respondeu Marcos, simpatizara com o inglês quando o conhecera em Dubai. Isso parecia ter ocorrido em outra vida, pensou consigo mesmo.

- Venha sentem-se - convidou o inglês.

- Rupert, vamos direto ao ponto, o que seu governo vai fazer para resgatar uma cidadã inglesa?

- "Darling" - começou Rupert suspirando - Desde que você me telefonou fiz tudo ao meu alcance, conversei várias vezes com o Ministro, que levou o caso até o primeiro ministro. O casal Cluther e a imprensa também estão pressionando o primeiro ministro, mas infelizmente o governo de Sua Majestade não negocia com terroristas.

- Então não vão fazer nada? - perguntou Marcos irritado.

- Oficialmente não - respondeu Rupert juntando a ponta dos dedos das mãos, na altura do peito - Extraoficialmente estão tentando entrar em contato com os terroristas para ver se conseguem chegar a um acordo.

- Isso vai demorar? - perguntou Sthefany.

- Não temos como saber - respondeu e se virou para Marcos - Quer um conselho? Há alguns grupos especialistas em resgate, se puder contrate um, quanto mais tempo demorar mais difícil será conseguir a libertação dela, mas já adianto que será uma operação cara.

- Nem a família Cluther, nem eu temos condições financeiras - respondeu Marcos afundando na poltrona. Como ele poderia fazer um resgate? Ele era médico, não soldado. Além do mais não tinha como arcar com o custo de uma missão daquelas.

- Me dê o contato e deixe os custos comigo - respondeu Sthefany.

- Claro, "darling", aqui está - disse escrevendo em um cartão um número e um nome após consultar o notebook aberto na mesa - Vocês conhecem algum ex-militar para tratar com ele? Geralmente a negociação é mais rápida.

- Sthefany, não precisa fazer isso - murmurou Marcos.

- Eu quero, você faria o mesmo por mim - respondeu encarando-o fixamente.

- Faria... - respondeu. Sabia que não tinha opção - Nesse caso conheço alguém que pode ajudar.

- Recomendo que ajam rápido, mas aviso de antemão, o Governo de Sua Majestade negará qualquer ligação com vocês ou os mercenários se a operação de resgate não for bem sucedida.

Despediram-se de Rupert. Sthefany convidou Marcos para almoçar no hotel assim ele poderia ver Rafael enquanto ela tratava da transferência do dinheiro.

Quando chegaram ao local Marcos ligou para Le Clerk e contou o que fora decidido. O francês concordou em ajudar, por isso ele passara o número de telefone que Rupert lhe dera.

Enquanto aguardava o contato do francês, Marcos foi até o quarto onde Sthefany estava hospedada, uma babá viera com ela e estava cuidando do pequeno Rafael, que abriu os bracinhos e sorriu ao vê-lo. Emocionado Marcos o

pegou no colo e beijou.

Após duas horas Le Clerk ligou, estava tudo acertado e deveriam se encontrar com o líder dos mercenários em Paris, que se autodenominava Paul. O francês se comprometera a participar da negociação.

No dia seguinte embarcaram para a França, Sthefany fez questão de acompanhar Marcos, e se hospedaram em um hotel discreto nas imediações da cidade, onde encontrariam Paul.

A negociação fora rápida. Le Clerk que viera imediatamente da Síria quando Marcos contou o plano, conversou com Paul e juntos negociaram o valor do resgate. Por coincidência um dos membros do grupo mercenário fora um ex soldado da Legião Estrangeira que servira com ele.

O preço foi acertado e Sthefany transferiu os fundos necessários para uma conta em um paraíso fiscal. Marcos ficou constrangido com o valor, mas ela afirmara que descobrira dinheiro em bancos fora do Brasil depositados por seu pai em fundações as quais ela tivera acesso com a prisão dele.

- Deve ser dinheiro de corrupção, que pelo menos ele sirva para algo bom - afirmara Sthefany.

Marcos convenceu Le Clerk a permitir que ele fosse com a equipe de resgate. O próprio francês fora convidado e aceitara. Por isso ficou acertado que iria com ele para uma fazenda nos arredores da cidade, onde o líder dos mercenários treinava seus subordinados.

Após avaliar Marcos, concordou em aceita-lo como médico da equipe, desde que ele aceitasse se submeter ao mesmo treinamento dos demais integrantes, devendo se hospedar com eles na fazenda.

Marcos se despediu de Sthefany no hotel que haviam se hospedado. Ele estava constrangido, mas sentia-se eternamente grato pelo que ela fizera.

- Vou voltar ao Brasil – afirmou Sthefany.
- Sthefany, não sei como agradecer – disse encarando-a fixamente.
- Apenas resgate Elisabeth e os demais e volte vivo - respondeu com um sorriso triste e o beijou ternamente no rosto.

Le Clerk acionou a buzina do veículo em que estava, estacionado em frente ao hotel.

- Estão te esperando, se cuide - murmurou ela.
- Você também - respondeu e se virou caminhando rapidamente até o veículo que acelerou e partiu.
- Mulher incrível - disse Le Clark quando ele se acomodou no banco.
- Sim, é - respondeu Marcos.

Com as informações que Omar enviara sobre o local e prédio onde Elisabeth e os outros dois cativos estavam presos, Paul e Le Clerk elaboraram

um plano relativamente simples.

Voariam em um helicóptero, um velho modelo Bell UH-1^[45], usado na guerra do Vietnã, adaptado para voo noturno a baixa altitude no deserto e pousariam à quilômetros da cidade de Palmira. Aproveitariam a escuridão da noite e da madrugada para marchar até a cidade, onde observariam o local durante o dia para avaliar as defesas.

Quando a noite chegasse invadiriam o prédio que servia de hospital para o EI e resgatariam Elisabeth e os outros dois médicos.

Omar conseguira a planta do edifício, um antigo hotel turístico. Paul e Le Clerk fizeram os outros cinco mercenários e Marcos memorizarem a planta e treinarem a invasão, simulando em aposentos feitos de compensado com a mesma característica das reais.

Treinaram com munição real, soldados do EI e pessoas inocentes eram representadas por figuras desenhadas em papelão.

O treinamento era duro, mas graças ao tempo em que treinara com o pessoal de Le Clerk, Marcos se saiu bem.

Após cinco dias Paul avisou que partiriam no dia, viajariam como voluntários do MSF até Alepo, onde o helicóptero estaria esperando. Os dois pilotos eram conhecidos de Paul, que sempre os contratara para suas ações. As armas que usariam seriam entregues em Damasco, por um traficante de armas.

Quando o avião cargueiro levantou voo, Marcos rezou para que tudo saísse a contento e conseguissem resgatar Elisabeth.

Capítulo XLII

O som do motor do helicóptero era abafado pelo fone de ouvido que usava. As portas laterais estavam abertas e Marcos, sentado ao lado de uma delas, logo atrás de um dos mercenários, estremeceu com o ar gelado do deserto e com a proximidade do solo. Viajavam quase rente ao chão.

Estavam todos trajando roupas de combate preta, com coletes balísticos e shemagh^[46], os lenços árabes que cobriam a cabeça e parte da boca, envolvendo o pescoço. Se um membro do EI os visse não desconfiaria, pois se vestiam com o mesmo tipo de traje usado pelos terroristas. Até mesmo as armas, fuzis de assalto russo Ak-47^[47], eram do mesmo tipo. Usavam a barba comprida, as menores eram de Le Clerk e Marcos.

Mas havia uma diferença, todos usavam visores noturnos que permitiam enxergar no escuro. Quando eram ligados, a escuridão da noite explodia em um tom de verde doentio, e no peito de cada um dos mercenários a letra delta do alfabeto grego estava pintada com uma tinta invisível que brilhava quando vista pelo equipamento ótico especial. Paul o orientara, que caso de tiroteio, ele devia a atirar em qualquer um que estivesse usando uma arma e não tivesse o símbolo pintado no peito.

- Cinco segundos! - Marcos ouviu a voz do piloto no fone.

De repente o helicóptero diminuiu abruptamente o avanço e pairou quase imóvel sobre o solo, com um leve solavanco ele pousou.

Os mercenários desceram e Marcos seguiu Le Clerk, se ajoelharam em volta da aeronave, esquadrinhando em volta com o cano das armas.

- Limpo - ouviu a voz de Paul.

O rotor do helicóptero diminuiu a rotação e logo as grandes pás se imobilizaram.

Paul fez um sinal para todos se reunirem, enquanto os dois pilotos estendiam uma rede de camuflagem em cima da aeronave.

- Vamos rápido, temos que chegar a Palmira antes do sol nascer, temos menos de sete horas.

Dois soldados avançaram na frente, agindo como batedores, cinco minutos depois, Marcos ouviu-os no fone de ouvido que todos usavam.

- Tudo limpo, continuando o avanço.

-Muito bem vamos - ordenou Paul.

Em fila indiana avançaram, Le Clerk era o penúltimo homem, Marcos

fechava a coluna. Os dois pilotos ficaram junto ao helicóptero, deveriam levantar voo se avistassem algum terrorista do EI, para isso um deles se colocara no topo da hélice com um binóculo de longo alcance.

A caminhada, quase corrida, era extenuante, apesar do frio noturno do deserto Marcos sentia o suor escorrendo pelo corpo. Não faziam paradas, apenas diminuía a velocidade da marcha para beber e comer barras energéticas.

Finalmente Paul parou e fez sinal para que todos se aproximassem.

- Estamos próximos, não falem com ninguém se forem interpelados, deixem que eu responda - ordenou.

Entraram na periferia da cidade, como em Aleppo as casas e prédios eram apenas escombros. Cruzaram com algumas patrulhas em pick-ups com metralhadoras .50, mas Paul saudava-os com um grito:

- Allahu Akbar^[48]!

Os terroristas erguiam os punhos e gritavam o mesmo.

Os prédios começaram a ficar maiores, assim como as pilhas de escombros, sinal de que estavam próximos do centro. As ruas estavam esburacadas e desertas com exceção de algumas esquinas onde pequenos grupos de combatentes aqueciam-se em volta de latões de gasolina que ardiam queimando madeira.

Ao entrarem em uma rua escura, Paul fez sinal para que entrassem em um prédio em escombros. Caminharam por corredores escuros e cheios de entulhos, subiram uma escada de madeira faltando degraus até o que parecia o sexto andar. Retiraram algumas traves de madeira do que teria sido o teto e que desabara em frente a uma porta e entraram. Estavam no último andar, pois podiam avistar o céu, já que sobrara apenas algumas traves de madeira que um dia sustentaram um telhado.

O dia estava começando a clarear no horizonte.

- Vamos nos esconder no meio dos escombros até escurecer novamente – ordenou Paul.

Dois soldados empilharam escombros na porta após fechá-la, um deles subiu no teto precário e acomodou-se observando o entorno com um binóculo, ele retirara de dentro de sua mochila uma capa de camuflagem que o fazia se confundir em meio ao resto do teto.

Le Clerk sentou-se e retirou um cantil de sua mochila, oferecendo para Marcos.

- Não é água, é vinho – afirmou com um sorriso.

- Obrigado, prefiro água – respondeu Marcos tomando um gole de seu cantil, depois se virou para Paul – O que faremos agora?

- O hospital não está longe, cerca de uma quadra daqui, vamos aguardar a

noite chegar, entramos, localizados nosso alvo, os extraímos e voltamos correndo para o helicóptero. Tentaremos não atirar, mas se isso ocorrer não hesite.

Marcos balançou a cabeça concordando.

- Agora tentem descansar e dormir – ordenou Paul deitando em um canto e cobrindo os olhos com o lenço árabe.

Imitando o mercenário, Marcos tentou dormir, mas não conseguia, estava ansioso, como estaria Elisabeth? Conseguiram resgatá-la e ao outro médico e enfermeira? Se fossem capturados seriam torturados antes de morrerem com a cabeça decepada.

O sol seguiu seu percurso, por volta do meio dia, ele ardia forte, tentaram se esconder na pouca sombra que existia no local. Almoçaram barras energéticas e beberam água. Após o almoço, em razão do forte calor, Marcos acabou cochilando.

De repente acordou com Le Clerk a seu lado segurando sua boca com firmeza. Marcos o encarou e o francês fez um sinal com o dedo nos lábios pedindo silêncio. Ele concordou e o mercenário retirou a mão.

Então Marcos ouviu, alguns homens conversavam em árabe, atrás da parede do aposento em que estavam escondidos. Os mercenários estavam agachados com as armas em punho.

De repente a porta foi forçada, mas os entulhos que colocaram nela a impediram de ser aberta. As vozes foram ouvidas novamente, uma delas riu alto e então ouviram os passos deles se afastando.

- Merde^[49] - sussurrou Le Clerk.

Marcos olhou para o teto, o dia parecia estar no fim, a escuridão começava avançar.

- Chefe, o que acha de fazermos um reconhecimento do local – perguntou um dos mercenários.

- É uma boa ideia, se tiverem que matar alguém escondam os corpos.

- Positivo – disse o soldado e após fazer sinal para mais dois companheiros retiraram os escombros da porta e após um olhar cauteloso pelo corredor, saíram silenciosamente.

Paul e outro soldado voltaram a colocar os escombros na porta.

- Quando vamos agir? – perguntou sussurrando Marcos.

- Meia-noite, ainda temos mais quatro horas pela frente, tente descansar.

Era um pedido impossível, Marcos sentia a adrenalina percorrendo seu corpo, sentia-se preocupado e ansioso, temia que Elisabeth não estivesse no local.

As horas se arrastaram lentamente, duas horas depois os três mercenários

retornaram, após se identificarem Paul autorizou que os escombros fossem removidos e eles entraram.

- Conseguimos, o hospital está guardado por cerca de dez terroristas, há uma pick-up na porta, poderíamos usá-la para fugir, a energia do local vem de um gerador à diesel localizado do lado de fora, não tem ninguém vigiando.

Paul fez um sinal para que todos se aproximassem dele.

- Vamos repassar os planos, vamos entrar no hospital com você fingindo estar com um começo de infarto do coração – disse apontando para Marcos – Quando estivermos lá dentro vamos ver se a médica atende. Aja rápido quando ela o reconhecer, para que não se assuste e desperte desconfiança. Pergunte sobre o outro médico e a enfermeira. Assim que todos estiverem juntos vamos embora. Vocês dois – disse apontando para os soldados que fizeram o reconhecimento – Coloquem explosivo no gerador, ao meu sinal o explodam. Vamos aproveitar a escuridão para fugir, se tentarem nos impedir atirem para matar. Corremos até a entrada matamos os soldados, pegamos a pick-up e voltamos para o helicóptero. Alguma dúvida? – perguntou olhando em volta.

Todos concordaram meneando a cabeça.

- Agora descansem, meia-noite partiremos – ordenou.

O ponteiro do relógio movia-se em uma velocidade exasperante, embora Marcos soubesse que era apenas impressão, mas finalmente a meia-noite chegou. Com um sinal de Paul, retiraram os escombros e a saíram do aposento.

Caminharam rápida e silenciosamente pelas ruas escuras, até que avistaram um edifício, havia uma pick-up estacionada na porta com uma metralhadora na caçamba, soldados armados estavam em frente, em volta de latões onde ardiam chamas, tentando se aquecer.

- Vamos lá – ordenou Paul e fez um sinal para que dois dos soldados pegassem Marcos pelos braços e pernas e carregassem.

Correram em direção aos soldados gritando, Marcos entendeu algumas palavras e frases, eles estavam gritando que ele estava tendo um ataque cardíaco, ele simulou dor no peito com ambas as mãos e tentou fazer uma careta de dor, embora estivesse apavorado.

Os soldados que guardavam a entrada do hospital fizeram um sinal para que entrassem, um dos soldados de Paul ficou para trás, Marcos percebeu antes de entrar que ele conversava animadamente em árabe com os terroristas.

Marcos foi levado por alguns corredores e colocado em uma maca, com os olhos semicerrados, percebeu Le Clerk, Paul e um terrorista na sala. Ouviu alguns gritos vindos do corredor, pelo que entendeu estavam ordenando que a médica cardíaca fosse buscada.

Enquanto aguardava, simulando dor e gemendo alto, ouviu Paul conversar

com o terrorista, pelo que entendeu este afirmou que a médica era inglesa, que tinham sequestrado ela, outro médico e uma enfermeira dias antes, mas o médico morrera e a enfermeira fora levada para outro local, fora dada em casamento a um líder terrorista.

De repente Marcos a viu. Elisabeth entrou na sala, estava com o rosto e o corpo coberto por uma burca negra.

De repente tudo aconteceu rápido. Elisabeth afastou o lenço que ele usava e o reconheceu. Paul sacou um punhal e enfiou na garganta do terrorista, enquanto Le Clerk vigiava a porta.

- Marcos... – murmurou Elisabeth.

- Elisabeth – respondeu levantando-se da maca e a abraçando. Ela estava pálida e com olheiras em volta dos olhos – Como você está?

- Estou bem, eu acho – murmurou – Você é real? Não é um sonho? – perguntou com os olhos marejando de lágrimas.

- Sou real e viemos te resgatar.

- Vamos embora – ordenou Paul – Depois conversamos, o outro médico está morto e a enfermeira longe de nosso alcance.

Em seguida ele falou no comunicador.

- Explodam agora! – ordenou.

Marcos ouviu uma explosão distante, as luzes piscaram e apagaram, seguida de uma gritaria nos corredores lotados do hospital.

Colocaram os óculos de visão noturna e saíram da sala, Marcos segurava a mão de Elisabeth com força, enquanto que com a outra empunhava a pistola .45 com silenciador acoplado, que carregava. De repente uma voz alta foi ouvida às costas dele.

- Tawaquf^[50]!

Marcos não hesitou virou-se protegendo Elisabeth com o corpo, fez visada e disparou, como em câmera lenta viu um árabe que segurava uma lanterna apontar o fuzil, mas o disparo acertou seu peito, fazendo-o cambalear para trás. Le Clerk correu até o terrorista e disparou contra a cabeça dele, sua pistola também tinha um silenciador acoplado.

- Vamos! – sibilou Paul.

Juntaram-se a outros dois soldados do grupo, os corredores estavam escuros e pelo visor Marcos viu tudo em cor verde, a letra grega pintada no peito dos mercenários brilhava. Quando cruzavam com algum soldado armado, ele era executado rapidamente. Elisabeth andava trôpega, com a fisionomia assustada, mas em silêncio.

Logo estavam na entrada do hospital, os terroristas estavam gritando ordens, ordenando que uma barreira fosse montada e que ninguém saísse do

hospital sem ser revistado. O mercenário que ficara para trás de repente ergueu seu fuzil e disparou à queima roupa contra eles.

Marcos abraçou Elisabeth, que soltara um pequeno grito de susto, protegendo-a e percebeu que Le Clerk e Paul, também disparavam.

- Vamos para a pick-up! – ordenou Paul.

Marcos entrou com Elisabeth no banco traseiro da cabine dupla, Paul e Le Clerk sentaram no banco da frente, com o primeiro no volante. Ele sentiu que os soldados mercenários restantes subiam na caçamba. De repente o carro estremeceu quando uma rajada longa foi disparada da metralhadora acoplada no teto.

O veículo disparou com as luzes apagadas. Ele encarou Elisabeth que o olhava assustada.

- Tudo vai ficar bem, não se preocupe, você está a salvo – sussurrou para ela e a abraçou tentando protegê-la dos solavancos do veículo que agora corria em uma velocidade assustadora.

Às vezes Marcos ouvia disparos de arma de fogo, mas não sabia dizer se eram contra o veículo ou se partiam do veículo, ao menos duas vezes sentiu que a metralhadora no capô do veículo era acionada e matracava furiosamente, enquanto protegia Elisabeth com o próprio corpo, ela segurava sua mão com força.

Os solavancos finalmente diminuíram quando saíram do interior da cidade e ganharam uma estrada, mas o conforto foi momentâneo, pois logo, com uma guinada violenta para a direita, o veículo entrou no deserto.

Por duas horas avançaram perigosamente, por duas vezes o veículo quase virou, até que com um guincho dos pneus freou.

- Vamos, rápido! - disse Le Clerk - Não tem caminho viável até o helicóptero, temos ao menos dez minutos de caminhada.

A aeronave estava escondida entre duas ravinas, eles teriam que descer um pequeno barranco para alcançá-la. Marcos pegou Elisabeth nos braços e a carregou, tentando manter um ritmo que não o extenuasse. De soslaio percebeu que os mercenários desciam da caçamba, um deles parecia ferido no braço, estava com uma tipoia improvisada.

Marcos se concentrou no caminho, Le Clerk se oferecera para ajudar a carregar Elisabeth, mas ele recusou, ela estava com os braços firmemente em volta de seu pescoço e o rosto mergulhado em seu peito.

Finalmente alcançaram a ravina e com certa dificuldade conseguiram descê-la. Os pilotos já os haviam visto e as pás do rotor principal e da cauda já giravam loucamente.

- Vamos! Rápido! – gritou um dos pilotos que estava no chão, ao lado da

porta lateral aberta fazendo sinal freneticamente para que todos embarcassem.

Marcos foi o primeiro a subir, com o auxílio de Le Clerk sentou-se com as costas apoiadas na parede do fundo e acomodou Elisabeth em seus braços. Os demais mercenários subiram a bordo e com um suave solavanco a aeronave decolou.

Pelas frestas das costas dos mercenários ele viu o deserto correr abaixo do helicóptero.

Graças a Deus conseguira resgatar Elisabeth.

Capítulo XLIII

A primeira parada fora em Aleppo, lá Elisabeth foi examinada pelo Doutor Pierre e pelo próprio Marcos. Ela estava abatida e desnutrida, sua pressão estava instável, mas o bebê aparentemente estava bem.

- Ela precisa ser levada com urgência para um hospital da Inglaterra ou França – avisou Doutor Pierre – Amanhã mesmo vocês partem em um comboio, vou providenciar tudo para a viagem – concluiu e saiu.

Marcos sentou-se em uma cadeira velha, ao lado da cama e observou-a, ela estava dormindo, na verdade dormia desde que chegara, horas antes.

Ele se despedira de Paul e seus mercenários, um dos soldados fora ferido no braço, mas não era nada grave e logo partiu com seus companheiros. Le Clerk permaneceu no hospital, ele tinha seus próprios soldados para comandar.

Estava cansado, exausto física, mas principalmente emocionalmente. Sentira medo, não de morrer, mas de perder Elisabeth, depois que entrara em contato com os Cluther, com Rupert para avisá-los do sucesso do resgate, ligara para Sthefany e contara o que ocorrera. Ela se mostrara preocupada com Elisabeth, e ele mais uma vez a agradeceu por ter arcado com o valor da operação de resgate.

- Marcos, acredite em mim, eu nunca o quis magoar – murmurou no telefone em forma de despedida e desligou.

Exausto ele dormiu na desconfortável cadeira, acordou horas depois assustado e ao abrir os olhos encontrara o olhar de Elisabeth, ela estava virada de lado observando-o.

- Marcos...

- Elisabeth... Graças a Deus! – murmurou e aproximou a cadeira da cama, tocando-a gentilmente no rosto com as mãos.

- Não é um sonho?

- Não meu amor, é real, você está a salvo, eu estou aqui com você, amanhã mesmo partimos para a Inglaterra.

Elisabeth esticou os braços e ele a abraçou, enquanto o corpo dela tremia em um choro desesperado.

- Shhh... você está aqui e ficará tudo bem, eu prometo – murmurava tentando acalmá-la.

Quando ela cessou o pranto o encarou com os olhos vermelhos.

- Eu estou esperando um bebê, me desculpa, não sei como aconteceu. Sei

que não tínhamos planejado, eu tomei as pílulas...

- Shhh - Marcos a calou com um beijo terno nos lábios - Não tem problema, o Doutor Pierre me contou. Sou o homem mais feliz do mundo.

Em seguida desceu até o ventre dela onde colocou suavemente as duas mãos e o beijou.

Elisabeth começou a chorar novamente, mas agora era um pranto suave, de alívio. Desde que fora sequestrada sua única preocupação era com a criança em seu ventre.

- Elisabeth, eu te amo - murmurou Marcos sentando-se na beira da cama de frente para ela – Perdoe-me, por ter sido fraco, por ter traído sua confiança e principalmente por não ter te contado sobre o que aconteceu entre eu e Sthefany.

- Eu te amo Marcos, nada mais importa – respondeu segurando com força as mãos dele.

- Não, eu preciso falar, Sthefany foi meu primeiro amor, nos conhecemos durante a residência médica no hospital do pai dela, eu me apaixonei mesmo sabendo que pertencíamos a mundos diferentes. O pai dela era contra, ele era milionário e poderoso, fez de tudo para que nos separássemos, e conseguiu, no dia do casamento ela me abandonou no altar.

Elisabeth apertou as mãos dele.

- Ele destruiu minha vida, armou para que meu irmão fosse morto, incendiou minha casa, fechou a clínica comunitária onde eu trabalhava, me envenenou com drogas que quase me levaram à loucura, e usou sua influência para que minhas contas fossem bloqueadas. Eu cheguei ao fundo do poço, em um ato de loucura eu o procurei para tomar satisfação, mas fui espancado e quando acordei estava preso, acusado de tentativa de homicídio e agressão. Ele ofereceu retirar as queixas, desde que eu fosse embora de São Paulo, por isso acabei ingressando no MSF – concluiu com um suspiro cansado, como se acabasse de remover um peso.

- E Sthefany? – perguntou curiosa.

- Embora tenha me abandonado por vontade própria, ela também foi manipulada, na véspera do casamento ele contou que meu pai assassinara a mãe dela e que eu já o conhecia e nada contara. Mas eu descobrira sobre meu pai pouco tempo antes.

Marcos então contou toda a história de seu pai Maurício, sobre o que ele fizera e porque agira daquela forma, sobre sua mãe e seu irmão Rafael. Sobre o que vivera com Sthefany, sobre o poder que ela tinha sobre ele, desabafando tudo que tinha preso na alma.

- Depois que saí do Brasil, por muito tempo acreditei que ainda amava Sthefany, e amava, até que te conheci, você me fez acreditar novamente no amor,

mas eu estava tão ferido que tive medo, e quando tive que retornar e encontrei Sthefany, o antigo desejo me arrebatou, mas não era amor, quando a encontrei no restaurante e vi o quanto a magoara percebi que era você que eu amava. Somente fiquei no Brasil por causa de meu filho, com a mãe dele internada ele precisava de mim naquele momento.

- Você fez o certo – murmurou Elisabeth.

- Não! Eu agi como um covarde, decidi ficar no Brasil para que meu filho não fosse criado sem o pai presente, mesmo sabendo que era você que eu amava. Somente te procurei porque Sthefany me mandou embora. Quando você me deixou na cafeteria eu devia ter ido atrás de você, era o que meu coração pedia. Se eu soubesse que você estava grávida....

- Marcos, você não percebeu que ela agiu assim, pois percebeu que você me amava? No fundo ela te ama, ama tanto que preferiu abrir mão de seu amor, para que você fosse feliz – explicou Elisabeth.

- Será?

- Sim, e isso prova que tipo de mulher fantástica ela deve ser.

- Mas é você que eu amo, espero que você me perdoe – murmurou sentindo-se culpado.

- Não há nada a desculpar, eu te amo, você me ama, e é isso que importa, seremos uma família feliz com nosso bebê – respondeu com um sorriso feliz enquanto lágrimas escorriam por sua face.

Marcos curvou-se sobre ela e a beijou nos lábios longa e suavemente, enquanto ela segurava seu rosto entre as mãos em uma cálida carícia.

Quando se separaram, ela não chorava mais.

- Como você descobriu onde eu estava? – perguntou curiosa.

Então ele contou tudo que ocorrera desde que ela partira do Brasil. Sobre a descoberta de que ela estava grávida. Sobre a notícia do sequestro.

- Eu não quis contar, não queria te forçar a ficar comigo - respondeu e contou que quase abortara. Que decidira voltar para Alepo na esperança de que mergulhando no trabalho o esquecesse.

Ela contou sobre o sequestro, o assassinato do médico que a acompanhava ao tentar impedir que a enfermeira sequestrada fosse dada como esposa para um dos líderes dos terroristas. Que eles lhe prometeram tratar bem, se ela trabalhasse no hospital improvisado.

- Somente não enlouqueci porque me refugiei nas recordações de nosso amor e principalmente por causa de nosso bebê. Por ele eu me mantive firme. Eles me trataram bem, mas eu trabalhava às vezes dezoito horas seguidas.

- Eu quase enlouqueci de preocupação – disse Marcos e contou então sobre as tentativas dele e dos pais dela para que o governo inglês a resgatasse. A

ajuda de Sthefany que contratara uma equipe especializada em resgates.

- Eu preciso agradece-la - murmurou Elisabeth.

Nesse momento ela empalideceu com o olhar perdido no vazio.

- Beth? - perguntou Marcos preocupado.

- Acho que não estou bem... - respondeu e desmaiou nos braços dele.



No dia seguinte partiram para Damasco em uma velha ambulância. De lá voaram para Londres após pegarem uma conexão em Paris.

Marcos estava preocupado, em Alepo não pode fazer os exames necessários. Algo não estava certo, pois em menos de 36 horas ela tivera quatro desmaios súbitos. Sua pressão estava alterada e reclamava de fortes dores de cabeça.

Ao desembarcarem em Londres ele ficou surpreso, além dos pais de Elisabeth, uma ambulância de um renomado hospital privado os aguardava.

Após o encontro emocionado com os pais, sob o intenso flash das câmeras fotográficas e das luzes das câmeras de televisão, mantidos atrás de um cordão de isolamento, ela foi levada direto ao hospital onde se submeteria a uma bateria de exames.

Os Cluther e Marcos aguardaram em um local isolado da imprensa. Um diretor do hospital se apresentou afirmando que não deviam se preocupar com nada, que as despesas estavam todas pagas.

Marcos questionou se o governo inglês estava arcando com tudo.

- Não, a senhora Sthefany Xavier Avelar, uma empresária brasileira do ramo farmacêutico deu ordens expressas para que tudo fosse feito pela paciente.

Marcos ficou tão espantado quanto os pais de Elisabeth. Ele ligara para ela avisando sobre o sucesso do resgate e agradecendo mais uma vez pela ajuda, mas nada dissera sobre o estado de saúde de Elisabeth. Mas a imprensa sensacionalista se encarregara de noticiar tudo, a notícia do sequestro e do resgate estavam nas primeiras páginas dos jornais e nos noticiários da mídia eletrônica e televisiva.

- Eu nem sei como agradecer - afirmou a senhora Cluther.

- É um prazer - respondeu o diretor.

- Quando podemos vê-la? - perguntou o senhor Cluther.

- Assim que os exames iniciais terminarem ela será levada para uma suíte privada. Vocês podem aguardar lá, garanto-lhes que a imprensa não os importunará.

- Obrigado Doutor - agradeceu Marcos.

Ao chegarem ao hospital uma funcionária levou-os até o sexto andar onde ficavam as suítes privadas, deixando-os em uma pequena antessala, atrás de uma porta ficava um quarto que mais parecia de hotel do que de um hospital. Quadros na parede, sofás confortáveis, uma moderna cama hospitalar manuseada por controle remoto, e monitores e equipamentos médicos embutidos em armários nas paredes.

Os Cluther e Marcos aguardaram por quase duas horas. Até que Elisabeth foi trazida em uma maca. Ela estava coberta com um lençol branco e sorriu ao vê-lo e aos pais.

Após ser instalada na cama, eles foram autorizados a entrar no quarto.

Em um primeiro momento os Cluther a cobriram de perguntas sobre como ela e o bebê estavam, enquanto Marcos observava discretamente o belo encontro familiar, ao lado da cama, segurando uma das mãos de Elisabeth.

Depois os Cluther se viraram para ele e o crivaram de perguntas sobre o resgate. Até que uma enfermeira entrou e gentilmente pediram para que deixassem Elisabeth descansar.

- Apenas um de vocês pode passar a noite com ela - avisou antes de sair - Daqui a pouco eu trago seu jantar, querida.

- Pai, mãe, vocês se importam do Marcos ficar comigo? - perguntou com um sorriso.

- Claro que não querida, vocês tem muito que conversar. Amanhã nós voltamos - disse beijando a filha no rosto.

- Nos ligue se precisar de algo - pediu Brian Cluther para Marcos, após beijar a filha.

- Com certeza senhor - respondeu apertando a mão dele e beijando o rosto da senhora Cluther.

Quando ficaram sozinhos no quarto, Elisabeth, com um sorriso maroto, bateu a mão na beirada da cama pedindo para que Marcos se sentasse ao seu lado. Com um sorriso ele atendeu ao pedido e após segurar as mãos dela entre as suas beijou-as e depois a beijou ternamente na boca. Mas ela puxou-o para si e deu um longo e apaixonado beijo.

- Elisabeth... - murmurou Marcos com um suspiro.

- Eu estava com saudades - respondeu ela com um sorriso maroto.

- Como você está se sentindo?

- Acho que bem, um pouco cansada. O governo que está pagando as despesas? - perguntou curiosa.

- Não, Sthefany, ela que orientou que você fosse atendida aqui.

- Ah...

- Não é o que você está pensando - respondeu rindo. Marcos então contou

que ao saber de seu estado de saúde frágil ela arcara com os custos do melhor hospital de Londres.

Por um momento Elisabeth meditou, não podia sentir mágoa e rancor de alguém que ajudara a salvá-la. Não a conhecera o suficiente em sua visita ao Brasil, mas desejava conversar com ela.

A enfermeira, nesse momento entrou com o jantar, Elisabeth estava sem apetite, mas Marcos a obrigou a comer. Após o jantar ela acabou dormindo, ainda segurando com força a mão dele, com medo de que tudo não passasse de um sonho e ela acordasse novamente no hospital com os terroristas.



Marcos ficou observando-a dormir, estava aliviado e preocupado ao mesmo tempo, por isso demorou a dormir, sentado na confortável poltrona ao lado da cama.

O estado de saúde dela era preocupante, ela ficara várias dias em poder dos terroristas, submetida à um trabalho quase escravo, poucas horas de descanso, alimentação insuficiente, além do tremendo stress psicológico de ser morta, torturada, ou até mesmo violentada e entregue como escrava sexual.

Ele não conseguia tirar de sua mente que a culpa era dele, se houvesse partido após o enterro de sua mãe, se não tivesse cedido à tentação de ficar com Sthefany por duas vezes, se houvesse voltado com Elisabeth para a Inglaterra. Eram muitos “se”, muitas variantes do que poderia ter acontecido, mas o fato era que ele fora fraco e covarde e a mulher que amava pagara o preço por isso.

Com esses pensamentos sombrios bailando em sua mente ele demorou a dormir.

Foi despertado pela entrada da enfermeira levando o café da manhã. Elisabeth estava acordada e o observava com um sorriso nos lábios.

- Bom dia – disse esticando os músculos e estalando os ossos.
- Bom dia, você dormiu bem? – perguntou Elisabeth.
- Como uma pedra – respondeu e se levantou beijando-a carinhosamente na boca.

- Você parecia preocupado, mesmo no sono – afirmou.

- É só cansaço – respondeu tentando disfarçar a culpa e preocupação.

Nesse momento os pais de Elisabeth entraram no quarto, e após o cumprimentarem a cobriram de perguntar, sobre como ela passara a noite. Rindo Marcos avisou que iria tomar um banho e se trocar, e que mais tarde voltaria.

Primeiro ele localizou uma pequena pousada nas proximidades do hospital onde se hospedou, apesar do convite dos Cluther para que ele ficasse em sua

residência, ele queria estar próximo, somente usaria o quarto que alugara para tomar banho e trocar de roupa, pretendia ficar ao lado de Elisabeth o maior tempo possível.

Depois de um banho e um café da manhã no refeitório do hotel ele voltou ao hospital e procurou o médico responsável por Elisabeth. Após quase uma hora de espera o médico apareceu e o convidou a entrar em seu consultório.

- Bom dia, doutor Marcos – cumprimentou o médico.

- Bom dia doutor, gostaria de saber se já tem os resultados dos exames de Elisabeth.

- Sim, eu tenho, mas temo que não sejam boas notícias.

- O que? Algo errado com ela ou o bebê? – perguntou sentindo um princípio de pânico.

- Serei franco e direto, ela desenvolveu um quadro de eclampsia.

- Não é possível...

- Veja você mesmo – afirmou o médico estendendo uma pasta com diversos exames.

Marcos os analisou com ansiedade. Os sintomas estavam lá, pressão arterial elevada, exames de sangue com contagem de plaquetas e funcionamento do fígado e rins alterados, exames de urina com altos níveis de proteína, ultrassom fetal com Doppler e frequência cardíaca do bebê, que ao menos indicava que ele estava bem.

- Mas ela não teve convulsões, ao menos não na minha presença – afirmou Marcos não querendo acreditar nos exames.

- Infelizmente ela teve, logo após chegar, estamos aplicando um anticonvulsivante – respondeu o médico com olhar pesaroso.

- O que o senhor sugere? – perguntou Marcos, pensando nas possibilidades médicas.

- Em razão do avanço da gravidez, um aborto seria indicado – respondeu francamente.

- Um aborto...

- Sim, veja bem, a pré-eclâmpsia e a eclampsia advém da gravidez, se a interrompermos, os sintomas desaparecerão. O estado dela é grave, ela corre um sério risco de morrer se continuar levando à diante a gravidez.

- Um aborto... – murmurou novamente.

Como ele poderia contar isso para Elisabeth?

Capítulo XLIV

Não fora um momento fácil para Marcos quando contara para Elisabeth sobre a eclampsia. Ela chorara por um bom tempo, abraçada a ele.

- Mas e nosso bebê, como ele está? – perguntou após se acalmar um pouco.

- Ele está bem, mas o médico sugeriu que você aborte.

- Não! – exclamou horrorizada.

- Seu estado de saúde é grave, seu cérebro pode ser afetado, causando convulsões, coma, ou até mesmo a morte – explicou tocando-a no rosto com a ponta dos dedos.

- Não! Não vou abortar de meu bebê! – exclamou Elisabeth enxugando as lágrimas com determinação.

- Meu amor, por favor...

- Marcos! Como pode cogitar em permitir que eu aborte? Você não ama nosso bebê?

- Claro que amo! Mas amo ainda mais você!

- Se você me ama, me apoie, por favor – pediu com voz suave – Ajude-me a convencer meus pais e os médicos.

- Mas...

- Por mim, esse bebê que estou esperando, é nosso, é o fruto de nosso amor, não posso pensar em abortá-lo, não novamente – disse Elisabeth e explicou que pensara em abortar, que chegara inclusive a ir a uma clínica de aborto, mas que mudara de ideia no último momento.

- Isso tudo é culpa minha, se eu houvesse insistido em voltar com você...- afirmou desolado.

- Não se culpe, você tinha que cuidar de seu filho e de Sthefany. Agora eu peço que você cuide de mim e de nossa criança, lute por nós – pediu com lágrimas escorrendo pelo rosto – Por favor...

- Está bem meu amor, vamos lutar juntos e se Deus quiser tudo vai terminar bem – respondeu Marcos sentindo um aperto no coração.



Os pais de Elisabeth ao serem informados choraram com ela, mas ao final a apoiaram. Ela explicara que não abortaria, que desejava aquele bebê mais do

que tudo na vida. Era o fruto do amor dela e de Marcos, se houvesse uma mínima chance, ela lutaria por sua criança.

Quando o médico encarregado foi cientificado da decisão ele foi categórico.

- Elisabeth, sua gravidez é de altíssimo risco, peço que reconsidere, você é jovem, pode ter outros filhos.

- Não, doutor, existe uma chance de que ele nasça com vida?

- Sim, existe, mas o risco de morte é para você.

- Mas há uma chance de que nós dois sobrevivamos? – perguntou com um olhar firme.

- Sim, há, mas é uma chance pequena, os riscos são maiores, vamos ter que fazer uma cesárea entre trinta e duas e trinta e seis semanas, você não vai poder sair do hospital até o parto.

- Então eu aceito os riscos – respondeu apertando com força a mão de Marcos.



Sthefany era informada diariamente pelo hospital inglês sobre o estado de saúde de Elisabeth. Quando recebera a notícia de que a inglesa estava com eclampsia e que a opção apresentada era um aborto, ela ficara chocada.

Sabia o quanto Marcos desejava ser pai, vira o amor que ele sentia por Rafael, ele fora atrás de Elisabeth porque a amava e, embora Sthefany o amasse, abria mão dele para que ele fosse feliz.

Por isso arcara com os custos da operação de resgate, e quando o Diretor Pierre ligara avisando que o estado de saúde de Elisabeth era preocupante, ela não pensou duas vezes em contratar os serviços do melhor hospital londrino. Dinheiro para ela não era problema, e se pudesse fazer algo para que Marcos fosse feliz ao lado da mulher que ele amava ela faria.

Os dias correram céleres, os médicos afirmaram que Elisabeth iria seguir com a gravidez até a trigésima terceira semana, quando então se submeteria a uma cesárea. Ela pensava constantemente em Marcos, como ele estaria? Sem parentes, sem amigos, em um país distante, enfrentando um dilema terrível.

A data da cesárea se aproximou, então ela decidiu tomar uma atitude, ligou para uma companhia aérea e comprou duas passagens para Londres. Iria com Rafael ficar ao lado de Marcos.



Os dias depois correram céleres, Marcos raramente saía do lado de

Elisabeth, que estava recebendo o melhor tratamento possível. Ela tentava parecer forte, mas ele percebia que ela estava pálida e frágil, mas sua determinação em ter o bebê não mudara.

Quando uma médica efetuou um exame de ultrassom e perguntou se eles desejavam saber o sexo, disseram que sim.

- Parabéns! Vocês serão pais de uma linda menininha – afirmou a médica virando a tela com a imagem 3D da criança.

- Ela é linda – murmurou Elisabeth com os olhos marejados de lágrimas, enquanto acariciava o ventre.

- Já escolheram um nome? Perguntou a médica.

- Não, sei... Marcos, o que você sugere? – perguntou ainda emocionada.

- Elisabeth...

- Sim? – perguntou confusa.

- Não, eu quero que ela tenha o seu nome, Elisabeth.

- Marcos... – disse emocionada puxando-o para perto de si e beijando-o docemente nos lábios – Então será Elisabeth, minha pequena Beth – murmurou levando a mão de Marcos até seu ventre.

Faltando uma semana para a cesárea, Marcos estava na cantina do hospital tomando o café da manhã, quando avistou Sthefany entrando no local. Ela continuava bela, usava um conjunto de calça e casaco bege, seus cabelos loiros estavam amarrados em um coque, e uma suave maquiagem realçava seus lábios e olhos verdes. Ela o viu e caminhou em sua direção.

Marcos se levantou, confuso e constrangido, sabia que os custos da internação de Elisabeth eram altíssimos, mas a direção do hospital garantiria que as contas estavam pagas por Sthefany.

- Sthefany... – disse quando ela chegou próxima a ele.

- Marcos... – respondeu e o abraçou – Sinto muito.

Constrangido ele retribuiu o abraço sentindo o suave aroma do perfume dela.

- Como Elisabeth está? – perguntou ao se separarem.

- Bem, na medida do possível, ela está esperando uma menina – afirmou com um sorriso.

- Que maravilha, Rafael vai ganhar uma irmãzinha! - exclamou feliz.

- Sim, e como ele vai? – perguntou curioso.

- Está bem, ele está comigo em Londres, estou hospedada no mesmo hotel em que fiquei da última vez, apareça lá para vê-lo.

- Eu irei, claro. Sthefany, o que você veio fazer em Londres? – perguntou diretamente.

- Eu vim te dar apoio, e torcer por um parto seguro de Elisabeth – afirmou

sentindo-se de repente insegura – Espero que você não me julgue mal...

- Não, claro que não, somos eternamente gratos por tudo que você fez...

- Está bem, eu tenho uma reunião com o diretor, mas gostaria muito de visitar Elisabeth, sabe se ela se importaria?

- Eu vou perguntar.

- Está bem, me avise, vou estar na sala do diretor.

Atordoados Marcos subiu até o quarto, após observar Sthefany deixar a cantina. Uma enfermeira estava medindo a pressão arterial dela, algo que era feito constantemente.

- Marcos...

- Oi Beth – respondeu sentando-se na beirada da cama após beijá-la ternamente na testa, enquanto a enfermeira saía do quarto – Escuta, Sthefany está aqui no hospital.

- Sim...

- Ela trouxe Rafael para Londres, disse que veio torcer pela sua cesárea e que gostaria de visitá-la. – disse constrangido, sentindo o rosto corar.

- Marcos, não fique envergonhado, você tem que visitar seu filho, afinal ele é meio irmão de nossa Beth. E sim, eu gostaria muito que Sthefany me visitasse.

- Você tem certeza? Não é necessário – afirmou indeciso.

- Eu tenho certeza, não precisa se preocupar – afirmou segurando as mãos dele com firmeza.

- Está bem, vou avisá-la.



Enquanto Elisabeth aguardava a visita de Sthefany, ela pensou na brasileira, ela fora o primeiro amor de Marcos, tinham um filho juntos, no começo não entendera como ela pudera mandá-lo embora, e logo em seguida fazer tudo que fez por ela, mas quando Marcos lhe contara ainda em Alepo tudo que ela fizera ela entendera.

Sthefany agira daquela forma pelo bem de Marcos. Se ele a amava, e não tinha motivos para duvidar disso, Sthefany deveria ter percebido e o mandado embora, para que ele a procurasse. Era uma atitude louvável, abrir mão de seu amor, para que ele fosse feliz ao lado de outra, e isso a enchia de admiração pela brasileira.

Uma suave batida na porta anunciou a chegada da brasileira.

- Com licença – disse Sthefany entrando pela porta, com Marcos logo a seguir.

- Doutora Sthefany – disse Elisabeth cumprimentando-a com um sorriso.
- Apenas Sthefany, por favor. Como você está se sentindo? - perguntou de forma simpática.

- Muito bem, graças a você, não sei como lhe agradecer tudo que me fez – respondeu se ajeitando no encosto da cama.

Marcos parecia constrangido ao lado delas. As duas mulheres que ele amara, uma lhe dera um filho, a outra estava prestes a lhe dar uma filha.

Conversaram sobre o MSF, o sequestro e resgate e sobre o parto que se aproximava. Elisabeth se viu apreciando a companhia de Sthefany, a brasileira era simpática e possuía senso de humor. Apenas Marcos parecia deslocado no ambiente.

- Marcos, porque você não vai tomar um café e deixa nós mulheres conversarmos – afirmou com um sorriso zombeteiro.

- Tem certeza?

- Sim, tenho, pode ir – afirmou sorrindo.

Depois que Marcos saiu ficaram em silêncio por um momento.

- Deve ser estranha essa situação, não? – perguntou Sthefany.

- Um pouco.

- Eu só quero que você saiba que não tenho mais nada com Marcos, ele a ama.

- Eu sei, mas acredito que você o ame ainda, não?

Sthefany levantou-se da poltrona em que estava sentada e se aproximou da janela.

- Sim – respondeu após um momento em silêncio, virando-se para Elisabeth – E espero que me perdoe por isso, mas acredite, tudo que eu desejo é que ele seja feliz, eu o magoei muito, ele merece a felicidade que você trouxe à vida dele. Estou torcendo muito por vocês.

- Por isso quero lhe pedir algo – começou Elisabeth controlando a vontade de chorar.

- Peça, se estiver ao meu alcance.

- Se eu morrer prometa que ficará ao lado dele, prometa que cuidará de minha menina como se fosse sua – pediu sentindo as lágrimas escorrerem pelos olhos - Marcos se faz de forte, mas ele tem uma alma sensível, eu tenho medo de que se algo me acontecer ele acabe afundando na solidão.

- Não diga isso! – exclamou Sthefany segurando as mãos da inglesa entre as suas, após se sentar na beirada da cama.

- Eu sou médica, você é médica, sei que minhas chances são mínimas, os médicos queriam que eu interrompesse minha gravidez, mas jamais faria isso.

- Vai dar tudo certo, você vai ver – ralhou a brasileira.

- Mas se não der, me prometa que cuidará dos dois, Marcos ficará arrasado, e minha filha precisará de uma mãe.

- Ele a ama - afirmou Sthefany.

- E eu o amo, amo tanto quanto você deve amar, eu sei que você o mandou embora para que ele me procurasse.

Sthefany ficou em silêncio, sentindo o rosto corar.

- Ele já a amava, o que tivemos quando ele voltou ao Brasil, foi apenas uma tentativa que fiz, depois que você partiu eu percebi o quanto ele estava infeliz, por isso o mandei embora, ele merece ser feliz – respondeu aliviada em poder colocar para fora seus sentimentos.

- Me prometa, por favor, por ele...- pediu com voz embargada.

Sthefany encarou fixamente a inglesa, agora ela entendia o porquê de Marcos ter se apaixonado por ela. Era uma mulher incrível.

- Eu prometo – murmurou por fim.

Marcos retornou e elas mudaram de assunto, após quase duas horas Sthefany se despediu, prometendo atender ao pedido de Elisabeth de trazer o pequeno Rafael para ela o conhecesse.

- Uma mulher incrível, agora sei por que você se apaixonou por ela - afirmou Elisabeth.

- Sim, mas é a você que eu amo – respondeu beijando-a docemente na boca.

- Marcos, queria tanto estar com você – suspirou Elisabeth acariciando seu rosto.

- Teremos tempo meu amor, depois que nossa menina nascer – respondeu com um sorriso.

- Sim, teremos tempo – respondeu Elisabeth sentindo o coração apertar no peito.

Capítulo XLV

O dia da cesárea chegou, a cirurgia fora marcada para as nove horas da manhã. Os dias anteriores foram marcados por visitas de amigos e parentes dos Cluther. Sthefany aparecera algumas vezes e levava o pequeno Rafael. Elisabeth ficara encantada no menino, para Marcos, observando as duas mulheres conversando, elas pareciam grandes amigas.

Foram dias também de longas conversas entre os dois e pequenas vitórias. Com emoção eles passavam horas sentindo a pequena criança se mexendo no interior do ventre.

Elisabeth pedira, e ele a contragosto, concordara em filmá-la enviando mensagens para a filha que ainda não nascera. Ela dizia que era para o caso de algo sair errado, para que a filha, quando tivesse idade suficiente, soubesse que era tão amada e desejada pela mãe.

Eram mensagens singelas, como incentivando o primeiro dia de aula, a queda do primeiro dente, o primeiro amor, a primeira menstruação, as primeiras experiências e sobre o amor que ela e Marcos tinham um pelo outro. Algumas mensagens eram alegres e carregadas de bom humor, outras eram tão singelas, que chegavam a causar lágrimas em seus olhos.

Marcos passava horas também lendo para ela, em especial os sonetos de Willian Shakespeare, e o que ela mais adorava, o número dezoito, que ele decorara, e não se cansava de declamar em voz suave, em inglês e em português:

“Shall I compare thee to a summer's day?
Thou art more lovely and more temperate;
Rough winds do shake the darling buds of May,
And summer's lease hath all too short a date;
Sometime too hot the eye of heaven shines,
And often is his gold complexion dimm'd;
And every fair from fair sometime declines,
By chance or nature's changing course untrimm'd;
But thy eternal summer shall not fade,
Nor lose possession of that fair thou ow'st;
Nor shall Death brag thou wander'st in his shade,
When in eternal lines to time thou grow'st:
So long as men can breathe or eyes can see,
So long lives this, and this gives life to thee”

“Se te comparo a um dia de verão
És por certo mais belo e mais ameno
O vento espalha as folhas pelo chão
E o tempo do verão é bem pequeno.
Às vezes brilha o Sol em demasia
Outras vezes desmaia com frieza;
O que é belo declina num só dia,
Na terna mutação da natureza.
Mas em ti o verão será eterno,
E a beleza que tens não perderás;
Nem chegarás da morte ao triste inverno:
Nestas linhas com o tempo crescerás.
E enquanto nesta terra houver um ser,
Meus versos vivos te farão viver.”

Na véspera da cesárea ele dormira no quarto ao lado de Elisabeth, se apertaram na cama, mas ela insistira.

- Quero passar a noite abraçada com você – pedira e ele não conseguira recusar.

As horas pareciam correr lentamente, Marcos abraçado à Elisabeth acariciava seu ventre, sentindo às vezes a pequena criança se mexendo.

- Marcos...

- Sim, meu amor?

- Se algo me acontecer amanhã, quero que me prometa algo.

- Não diga isso, nada vai acontecer – afirmou apoiando-se nos braços e virando o rosto de Elisabeth em sua direção.

- Prometa que você vai reconstruir sua vida, vai se permitir amar novamente, vai se casar e dar uma mãe para nossa pequena Elisabeth – pediu ignorando as palavras dele.

- Eu nunca vou deixar de amá-la.

- Eu sei, mas prometa que não vai se fechar para o amor, por favor – pediu com um sorriso nos lábios.

- Eu prometo, se isso a faz feliz – respondeu abraçando-a com cuidado, como se aquele gesto pudesse protegê-la de todo o mal do mundo.

- Obrigada, eu te amo – murmurou e logo estava ressonando suavemente.

- E eu amo você – respondeu com um sussurro beijando-a levemente na testa.

Enquanto ela dormia, ele pensou em tudo que tinham vivido até aquele

momento, e rezou para que nada acontecesse com ela ou a pequena Elisabeth. Quando o sol nasceu no horizonte ele já estava em pé, e ajudou-a a se preparar para a cirurgia.

- Tudo bem? – perguntou acariciando o rosto de Elisabeth.

- Sim, tudo pronto, como você está?

- Um pouco nervoso, eu vou entrar na sala e ficarei ao seu lado o tempo todo.

- Eu te amo – murmurou Elisabeth.

- E eu amo você – respondeu Marcos tentando controlar as lágrimas que teimavam em marejar seus olhos.

- Me prometa que aconteça o que acontecer você vai amar nossa menininha.

- Não diga isso, nada vai acontecer, logo vamos estar com ela nos braços - ralhou.

- Me prometa – pediu apertando a mão dele.

- Eu prometo – respondeu beijando-a na testa.

Nesse momento duas enfermeiras entraram no quarto.

- Estamos prontas? – perguntou uma delas, uma senhora de meia idade.

- Estamos – respondeu Elisabeth com um sorriso.

Ao saírem do quarto, a cama foi empurrada suavemente pelos corredores até a ala cirúrgica. Na antessala a maca parou um momento para que os pais dela lhe desejassem sorte. Sthefany estava ao lado deles.

Elisabeth fez um gesto para que Sthefany se aproximasse também.

- Boa sorte – murmurou a brasileira.

- Lembre-se do que você me prometeu – disse Elisabeth apertando a mão de Sthefany.

- Lembrarei – respondeu e sorriu sem graça para Marcos que observava a cena.



A sala de parto era moderna, dentro dela uma unidade de terapia neonatal já estava pronta para receber o bebê prematuro. Uma grande equipe estava a postos, Marcos sentou-se em um banco ao lado da cabeceira da mesa de cirurgia. Um grande lençol verde estava erguido, impossibilitando que ele ou Elisabeth visualizassem a cirurgia.

Marcos acariciava o rosto e cabelos de Elisabeth por cima da touca cirúrgica.

- Estou com frio – murmurou ela.

- É normal, é da anestesia – respondeu sorrindo por trás da máscara que usava.

- Estamos prontos? – perguntou o obstetra, um renomado médico inglês. Os demais membros da equipe responderam afirmativamente.

Uma médica neonatal acompanhava ao lado da mesa com sua própria equipe, para o caso de qualquer problema com o bebê.

- Então vamos começar – avisou o médico se curvando sobre o ventre escondido atrás do lençol.



Dias depois, quando Marcos finalmente conseguiu raciocinar, em meio à dor e ao desespero, tentou se recordar da cirurgia, mas somente lembrava com clareza de Elisabeth, o restante era um emaranhado de lembranças obscuras.

Recordava-se do médico avisando que tinham retirado a pequena criança, segundos depois uma enfermeira se aproximou e rapidamente a mostrou para Elisabeth e Marcos, permitindo que Elisabeth desse um beijo na testa da criança que chorava baixinho, mas logo sem seguida a entregou à médica neonatal que se afastou.

Lágrimas escorriam pela face de Elisabeth e Marcos.

- Ela é linda – sussurrou Elisabeth.

- Linda e perfeita, parecida com você – respondeu Marcos beijando-a na testa – Eu te amo.

- Eu amo você – murmurou fechando os olhos por um momento.

- Amor? – perguntou preocupado, sentindo à sua volta a movimentação das enfermeiras, ouvindo aparelhos apitando e vozes ininteligíveis, pois estava tão concentrado nela que não conseguia processar a língua inglesa.

Elisabeth abriu os olhos e empalideceu.

- Marcos... Não... estou... me... sentindo bem – gaguejou.

- Doutor! – gritou Marcos desesperado.

- Pressão arterial subindo! – ouviu uma voz avisando.

- Elisabeth! Escute-me, não me deixe, nossa filha está te esperando, por favor – implorou sentindo os olhos turvarem com as lágrimas.

- Marcos...eu amo...vocês...cuide de nossa filha – murmurou Elisabeth e desfaleceu.

Depois desse momento ele sentiu que o afastavam da mesa colocando-o no canto da sala, como se seu espírito estivesse fora do corpo ele observou o vai e vem dos médicos e enfermeiras, os aparelhos apitando, as ordens nervosas e as respostas ainda mais nervosas. Ele sentiu seu estomago embrulhar, por um

momento pensou que desmaiaria, algo dentro dele parecia ter se partido.

De repente ele conseguiu ouvir com clareza.

- Horário do óbito, dez horas e vinte minutos.

Como um zumbi ele se aproximou da mesa cirúrgica, uma enfermeira tentou afastá-lo pegando-o gentilmente pelo braço, mas com um movimento brusco e violento ele se livrou.

Elisabeth estava com o rosto tranquilo, quase como se estivesse dormindo. Uma lembrança invadiu sua mente, à noite em que haviam dançado em um terraço na cidade de Aleppo.

*“And I'd give up forever to touch you
'Cause I know that you feel me somehow
You're the closest to heaven that I'll ever be
And I don't want to go home right now”*

*“E eu desistiria da eternidade para te tocar
Pois eu sei que você me sente de alguma maneira
Você é o mais próximo do paraíso que sempre estarei
E eu não quero ir para casa agora”*

Como ele poderia ir para casa? Como poderia viver sem ela? Ela lhe mostrara como o paraíso poderia ser possível, mesmo em um mundo devastado pela dor e ignorância do ser humano, e agora ela se fora, e ele mergulhava no inferno de sua própria dor.

*“And all I can taste is this moment
And all I can breathe is your life
And sooner or later it's over
I just don't want to miss you tonight”*
*“E tudo que posso sentir é este momento
E tudo que posso respirar é a sua vida
E mais cedo ou mais tarde se acaba
Eu só não quero ficar sem você essa noite”*

E tudo se acabara, e tudo que ele mais desejava era tê-la em todos os momentos de sua vida, pelo resto dela. Mas o destino a levava, ele ficaria sem ela por todas as noites e dias pelo resto de sua vida.

Ele sentou pesadamente no banquinho ao lado da cabeceira da mesa, segurou o rosto de Elisabeth entre as mãos e gentilmente beijou seus lábios, em seguida deitou a cabeça na mesa ao lado da dela.

Agora ele estava sozinho.

Capítulo XLVI

Quase duas horas se passaram desde que o médico anunciara a morte de Elisabeth na sala de espera. A senhora Cluther entrara em choque e fora amparada pelo marido e os demais familiares. Apenas a notícia de que a bebê sobrevivera ao parto a consolara, de certa maneira.

O diretor procurou Sthefany, e após dar os pêsames aos pais avisou-a de que se preferissem ele poderia organizar a papelada para a liberação do corpo. O senhor Cluther dissera que iriam vela-la em uma pequena propriedade rural que tinham, nela havia uma capela e um pequeno cemitério familiar onde a enterrariam.

Mas o que preocupava o diretor era o fato de Marcos não estar permitindo retirarem o corpo de Elisabeth da sala de cirurgia.

- Ele está lá na sala, sentado ao lado dela, quando alguém tenta se aproximar ele ameaça usar de força física. Sei que ele está sofrendo, mas tem que entender que se ele não deixar que a retiremos terei que acionar a segurança – explicou o diretor constrangido – Talvez se a senhora falasse com ele...

- Eu irei, obrigada pela compreensão – respondeu Sthefany.

- Eu a acompanho até lá.

Caminharam pelo corredor até a sala de cirurgia, dois enfermeiros aguardavam do lado de fora com uma maca móvel.

Sthefany entrou na sala, Marcos estava sentado em um banco na cabeceira da mesa, um dos braços estava por cima do corpo de Elisabeth como se a protegesse, enquanto seu rosto estava apoiado na mesa, em cima de seu outro braço.

Com passos lentos ela se aproximou sentindo o coração partido, apesar de amá-lo, nunca desejara tal destino para Elisabeth, queria que ela o fizesse feliz, algo que Sthefany nunca conseguira.

- Marcos, eles precisam prepará-la – murmurou tocando-o com a ponta dos dedos no ombro.

- Me deixe em paz – sibilou.

- Marcos, você tem que pensar em sua filha, não gostaria de vê-la? Ela está na unidade neonatal.

- Me deixe em paz! – exclamou exaltado erguendo a cabeça e encarando-a.

Sthefany já vira aquele olhar antes, um olhar de ódio e desespero, o

mesmo que ele lhe lançara em um hotel anos antes, após tê-lo abandonado no altar, mas na época Marcos estava sendo drogado por Avelar.

- Marcos, não faça isso consigo mesmo, não era isso que Elisabeth iria querer, ela o amava tanto...

- Não me venha falar de amor! Você não ama ninguém! A não ser você mesma! Vá embora! - ordenou desesperado.

Sthefany deu um passo para trás chocada com a violência das palavras dele, indecisa caminhou até a porta abrindo a maçaneta, antes de sair ela se virou para olhá-lo.

Marcos estava com a cabeça escondida entre os braços, apoiados na mesa. Ela conseguia ouvir o choro desesperado dele. O entendia, ele perdera duas vezes as mulheres que amara, a primeira fora ela, que sentira medo do amor que nutria por ele e acabara perdendo-o. Embora seu pai tivesse uma parcela de culpa, ela admitia seus próprios erros.

A segunda vez talvez fosse a pior, a mulher que ele amava morrera, deixando um bebê prematuro que talvez não sobrevivesse.

Sthefany pensou em sair da sala, talvez devesse voltar para o Brasil e recomeçar sua vida, afinal tinha um filho para criar. Marcos obviamente devia odiá-la, por mais que disfarçasse, ele nunca a perdoara pelo que fizera. Mas se fizesse isso estaria o abandonando novamente, o amava, talvez até mais do que antes.

Que tipo de mulher ela seria se o abandonasse nesse momento? Ainda que ele a odiasse, ainda que nunca recuperasse seu amor, não lhe viraria as costas, prometera para Elisabeth que cuidaria dele e da pequena bebê, se ele a aceitasse era isso que faria.

Sthefany fechou a porta e caminhou até Marcos, puxando uma cadeira sentou-se a seu lado e o abraçou trazendo-o para junto de si.

Marcos mergulhou o rosto em seu pescoço e chorou copiosamente, seu corpo de convulsionando.

- Eu estou aqui, não vou abandoná-lo de novo - sussurrou para ele enquanto acariciava seus cabelos.

Capítulo XLVII

Como se despedir do amor de sua vida? Alguém que sacrificara a própria vida para que a filha nascesse? Marcos se perguntava constantemente, enquanto ouvia sem entender a oração do pastor da Igreja Anglicana.

Ele olhou para o céu, o por do sol tingia as nuvens de vários tons de rosa no horizonte, uma leve brisa gelada soprava espalhando as folhas das árvores em volta do pequeno cemitério familiar da família Cluther.

Elisabeth se fora, ele não quisera aceitar a morte dela, por um momento pensara que enlouqueceria de dor, recordava-se vagamente de quase ter agredido enfermeiros que foram retirá-la da sala de cirurgia, somente depois que Sthefany o procurara é que ele voltara à si.

Tinha muito que agradecer à ela, sua pequena Elisabeth estava internada na UTI neonatal do Hospital, uma menininha de pele alva e cabelos negros como os da mãe.

Por horas depois da morte de Elisabeth ele não quisera vê-la, mergulhado em sua dor egoísta, saíra do hospital e se embebedara em uma taberna próxima, quando ela fechara e os garçons o expulsavam ele voltara ao quarto do pequeno hotel onde estava hospedado para continuar bebendo até a inconsciência.

Sthefany o encontrara, na manhã seguinte, em estado deplorável, com a ajuda de um dos funcionários ela o colocou debaixo do chuveiro e abriu a torneira, a ducha gelada o fez despertar com um choque, fazendo seu corpo tremer debaixo das roupas encharcadas.

Enquanto ficava encolhido no chão do banheiro, ele ouviu-a agradecendo o funcionário do hotel, em seguida ela assomou na porta, como sempre estava elegantemente vestida com um conjunto de calça e blazer verde escuro, seus cabelos loiros e espessos soltos, caíam-lhe sobre os ombros, mas os olhos brilhavam de raiva.

- Marcos! Se recomponha! Como você pode ficar se autodestruindo enquanto sua filha precisa de sua companhia ao lado dela? Que exemplo você quer passar para seus filhos? Você acha que os Cluther também não estão sofrendo? Eles perguntaram de você várias vezes! O velório e enterro da filha deles, a mulher que você ama, a mãe de sua filha, será hoje à tarde! Você não pretende comparecer? - questionou irritada.

- Sthefany eu.. – murmurou Marcos envergonhado.

Ela desligou a ducha e se ajoelhou ao lado dele acariciando seus cabelos

molhados.

- Eu sei que você está sofrendo, mas você precisa ser forte, precisa se despedir dela e começar a cuidar de sua filha – murmurara gentilmente.

Marcos a abraçou e chorou copiosamente, chorou pela filha que não conheceria a mãe, chorou pelos Cluther que perderam a adorada filha, mas chorou principalmente pelo amor deles que fora interrompido pela morte.

Depois que as lágrimas secaram ele se recompôs, ao final da tarde estava em companhia dos Cluther se preparando para a última despedida.



Elisabeth fora enterrada em uma cerimônia simples, durante o pôr do sol. Sthefany acompanhara discretamente, afastada alguns passos, o pequeno Rafael estava em seus braços, usando um terninho preto, da mesma cor do vestido que ela usava.

Os presentes foram caminhando para a sede da propriedade, os Cluther ao passarem por ela a abraçaram emocionados e agradeceram por tudo que ela fizera. Afirmaram que ela seria sempre bem vinda a casa deles.

Marcos, trajando um terno preto, camisa branca e gravata também preta, ficou sozinho em frente ao túmulo recém-coberto, perdido em seus pensamentos. Sthefany se aproximou carregando Rafael que tentava pegar a correntinha pendurada em seu pescoço.

Em uma pequena placa de bronze estava gravado os seguintes dizeres:

“Elisabeth Cluther, adorada filha, amada companheira, mãe devotada”.

Marcos se virou para Sthefany, seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar, ele sorriu tristemente ao ver Rafael lhe estender os bracinhos e o pegou no colo. Caminharam em silêncio até a sede da fazenda, não havia necessidade de palavras, para Sthefany bastava ele saber que ela estava ao seu lado.



Durante seis meses a pequena Elisabeth lutara pela vida na UTI neonatal. Sthefany alugara um pequeno apartamento nas proximidades do hospital, onde Marcos se hospedara no quarto de visitas.

O relacionamento deles era de amizade e solidariedade, almoçavam juntos, e ele vinha se banhar e trocar de roupas, mas a maior parte do tempo permanecia no hospital. Embora ela o desejasse e o amasse, respeitara o luto que ele se impusera, percebia o quanto a perda de Elisabeth o abalara, mas com a ajuda do pequeno Rafael ele começara a se recuperar, assim como a pequena Elisabeth, que finalmente recebera alta.

Durante os seis meses em que ela passara em Londres, não ficara inativa, com o apoio dos Cluther ela fundara a “Fundação Elisabeth Cluther”, destinada a cuidar de crianças refugiadas dos países em guerra por todo o mundo.

Marcos decidira criar a filha, apesar dos Cluther terem se oferecido. Sthefany lhe oferecera o pequeno apartamento, o aluguel estava pago por pelo menos mais seis meses, mas ele recusara, ficaria alguns dias com os Cluther, para que eles convivessem com a neta.

- E depois? – perguntara Sthefany.

- Eu não sei, acho que vou voltar ao Brasil, não quero ficar longe do Rafael, gostaria de visita-lo e levar Elisabeth para que eles pudessem conviver juntos o máximo de tempo possível.

- Você é sempre bem vindo em minha casa – respondera sentindo o coração se aquecer – Se desejar posso arrumar uma vaga no Hospital Domênica Xavier para você, sempre estamos precisando de médicos com experiência, e você tem de sobra.

- Não sei, vamos ver – respondera ele – E você?

- Eu vou voltar ao Brasil em breve, tenho muitos assuntos pendentes me esperando, Avelar conseguiu um “habeas corpus” para responder em liberdade, e está tentando retomar o controle das empresas da família.

- As leis brasileiras são sempre falhas – murmurara ele.

Sthefany o observou atentamente, ela não percebera traços de amargura ou raiva quando ele se referira a seu pai. Ele estava mais magro, um pouco abatido pelos meses em que passara na UTI neonatal ao lado do berço da filha, mais introspectivo e desde a morte de Elisabeth ela não o vira mais sorrir, mas ainda assim ele era o homem que ela amava.

Estava decidida a espera-lo o tempo que fosse necessário.



Dias depois Marcos avisara que iria viajar e desejava se despedir dela e de Rafael. Marcos chegou depois do almoço levando a pequena Elisabeth, a menina tinha os traços da mãe, mas os olhos eram idênticos ao dele.

Brincaram com as crianças a tarde inteira, depois as banharam, alimentaram e as colocaram para dormir, já que haviam dispensado a baba para terem privacidade. Quando então Sthefany preparou o jantar, após tomar um rápido banho.

As crianças estavam dormindo placidamente nos berços em um quarto destinado a elas. Rafael aceitara bem a presença da pequena Elisabeth, os dois se contrastavam, enquanto o menino era agitado e bagunceiro ela era quieta e

calma.

Após o jantar sentaram-se na sala, ela com uma taça de vinho, ele com um copo de cerveja.

- Quando você volta ao Brasil? - perguntou Marcos.

- Dentro de uma semana – respondeu sentindo o coração apertado com a iminente separação - E você

- Eu não sei como agradecer por tudo que você fez, não só por Elisabeth, mas pela nossa filha também - afirmou colocando o copo em cima da mesinha de centro.

- Não precisa, fiz o que eu prometi que faria, cuidaria da pequena Elisabeth - respondeu colocando a taça ao lado do copo.

- Por quê? Você não precisava fazer tudo que fez, você não me devia nada.

- Marcos, eu fiz porque te amo, sempre amei. Quando você ficou no Brasil e Elisabeth partiu percebi o quanto você a amava, eu não queria que você ficasse por piedade ou por causa do Rafael, por isso o mandei embora. Tudo que eu fiz foi por amor, sem esperar nada em troca.

- Sthefany...

- Eu sei que você ainda a ama, ela era uma mulher incrível, mas eu estou disposta a te esperar, o tempo que for necessário.

- Eu não sei o que dizer...

- Não diga nada, apenas trate de se recuperar. O que você pretende fazer agora? – perguntou com um sorriso triste

- Vou voltar para o MSF, ao menos por um tempo. Preciso me reencontrar, me reerguer e acho que só o trabalho pode me ajudar – afirmou cansado – Parto em dois dias.

- E sua filha?

- Pensei em deixá-la com os avós.

- Deixe-a comigo, eu cuido dela como se fosse minha. Eu prometi à Elisabeth que cuidaria de vocês.

- Você faria isso por mim? – perguntou indeciso.

- Faria, por nós – respondeu com determinação apertando as mãos de Marcos entre as suas.

- Preciso pensar - respondera ele.

CAPÍTULO XLVIII

E assim ele partira. Apesar do pedido que fizera ele deixou a pequena Elisabeth com os avós, ao menos a criança mitigaria um pouco a dor pela perda da filha. Sthefany voltou ao Brasil com Rafael.

Por oito longos meses ela não tivera notícias de Marcos, sabia apenas que ele estava na África, em um país devastado por uma das intermináveis guerras civis que assolavam o continente.

Ela cumprira o prometido, apesar da distância, amava a pequena Elisabeth como se fosse sua filha, ao menos uma vez por mês viajava para Londres e hospedava-se com os Cluther, permitindo assim que as crianças pudessem conviver. Assim como ela, eles também não tinham notícias de Marcos.

No Brasil, dedicava-se a Rafael e ao trabalho, e a noite, quando o apartamento estava escuro e silencioso ela pensava nele, em como o amava, desejava e sentia sua falta.

Os dias correram e se transformaram em semanas, depois em meses. Ela enfrentara uma batalha judicial com seu pai e vencera, ele fora afastado definitivamente da direção das empresas e agora seus advogados lutavam na Justiça, usando de todos os meios legais para adiar o julgamento de seus crimes.

Infelizmente, no Brasil, existem dois tipos de pessoas, as que não podem pagar por bons advogados e são rapidamente julgadas e as que possuem poder e dinheiro e graças a isso conseguiam protelar seus julgamentos, chegando às vezes, inclusive a conseguir a prescrição de seus crimes.

Em um fim de semana de verão ela levou Rafael para a casa de praia que mantinha em Angra dos Reis, em uma pequena praia privada de areia branca, ela transformara aquela casa em seu pequeno paraíso, e praticamente em todos os finais de semana ia para ela, com exceção de quando estava na Inglaterra. Até mesmo os Cluther e a pequena Elisabeth vieram passar uns dias com ela no local.

O sol do fim de tarde brilhava, refletindo nas águas calmas do mar. Rafael brincava sentado na areia, debaixo do guarda-sol que ela montara, sob seu olhar atento e da babá.

De repente Sthefany sentiu um arrepio na pele e ergueu o rosto que estivera voltado para as crianças. Então ela os viu.

Ele estava parado a alguns metros dela observando-a e a Rafael. Estava magro, o cabelo estava comprido, uma barba negra cobria seu rosto, trajava

calça jeans azul desbotadas, uma camiseta preta e botas de caminhada. Pendurada nos ombros uma surrada mochila militar. Segura em seu braço esquerdo a pequena Elisabeth se entretinha em lhe puxar a barba.

Marcos finalmente voltara.

Sthefany levantou-se da cadeira de praia em que estivera sentada derrubando a garrafa de água que estava em seu colo. Por um momento ficou constrangida, usava um maio rosa, e sentia-se quase nua.

Ficaram se encarando fixamente por alguns segundos, então ela correu até ele jogando-se em seus braços, enlaçando-o pelo pescoço e afundando seu rosto no peito dele, ao mesmo tempo em que abraçava Elisabeth.

Por um momento ele hesitou, mas então ela sentiu sua mão direita segurando sua cintura com firmeza.

Sthefany ergueu o rosto encarando fixamente àqueles olhos castanhos. Ele lhe sorriu e foi como se o sol nascesse após uma tempestade.

- Você voltou - murmurou emocionada.

- Sim, voltei e dessa vez para ficar – respondeu retirando uma mecha do cabelo dela que caía sobre seus olhos, um gesto tão simples, mas que para ela era cheio de significado.

Caminharam de mãos dadas até as crianças. Marcos se ajoelhou e pegou Rafael no colo, abraçando e beijando ambos os filhos.

Ficaram na praia por quase uma hora.

À noite, após colocarem as crianças para dormir, ela serviu um jantar de frutos do mar que encomendara. Enquanto comiam em silêncio ela o observou, ele estava queimado de sol e após o banho fizera a barba, trocara o jena surrado por bermuda e camiseta.

Sthefany se preparara para o jantar, tomara um banho demorado e ao sair colocara algumas gotas do perfume preferido dele. Vestira um conjunto de lingerie vermelho e colocara um vestido florido de verão, deixara os cabelos soltos e se maquiara discretamente, parecia estar se preparando para um primeiro encontro.

Não se reconhecia, na presença dele não parecia mais a mulher decidida e liberal em matéria de sexo, e sim uma adolescente apaixonada.

Jantaram calmamente, ao terminarem sentaram-se em um balanço na varanda de onde se avistava o mar. No firmamento uma miríade de estrelas brilhava.

Sthefany contou o que ocorra nos seis meses que passara, sobre o trabalho nas empresas, a disputa judicial pelo controle das empresas que ela vencera, e as pequenas conquistas de Rafael e as visitas que fizera a Elisabeth.

Marcos contou sobre o trabalho voluntário na África, sobre as alegrias e

tristezas que experimentara, sobre como a esperança sustentava o ser humano, mesmo em situações tão adversas.

De repente um silêncio desceu sobre eles.

- Eu senti muito sua ausência - sussurrou Sthefany.

- E eu pensei muito em você - respondeu Marcos.

- Eu te amo - afirmou Sthefany aproximando-se dele.

Marcos a tomou nos braços e a beijou longamente. Sthefany suspirou em seus lábios, há quanto tempo desejava ser beijada por ele? Ela o enlaçou pelo pescoço, seus dedos correndo pelo cabelo comprido, ele nunca deixara o cabelo crescer tanto.

Ela gemeu em meio ao beijo quando sentiu a mão dele subindo pela coxa direita, empurrando o fino tecido do vestido verão. Quando os dedos dele encostaram em sua vagina, por cima da calcinha, ela sentiu como um choque elétrico percorrendo sua pele.

A outra mão dele correu pela cintura até alcançar seus seios, apertando-os suavemente. De repente ele parou e a puxou pela mão.

Desceram a escada da varanda e ganharam a areia da praia. Sthefany pensou nas crianças, mas sabia que a babá dormia no quarto ao lado.

Marcos a deitou gentilmente na areia, após forrá-la com a camiseta que retirara. Em seguida deitou-se sobre ela, pressionando-a contra o solo, enquanto a beijava com paixão, suas mãos subindo por baixo do vestido, acariciando suas coxas, subindo até os seios.

Com a ajuda dele, ela retirou o vestido, ficando apenas com o lingerie. Marcos a observou com os olhos brilhando. Ela desabotoou a bermuda que ele usava e o ajudou a retirá-la, deixando-o apenas de cueca, o membro ereto estudando o tecido.

Sem se conter ela o segurou, apertando-o gentilmente. Marcos voltou a se deitar em cima dela encaixando-se entre suas pernas, sua virilidade escondida atrás do tecido da cueca pressionando sua vagina através da calcinha.

Ele beijou novamente na boca, lentamente explorando seu interior, suas línguas se enroscando. Uma das mãos dele acariciava seus cabelos enquanto a outra deslizava por sua coxa, subindo pela cintura e se detendo no seio, apertando-o, friccionando os mamilos atrás do lingerie com os dedos.

A sensação era inebriante, a última vez que estivera com ele fora há mais de um ano, uma noite antes de mandá-lo ir embora. Desde então ela nunca desejara nenhum outro homem, somente ele, o único que amara na vida.

Ela arranhou as costas dele suavemente descendo pelos músculos até as nádegas. Com a ponta dos dedos ela desceu um pouco a cueca, e ele a ajudou retirando-a rapidamente.

Agora o pênis, livre do tecido pressionava-a tentando romper o tecido do lingerie que estava encharcada, tamanha era a excitação que sentia.

Quando os lábios dele desceram por seu pescoço, arrepiando todos os pelos de seu corpo e se detiveram nos seios ela gemeu alto. Com mãos ágeis ele retirou o sutiã deixando seus seios livres, os mamilos estavam túrgidos e quando ele abocanhou um e depois o outro os sugando com força ela arquejou o corpo.

Como se quisesse torturá-la, os lábios desceram por seu ventre até alcançar a calcinha. A língua explorou a vagina por cima do tecido, fazendo a fricção em seu clitóris quase levá-la ao orgasmo.

- Marcos! Ohh! Que saudade! - murmurou com voz rouca.

Ele retirou sua calcinha e curvou-se entre suas pernas, a língua áspera e molhada acariciou seu clitóris com movimentos circulares, sugando-o, pressionando-o, fazendo com que ela gemesse alto.

O prazer era quase insuportável e ela temia gozar na boca dele.

- Vem, vem, quero você dentro de mim, eu preciso de você...

Marcos se ajoelhou na areia e abriu gentilmente suas pernas, ela sentiu a glândula do pênis encostar-se a seu corpo. Sedenta de senti-lo ela o segurou com a mão, o membro pulsava como se tivesse vida própria, então o guiou até sua entrada encharcada de prazer.

Ele se posicionou curvando-se sobre ela, uma das mãos segurando sua coxa a outra se apoiando no solo.

Por um momento seus olhares se cruzaram e ela exultou mentalmente ao perceber o antigo desejo nos olhos dele. Então ele a penetrou lentamente, invadindo-a, preenchendo-a, deslizando em seu interior molhado até o fim.

- Aaahhh! - gemeu alto abraçando-o e puxando-o para si, enlaçando-o pela cintura com as pernas enquanto o beijava com violência.

Marcos começou a se movimentar em seu interior, o pênis ereto saindo até a entrada, para novamente mergulhar até o fundo, fazendo-a gemer e arquear o corpo a cada estocada.

- Eu te amo... - murmurou no ouvido dele.

Ele passou a aumentar o ritmo, penetrando-a com força e velocidade.

- Deus...eu te adoro - sussurrou ele enquanto a penetrava fundo.

Embora ele não houvesse dito que a amava, ouvi-lo declarar que a adorava a fez perder o controle e explodir em um orgasmo.

- Ahhhh! Gostoso! Goza dentro de mim! - pediu sentindo os espasmos violentos dos músculos, mordendo o pênis em seu interior, que parecia ter aumentado de tamanho.

- Deus! - grunhiu Marcos penetrando-a quase com violência, pressionando-a prazerosamente contra o solo.

Ele a estocava com força e vontade e ela sentiu que outro orgasmo estava a caminho.

- Marcos! Meu Deus! - quase gritou desvairada, sentindo um novo orgasmo enquanto arranhava com força as costas dele, puxando-o ainda mais para si.

- Sthefany, Deus!

Ela sentiu o jorro quente em seu interior enquanto ele a penetrava mais cinco vezes até o fundo. Seu corpo tremendo, seus suores misturados e os corações disparados.

Exausta ela relaxou, ainda sentindo o pênis pulsando em seu interior, acariciando os cabelos de Marcos enquanto o rosto dele estava mergulhado em seu pescoço.

Sonhara com aquele momento e sabia que em breve ouviria dele o que tanto desejava: a frase "Eu te amo"



Marcos relaxou dentro de Sthefany, após alguns minutos deitou ao lado dela. Ela se aconchegou em seu peito, enquanto ele acariciava seus cabelos e olhava as estrelas no firmamento. Logo ela estava ressonando suavemente.

Ele beijou seus cabelos gentilmente e voltou a olhar as estrelas.

Elisabeth, meu amor, uma parte minha sempre a amará, mas você me ensinou a apreciar a vida. E devo seguir em frente, por você e por nossa filha. Pensou consigo mesmo.

Desde que partira de Londres não se deitara com nenhuma mulher. Na verdade a última mulher com quem dormira fora Sthefany, uma noite antes de ela mandá-lo embora. Com tristeza e saudades recordou-se da última noite de amor que tivera com Elisabeth, em um hotel na cidade de Damasco.

Depois do resgate, em razão da gravidez de risco eles não dormiram juntos, mas ele nunca se sentira tão conectado com alguém como se sentira com Elisabeth. A morte dela no parto quase o destruíra, somente a existência de Rafael e a pequena Elisabeth o fizeram continuar vivo.

Os seis meses que passara na UTI neonatal acompanhando a recuperação de sua filha o fizera perceber como amara Elisabeth e como admirava Sthefany, ela não o abandonara em momento nenhum. Arcara com o custo do resgate, uma pequena fortuna, e com as custas altíssimas do hospital, sem pedir ou esperar nada em troca.

Ele servira como voluntário na África, a miséria e degradação eram iguais à que vira na Síria. Isso o fizera amar a vida ainda mais, um missionário que

conhecera o fizera perceber que levar uma vida de luto por Elisabeth era ignorar o sacrifício que ela fizera pela filha deles.

- Se você deseja honrá-la, viva a vida em sua plenitude, abra seu coração para o amor. Ensine seus filhos com exemplo e não com palavras - dissera o missionário, um espanhol de meia idade.

Por isso, ao terminar os oito meses do contrato que assinara com o MSF, resolvera voltar ao Brasil e procurar Sthefany, levando a pequena Elisabeth, de quem não queria se afastar nunca mais, se ela ainda o estivesse esperando ele daria mais uma chance ao amor que um dia sentira por ela.

A desejava com o mesmo ardor de sempre, algo nela incendiava seu corpo, sabia que com o tempo voltaria a amá-la. O sacrifício que ela fizera mandando-o embora para que ele procurasse Elisabeth, tudo que ela fizera para ajudá-la, desde o resgate até o tratamento médico, era prova de que o amor que ela sentia por ele era verdadeiro.

Por tudo isso, ele tinha certeza que voltaria a amar Sthefany, embora uma parte sua nunca deixaria de amar Elisabeth.

Epílogo

Dois anos se passaram desde àquela noite. Estavam novamente na praia, o sol da manhã brilhava forte. Da cadeira onde estava sentada, Sthefany observava Marcos brincando e rindo alto com Rafael e Elisabeth.

Era tão bom ouvir seu riso novamente, pensou consigo mesma. Não fora fácil, depois da noite na praia eles resolveram morar juntos. Marcos passara a trabalhar no Hospital Domênica Xavier e reabrir a clínica voluntária na comunidade em que nascera e vivera.

Durante um tempo percebeu que ele ainda amava e pensava em Elisabeth, às vezes o surpreendia vendo os vídeos que ela gravara para a filha. Mas Sthefany fora paciente, e aos poucos, a tristeza que existia nele foi diminuindo até que desapareceu, sobrando apenas uma certa melancolia que o acometia às vezes, nesses momentos ela sabia que ele pensava em Elisabeth, e o deixava sozinho, respeitando seu silêncio.

E assim os meses passaram, enquanto ela aguardava, ansiosa, ouvir a frase que sempre desejara.

Até que, um ano antes, ele finalmente dissera o que ela tanto desejava ouvir.

Acontecera durante um simples jantar, quando as crianças já estavam dormindo e a babá se retirara para seu quarto, ao lado do delas, dando-lhes privacidade.

Após o jantar ele a convidou a ir até o jardim que existia nos fundos da residência, repleto de árvores frutíferas, roseiras e outras flores. Sthefany ficou surpresa com o que via.

Marcos pegou-a no colo e parou um momento no vão do pequeno portão que dava acesso ao local para que ela observasse o ambiente que ele preparara.

Como ela não percebera? Ele devia ter feito tudo àquilo enquanto ela colocava as crianças para dormir.

O jardim estava iluminado por lanternas japonesas de papel, no centro, onde antes era um espaço aberto havia esteiras japonesas e futons forrando o solo. Em volta do quadrado que fora montado, velas dentro de vidros ardiam suavemente.

O aroma das flores, misturado com a brisa marítima, as estrelas brilhando no firmamento, tudo levava a um clima romântico. Por um momento ela se lembrou da antevéspera de seu casamento, quando ele a levava em um quarto de

hotel. Na ocasião Marcos também preparara o ambiente com velas e pétalas de rosas.

Dessa vez as pétalas estavam nas rosas plantadas em volta e que exalavam seu doce perfume.

- Marcos... - murmurou Sthefany emocionada.

Ele a levou nos braços até os futons onde a colocou gentilmente, após se ajoelhar. Sthefany, ainda abraçada em seu pescoço o beijou longamente.

Ao se afastar ele a encarou fixamente, enquanto segurava suas mãos.

- Sthefany, eu te amo, obrigado por ter sido paciente.

Ela sentiu as lágrimas se formando em seus olhos, desejara tanto ouvir novamente àquelas palavras, e agora Marcos as proferia, sabia que uma parte dele sempre amaria Elisabeth, mas ela não se importava, bastava ter certeza que ele a amava.

- Marcos, eu amo você, sempre amei e sempre vou amar - murmurou beijando-o novamente.

Ao se separarem ele tinha uma pequena caixa de veludo nas mãos.

- Casa comigo? - perguntou com um sorriso.

- Sim! Caso! - respondeu emocionada colocando ambas as mãos sobre a boca, como se não acreditasse no que via.

Marcos abriu a caixinha e ela observou duas alianças. Ouro branco e amarelo se entrelaçavam.

Ele pegou a menor das alianças e gentilmente colocou em seu dedo anelar da mão direita. Emocionada Sthefany pegou a outra aliança que ele lhe estendia e colocou no dedo anelar dele.

- São lindas... - murmurou.

- Assim como você - afirmou ele.

Sthefany o enlaçou pelo pescoço com os braços e o puxou para junto de si enquanto se deitava nos futons macios.

- Me tome e me faça sua noiva - sussurrou com um sorriso feliz.

Marcos retirou a blusinha que ela usava e em seguida a saia e as sandálias, deixando-a somente com o conjunto de lingerie vermelho que usava. Ele se levantou e se despiu retirando a camiseta e a calça jeans, após retirar o tênis usando a ponta dos pés.

Sthefany observou-o excitada, o corpo dele no último ano ganhara a massa muscular que perdera na África. Seus músculos do peito e braços eram definidos, assim como o abdômen e pernas. O volume de seu membro estufava o tecido da cueca.

Ele se ajoelhou entre suas pernas entreabertas e encaixou-se nela, o pênis ereto pressionando sua vagina. Deitando-se sobre ela, suas bocas se encontraram

em um demorado beijo, cheio de paixão e volúpia. Ela sentiu as mãos dele percorrendo suas coxas, subindo pela cintura e se detendo nos seios, que foram apalpados, às vezes gentilmente, às vezes com força. Quando ele friccionou os mamilos turgidos com a ponta dos dedos entre o tecido do lingerie, ela deixou um suspiro escapar em meio ao beijo.

Os lábios dele desfizeram o contato e desceram lentamente por seu pescoço, arrepiando ainda mais sua pele, ao chegar a seus seios ele mordicou os mamilos por cima do lingerie fazendo-a gemer de prazer.

Após ficar alguns minutos nessa carícia os lábios dele desceram por seu ventre, deixando um rastro de fogo por onde passava. Ela pensou que ele a acariciaria na vagina, mas ele desviou e passou a mordiscar e sugar o interior de suas coxas, enquanto uma das mãos acariciava seus seios e a outra brincava com o tecido da calcinha, introduzindo-se por dentro dela, acariciando os grandes lábios de sua vulva.

Quando a boca dele alcançou sua vagina e a sugou com força por cima do tecido, ela gemeu ainda mais alto e arqueou o corpo de encontro a cabeça dele que segurava com ambas as mãos guiando-a até seu clitóris.

Por alguns minutos ele a torturou deliciosamente, sugando, chupando, mordiscando, cada centímetro de sua vagina até quase levá-la ao orgasmo.

- Ahhh, assim eu vou gozar - afirmou Sthefany com voz rouca.

Marcos parou com a carícia e lentamente retirou sua calcinha e depois o sutiã, deixando-a nua. Em seguida ele voltou a colocar a cabeça entre suas pernas, quando a língua quente e áspera dele a lambeu de baixo para cima, chegando a se introduzir na entrada de sua vagina e detendo-se em seu clitóris ela soltou um grito que abafou mordendo os lábios.

Seu corpo se convulsionou com os espasmos do violento orgasmo que sentiu, sua respiração se tornou errática e ela quase desfaleceu.

- Marcos...meu amor... - gemeu alto.

Sem se deter ele continuou chupando-a, lambendo toda a extensão de sua vagina, brincando com seu clitóris com a ponta da língua, circulando-o suave lentamente. Ele introduziu um dedo em sua vagina encharcada e passou a acariciar seu interior, fazendo-a estremecer.

A excitação não acabou após o orgasmo, pelo contrário somente aumentou, ela o desejava em seu interior.

- Venha meu amor, por favor - pediu puxando-o pelos ombros.

- Você é linda, eu te amo - disse ele ajoelhando-se entre suas pernas.

- Eu amo você - respondeu acariciando com a ponta dos dedos o peito dele.

Marcos se ajeitou e ela sentiu o membro ereto penetrando-a lentamente,

centímetro por centímetro até que a preencheu totalmente, fazendo-a gemer com a dor deliciosamente prazerosa.

Ela cruzou as pernas em volta da cintura dele, prendendo-o de encontro a si. Marcos deitou-se sobre ela, seu peito másculo pressionando seus seios, sua boca beijando-a no pescoço até que alcançou sua boca em um demorado beijo, enquanto as mãos dela acariciavam e arranhavam as costas dele.

Marcos passou a se movimentar lentamente, retirava o membro até a entrada de sua vulva para novamente penetrá-la lentamente até o fim, onde se mantinha por alguns segundos, usando o peso do corpo para imobilizá-la, sua pélvis friccionando seu clitóris, fazendo-a sentir um mix de sensações.

Ele desfez o contato dos lábios e ergueu-se um pouco apoiando os antebraços ao lado de sua cabeça. Enquanto a penetrava ele mantinha os olhos fixos nos delas. Aqueles olhos castanhos que tanto amava dessa vez estavam livres da sombra de tristeza que ela sempre percebia em seu olhar. Agora havia apenas desejo e o mais importante amor.

Sthefany sentiu vontade de chorar, apesar do prazer que estava sentindo, e deixou que as lágrimas escorressem livres por seus olhos, mas eram lágrimas de felicidade.

- Eu te amo, eu te amo - sussurrou com um sorriso feliz.

Marcos sorriu de volta, seus movimentos começaram a aumentar de velocidade, as estocadas ficaram mais fortes, fazendo-a gemer de prazer, ela precisava, queria senti-lo todo dentro dela, somente assim poderia aplacar o fogo que a consumia.

- Me ame... me ame... me faça gozar de novo... meu amor... - pediu com voz rouca apertando ainda mais as pernas em volta dele e puxando-o pelos ombros para que ele a penetrasse mais fundo e mais rápido.

- Eu te amo, meu amor - disse com um grunhido.

A sensação do orgasmo iminente aumentou fazendo seus músculos das coxas tremere. As estocadas agora eram rápidas, o som de seus corpos se chocando se misturava com seus gemidos e respirações aceleradas.

- Ahhh, goza dentro de mim! - gemeu alto Sthefany enquanto um novo orgasmo percorria seu corpo, fazendo-a se contorcer de encontro a ele, seus músculos internos se contraindo com força em volta do membro que parecia ter aumentado de tamanho.

- Ahhh - gemeu alto Marcos e Sthefany sentiu o líquido quente de seu sêmen espalhando-se em seu interior enquanto o pênis pulsava, preso entre os músculos da vagina dela.

- Eu te amo - murmurou Sthefany encarando-o.

Marcos sorriu e ela o puxou para junto de si em um beijo terno, enquanto

seu coração e respiração começavam a acalmar. Minutos depois ela ressonava suavemente aconchegada no peito dele.

Ele observou as estrelas enquanto acariciava seus cabelos com uma das mãos e a abraçava com a outra.

Não duvidava que amasse Sthefany, durante o último ano percebera que a antiga paixão que sentira por ela, o desejo físico incontrollável que o dominava fora substituído por amor.

Ela conseguira reconquistá-lo, Sthefany não era mais a jovem voluntariosa que conhecera, se transformara em uma excelente mãe e em uma ótima administradora e empresária. Amadurecera muito e tivera paciência em esperá-lo.

Não que ele não amasse mais Elisabeth, mas o amor que sentia por ela estava guardado no fundo de seu coração, e sempre se recordava dela toda vez que olhava para a pequena Elisabeth, tão parecida com ela. Mas a vida continuava e descobrira que amava Sthefany, não da antiga forma, desesperada e sofredora, mas um amor terno, um desejo de envelhecerem juntos, de criarem seus filhos, de brincarem com os netos.

E assim olhando as estrelas ele dormiu tranquilo, tendo certeza de que onde Elisabeth estivesse ela estaria feliz por ele.



Um mês depois se casaram em uma cerimônia simples na mesma praia em que estavam. Apenas uns poucos convidados, inclusive os Cluther, compareceram.

O dia estava ensolarado naquela manhã de primavera. O sol brilhava fazendo o mar de um azul profundo faiscar. Uma leve brisa soprava do continente. Um pergolado de madeira, montado longe o suficiente da arrebentação, coberto por um tecido branco e com uma mesa pequena no centro servia de altar, onde uma bíblia estava aberta, com o padre atrás dela.

Marcos ao lado aguardava ansioso, usava uma camisa e bermuda, ambas brancas. Sthefany se posicionou no começo do tapete vermelho, distante apenas alguns passos do altar improvisado. Os poucos convidados, em pé, olhavam-na com sorrisos nos rostos.

Ao lado direito dela, Rafael estava usando um conjunto também branco de camiseta e bermuda, ao seu lado esquerdo, Elisabeth usava um vestidinho branco. Ambos seguravam com suas mãozinhas as mãos de Sthefany que usava um vestido longo de um leve tecido branco que se amoldava em suas curvas e que possuía um discreto decote na frente e uma enorme fenda nas costas. Em sua

cabeça uma coroa de flores silvestres seguravam seus cabelos soltos que caíam pelas costas e ombros.

Por um breve segundo um sentimento de tristeza pelo fato de seu pai não estar presente passou em sua mente, mas ela logo o afastou. Seu pai escolhera o destino que tivera.

Sthefany observou os poucos convidados, ali estavam seus antigos colegas de residência, seus amigos cariocas Augusto, sua esposa Cristine e a filha de ambos, mais afastado o policial carioca Bruno e o Delegado Federal Heitor, os quais tanto a ajudaram nos últimos meses.

Do lado de Marcos, os convidados eram ainda menos. Doutor Junqueira, o casal Cluther e pouquíssimos amigos.

Sthefany começou a caminhar quando um cantora começou a entoar a canção “Photograph”, de Ed Sheeran, acompanhada de um violão tocado por um jovem músico:

“Loving can hurt
Loving can hurt sometimes
But it's the only thing that I know
And when it gets hard
You know it can get hard sometimes
It is the only thing that makes us feel alive

We keep this love in a photograph
We made these memories for ourselves
Where our eyes are never closing
Hearts were never broken
And time's forever frozen still

So you can keep me inside the pocket
Of your ripped jeans
Holding me close until our eyes meet
You won't ever be alone
Wait for me to come home

Loving can heal
Loving can mend your soul
And it's the only thing that I know
I swear it will get easier
Remember that with every piece of you
And it's the only thing we take with us when we die

Amar pode doer
Amar pode doer às vezes
Mas é a única coisa que eu sei
Quando fica difícil
Você sabe que pode ficar difícil às vezes
É a única coisa que nos mantém vivos

Nós mantemos este amor numa fotografia
Nós fizemos estas memórias para nós mesmos
Onde nossos olhos nunca fecham
Nossos corações nunca estiveram partidos
E o tempo está congelado para sempre

Então você pode me guardar no bolso
Do seu jeans rasgado
Me abraçando perto até nossos olhos se encontrarem
Você nunca estará sozinha
Espere por minha volta para casa

Amar pode curar
Amar pode remendar sua alma
E é a única coisa que eu sei
Eu juro que fica mais fácil
Lembre-se disso em cada pedaço seu
E é a única coisa que levamos conosco quando morremos...”

Quando chegou ao altar Augusto e Cristine se encarregaram de ficar com as crianças, após Marcos beija-las ternamente.

Em seguida ele segurou suas mãos entre as deles e as beijou, virando-se para o padre que sorria.

- Vocês estão aqui hoje para presenciar o enlace matrimonial de Marcos e Sthefany - começou o sacerdote, um homem de meia idade - Não me estenderei, pois a intenção da cerimonia simples é justamente esta.

Sthefany sorriu para Marcos.

- Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói, e não se sente; é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer. É um não querer mais que bem querer; é um andar solitário entre a gente; é nunca contentar-se de contente; é um cuidar que ganha em se perder. É querer estar preso por vontade;

é servir a quem vence, o vencedor; é ter com quem nos mata, lealdade. Mas como causar pode seu favor nos corações humanos amizade, se tão contrário a si é o mesmo Amor? – recitou o padre o poema de Luiz Vaz de Camões, que ficou famoso quando o grupo Legião Urbana o utilizou em uma música – Assim é o amor, cheio de dificuldades e contradições, e vocês o experimentaram, e agora estão prestes a confirmar perante Deus a intenção de manterem-se unidos nesse amor.

Marcos e Sthefany se encararam fixamente.

- É de sua vontade Sthefany aceitar Marcos em matrimônio, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza, amando-o e respeitando-o até que a morte os separe? - perguntou o sacerdote.

- Sim – respondeu com um sorriso sentindo o coração disparar de emoção.

- É de sua vontade Marcos aceitar Sthefany em matrimônio, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza, amando-a e respeitando-a até que a morte os separe?

- Sim – respondeu Marcos feliz.

- Então o que Deus uniu o homem não separe. Eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva - concluiu com um sorriso largo.

Marcos se aproximou e tomando o rosto de Sthefany entre as mãos a beijou ternamente nos lábios.

- Eu te amo - disse ele.

- E eu amo você - afirmou ela.

Sorrindo e levando as crianças no colo se dirigiram para a casa onde um almoço seria servido aos convidados.



Agora, sentada em uma cadeira de praia, observando seus filhos e seu marido brincando e rindo na beira do mar, sentia que alcançara a felicidade plena.

Ela acariciou o ventre dilatado e orou mentalmente para Elisabeth, desejando que ela estivesse satisfeita com a felicidade deles.

- Logo você vai estar brincando com seus irmãos - murmurou para a nova vida que carregava no ventre, enquanto o acariciava.

A vida era cheia de desafios, mas as dificuldades, preconceito, diferenças, distâncias, nada mais era que obstáculos que o amor verdadeiro sempre iria superar.

Afinal o amor não conhece limites.

O amor não tem fronteiras.

Fim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a autora GIZA R. COSTA pelas dicas e "betagem" e revisão do rascunho original, suas dicas foram todas de grande utilidade e tornaram a obra muito melhor.

Bruno é um personagem criado pela autora GIZA em seu livro "A Escolha Perfeita", o qual tive o prazer de ler, ela gentilmente permitiu que eu o utilizasse. Suas obras podem ser encontradas no wattpad: <https://www.wattpad.com/user/GisaRochaCosta> e em breve no formato ebook na amazon.

Agradeço pela paciência das leitoras e leitores desta obra, espero que tenham gostado, a avaliação de vocês na amazon é muito importante, podem enviar também suas sugestões e críticas para o email: "a.g.clark1@hotmail.com", não só sobre o livro, mas sobre o que gostariam de ler em um próximo romance.

Se gostaram da obra indiquem para suas amigas.

A guerra civil na Síria é real, o presente livro não chegou nem perto de mostrar os horrores do que acontece em países tomados por conflitos armados, nos quais as crianças são sempre as maiores vítimas.

O instituição Médicos Sem Fronteiras existe e trabalha em região de conflitos espalhados pelo mundo. Conheça mais sobre ela acessando o link abaixo: <https://www.msf.org.br>

Conheça a instituição MÉDICOS SEM FRONTEIRAS acessando o link abaixo: <https://www.msf.org.br>

[1] Organização das Nações Unidas

[2] Médicos sem Fronteiras (MSF, em francês: Médecins sans Frontières) é uma organização internacional, não governamental e sem fins lucrativos que oferece ajuda médica e humanitária a populações em situações de emergência, em casos como conflitos armados, catástrofes, epidemias, fome e exclusão social. É a maior organização não governamental de ajuda humanitária do mundo, na área da saúde.

[3] Bom dia meus amigos (em francês)

[4] Bando de safados (em francês)

[5] Minha querida (em alemão)

[6] Querida (em alemão)

[7] Schnapps é um tipo de bebida alcoólica destilada. A palavra vem do alemão Schnapps ou Schnaps, usado para se referir a qualquer tipo de aguardente, particularmente aquelas que contêm teor de 32% de álcool.

[8] Merda (em francês)

[9] Meu Deus (em inglês)

[10] Meu Deus (em inglês)

[11] Nos sistemas educacionais da Inglaterra, Irlanda do Norte, País de Gales e outros países da Commonwealth, a sexta forma (às vezes chamada de Key Stage) representa os últimos 1-3 anos do ensino médio, onde os alunos (tipicamente entre 16 e 18 anos de idade) prepara-se para os exames de nível A (ou equivalente).

[12] Estado Islâmico

[13] Médico (do francês)

[14] Soldado, quieto, aguenta a dor! (do francês)

[15] Você entendeu? (do francês)

[16] Muito bem (do francês)

[17] Trafalgar Square é uma praça no centro de Londres que celebra a Batalha de Trafalgar (1805), uma vitória da Marinha Real Britânica nas Guerras Napoleônicas. O nome original, na verdade, era para ser "King William the Fourth's Square", em homenagem ao rei Guilherme IV, porém George Ledwell Taylor sugeriu o nome Trafalgar Square. A praça tem em seu centro uma coluna encimada pela Coluna de Nelson, em homenagem ao Almirante Nelson, que liderou a Royal Navy na costa de Cádiz, Espanha.

[18] A London Eye também conhecida como Millennium Wheel (Roda do Milênio), é uma roda-gigante de observação. Situada na cidade de Londres, da Inglaterra, foi inaugurada na passagem entre o dia 31 de dezembro de 1999 e 1 de janeiro de 2000 e é um dos pontos turísticos mais disputados da cidade. Desde 2006, a roda gigante deixou de ser a maior do mundo, após a inauguração da Estrela de Nanchang (160 m), localizada na cidade de Nanchang, China. Atualmente, a maior roda gigante do mundo é a High Roller (167 m), localizada em Las Vegas, USA.

[19] O que é isso? (em alemão)

[20] Cão é a peça que aciona o percussor, é uma peça da arma de fogo que tem como função imprimir movimento no percussor que ao percutir a munição faz realizar o disparo da munição. O movimento que consiste em ativá-lo pode ser denominado como "armar o cão de uma arma"

[21] Boletim de Ocorrência

[22] Gíria para Corregedoria, departamento da Polícia Civil e Militar que investiga casos de corrupção e outros delitos, praticados por membros da corporação.

[23] Gorro justo de malha de lã, em forma de elmo, que cobre a cabeça, o pescoço e os ombros, us. por alpinistas, esquiadores ou soldados em serviço.

[24] Meu amor (em inglês)

[25] Venha, por favor (em inglês)

[26] O que você disse? (em inglês)

[27] Eu te amo (em inglês)

[28] Acidente Vascular Cerebral

[29] Rápido (em árabe)

[30] Aperte a mão (em árabe)

[31] Lanterna (em árabe)

[32] Centro de Terapia Intensiva

[33] A Legião Estrangeira Francesa é uma unidade militar da França, criada no século XIX, atualmente uma tropa de elite. É a mais famosa legião estrangeira ainda em operação no mundo.

[34] A pré-eclâmpsia (PE) é uma complicação da gravidez caracterizada pelo aparecimento de pressão arterial alta e, muitas vezes, uma quantidade significativa de proteína na urina.

[35] Eclampsia é o aparecimento de convulsões numa mulher com pré-eclâmpsia. É uma complicação da gravidez em que se verifica hipertensão arterial, quantidade elevada de proteínas no sangue ou outras disfunções em órgãos. A condição pode aparecer antes, durante ou após o parto.

[36] Minha querida (em francês)

[37] O habeas corpus (do latim "que tenhas o corpo") é uma ação constitucional prevista no artigo 5º, inciso LXVIII da Constituição Federal, assegurado também no Código de Processo Penal. Por definição, esta é uma medida que tem como objetivo a proteção da liberdade de locomoção ameaçada ou restringida de forma direta ou indireta.

[38] Uma autópsia, necropsia ou exame cadavérico é um procedimento médico que consiste em examinar um cadáver para determinar a causa e modo de morte e avaliar qualquer doença ou ferimento que possa estar presente. É geralmente realizada por um médico especializado, chamado de legista num local apropriado denominado morgue ou necrotério.

[39] Meu amigo (em francês)

[40] Sim (em francês)

[41] Meu Deus (em francês)

[42] Palmira (em aramaico: ; transl.: Tedmurtā; em árabe: تدمر; transl.: Tadmor) foi uma antiga cidade semita, situada num oásis perto da atual cidade de Tadmor, na província de Homs, no centro da Síria, 215 km a nordeste da capital síria, Damasco. Devido à Guerra Civil Síria, Palmira sofreu muitas pilhagens e foi bastante danificada pelos combatentes. No dia 27 de março de 2016, após dias de intensos combates, o exército sírio e milícias aliadas anunciaram que haviam retomado Palmira e expulsado da região os combatentes do EI. No entanto, em dezembro de 2016 o grupo terrorista retomou o controle da cidade e destruiu outros monumentos que são parte das ruínas. Em 2 de março de 2017, o exército sírio, com apoio da Força Aérea Russa, reconquistou pela segunda vez a cidade histórica.

[43] A British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão, mais conhecida pela sigla BBC) MHM é uma corporação pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922. Possui uma boa reputação nacional e internacional.

[44] Querida (em inglês)

[45] O UH-1 Iroquois é um helicóptero militar da fabricante Bell Helicopter Textron, vulgarmente (oficialmente pelo Corpo de Marines dos Estados Unidos) referido como Huey, que se celebrou pela intensiva utilização e brilhante desempenho na Guerra do Vietnam. A letra "U" refere-se a "Utilitário", em contraste com as versões de ataque e transporte.

[46] Keffiyeh, kufiyyah, kaffiyah ou keffiya (em árabe: كوفية kufiyyah: "proveniente da cidade de Kufa" (الكوفة); plural كوفيات kufiyyāt), também conhecido por outras denominações, como ghutrah (عُتْرَة), shemagh (شماغ šmāġ), ḥaṭṭah (حِطَّة), mashadah (مَشْدَة), chafiye (em persa: چَفِيه) ou cemedanî (em curdo: جە مە دانێ), é o nome dado a um tradicional lenço quadrado dobrado e usado em volta da cabeça, pelos homens no Médio Oriente (árabes, curdos, judeus mizrahim e judeus do velho yishuv).

[47] O AK-47, ou AK como é oficialmente conhecida (em russo: Автомат Калашникова, tr. Avtomát Kaláshnikova), também conhecida como Kalashnikov, é um fuzil de assalto de calibre 7,62x39mm. É uma das armas mais utilizadas em zonas de guerra.

[48] Allahu Akbar é uma expressão em árabe que significa “Alá é Grande” ou "Alá é o Maior", na tradução para o português.

[49] Merda (em francês)

[50] Parem! (em árabe)